

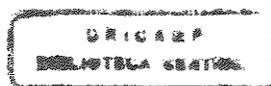
Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A Utopia Tenentista na construção do Pensamento

Marxista de Nelson Werneck Sodré

Junho
2001



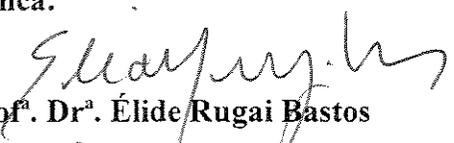
Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha

**A Utopia Tenentista na construção do Pensamento
Marxista de Nelson Werneck Sodré**

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orienta o da Prof.^a. Dr.^a. Élide Rugai Bastos.

Este exemplar corresponde a reda o final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 27/06/02

Banca:


Prof.^a. Dr.^a. Élide Rugai Bastos


Prof.^a. Dr.^a. Vera Michalany Chaia


Prof. Dr. Marcos Tadeu Del Roio


Prof. Dr. Octavio Ianni

Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rego


Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço (suplente)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Orlanda Pinassi (suplente)

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	C914u
Ex.	
TOMBO BC/	46056
PROC.	16-392/01
G	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	16-02-01
N.º CPD	

CM00158630-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

C 914 u Cunha, Paulo Ribeiro Rodrigues da
A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de
Nelson Werneck Sodré / Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha.
- - Campinas, SP : [s. n.], 2001

Orientador: Élide Rugai Bastos.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sodré, Nelson Werneck, 1911- . 2. Partido Comunista
Brasileiro. 3. Tenentismo. 4. Nacionalismo. 5. Socialismo.
6. Revolução. 7. Ciência política – Brasil. 8. Militares- Brasil.
9. Intelectuais – Brasil. 10. Imperialismo. I. Bastos, Élide Rugai .
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

À Meire e Maíra, amores de uma existência,
companheiras de uma trajetória, cúmplices de
um sonho...

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Élide Rugai Bastos de quem recebi incentivo e confiança ao longo do desenvolvimento de minha tese e decisivo apoio nos momento críticos quando opções e redefinições tiveram que ser tomadas...

Ao CNPQ pela bolsa de estudos e aos muitos colegas da Unicamp, pelas muitas discussões agradáveis nos vários cursos...

Aos meus pais, Derneval e Maria Irmina pelo apoio constante e sempre crítico quanto as minhas opções ainda que igualmente sincero e entusiasmado quanto aos resultados, e ao seu Accacio e Olga, pelo carinho de uma adoção;

A UNESP, aos meus alunos, aos meus colegas professores do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas do Campus Marília e aos funcionários, em particular a Solange, Vera e Ana que me possibilitaram sob várias formas, condições de desenvolvimento deste trabalho,

Ao Cedem - Centro de Documentação e Memória- da Unesp e a sua diretora Ana Maria Martinez Corrêa bem como ao Luís, a Márcia, Rose, Ana Cristina e Jaci pelo apoio nas várias etapas de desenvolvimento deste projeto...

A Biblioteca Nacional, em particular aos integrantes dos setores de *Divisão de Informação Documental* e o setor de *Manuscritos*, este último responsável pela guarda do arquivo Nelson Werneck Sodré que conjuntamente com a instituição, desenvolvem com profissionalismo e dedicação a tarefa de viabilizar a pesquisa neste país...

Aos muitos professores e pesquisadores entre outros que me auxiliaram, seja com material, comentários e muitas conversas: Antonio Roberto Bertelli, Bernardo Ricupero, Dênis de Moraes, Dina Kinoshita, Geraldo Cavagnari, Gildo Marçal Brandão, José Antonio Segatto, José Paulo Netto, Leila Hernandez, Lincon Secco, Maria da Anunciação Madureira, Marcos Silva, Marli Vianna, Martins Cesar Feijó, Octávio Ianni, Paulo

Rezende, Raimundo Santos, Rubens Murilo Leão Rego, Silvana Tótorá, Sueli Guadalupe, Zenaide e Alcides Ribeiro Soares,

Agradeço as entrevistas que em muitos casos foram travestidas de agradáveis bate papos com vários personagens históricos, alguns deles amigos de longa data de Sodré: Apolonio de Carvalho, Armênio Guedes, Fernando Sant'anna, João Falcão, Joel Rufino, Leandro Konder, Renato Guimarães, Salomão Malina, Teodoro Melo, Zuleide Faria bem como agradeço a atenção de Olga Sodré, filha de Nelson Werneck Sodré.

A Márcia, pelas sessões de cromoterapia; a Edmar e Tiago, pela assessoria de informática; a Vó Amália, Duda, Marina pela estadia no Rio, Elaine, Fábio, Eurides, Aline, Jair, Marô, Geraldo e muitos outros...

À Prof. Dra Viviane Veras pela leitura atenciosa dos originais,

Em especial gostaria de agradecer a Maria Orlanda Pinassi pelo estímulo e os muitos papos que tivemos; ao amigo e sempre mestre Lúcio Flávio de Almeida, pela interlocução constante de quem procura na apreensão de um objeto de pesquisa, tornar uma obra algo mais que um trabalho individual; a João Quartim de Moraes, pelas muitas portas que me abriu, as muitas conversas envolventes que me propiciou um rico aprendizado, a Ivan Alves Filho pela amizade advinda de uma aproximação militante que caracteriza os sonhadores; e ao meu amigo Marcos Del Roio, pelo incentivo constante, que em muito contribuíram para este desenvolvimento e a amizade decorrente de um singular compromisso universitário.

Aos muitos militares entrevistados que preferiram o anonimato, mas cuja afeição a pátria os dignificam como exemplos singulares daqueles militantes que, conjuntamente com Nelson Werneck Sodré, sonharam e lutaram por uma nação democrática, independente e quiçá, socialista...

RESUMO

A presente pesquisa, objetiva apreender a construção do pensamento político de Nelson Werneck Sodré de 1930 à 1950, período em que se estabelece a transição de uma trajetória tenentista ao marxismo, como também se configura a fundamentação de suas teses principais. A centralidade deste desenvolvimento temático, passa por dois eixos nodais, apreendidos na perspectiva de suas *duas vocações*. A primeira, encontra Sodré como intelectual e nesse caso, o entendemos como um historiador da corrente historicista. A segunda *vocação*, refere-se a sua condição de militar que chegou a patente de General de Brigada e como aspecto correlato, de origem pequeno burguesa. Ambas as *vocações* tem desenvolvimentos paralelos e são confluentes pela mediação da política. Nesse sentido, procuramos desenvolver sua trajetória política e vocacional, a partir da contribuição de intelectuais como Michael Lowy, Luckács, e, verificar como se estabelece sua rotação ao pensamento revolucionário. A análise também procura demonstrar alguns pressupostos diferenciados do que comumente foi apreendido em relação à sua obra. Nesse caso, entendemos que teses como: *História Nova, o Exército Democrático, a Burguesia Nacional, o Feudalismo, o Imperialismo* foram originalmente gestadas em uma concepção tenentista com referenciais analíticos dissociados do pensamento originário da III Internacional ou mesmo da Declaração de Março de 1958. Na verdade, essa fase tenentista em transição ao marxismo, está relacionada à influência de intelectuais relacionados ao pensamento da II Internacional entre outras influências, algumas até conservadoras, mas que pavimentam sua rotação ao marxismo e possibilita uma nova substância teórica em suas análises futuras, incorporando pioneiramente nesta reflexão, autores como Lukács e Mariategui. Vale ressaltar nesta rotação, a militância no PCB que, correlacionada à estas influências, norteiam sua concepção de política no que denominamos *Moralidade do Compromisso*. É por esta razão, que discordamos do autor, pois, entendemos não ser esta uma fase de alienação ou negação, como admite e que, a política seja um componente ausente em suas reflexões. Por fim, a pesquisa procura estabelecer a singularidade de uma leitura de Brasil, norteada por um pensamento nacionalista à esquerda que, em Sodré, adquire estatuto teórico próprio, gestados neste período, mas também na práxis, face a sua vocação militar – e que, na década de 50, veio a ser conhecida como *Revolução Brasileira*.

ABSTRACT

This work is directed to a deeper understanding of the construction of Nelson Werneck Sodré's political ideologies, during the period of 1930 to 1950, when his transition from 'tenentismo' (lieutenantship) to marxism, and the foundations of his principal theses were being set. The pillar of this thematic development is supported by two nodal axis, apprehended from his two *vocational perspectives*: the *first* the intellectual Sodré, and then, we accept him as a historian in the stream of history. The *second vocation*, is inherent to his condition of being an Army officer that reached the rank of Brigadier General and this from a petit bourgeois origin. Both *vocations* have parallel developments and are confluent due to the political intercession. In this angle, we tried to develop his vocational and political trajectory starting with the contribution from the intellectuals Michel Lowy, Lukács, and checking how his rotation within the revolutionary process is established. This analysis also aims to present some conjectures that are distinct from those commonly apprehended in his work. In this case, we understand that theses like: *História Nova* (New History), *O Exército Democrático* (The Democratic Army), *A Burguesia Nacional* (The National Middle-Class), *O Feudalismo* (The Feudalism), *O Imperialismo* (The Imperialism), were originally sprung from *tenentista* conception, and with analysis references apart from the III International original ideas, or even from the Declaração de Março de 1958 (The Declaration of March, 1958). This transition phase to marxism is related to the influence of intellectuals connected to the II International ideas and even other conservative ones; they paved his way to marxism and allowed a new theoretical context for his analysis; and, it pioneers the inclusion of authors like Lukács and Mariategui. It is worth mentioning his militancy in the PCB (Brazilian Communist Party) in this sequence. That, along with those influences, headed his political conception in what we name Moralidade do Compromisso (The Morality of Agreement). This is the reason why we disagree with the author, because we understand that this is not one phase of negation or alienation as stated, and that politics is not present in his future reflections. And finally, we try to establish the originality of a reading of Brazil, headed by a left nationalist idea that, in Sodré, brewed and reached its own theoretical status, but did it also in the praxis (considering his military vocation) that in the 50s, came to be known as the Revolução Brasileira (Brazilian Revolution).

S U M Á R I O

Introdução	21
CAP. I - Influências e Confluências: a formação ética de um <i>tenente</i>	41
Origens Pioneiras de um Pensamento Social de Esquerda	42
<i>Ponderações para um debate: do republicanismo radical ao marxismo</i>	50
<i>As novas mediações da esquerda militar</i>	57
<i>A Escola Militar como palco de debate</i>	61
Primeiras Manifestações	67
<i>Os tenentes entram em cena</i>	70
<i>Um observador político pouco discreto</i>	84
<i>Participação involuntária à esquerda</i>	89
<i>O embrião de futuras teses</i>	93
CAP. II - Dobre ao Centro e Siga em Frente: uma leitura entre extremos	101
Rotação de uma Radicalidade	102
<i>Apontamentos para a História Nova</i>	103
<i>Uma idéia não muito nova</i>	105
<i>Práxis reveladora de uma consciência em transição</i>	109
<i>O Brasil sob a lógica de Pareto e Amaral</i>	114
<i>Os ensaios são bem brasileiros</i>	119
Na Confluência de um ideário	126
<i>Crítica literária como crítica política</i>	134
<i>Concepção em xeque</i>	139
<i>O exército democrático: ainda um debate</i>	144
<i>Uma leitura pessoal</i>	147
<i>A burguesia existe e pode ser nacional</i>	152
<i>Outra fundamentação polêmica</i>	157

CAP. III - Impasses de um Tenentismo Tardio: continuidades ou rupturas ?	163
A Descoberta N' oeste	164
<i>O relativismo em um momento de transição</i>	168
<i>Determinações, tensões e impasses</i>	171
<i>A crítica que é também política</i>	177
<i>O feudalismo encontra sua práxis</i>	180
<i>Ponderações D' oeste</i>	186
A Caminho do Marxismo	191
<i>O aborto de uma tradição</i>	193
<i>O canto do cisne</i>	198
<i>Projeto nacional como expressão de nacionalismo</i>	203
<i>Uma questão de princípio</i>	207
<i>Apontamentos de um debate</i>	210
<i>Mediações de uma transição</i>	212
<i>Intervenção na Revista Cultura Política</i>	213
CAP. IV - Dobre a Esquerda: uma consciência em transição	223
Rotação à Esquerda	225
<i>Emerge a questão democrática</i>	228
<i>Ecletismo teórico em um momento de transição</i>	235
<i>Um diálogo promissor</i>	238
<i>O partido como mediação histórica</i>	243
<i>Um retorno às origens ?</i>	248
<i>Ao encontro de sua vocação</i>	252
Pós 45: O Brasil numa Guerra Fria prá lá de Quente	257
<i>Militância ainda que discreta</i>	260
<i>Um diálogo a partir de novos referenciais</i>	264
<i>O imperialismo: o desafio de sua apreensão</i>	273

CAP. V - A Política como Mediação de Duas Vocações	281
Um Patamar Político Diferenciado	282
<i>Tempos sombrios e desafios presentes</i>	283
<i>Sob novas bases teóricas</i>	288
<i>Novos referenciais teóricos à esquerda</i>	290
<i>Redefinindo posturas</i>	292
A Ética do Compromisso	296
<i>A esquerda militar</i>	301
<i>Pontuações de uma reflexão</i>	305
<i>A política como mediação</i>	312
<i>Um diálogo tenso</i>	314
<i>Ambigüidades de uma transição à esquerda</i>	319
<i>O encontro do intelectual revolucionário com o militante</i>	325
<i>A caminho do exílio: uma reflexão crítica</i>	327
<i>Ponto de chegada ou ponto de partida?</i>	333
Bibliografia	339

ABREVIATURAS

ABDE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES

A.I.B. - AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

ANL - ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA

ANTI-MIL - ANTI-MILITAR

FEB - FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

IBESP - INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS

IC - INTERNACIONAL COMUNISTA

DIP - DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

DNP - DEPARTAMENTO NACIONAL DE PROPAGANDA

DOPS - DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

ISEB - INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS BRASILEIROS

MDB - MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO

PCB - PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

PCUS - PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA

URSS - UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O marxismo ortodoxo não significa, pois, uma adesão sem crítica aos resultados da pesquisa de Marx, não significa uma 'fé' numa ou noutra tese, nem exegese de um livro 'sagrado'. A ortodoxia em matéria de marxismo refere-se, pelo contrário, e exclusivamente, ao método. Implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético, se encontrou o método de investigação justo, de que este método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado, aprofundado no sentido de seus fundadores; mas que todas as tentativas para superar ou 'melhorar' levaram apenas a sua vulgarização, a fazer dele um ecletismo - e tinham necessidade de levar aí' Lukács¹

Pensar a construção do pensamento político de Nelson Werneck Sodré é um desafio. A dimensão de sua possibilidade pode ser traçada a partir do trabalho memorialístico com o qual o próprio autor nos brindou ao longo de sua carreira, além de alguns ensaios analíticos recentes mais significativos, e de seu arquivo pessoal, doado por ele mesmo à Biblioteca Nacional. Entretanto, a despeito do fascinante material de seu legado - artigos, cartas e roteiros de cursos - que possibilita a construção de seu pensamento político, há lacunas importantes, e estas trazem com elas uma dimensão do impossível, que é o que, de fato, faz desta proposta de trabalho um desafio, e podem introduzir, no que seria o universo de sua obra, além dos aspectos particulares, algo de singular.

As mediações políticas que intervêm nesse processo são ilustrativas de um período extremamente rico da história do Brasil, processo esse de que o historiador² não esteve isolado em momento algum, em que pesem suas críticas e autocríticas. Na linha de uma reconstrução *Histórico Sistemática*³, vale sublinhar na trajetória pessoal, o adendo de que esta também foi pautada por outras mediações sócio-ideológicas. Daí as muitas dificuldades, senão as maiores, para desenvolvermos nosso trabalho, e um desafio fascinante, a despeito dos apontamentos de alguns de seus *críticos*, se é que assim podemos

¹Lukács, George. **História e Consciência de Classe**. Rio de Janeiro, Elfos Ed., 1989, p. 15 e 16.

²No decorrer deste trabalho, vou também utilizar o termo *historiador* ou *autor*, para se referir à Sodré.

³Sobre este debate ver: Lukács, George. **História e Consciência de Classe...** op,cit., p. 24 e ss; **Ontologia do ser social: Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo, Lech, 1979, cap. III e as contribuições dos vários ensaios desenvolvidos in Antunes, Ricardo & Leão Rego, Walquíria D (org.)

conceituar os agressores do autor, encastelados em algumas de nossas tradicionais instituições acadêmicas⁴. Talvez tenham sido tais *críticos* os responsáveis pelas inquietações estimulantes para enfrentar este desafio acadêmico, associado aos desafios teóricos que nos surpreenderam nos cursos de pós-graduação da Unicamp sobre o *Pensamento Social Brasileiro*, no sentido de empreender esta pesquisa e a construção desta problemática. Ou talvez, alguns intelectuais e mestres que já pontuavam em ensaios e debates que, o diálogo com Sodré e sua obra era uma lacuna em aberto. Nas palavras de Leandro Konder, já era uma necessidade mais que premente:

*Tenho a impressão de que está na hora de empreendermos uma releitura da obra...Creio que mesmo aqueles que confirmarem suas discordâncias substanciais com a perspectiva adotada pelo veterano historiador (renitente defensor da tese de um feudalismo brasileiro) já não se sentirão tão encolerizados, não prorromperão em explosões de raiva; e até - quem sabe? - se sentirão inclinados a dialogar com ele.*⁵

Alguns esforços antecedem nossa iniciativa e sinalizam, sem dúvida, para um inicial entendimento de sua reflexão teórica, mas em sua maioria, recentes e em grande medida, pontuais, em relação ao conjunto da obra. Talvez o texto mais instigante seja o de José Paulo Netto, intitulado *Nelson Werneck Sodré* publicado na reedição de *O Naturalismo no Brasil*⁶, de 1992. Entendo ser este um ponto de partida referencial para o debate, e que nos possibilitou o encontro de pistas elucidativas para a construção de nossa problemática. Um segundo texto, igualmente importante para a reflexão e um pouco anterior ao ensaio de Netto, é o de Leandro Konder, publicado em *Intelectuais Brasileiros & Marxismo*, 1991, originalmente uma coletânea de artigos escritos ainda no ano de 1990. A posteriori seguem

Lukács: um galileu do século XX. São Paulo, Boitempo Editorial, 1996 e Lessa, Sérgio. **A Ontologia de Lukács.** Maceió, Edufal, 1996.

⁴De qualquer forma, vale o registro de algumas pioneiras iniciativas acadêmicas realizadas ao longo do ano de 1999, que são sugestivas do início de uma reavaliação sobre a resistência histórica de debater o autor e sua obra. No caso, refiro-me ao *Ciclo Nelson Werneck Sodré* realizado no CEDEM - Centro de Documentação e Memória da UNESP e o *Simpósio Nelson Werneck Sodré na Historiografia Brasileira* realizado na USP, além de algumas pontuais iniciativas como a *Mesa Redonda - Nelson Werneck Sodré: o desafio de pensar o Brasil*, também na UNESP - campus de Marília.

⁵Konder, Leandro. **Intelectuais Brasileiros & Marxismo.** Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991, p.76.

⁶Netto também pontuou neste ensaio sobre a urgência de uma análise crítica sobre a obra de Sodré, e, a necessidade de nos *reaproximar (ou aproximar) criticamente de uma obra e de um autor que, com ou sem a benção dos acadêmicos de plantão e dos publicistas da moda, são indescartáveis para compreender o Brasil, sua história e sua literatura.* Netto, José Paulo Netto na reedição de Sodré, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil.** Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992, p. 39.

vários ensaios, como os de Beiguelman, Santos, Dória, Moraes, Reis, entre outros⁷, que nos foram igualmente importantes como objeto de análise que recolocaram o autor no debate acadêmico.

Neste quadro também se inserem alguns estudos elaborados nesse período, ou um pouco antes, como a dissertação de mestrado de Sueli Mendonça, intitulada *A experiência da História Nova: uma tentativa de revisão crítica do ensino de história no Brasil nos anos 60*; o de Caio Navarro, *ISEB: Fábrica de Ideologias*, originalmente tese de doutorado e posteriormente publicada. Mais recentemente, temos algumas teses de doutorado e uma dissertação de mestrado sobre o autor e sua obra, destacando-se a contribuição de Virgílio Roma de Oliveira Filho com *Dualidade e Revolução no pensamento isebiano: as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré*; seguida da tese de André Moysés Gaio, *Uma teoria da independência: História e Revolução na obra de Nelson Werneck Sodré* e por fim, a dissertação de Delson Ferreira, intitulada *Nacionalismo, Política e Democracia na obra de Nelson Werneck Sodré*⁸. Todas, em grande medida, privilegiam o período posterior aos acontecimentos do *Clube Militar* e à sua volta do exílio interno nos anos 55/64.

No nosso caso, valem algumas observações importantes para pontuar nossa trajetória. No período histórico compreendido entre 1930 - 1954 é que terá início, em relação ao autor e sua obra, uma linha de interpretação conceitual que apreendemos no ensaio de José Paulo Netto⁹, por ele pontuado como período de suas *duas vocações*. Nessa leitura, tais vocações se apresentam paralelas e, de certa forma, em outros momentos, confluentes. Mas, a rigor, são duas vocações que estão imbricadas e que, aparentemente, embora pudessem ser opostas, a tese procura mostrar a sua complementaridade. A primeira,

⁷Beiguelman, Paula. A prática nacionalista nas forças armadas. Mímeo; Santos, Raimundo. Duas Gerações de intelectuais pecebistas in *Pecebismo inconcluso: Escrito sobre idéias políticas*. Seropédica, Editora da Univ. Rural, 1994, p. 81; Reis, José Carlos. *As Identidades do Brasil: De Varnhagem a FHC*. R. J. Ed. FGV, 1999, p. 151; Mantega, Guido. *Economia Política Brasileira*, S.P., Ed. Polis, 1985, pág. cap. IV; Dória, Carlos Alberto. *O Dual, o Feudal e o etapismo na Teoria da revolução Brasileira* in Moraes, J. Quartim. (Org). *História do Marxismo no Brasil. Vol. II: Os Influxos Teóricos*. Campinas, Ed. Unicamp, 1995, p. 215.

⁸Mendonça, Sueli Guadalupe de Lima. *A experiência da História Nova: uma tentativa de revisão crítica do ensino de história no Brasil nos anos 60*. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 1990; Toledo, Caio Navarro. *ISEB: fábrica de Ideologias*. São Paulo, Ática, 1977, Oliveira Filho, Virgílio Roma. *Dualidade e Revolução no pensamento isebiano: as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré*. Tese de Doutorado, UFRRJ, 1999; Gaio, André Moysés. *Uma teoria da independência: História e Revolução na obra de Nelson Werneck Sodré*. Tese de Doutorado, Puc/SP, 2000 e Ferreira, Delson. *Nacionalismo, Política e Democracia na obra de Nelson Werneck Sodré*. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 2001.

⁹Netto, José Paulo in *Apresentação* da reedição de *O Naturalismo no Brasil*.... p. cit., p. 9.

realizada profissionalmente como *militar* que chegou a patente de *General de Brigada*, e a segunda, como *intelectual e escritor* de vasta obra teórica. Concordamos que ambas as vocações - ainda que com exigências e ritmos próprios - são sintetizadas pela mediação da política, com uma postura militante que se apresenta em nossa leitura de forma tímida, na fase inicial de sua trajetória, e bem mais agressiva nos últimos tempos. Seguiremos essa linha de argumentação para destacar em que medida, refletem o posicionamento de um autor que é umbilicalmente um ator político. O esforço maior concentra-se em destacar as nucleações de ambos os processos na construção de seu pensamento político e apreender em sua obra, as várias pistas sugestivas quanto a este componente vocacional, a política.

Tais pistas se encontram, entretanto, em grande medida, dissimuladas. Há passagens em que o autor insiste em apontar negativamente ser um *alienado*, desinteressado e ausente das questões políticas e outras em que *se entrega*, levando em conta as diversas manifestações políticas ao longo de sua trajetória inicial, seja como escritor ou como militar. Vale lembrar que Lukács confere a categoria da *alienação*, um tratamento distinto dos demais autores contemporâneos já que, segundo Sérgio Lessa¹⁰, corresponde à afirmação prática da crescente capacidade do homem em modificar o real no processo de reprodução, resultando, em última instância, em um caráter de positividade. É como entendemos essa questão quando relacionada à Nelson Werneck Sodré e sua obra, em que pese sua autocrítica em contrário. Também considero que, nesta análise, suas *vocações* devem ser mediadas politicamente por dois eixos categoriais que, privilegiados na apreensão desta (re)construção de seu pensamento político, também podem possibilitar explicações sugestivas de posturas diferenciadas ao longo de sua carreira. É fundamental, nesta articulação, apreender o eixo inicial referente à *pequena burguesia*, que está associado a um segundo eixo relacionado à vocação paralela do *intelectual*, e ambos nucleados à apreensão de uma concepção particular de *política*.

Um primeiro eixo se refere a sua *condição de pequeno burguês* como origem social e que remete como veremos, à sua *vocação profissional* - no caso, a militar - e que será tomada em nosso enfoque, como uma categoria de análise central ao longo de sua obra. Ao privilegiarmos esta perspectiva, não está ausente na leitura que tal determinação resultou, de certa forma, a secundarização de sua vocação de escritor, ao menos durante um período,

¹⁰Lessa, Sérgio. *A Ontologia...op.cit*, cap. II e VI.

e que, por esta razão, entendemos que na fase inicial, suas vocações se desenvolvem de forma paralela. Valorizaremos primeiramente essa linha de reflexão, pelo entendimento da Pequena Burguesia face ao caráter de mediação histórica, de certa forma explicativo de suas tensões profissionais e também intelectuais, ao menos nos trabalhos dos anos 50, ainda que o autor não a utilize como referencial analítico em uma primeira etapa de sua obra. Contudo, como categoria analítica, será uma mediação necessária e presente até nos seus últimos trabalhos. Veremos, ao longo deste texto e particularmente na reconstrução de um pensamento de esquerda, que essa categoria não está isolada de outras variáveis e sempre foi mascarada teoricamente, mesmo sendo nuclear na explicação que Sodré estabelece, caso análogo a vários intelectuais de esquerda no Brasil. Mas um dado se apresenta em nossa leitura como central.

Nesta análise, a forma de atuação e intervenção da pequena burguesia é recuperada como fator corrente no processo histórico brasileiro, particularmente nos momentos de crise. Face à concepção de mundo e às postulações desse referencial analítico, o tema assume um papel de destaque, considerando que resulta em formas diferenciadas de comportamento. Embora não a associe explicitamente ao seu projeto político, Sodré chama atenção para um aspecto da pequena burguesia que tende a se tornar, no cenário político brasileiro, decisivo e também subestimado: *o moralismo*¹¹. Mesmo que seja um componente frágil do ponto de vista analítico, por comportar juízo de valor, Sodré admite-o como fator importante para a compreensão de consideráveis parcelas da pequena burguesia, seja como postura de participação ou de julgamento da vida social. O moralismo se apresenta como juízo de valor e é, seguramente, dado importante a ser considerado em qualquer análise, principalmente porque remete à sua condição pessoal e claro, à sua vocação profissional.

Ainda que o autor não a pontue especificamente, entendemos que remete essa observação sobre o moralismo a uma característica relacionada aos militares e resgata preliminarmente nesta análise¹², vários expoentes da pequena burguesia e seu papel no processo histórico brasileiro, culminando com os *tenentes*, como a fração mais radicalizada da pequena burguesia brasileira e vanguarda da ascensão burguesa. Apesar de seus limitados propósitos reformistas, o *tenentismo* expressa um sentido revolucionário a partir

¹¹ Entrevista de NWS a Marco Aurélio Nogueiraop.cit., p. 22.

de um referencial *ético nuclear como referência de conduta moral*, central em suas vocações. O historiador pontifica conclusivamente, que não há como desprezar seu papel interveniente naquilo que conceituaria mais tarde como *Revolução Brasileira*, em que se apresenta conceitual e historicamente dissociado de uma expressão clássica aos moldes europeus. O tenentismo como conduta moral também remete ao papel da pequena burguesia e a uma especificidade no processo de transformação revolucionária nacional. Vale ressaltar sua importância como categoria de análise, uma vez que não só servirá de elemento através do qual o autor norteará retrospectivamente a elaboração de sua obra, como permanecerá nuclear em suas reflexões recentes. Em nossa interpretação, consideramos o tema como uma constante desde o seu ingresso no *Colégio Militar* e umbilical para sua vocação profissional, já que, de certa forma, remeterá à sua condição como agente histórico, como veremos ao longo deste estudo.

O segundo eixo refere-se à sua *condição de intelectual* que, com certeza, remete à sua *vocação de escritor* e, por hipótese, à expressão de um pensamento político que exponencializará um exercício intelectual militante ao longo de sua trajetória. Mas, para pavimentar o caminho que norteara esse processo, e que está no centro das preocupações do debate relacionado ao pensamento social, não excluimos outros giros intervenientes em sua formação, como o fato de ser militar. Muito pelo contrário. No entanto, como um *intelectual puro*, para concordar com as generosas palavras de Iglesias¹³, Sodré associa essa condição a outra, à de *historiador* e, neste caso, entendemos que se situa em um arco teórico da corrente *historicista*.

Segundo Michael Lowy, o historicismo não é linear, constituindo-se em sua fase inicial em uma matriz conservadora, seguida de uma ruptura à esquerda com o relativismo, e, constitui-se na sua última fase (com nuances), em uma matriz mediada pelo marxismo¹⁴. Exceto pela primeira fase, entendemos que as demais podem ser apreendidas como centralidade em nosso contexto, na medida que, percebe-se esta possibilidade por um conjunto de tardias variáveis sócio-políticas, quando comparada ao cenário histórico europeu, mesmo tendo características análogas. Todavia, é necessário pontuar que a

¹² Idem, pág. 22.

¹³ Iglesias, Francisco. **Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia Brasileira**. R. J: Nova Fronteira; B. Horizonte. MG: UFMG, IPEA, 2000. P. 214.

¹⁴ Lowy, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do conhecimento**. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1987, p. 122 e ss.

corrente e a etapa que nos interessa diretamente neste debate, é o *historicismo relativista*, que se configura como uma determinação no Brasil, como também, é uma determinação em relação a trajetória política de Sodré. No seu caso, entendemos que o eixo norteador materialista presente na fase inicial de sua trajetória como historiador, possibilitou os suportes teóricos embrionários, mas, igualmente consistentes à sua posterior transição ao marxismo e claro, a segunda etapa de sua trajetória vocacional como intelectual, quando entendemos ocorre sua transmutação ao *Historicismo Marxista*. Nesse sentido, é possível compreendermos através desse instrumental teórico disponibilizado por Lowy, sua fase marxista subsequente, bem como perceber como se estabelece a evolução histórica de Sodré como um intelectual pequeno burguês ao marxismo e que norteará nossas reflexões ao longo deste trabalho. Mas de que forma? Vamos por partes.

Para pensarmos a construção de um pensamento político associado às categorias postas acima, como a questão da pequena burguesia e o papel do intelectual, recorreremos ainda aos vários trabalhos de Michael Lowy sobre a questão e em menor medida, Lucien Goldmann¹⁵. Foi particularmente o primeiro quem delineou essa proposição, que resultou em uma reflexão intitulada *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*, que, no limite, remete a Lukács, como estudo de caso e eixo teórico metodológico em que nos pautamos. Ainda que concordemos com Lowy, que sugere, que uma sociologia marxista para o entendimento da *intelligensia* revolucionária ainda está por ser feita, esta análise possibilita o entendimento das razões e as motivações dos intelectuais que se unem à luta do proletariado. Este trabalho tem por objeto a análise das idéias políticas daquele que muitos consideram o maior filósofo do século XX; quanto a isso, um estudo de caso que toma Sodré por objeto poderia mesmo parecer caminhar no sentido contrário, uma vez que não há, quanto a este autor, sequer um consenso mínimo quanto à posição que ocupa em nosso cenário. Mas, pode-se tentar uma analogia, na medida em que pontuamos certo paralelismo, considerando a perspectiva de que, através de sua evolução ideológica, o historiador brasileiro também representa um caso exemplar para a compreensão sociológica dos intelectuais revolucionários, como foi Lukács.¹⁶

¹⁵Lowy, Michael. *Para uma Sociologia dos intelectuais: a evolução política de Lukács (1909-1920)*. S.P., Leach, 1979 e Goldmann, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia. Que é sociologia?* São Paulo, Difel, 1984.

¹⁶Lowy, Michael. *Para uma Sociologia dos intelectuais....op.cit*, p. xi

Além disso, se essa condição de intelectual também remete à sua condição de *historiador historicista*, esse historicismo é entendido e pode ser apreendido em outras reflexões singulares de Lowy¹⁷, em uma perspectiva de *terceira via*, na medida em que se apresenta como uma possibilidade real entre o positivismo e o marxismo. Ou seja, ainda que essa matriz receba influência de ambas as correntes, desenvolve expressões autônomas ou articuladas a ambas as concepções. Como ressaltamos acima, a matriz que nos interessa fundamentalmente é o marxismo historicista.

Todavia, para pensar um aspecto singular da transição subsequente associada ao pensamento marxista ou dele derivada e sinalizar para uma vertente historicista que, de certa forma, pavimenta a rotação de Sodré neste novo patamar, vale continuar seguindo a linha de argumentação posta por Lowy. Nesse caso, falar em uma transição real do historicismo ao historicismo marxista na Europa, é também reconhecer que, apesar da sinceridade e do esforço pioneiro, e da inegável potência crítica do historicismo, essa corrente fracassa, em última instância, pela impossibilidade de oferecer uma resposta coerente aos problemas que suscita. Não seria diferente no Brasil ou em relação à Nelson Werneck Sodré e sua obra. Mas, por hipótese, como um autor permeado pelo relativismo, veremos que este aspecto seria uma determinação e até uma resposta aos impasses teóricos na fase inicial de seu pensamento como *tenente* antes de ele evoluir para uma etapa em que o historicismo seria mediado pelo marxismo.

Entretanto, há uma curiosa inversão em nosso caso, na medida em que o historicismo, assim apreendido, se configura como uma expressão do marxismo, ou mesmo com uma particularidade de um debate, sendo necessário pontuar a influência do pensamento marxista e do marxismo da II Internacional, como um elo mais de que necessário para subsidiar esta última corrente que nos interessa, e como também, pontuaremos esta reflexão com alguns autores que dela temos como referencial de nossa problemática. A rigor, ponderaremos ao longo deste estudo, que vários aspectos que nos chamam atenção para esta discussão, não é inédita, já que se encontra nos clássicos marxianos. No entanto, poderemos perceber por outro lado, a sua singularidade em seus reflexos no Brasil, na medida que a apreensão de alguns eixos teóricos derivados desta matriz se desenvolvem no âmbito do pensamento da II Internacional ao longo de nossa

¹⁷Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...op.cit.*, p. 63.

história. É nesse sentido, que o relativismo veio a ser naquela fase, uma determinação em nosso debate, que não pode ser desconsiderada, muito pelo contrário. A fase subsequente desta leitura e determinação, é a do historicismo marxista, como veremos ao longo deste trabalho. Leandro Konder é que bem situa essa singularidade, a polêmica e suas dificuldades em nosso contexto, ao afirmar que:

a concepção marxista da história foi reduzida a um “determinismo econômico” (ou a um “materialismo econômico”). O método dialético - essencial à perspectiva filosófica de Marx - foi sendo reduzido a um historicismo relativista, de fundo positivista, quando não a uma variante do evolucionismo de Darwin, abusivamente extrapolado do terreno da evolução das espécies para o terreno da transformação das sociedade humana [...] A atrofia da dialética na história na difusão do marxismo não teve conseqüências negativas apenas na Europa: veio a pesar também, deformadoramente, sobre o desenvolvimento do marxismo na América do Sul. E já no começo do século ela prejudicava, de maneira decisiva, a compreensão da luta de classes por parte dos socialista argentinos (como viria a prejudicar – conforme veremos- a compreensão da luta de classes por parte dos socialistas brasileiros).¹⁸

Contudo, para estabelecer essa dupla relação vocacional em relação a Sodré e sua obra, mediada pela *política*, valem ainda algumas ponderações correlatas à sua concepção de militar e intelectual nas várias etapas de sua trajetória, bem como a sua posterior condição de membro do PCB e as leituras advogadas por vários de seus críticos que relacionam suas teses ao *Modelo Democrático Burguês*. Para entendermos essa primeira questão, outras variáveis serão contempladas, e, para sua apresentação, veremos como a política se desenvolve ao longo de sua obra e a polêmica que se estabelece, que é de certa forma uma constante ao longo de sua trajetória intelectual.

No caso específico de Nelson Werneck Sodré, podemos pontuar que a sua preocupação com a política não é igualmente linear e talvez possa ser sinalizada em duas fases. Uma primeira, perceptível nos capítulos que veremos a seguir, quando o autor apresenta tímidas posturas políticas ao longo da primeira metade do século XX, ainda que a crítica literária venha travestida de crítica social nos muitos artigos de um período

¹⁸ Konder, Leandro. *A derrota da Dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30*. Rio de Janeiro, campus, 1988, p. 63.

característico de um contexto capitalista em transição. Consideramos que essa é uma fase que tem característica política marcante, ainda que negada a posteriori pelo próprio autor.

Naquela que destacamos como segunda fase, e que pode ter seu início assinalado em 1944, Sodré amadurece como autor e assume uma postura (auto)crítica com relação aos intelectuais e às tarefas que os aguardam. Tarefas que, sem dúvida, também lhe estão destinadas. Esse momento constitui quase que o início de uma militância como escritor, e mesmo de um posicionamento político mais contundente à esquerda, na medida em que o autor critica ferozmente a postura dos intelectuais nas muitas transformações que já se adivinhavam e nos desafios propostos, chegando-se a referir-se como um dos grupos sociais mais propensos aos desajustamentos, face à sua capacidade de imaginação e à conseqüente possibilidade de evasão da realidade. A rigor, já se trata um Sodré marxista e membro do PCB. A partir de algumas pontuações do período, veremos como se apresenta o impacto desta ruptura com continuidade, mas fica no ar uma questão: em que medida podemos estabelecer a diferença? A resposta será construída ao longo dos capítulos subsequentes, mas entendo que essa questão – face à condicionante ética pequeno burguesa do militar associada à descoberta da intencionalidade de sua participação como um intelectual originário dessa classe social - pode ser entendida na perspectiva de que para Sodré, a política está pautada na *moralidade do compromisso*.

A *moralidade do compromisso* é um componente fundamental para entender o autor, antes e depois de sua entrada no PCB, mas devemos considerar que nos possibilita apreender a singular, e por sua não dizer feroz, autocrítica que o mesmo estabelece em relação à sua própria obra bem como sua trajetória política. Essa expressão não é nossa, mas de Élide Bastos e Walquiria Rego, mas adquire em nossa leitura, um significado importante, posto que tem valor conceitual, uma vez que expressa uma interlocução à obra do autor como também expressa em uma singular linha de argumentação que valoriza a perspectiva do intelectual em sua relação com a política, na crença de que há uma relação entre a sua atividade de pensar e um empenho moral no sentido de elevar a condição humana. Entendo que essa era condição *sine qua non* dos tenentes que nortearam a juventude do autor e será nodal na maturidade do marxista Sodré. As autoras ressaltam que a validade desse pressuposto está associada à sua atividade como um elo decisivo e possível

para a transformação do mundo, como também para a emancipação da humanidade, impondo aos intelectuais uma condição: jamais renunciarem à sua condição de *críticos*.¹⁹

No entanto, a *moralidade do compromisso* também adquire e se apresenta em relação a trajetória de Sodré na perspectiva de uma mediação pela política partidária e sugestiva de uma nova linha de argumentação que não é casual ou original entre muitos intelectuais de esquerda. Um exemplo significativo e correlato pode muito bem ser observado na leitura de Leo Maar referindo-se a Lukács, em que afirma que, o *compromisso* como prática material pela via da organização, em última instância, sinaliza a forma de mediação entre a teoria e a prática.²⁰ Vale mais uma vez insistir que não é um caso isolado e outros exemplos poderiam se somar a esta análise de caso, ainda que de certa forma, é uma esfera de estudos inconclusivos como bem sugere Lowy²¹.

Importa destacar que há elementos interessantes e concordantes na apreensão desse pressuposto e podemos sugerir alguns elementos para a sua fundamentação teórica no resgate (militante) do texto de Sodré. Esses elementos, de certa forma, também retomados por outros autores, sinalizam a continuidade do debate proposto, na medida em que se percebe, pela trajetória do historiador e por seus posicionamentos, que seria este o seu objetivo: a superação do *status quo* capitalista vigente na condição de intelectual como marxista, objetivo que procuremos demonstrar ao longo da (re)construção de seu pensamento político. Ainda assim, há outros aspectos a serem contemplados.

Percebe-se que a elevação da condição humana como pressuposto de moralidade constitui, ao que parece no seu caso, um equacionamento que está fortemente pautado pelo compromisso da participação e que pode mesmo indicar, naquela ocasião uma militância (não no sentido partidário *stricto sensu*), que se apresenta consubstanciada à sua atividade como intelectual, pelo diferencial de sua origem de classe e pela especificidade de seu trabalho. De certa forma, procuraremos demonstrar, que, essa militância já encontrava subsídios na condição de compromisso do jovem *tenente* - apresentado aqui no sentido amplo do compromisso ético do tenentismo- e que amadurece a partir de outras mediações, ao longo de sua trajetória intelectual e militar, ou seja, ao longo de suas *duas vocações*.

¹⁹Bastos, Elide Rugai & Leão Rego, Walquíria D (org.). **Intelectuais e Política: A moralidade do compromisso**. S. P., Editora Olho d'Água, 1999, p. 5.

²⁰Leo Maar, Wolfgang. **A Reificação como realidade social: práxis, trabalho e crítica imanente em HCC** in Antunes, Ricardo & Leão Rego, Walquíria D (org.) **Lukács...**op.cit., p. 41.

²¹Lowy, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários...**op.cit.

Na natureza particular da origem de classe, como ressalta Sodré em sua leitura ocorre uma simbiose que é uma característica do Brasil, que apresenta *uma moralidade que é intrínseca a setores da pequena burguesia*²². Mas insisto que a moralidade, como aspecto norteador de uma conduta, é, de certa forma e talvez necessariamente no seu caso, umbilicalmente associada ao compromisso da participação política e aproxima-se mas também supera a especificidade daquela simbiose íntima da pequena burguesia como categoria social e/ou categoria de análise, quando apontada isoladamente. Por essa razão, em nossa leitura, a moralidade é aprendida ou apresentada de forma diferenciada, ainda que apresente pontos de aproximação interessantes para a elucidação de nossa problemática.

Em relação à mediação da política na obra de Nelson Werneck Sodré, não há como não nos referirmos ao *Modelo Democrático burguês*, ainda que alguns apontamentos preliminares sejam necessários. O *modelo* aponta para uma leitura e uma estratégia com base nos apontamentos de Lênin e nas teses do 6º Congresso da III Internacional para os países chamados de coloniais e neocoloniais, propiciando fundamentos teóricos para o projeto de revolução em países como o Brasil, caracterizados fundamentalmente por estarem em transição do feudalismo para o capitalismo. É nesse sentido que, historicamente, teve início no PCB uma leitura que propõe uma análise etapista do processo revolucionário brasileiro, tendo em vista a pequena burguesia, e posteriormente, a burguesia como mediação de vanguarda. A primeira etapa desse processo seria a etapa democrático burguesa que, se bem sucedida, teria a liderança do proletariado. A etapa subsequente seria a da Revolução socialista. Esse é um aspecto que, indubitavelmente constitui um objeto de muitas tensões no debate com o autor e sua obra.

Raimundo Santos, por exemplo, sugere uma explicação bem interessante quando pontua que face ao fato de que *nem sempre tenha ficado assentado na cena pública quais eram as relações entre Sodré e o PCB, a de sua obra e sua linha política oficial são de expressiva convergência, e de mútua aceitação*. Neste caso, veremos ao longo deste estudo, que não há porque duvidar da sinceridade de alguns equívocos nessa linha de argumentação crítica. Os exemplos que se seguem são muitos e Reis por sua vez, afirma sem rodeios que a umbilicidade das teses de Sodré e as teses da III IC são *explícitas e diretas*. Na leitura de Guido Mantega, Nelson Werneck Sodré seria o principal artífice dessa linha de

²² Entrevista de NWS a Marco Aurélio Nogueiraop.cit., p.22.

interpretação, consolidada em sua obra a partir dos estudos no ISEB, particularmente nos referenciais desenvolvidos pelo autor a partir da publicação da *Introdução à Revolução Brasileira*, de 1958; *Formação Histórica do Brasil*, de 1962; *História da Burguesia Brasileira*, de 1964. Nessa mesma linha de análise, seguem as conclusões de Moraes, que também aponta essa trilogia como o principal arcabouço teórico daquele modelo, o qual influenciaria fortemente o PCB no pós 1958, quando foi elaborada a *Declaração Política de Março*. Por fim, temos a conclusão de Dória, que afirma que foi reservada a Sodré, conjuntamente com Alberto Passos Guimarães, a tarefa de *ler a história do Brasil como os marxistas conheciam*.²³

Pontuemos o contraditório. Na verdade, quem bem recupera a fundamentação teórica desse modelo e sua instrumentalização política no Brasil, expressa na *Declaração Política de Março de 1958*, é Jacob Gorender quando afirmou ser esta uma obra conjunta de quadros intelectuais do PCB, e de dirigentes como Giocondo Dias, Mário Alves, Alberto Passos Guimarães, Armênio Guedes e ele próprio.²⁴ A participação de Sodré nesse processo foi inexistente, aspecto este confirmado por Armênio Guedes em entrevista com o autor.²⁵ José Paulo Netto já sugere que havia uma certa proximidade destas inflexões, ainda que ressalte que é uma necessidade mais do que premente a de realizar estudos comprobatórios sobre o autor e sua obra, ressaltando inclusive que esta deve estar dissociada de uma *muralha de preconceitos*.²⁶ O ponto de partida é, sem dúvida interessante. E por quê?

Estes apontamentos são importantes na medida em que o historiador foi sempre adjetivado como teórico, ou mesmo que suas leituras e pesquisas tivessem o compromisso de substanciar a linha política do PCB. Entendo que seja um exagero, para não dizer o mínimo, e talvez possamos sinalizar que essa relação poderia sugerir uma coincidência ou um paralelismo, sem nos abstermos de pontuar que também houve necessariamente uma proximidade de reflexões. A rigor, procuremos demonstrar neste trabalho que as teses vigentes do modelo já eram teses suas, e de um período anterior à sua entrada no PCB. Se ocorreu uma simbiótica identidade política, esta não se travestiu necessariamente de

²³Santos, Raimundo. Duas Gerações de intelectuais pecebistas in **O Pecebismo inconcluso**:...op.cit, p. 81; Reis, José Carlos. **As Identidades do Brasil**:...op.cit, p.151; Mantega, Guido. **Economia Política Brasileira**:...op.cit, cap.IV; Dória, Carlos Alberto. **O Dual, o Feudal e o etapismo na Teoria da revolução Brasileira** in Moraes, João Quartim. (Org). **História do Marxismo no Brasil. Vol. II**:.. op.cit, p. 215.

²⁴ Gorender, Jacob. **Combate nas Trevas**, S. P., Ed. Ática, 1987, p. 29 e ss.

²⁵ Armênio Guedes, 11/03/99 em entrevista com o autor.

unidade teórica. Não é o caso de também de concordar com tais leituras ou delas discordar, bem como não há razão para prolongarmos essa questão neste momento. São somente observações que retomaremos ao longo dos capítulos subsequentes. Apontada a polêmica, veremos ao longo deste trabalho, como desenvolvemos nossa leitura desses apontamentos, mas, com certeza, o autor não foi o único intelectual a sofrer esse tipo de (in)compreensão e algumas outras contribuições diferenciadas, autônomas e até em contracorrente às elaboradas por muitos de nossos intelectuais comunistas, ainda hoje são solenemente ignoradas, e privilegia-se uma leitura *crítica*, de senso comum, de subordinação àquele ditame da III Internacional Comunista. Veremos, ao longo deste texto, algumas contribuições que se coadunam com essa hipótese.

Para entender o seu pensamento, no debate teórico acima citado, bem como os autores e categorias referenciais pontuadas, vale o indicativo dos outros mecanismos metodológicos utilizados. De certa forma, ocorreram em níveis diferenciados, mas foram igualmente correlatos. Um primeiro, e já sinalizado nesta introdução, é um diálogo com as obras do autor no período que vai até 1945, fazendo a ressalva das limitações correntes de sua elaboração memorialística realizada a posteriori do golpe de 1964. No entanto, esta foi de importância ímpar e podemos destacar *as Memórias de um Soldado e Memórias de um Escritor* como fundamentais na reconstituição de sua trajetória e associados às obras recentemente publicadas como *A Luta pela Cultura, A Ofensiva Reacionária, A Fúria do Calibã*, entre outros pequenos trabalhos como *O Fascismo Cotidiano*, todos apreendidos como continuidade desse projeto memorialístico, ainda que estes últimos, refletem o período posterior a 64, somando também nesse conjunto, a *História da História Nova e Tudo é Política*.²⁷

Nesta linha de argumentação é que entendemos como constituindo também uma reflexão de complementação autobiográfica o já clássico *História Militar do Brasil*²⁸, em especial os capítulos referentes aos anos de nossa problemática, intensamente vivenciados pelo autor. Além da memorialística citada entre outros trabalhos, valorizaremos neste

²⁶ Netto, José Paulo Netto na reedição de *O Naturalismo no Brasil*..op.cit. p. 28 e 29.

²⁷Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967; *Memórias de um Escritor*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970; *História da História Nova*. Petrópolis, Vozes, 1986, *A Ofensiva Reacionária*. R. J., Bertrand Brasil, 1992; *A Fúria do Calibã*, R.J, Bertrand Brasil, 1994; *Tudo é Política: 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré em textos inéditos e censurados*/Nelson Werneck Sodré (textos); Ivan Alves Filho (org.). R.J., Mauad, 1998.

desenvolvimento as publicações do período situado entre 1938 e 1945, destacando como importantes referências dessa etapa: *História da Literatura Brasileira, 1938 e 1942*; *Panorama do Segundo Império, 1939*; *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril, 1941*; *Orientações Sobre o Pensamento Brasileiro, 1942*; *O que se deve ler para conhecer o Brasil, 1943*; *Síntese do Desenvolvimento literário no Brasil, 1943*; *Formação da Sociedade Brasileira, 1944*.²⁹ Em que pesem as dificuldades de acesso às primeiras edições de algumas obras de Sodré, somente uma delas, a *Síntese do Desenvolvimento literário no Brasil de 1943* não pôde ser contemplada em nossa reflexão, já que, apesar dos esforços vários, não foi encontrado um único exemplar disponível para consulta. É um livro virtualmente desaparecido.

Esse conjunto de obras está inserido na fase que aqui problematizamos e que o autor minimiza apontando como indigno de (re)edição. Veremos posteriormente as razões. Neste nível, vale salientar as contribuições correlatas de autores que estabeleceram um diálogo crítico com Sodré e sua obra, e que serão pontuadas ao longo de nosso debate. Por antecipação, destacamos a importância das contribuições dos ensaios de José Paulo Netto, Paula Beiguelman e Leandro Konder.

No segundo nível da pesquisa, concentro-me fundamentalmente no seu arquivo pessoal, composto de 597 *pastas* consistindo em milhares de artigos, cartas, planilhas de cursos, documentos, etc., hoje à disposição dos pesquisadores na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Os artigos constituem uma das fontes mais importantes na feitura deste trabalho, secundarizados pelas cartas e documentos, na tarefa de reconstrução político biográfica que procuraremos empreender. No período sinalizado, podemos registrar a leitura de 1000 artigos publicados ao longo de sua trajetória até os 50. Mas esta é somente uma parte do material disponível.

Por fim, uma outra fonte importante neste processo de pesquisa foram as várias entrevistas realizadas. Estas se dividem em 02 grupos: um primeiro, com interlocutores

²⁸ Sodré, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

²⁹ Sodré, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira: Seus Fundamentos Econômicos**. 1ª edição, São Paulo, Edições Cultura Brasileira S/A, 1938; 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1940; **Panorama do Segundo Império**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 1998; **Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril**, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1941; **Orientações Sobre o Pensamento Brasileiro**, Casa Editora Vecchi Ltda., 1942; **O que se deve ler para conhecer o Brasil**, 3ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967; **Formação da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1944.

críticos de Sodré e, de certa forma, também a grande maioria de amigos de um convívio intelectual e militante de longa data. Essa convivência transcorreu com relativa facilidade e muitas vezes com gratificantes trocas de pontos de vistas, bem como com reflexões sobre o autor e sua obra. Em um segundo grupo, a tarefa foi mais complexa, uma vez que consistia em entrevistar companheiros de partido, muitos deles militares e antigos colegas de farda que, em alguns casos, pediram o anonimato. Face às dificuldades, que foram muitas, vale a referência e claro, pontuar os agradecimentos bem como o meu reconhecimento.

Este texto está desenvolvido em cinco capítulos. O primeiro objetiva propiciar um cenário histórico e teórico para uma aproximação de nossa problemática, procurando demonstrar que muitas das influências que, em *última instância*, nortearam o pensamento político de Nelson Werneck Sodré, têm origem no pensamento socialista do séc. XIX. Nesse contexto, buscamos mostrar que essa influência ou transição também encontra alguns nexos no republicanismo radical e pôde se desenvolver de forma autônoma em relação aos esquemas umbilicais que identificam o pensamento de esquerda às teses da III IC. Na medida em que essa possibilidade se apresenta historicamente em nossa leitura por caminhos tortuosos e muitas vezes emblemáticos, quando não contraditórios, sem dúvida, percebemos que essas mediações pavimentam a construção de uma influência que estará presente na *Escola Militar* e consubstancia aquilo que entendemos ser uma terceira via nacionalista. Está última, veio a influenciar não só o autor, mas também consideráveis frações da esquerda militar; razão pela qual encontramos ainda nesse debate, um Sodré *tenente* e à esquerda.

O segundo capítulo, apresenta o autor ainda *Tenente*, mas fortemente influenciado por um nacionalismo e que, em alguns momentos, sugere uma identificação do autor com as políticas em curso do regime de Vargas. O capítulo remete às várias tensões de uma intelectualidade pequeno burguesa, procurando se situar entre a lógica dos extremos vigentes naquela ocasião (o integralismo e o marxismo da III IC), bem como as demais influências norteadoras de Sodré, pautadas nas obras de Pareto e Azevedo Amaral. Vale a ressalva de que, apesar de o autor não ter renunciado à crítica política, travestida em última instância em crítica literária, neste capítulo pontuamos também a origem de algumas de suas futuras teses como a *História Nova*, do *Exército Democrático* e da *Burguesia*

Nacional, as quais estão totalmente desvinculadas de uma leitura do *Modelo Democrático Burguês*.

No terceiro capítulo, procuramos desenvolver as mediações concernentes que pavimentariam sua transição de um ideário tenentista ao pensamento marxista. No caso, também se pode se verificar a construção de sua tese sobre o *feudalismo* e a de uma leitura nacionalista estreitamente ligada a idéia de *projeto nacional*, em que paralelamente se verifica o início do fim daquelas influências estabelecidas nos anos 30, e uma gradual aproximação do referencial marxista com a incorporação de seu instrumental analítico. É o período de impasses e rupturas de um ainda, sempre *tenente*.

No quarto capítulo, procuraremos demonstrar a rotação à esquerda do autor e as mediações sócio-políticas que o aproximaram do PCB. Nesse capítulo, verificamos que sua reflexão pontua teses ainda nucleadas por uma práxis advinda de um contexto particular relacionados à sua formação social e sua trajetória intelectual e militar, mas que permitiram-lhe refletir sobre outras teses como a *questão democrática* e o *imperialismo*, já com um referencial marxista mais elaborado, bem como inserido em uma discreta militância partidária.

No último capítulo, pontuamos o autor inserido na política de suas duas vocações, em que se percebe um Sodré na militância do Clube Militar, mas com leituras autônomas e singulares, ligadas às do PCB. Mas não é só. O texto também procura demonstrar como a *Ética de um Tenente* se mantém e se reconfigura no marxismo, que resulta nas bases fundantes de seu projeto de revolução brasileira e estabelece, na confluência de suas vocações pela mediação da política, o encontro entre o intelectual e o revolucionário.

CAPÍTULO I

Influências e Confluências: a formação ética de um *tenente*

Origens Pioneiras de um Pensamento Social de Esquerda

Ponderações para um debate: do republicanismo radical ao marxismo

As novas mediações da esquerda militar

A Escola Militar como palco de debate

Primeiras Manifestações

Os tenentes entram em cena

Um observador político pouco discreto

Participação involuntária à esquerda

O embrião de futuras teses

CAPÍTULO I

Antes de relatar a minha experiência literária individual, é indispensável situá-la historicamente, isto é, dar os traços da época, caracterizar a fase, a situação, a gigantesca moldura do quadro mundial e a moldura menor do quadro brasileiro. Sem essa caracterização, o depoimento perde consistência, pois todos os fenômenos, episódios, processos, fatos só adquirem significação quando apresentados em seus condicionamentos. É o que falta em geral nas autobiografias e nas biografias, como nos depoimentos e memórias; é o que desejo que não falte aqui, pois tudo seria insignificante se não devidamente inserido no tempo e no espaço.³⁰ Nelson Werneck Sodré

Na perspectiva de entender o significado da atuação política dos militares e, por conseqüência, a formação do pensamento político de Nelson Werneck Sodré, penso ser primordial, como ponto de partida, entendermos que o início de sua participação política de esquerda, ou de caráter progressista, não é recente e tem, de certa forma, uma tradição de contestação que remonta ao império pós-guerra do Paraguai. Desse argumento, podemos concluir que:

Com efeito, apesar das evidentes diferenças de formação intelectual, de formulação doutrinária, de forma de atuação e de perspectiva programática, parece-nos clara a continuidade da inspiração ético - política dos jovens oficiais abolicionistas e republicanos, dos 'tenentes' dos anos 20, dos militares antiimperialistas dos anos 50, dos antigolpistas dos anos 60. Essa continuidade rompeu-se com os amplos expurgos que os golpistas vitoriosos em 1964 promoveram nos quadros das forças armadas.³¹

Nessa linha de argumentação desenvolvida por Quartim entre outras leituras que também corroboram esta tese, percebe-se que, embora relacionada a uma postura orgânica

³⁰Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 15

³¹ As conclusões do *Arquivo Brasil – Nunca Mais* relatam que: *Tratou-se, por assim dizer, de executar uma intervenção cirúrgica que não deixasse intacto qualquer núcleo capaz de reanimar o espírito rebelde que se espraiara nas armas durante as lutas nacionalistas e em defesa das ditas Reformas de Base. A pequena incidência de processos atingindo militares nos anos posteriores parece significar que, nesse campo, a cirurgia foi encetada com êxito.* *Perfil dos Atingidos*. Mitra arquidiocesana de São Paulo. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 120; Morel, Edmar. *O golpe começou em Washington*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,

de esquerda, a inspiração ético-política ou militante é hoje, sem dúvida, residual quanto à sua presença nas forças armadas. Mas a substância que o conceito *esquerda* adquiriu em sua construção histórica aponta principalmente para seu aspecto ético, na perspectiva de um grupo ou de um indivíduo que, no seu tempo histórico, se posicionou a partir de valores ou idéias referenciais concretas e mesmo progressistas, seja na causa da igualdade expressa no abolicionismo, no nacionalismo ou mais recentemente, na democracia³². Sodré, por exemplo, utiliza o conceito *esquerda* como indicativo de atuação em uma linha progressista. Em todo caso, entendemos que esse é um conceito que não perde sua contemporaneidade e representa, por tradição, as lutas sociais de transformação à frente do seu tempo, pelo menos até os anos 60.

Origens Pioneiras de um Pensamento Social de Esquerda

A etapa de nossa história militar que aqui pontuamos para o início do debate, recebe de Nelson Werneck Sodré a denominação de *fase autônoma do exército*³³. Historicamente, foi nessa fase que ocorreram as tomadas de posição abolicionistas ou de confronto na questão militar, apoiadas em grande medida por jovens oficiais intelectuais da esquerda republicana. Como decorrência desse processo, acontece a fundação, no apagar das luzes do império, do *Clube Militar*, instituição que estará presente em nosso debate e que será decisiva para várias manifestações militares ao longo do século XX. No quadro de ebulição política que surge no período pós- monarquia é que podemos sinalizar que o *exército emergia na cena política colocando-se em seu lado esquerdo*.³⁴

O quadro de forças organizadas que emergem desse cenário, sugere a confirmação dessa hipótese, já que, no período inicial republicano, eram três as forças políticas relevantes e presentes na cena nacional: os militares, que na ocasião tinham uma forte representação no congresso constituinte; os republicanos históricos e os republicanos de 16 de novembro. Travestida nesta última corrente, estava a velha ordem oligárquica

1965, p. 248 e ss; Moraes, João Quartim. **A Esquerda Militar no Brasil: da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes**. São Paulo, Siciliano, 1991, p. 07.

³² Sodré, Nelson Werneck. **A República: uma revisão histórica**. Ed Universitária/UFRGS, 1989, p.70.

³³ Sodré, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

³⁴ Moraes, João Quartim. **A Esquerda Militar no Brasil**. op.cit. pg. 43.

monárquica que, com a descentralização política, reconfigura o antigo *barão* em novo *coronel*, e recupera gradualmente os antigos espaços até a consolidação de seu *status quo* com a eleição de Prudente de Moraes. Nos períodos subsequentes, até os anos 30, exceto pelo mandato de Hermes da Fonseca (possível devido a uma dissidência interna das oligarquias), o cenário foi o da alternância política configurada na política café-com-leite. Foi, no entanto, uma fase conturbada e, neste sentido, vale retomar algumas ponderações exploratórias importantes para desenvolvimentos teóricos futuros.

Inicialmente um ponto nos chama a atenção. Após os conflitos e desgastes de uma atribulada fase inicial, reacende-se com o governo civil a questão da reforma do exército, que desperta uma velha preocupação dos militares com sua sobrevivência e sua legitimação como instituição. Esta é uma questão que, a rigor sempre veio a despertar controvérsias ao longo do século XX. Vale lembrar que o estopim da queda da monarquia decorreu de um boato que previa a dissolução do exército em proveito da guarda nacional. Foi essa uma tese dos primeiros anos da República que não chegou a ser abandonada, e que os subsequentes governos oligárquicos civis colocaram na ordem do dia em vários momentos. Naquele primeiro momento, ao que parece, a superação dessa quase política foi apresentada nada menos que por Rui Barbosa e, ao que tudo indica, como uma solução de compromisso. O artigo que reza que o exército e a marinha são as instituições *nacionais e permanentes*, com o atributo de defesa externa e interna, bem como da lei e da ordem, foi incorporado por Rui Barbosa à constituição republicana e mantido quase como cláusula pétrea pelas constituições subsequentes³⁵.

Esse pressuposto, é sem dúvida, um ponto interessante de análise, já que seria incorporada pelos setores da esquerda, como também pela direita militar³⁶, como um princípio de *ecumenismo institucional*, com vias diferenciadas no seu entendimento mas bem sugestiva de futuras intervenções. Na medida em que parte do pressuposto de que o exército era a única instituição patriótica e mesmo, a única que pensava o Brasil acima de

³⁵Sobre este debate ver: Nogueira, Marco Aurélio. *As Desventuras do Liberalismo: Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1984, p. 53; Hahner, June. *As Relações entre civis e militares(1889-1898)* . São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1975, cap. I e VI e Costa, Wilma Peres. *Os militares e a primeira Constituição da República in A Tutela Militar / João Quartim de Moraes, Wilma Peres Costa, Eliézer Rizzo de Oliveira*. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1987, p. 19 a 53

³⁶Prestes, Anita Leocádia. *Tenentismo Pós 30: continuidade ou ruptura?* São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999, p. 44 e ss.

interesses mesquinhos, assume como uma firme missão salvar o país face ao colapso e à inoperância das demais instituições. Este princípio levaria também ao longo do tempo, a fazer do exército uma instituição funcionando quase como um Estado dentro do Estado, assegurando-lhe uma proeminência de que as demais instituições não desfrutavam. Ou seja, as instituições passam, o exército permanece.

Para demonstrar o significado desse conturbado e conflituoso processo, e caminhar para o cerne da proposta de análise que tem início nos anos 20, vamos a outras ponderações, com vistas a apontar os eixos ideológicos de esquerda entre os militares brasileiros: o Jacobinismo e o Positivismo, esta última expressando a doutrina do soldado cidadão. Inicialmente Michael Lowy nos apresenta uma interessante umbilicidade em nível político, apreendendo o jacobinismo com a radicalidade intelectual que se verifica a partir do que o autor definiu como:

*ala esquerda da pequena burguesia, combinação específica de democracia plebéia e de moralismo romântico (Rosseau) tende a entrar em conflito com a prática liberal individualista da grande burguesia.*³⁷

Essa determinação permeará nossa problematização, mas somente em sua fase terminal, quando as possibilidades de emancipação pela via da política se mostrarão ilusórias e com conseqüências futuras a serem avaliadas. Importa destacar que, naquele momento e em nosso cenário, o jacobinismo adquiriu um outro caráter, tornando-se quase sinônimo de florianismo, face à sua hegemônica expressão política e às políticas decorrentes, ainda que não fosse regra geral. Talvez seja essa a razão, pelo qual Nelson Werneck Sodré valoriza sobremaneira o papel histórico de Floriano Peixoto naquele contexto. Ao compará-lo, como militar e político, a alguns generais contemporâneos, Sodré refere-se a ele como uma *personalidade eminente* e sugere uma concordância com o conceito de florianismo definido por Suely Robles como: *a suspeição desconfiada para*

³⁷ Lowy, Michael. Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários...op.cit. p. 5.

*com o estrangeiro e a extrema susceptibilidade aos arranhões que o brio nacional pudesse sofrer.*³⁸

O florianismo, tal como descrito Robles, foi exemplo de um efêmero projeto de esquerda, até sugestivo de extrapolação mas, sem dúvida, de outra ordem, já que representava com intransigência o nacionalismo. Seu significado sugeria um viés de industrialização e a sustentabilidade do ideário patriótico, como também de valores democráticos. O resultado visível, como no caso de seu congênere francês, é que no parlamento, naquele momento, não foram poucos os personagens que assumiram posições *especialmente* à esquerda no cenário político, como também de esquerda pelo que representava o ideário jacobinista. Ainda assim, o movimento pouco avançou politicamente, não se firmando como uma proposta conseqüente para as gerações futuras, ainda que sua ressonância perdurasse por algum tempo. Na verdade, floresceu enquanto esteve personificado no poder por Floriano Peixoto, e talvez, tenha sido essa a sua maior fragilidade e uma das explicações de seu desaparecimento. A lamentável conclusão a que chegamos é a de que a sua lealdade aos princípios republicanos significou, e até possibilitou, de certa forma, o enterro do projeto jacobinista. Apesar de seu prestígio pessoal, o Marechal de Ferro (F. Peixoto) afiançou a sucessão oligárquica e, ao final, mais uma vez o poder político demonstrou o seu condicionamento ao poder econômico.

Pensamos, que o fator decisivo para o desaparecimento do jacobinismo do cenário político foi outro. O movimento carecia de uma base social atuante e significativa, fator mobilizador característico dos movimentos análogos nos países da Europa, nos quais o nosso, em grande medida, se inspirava. Mais uma vez o povo faltou ao encontro. A derrota da III expedição a Canudos e a morte de seu maior líder, Moreira César, escrevem seu obituário, confirmado pouco depois, quando alguns grupos jacobinos enveredaram para o ultra-nacionalismo e, quase em desespero de causa, em sua fase terminal, para o terrorismo³⁹. Ainda assim, percebe-se que esse ideário terá um significado importante para as gerações subseqüentes e, em particular, com temas históricos como *a defesa*

³⁸ Sobre este debate, ver: Reis de Queiroz, Suely Robles. **Os Radicais da República**. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 150 e Costa, Wilma Peres. **A Espada de Dâmocles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império**. São Paulo: Editora Hucitec, Editora Unicamp, 1996.

*intransigente da soberania nacional, proteção de nossa indústria, a laicidade do Estado e identificação da causa republicana à causa patriótica e popular*⁴⁰, muito caros à esquerda no século XX.

O segundo eixo ideológico de esquerda entre os militares é o *positivismo como doutrina do soldado cidadão*. Ainda segundo Quartim, essa era, há muito, a doutrina do exército, e posteriormente adquiriria a feição não muito bem vinda de *doutrina da segurança nacional*, leitura essa também desenvolvida na análise de Anita Leocádia Prestes⁴¹. Entretanto, naquela ocasião, tal doutrina do *soldado cidadão* tinha forte prestígio entre os pares. Para esclarecer esse ponto, é preciso acrescentar que a instituição exército era provavelmente a única possibilidade de ascensão social para muitos jovens dissociados da elite oligárquica vigente, e uma possibilidade concreta para jovens oriundos da *pequena burguesia*, configurada em um palco de debates privilegiado, já que fervilhava nas Escolas Militares do período uma intensa atividade literária e científica. As conseqüências se apresentam da seguinte forma:

*Daí a larga permeabilidade dos oficiais e mais ainda dos alunos das escolas militares às idéias políticas e aos valores culturais que julgavam - no mais das vezes ingenuamente - como os mais avançados do seu tempo, e que lhes forneciam uma perspectiva crítica sobre uma sociedade que contestavam. Daí também seu duplo diletantismo, enquanto militares e enquanto intelectuais.*⁴²

Esse apontamento, ainda que válido, não responde a uma outra constatação, que não deixa de ser também uma curiosidade: a singular relação entre o positivismo, como doutrina conservadora e burguesa na Europa, e a forma como é apreendido em nosso cenário – como um instrumento de agitação cultural e atividade política. As razões sinalizadas mais uma vez remontam ao império e à grande influência que essa doutrina

³⁹ Isto não exclui outros giros explicativos para esta questão, a exemplo de Nogueira in **As Desventuras do Liberalismo: Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República...** op.cit. p. 145 ou na linha oposta apresentada por Hahner, June. **As Relações entre civis e militares(1889-1898)** ...op.cit., cap. VII e VIII.

⁴⁰ Moraes, João Quartim. **A Esquerda Militar no Brasil...** op.cit. p. 71.

⁴¹ Idem, pág. 74; Prestes, Anita Leocádia **Tenentismo Pós 30...** op.cit., cap. II. Também Peregrino e Costa apontam pistas interessantes sobre a origem do positivismo ainda no Império, e que sugere concordância com às interlocuções privilegiadas nesse trabalho. Peregrino, Umberto. **História e Projeção das Instituições Culturais do Exército**. R.J, José Olympio Editora, 1967, p. 19; Costa, Wilma Peres. **Os militares e a primeira Constituição da República...** op.cit., p. 30.

despertava nos meios científicos, em particular na Escola de Engenharia do Exército, na 2ª metade do século XIX. Salvo algumas polêmicas sobre esse aspecto, tudo indica que aqueles intelectuais absorveram somente as facetas otimistas e utópicas e, de certa forma, também aquelas realisticamente negadas pela história da doutrina de Augusto Comte:

*A doutrina difundiu-se acima de tudo como estado de espírito, mais que como religião da humanidade ou seita filosófica. Fora da ortodoxia e recorrendo a uma manobra de adaptação, muitos de seus propugnadores conseguiram granjear simpatias para as partes da doutrina melhor ajustadas à realidade nacional, mais úteis à contestação ou à pregação progressista.*⁴³

Neste sentido, Quartim aponta que:

*a ciência abriria a era do conagraçamento dos povos e da paz mundial, mas também respeito do próprio significado da função militar, consubstanciado na doutrina do soldado cidadão.*⁴⁴

O melhor exemplo dessa influência foi Benjamim Constant que, como ninguém naqueles tempos, procuraria exprimir e formar alunos em uma concepção que sintetizava o positivismo com a reivindicação de cidadania desde os tempos do Império. Como Ministro da República, foi introduzida a doutrina com a reforma do ensino militar. No entanto, esses são pontos inconclusivos de um debate e, nesse sentido, a cautela se faz necessária, na medida em que o *ideal de cidadania* que a doutrina do *soldado cidadão* veicula, tem um interesse histórico, além de político prospectivo.

Historicamente esse ideal se apresenta como parte de uma matriz cientificista-humanista, que tem como principal objetivo a formação *ético intelectual*. Sem dúvida, é um argumento razoável para se pensar o conceito de esquerda entre os militares e a possibilidade de que, de acordo com Lowy⁴⁵, esse eixo se apresente (a radicalidade intelectual pequeno burguesa) como uma etapa de superação do capitalismo e alternativa ao

⁴² Moraes, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil*. op.cit., p. 74.

⁴³ Nogueira, Marco Aurélio. *As Desventuras do Liberalismo: Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República...*op.cit., p. 80.

⁴⁴ Moraes, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil*. op.cit., p. 76.

⁴⁵ Lowy, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários...*op.cit., p. 9.

socialismo. Seu conteúdo político (e nesse sentido alguns pontos são esclarecedores) sinaliza para *a missão civilizadora, eminente moral e humanitária* do exército, como corporificação da *honra nacional* e melhor ainda, como *cooperador como garantia da ordem e da paz pública*. Disso decorre naturalmente que o militar precisa de uma *suculenta e bem dirigida educação* para que esteja habilitado em relação aos seus deveres, que também são *deveres sociais*, entre outros aspectos. Dessa leitura, conclui-se que:

Ao difundir entre a jovem oficialidade e os cadetes da Praia Vermelha, a concepção positivista da cidadania militar e a conseqüente rejeição da obediência passiva alimentaram a turbulência e a disciplina engendradas desde a Questão Militar, pela insatisfação corporativa e pela constante agitação política em que se envolviam os militares, inclusive os de alta patente..⁴⁶

As sucessivas rebeliões militares entre os cadetes e jovens oficiais, posteriores ao período republicano sugerem a confirmação desse argumento, e seus reflexos teriam a continuidade que se verificou a partir de 1922. Desse processo, adveio uma amarga conclusão: a ordem desejada que os positivistas inscreveram como lema na bandeira nacional apontava uma contradição, ou seja, era uma ordem inimiga do progresso. Essa constatação tornar-se-ia evidente, com os conflitos sucessivos entre os militares e as oligarquias agrárias no poder, e entre estas com o poder central, na medida em que foram ficando arraigados os brios nacionalistas, face à ousadia autonomista de muitos governadores de vários estados. Essa constatação também levou muitos militares a despertarem para a urgente necessidade da modernização do exército, seja em nível de seus equipamentos, seja em nível de doutrina.

Um dado novo veio a se apresentar no horizonte sob vários aspectos. O período em que vigora o mandato do Marechal Hermes da Fonseca, face à sua condição de militar de prestígio, sugeria uma nova ordem, com a volta do exército ao poder, apesar da entusiástica e de certa forma inovadora campanha civilista de Rui Barbosa. Não houve surpresas naquelas eleições, e sua posse também não alterou o quadro de fundo da política café-com-leite, logo restabelecida, salvo pontuais tensões que resultaram em fissuras no bloco agrário, face à freqüência com que esteve presente as tentativas de intervenção nos estados

conhecida como *política de salvaçãoes*. Para muitos intelectuais pequeno burgueses (vale lembrar o caso de Astrojildo Pereira), é um momento de redefinição, rotação e, principalmente, de tomada de posições, na medida em que pela primeira vez, foram os subalternos que protestaram de armas na mão, assustando inclusive setores da nascente burguesia brasileira. Durante o período e ao longo dos anos seguintes, acontecem, em 1910, a *revolta da chibata* na Marinha e pouco depois, em 1915 e 1916, a *revolta dos sargentos* no Exército, todas brutalmente reprimidas. As últimas com um dado novo a ser considerado, ou seja, aconteceram com a participação de intelectuais de orientação socialista.⁴⁷ Independente do grau de influência que tais intelectuais exerceram nesse processo, sua intervenção foi sem dúvida a pá de cal nas ilusões daquela república.

Os anos 20 se aproximavam e com ele um novo momento. Na continuidade desta linha de argumentação, percebe-se nessas revoltas a presença de um viés de esquerda, não somente pelo caráter de membros de uma instituição que se manifestava cada vez mais *hostil a corrupção e aos privilégios oligárquicos*, mas também ao que parece, pela sua proximidade ao movimento operário. Trata-se de um momento de definições e redefinições rico de possibilidades, seguido de rupturas de várias ordens. A aproximação entre a esquerda militar e o movimento operário foi no entanto, de curta duração⁴⁸, logo seguida de um divórcio, face às várias greves que tiveram início a partir de 1917 e que apontavam para novos rumos e um novo debate. Se o casamento foi curto, a reconciliação ainda demorará um pouco mais, postergada talvez, para a década de 60.

⁴⁶ Moraes, João Quartim. **A Esquerda Militar no Brasil**. op.cit., p. 80.

⁴⁷ Sobre a participação de intelectuais socialistas nas revoltas dos suboficiais, ver Moraes, João Quartim. **A Esquerda Militar no Brasil...** op.cit., p. 122. Na *Revolta da Chibata*, houve, influências externas ao movimento, talvez até com a participação de intelectuais socialistas. Vale ressaltar que, na Inglaterra, os marinheiros brasileiros designados para assumir os navios da esquadra recém adquirida, conviveriam por um período de 02 anos de treinamento, com um dos mais politizados e organizados proletariados do mundo bem como com os marinheiros russos do Encouraçado Potemkim, que, após a revolta de 1905, encontrariam exílio naquele país. Sobre este debate, ver: Morel, Edmar. **A Revolta da Chibata**, Rio de Janeiro, Graal, 1986, Cândido; Maestri, Mário. **1910: A Revolta dos Marinheiros**. São Paulo, Global, 1982; Silva, Marcos A. **Contra a Chibata: marinheiros brasileiros em 1910**. São Paulo, Brasiliense, 1982; Pereira do Nascimento, Álvaro. **Marinheiros em revolta: recrutamento e disciplina na Marinha de Guerra**. Dissertação de Mestrado em História, Unicamp, 1997; João. **João Cândido, o Almirante Negro**. Rio de Janeiro, Gryphus: Museu da Imagem e do Som, 1999.

O debate e a opção nacionalistas adquirem historicamente várias possibilidades de apreensão e, entre elas, com certeza, a presença da esquerda nacionalista, muitas vezes confundida com ou interligada ao ideário socialista. Este referencial se apresenta tanto como uma possibilidade de superação de uma radicalidade, adquirindo mesmo uma inegável exponencialização política e ideológica, como sugere Lauerhass⁴⁹, como podendo ainda, em uma de suas variações, confluir com o *nacionalismo tenentista* sugerido pela leitura de Almeida⁵⁰. Vamos sinalizar neste tópico para outras mediações concernentes a essa questão, considerando que, essa hipótese seguramente está relacionada, nessa fase histórica, com a esquerda militar. Por essa via, entendemos tal relação como uma variante sugestiva de uma aproximação à nossa problemática, tornando, o nacionalismo como um fenômeno valorizado a partir da queda do Império e do início da República. Nesse sentido, a questão da identidade nacional ganha um relevo singular, bem como assume nas leituras de muitos intelectuais, particularmente nos vários momentos de crise, o significado de um despertar dos problemas nacionais e, claro, o impulso de recuperar ou construir um ideário de nação.

Esse processo histórico particular, que abordamos topicamente, é um subsídio importante para consubstanciar a construção do pensamento político de Nelson Werneck Sodré, na medida em que se apresenta na fase subsequente como decorrência dessa linha teórica embrionária com contornos políticos - *o projeto nacionalista de configuração socialista* - denominado *Revolução Brasileira*. Não se trata ainda a polêmica do momento, até porque a fase que configuramos neste debate vai estar muito influenciada pelos anos 30. Os apontamentos norteadores são outros.

As referências ao pensamento socialista no Brasil datam da segunda metade do século XIX e remetem à influência de várias correntes, ainda que de forma confusa e muitas vezes contraditórias. É sugestivo que esse debate esteja permeado por equívocos e

⁴⁸Sodré, Nelson Werneck. *O Tenentismo*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 53. Moraes, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil*. op.cit., p. 112.

⁴⁹Lauerhass Jr, Ludwig. *Getúlio Vargas e o triunfo do Nacionalismo Brasileiro: Estudo do advento da geração nacionalista de 1930*. B.Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1986, p.17.

⁵⁰Almeida, Lúcio Flávio. *Ideologia Nacional e Nacionalismo*. São Paulo, Educ, 1995, p. 107.

influências de várias ordens e tenha resultado em uma *babel teórica*⁵¹ de difícil apreensão, ainda que fosse marcadamente socialista e hegemônica no Brasil. Por essa razão, pontuamos que os termos *socialista* e *marxista* eram comumente utilizados e até confundidos. Nessa linha de argumentação, sinalizamos que a utilização do conceito *marxista* deve ser pontuada principalmente na virada dos anos 20/30.⁵² Concordamos com tal aproximação para delimitar algumas das influências que seguramente podem ter influenciado a obra e o pensamento de Sodré. Em uma fase inicial, como autor de esquerda e materialista, face à leitura de algumas correntes na Escola Militar, advinda do confuso debate teórico que caracterizou o pensamento social brasileiro na virada do século XX, e no período posterior, já como autor e militante marxista.

Todavia, entendo que vale o registro de alguns aspectos que, gestados nessa fase, viriam a ser decisivos para o entendimento do período subsequente, bem como de uma leitura do nacionalismo e da esquerda militar. O primeiro refere-se à composição social dos socialistas brasileiros, que eram majoritariamente pertencentes à *pequena burguesia*. Neste caso, percebe-se que são fundamentalmente intelectuais, entre outras profissões, incluindo militares e distante de qualquer homogeneidade, pontuando um amplo arco que compreende os protagonistas da *Revista Nitheroy*⁵³ e também grupos de socialistas brasileiros originários de várias concepções teóricas ou influências ideológicas mais que díspares. A presença desse grupo constitui uma determinação importante e necessária, na linha exposta por Michael Lowy⁵⁴, e que é recuperada historicamente, em relação aos *militares pequenos burgueses*, por Sodré⁵⁵. Ou seja, uma determinação em relação à construção de seu pensamento político, e que, por caminhos tortuosos influenciariam aquilo que pontuamos como esquerda militar e nacionalista.

⁵¹Utilizo a expressão *Babel Teórica* no sentido de caracterizar o conjunto das correntes ideológicas de variadas e confusas matrizes teóricas, tendo como aditivo ao processo, o fato de se expressarem em vários idiomas característicos dos grupos imigrantes que se instalaram no país a partir da metade do século XIX.

⁵²Konder, Leandro. *A derrota da Dialética*:...op.cit.; Batalha, Cláudio H. *A difusão do marxismo e os Socialistas Brasileiros na virada do século XIX* in Moraes, João Quartim. (Org). *História do Marxismo no Brasil. Vol. II: Os Influxos Teóricos*. Campinas, Ed.Unicamp, 1995, p. 11; Cerqueira Filho, Gisálio. *A Influência das idéias socialistas no pensamento político Brasileiro: 1890/1922*. São Paulo, Ed. Loyola, 1978, p.18

⁵³Pinassi, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre: Nitheroy Revista Brasileira de Ciências e Artes*. São Paulo, Fundação editora Unesp, 1998. p. 41 e ss.

⁵⁴Lowy, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*:.. op.cit.

⁵⁵Sodré, Nelson Werneck. *O Tenentismo*....op.cit., p.55.

A existência de uma lacuna teórica que possibilitasse a orientação do movimento socialista em nosso contexto constitui uma de nossas hipóteses de aproximação dessa problemática. O debate era fraco e confuso e, sem dúvida, esse é um aspecto a ser ressaltado e, de certa forma, uma característica até meados da década de 50. No período a que nos referimos, uma das razões explicativas para esse fato deve-se fundamentalmente à *origem abolicionista e republicana* da composição de alguns desses grupos socialistas. Muitos deles foram influenciados pela posições da ala esquerda republicana, identificada com *Silva Jardim*, em sua maioria decepcionados com uma república distanciada e cada mais ausente dos anseios das classes subalternas. Esse aspecto pode muito bem ser verificado no apelo do recém-fundado *Partido Socialista Brasileiro*, em 1902, que prometia aos militantes republicanos preencher as expectativas frustradas, enquanto programaticamente, configurava o socialismo proposto como etapa decorrente de um republicanismo radical. Em uma interessante passagem publicada, está posto que:

*O socialismo no Brasil, perante a forma republicana, já agora iludida e falseada em todas as relações que serviram de base à propaganda e às promessas, recolhe no seu seio a grande multidão dos que esperam ainda a verdade do republicanismo radical. Não há e nem pode haver antagonismo entre as duas denominações, pois que o socialismo, em sua inteira e exata acepção, é a forma social e política que realiza todas as promessas, todas as aspirações e todas as soluções do problemas republicano.*⁵⁶

No Brasil, essa transição ocorreria também, em alguns casos, na direção do anarquismo, já que esses tinham um apelo militante bem mais significativo que o dos socialistas, desde a virada do século até os anos 20. Contudo, para outros intelectuais republicanos, a opção socialista ainda se fazia presente e, apesar de estarem restritos a pequenos círculos, é essa possibilidade que talvez explique não só uma certa vitalidade política com uma diferenciada retomada militante, como também sua presença em 1915, nas duas revoltas de suboficiais do exército (em 1915/16), que, segundo a imprensa da

⁵⁶Por ocasião da comemoração do 18 de maio, ainda em 1898, pouco antes da fundação do PSB em 1902 in Batalha, Cláudio H. *A difusão do marxismo e os Socialistas Brasileiros na virada...* op. cit., p. 29.

época, contaram com a participação decisiva de intelectuais socialistas na condução de seus processos⁵⁷.

No século XX, ao menos entre os anos 20/30, é o marxismo como instrumental de reflexão que hegemoniza a intelectualidade pequeno burguesa, ainda que estivesse sujeito às tensões oriundas do debate anterior, e às suas polêmicas e contradições. Acreditamos também que, nesse momento começa a definir a *babel teórica* mencionada anteriormente e tem início uma segunda fase de transição. As manifestações do pensamento de esquerda no país, que esse momento sugere, somente podem ser contabilizadas dentro de um esforço de elaboração teórica posterior, quando se apresenta no processo histórico em *uma referência paradigmática* - a revolução russa - e *uma pragmática* - a fundação do PCB em 1922.

Destacamos em primeiro lugar, que o partido não esteve distante de influenciar algumas das correntes da esquerda militar. Apesar do esforço partidário ter sido concentrado na organização dos sindicatos, houve algumas tentativas de aproximação com os militares que resultaram em uma ação política concreta, como pode-se constatar a partir de uma célula comunista na Marinha entre 1924 e 1925. No período posterior ao movimento tenentista, encontramos esforços pontuais de inserção na organização militar, grandemente impulsionados, nos anos 30, com a entrada conflituosa de Luís Carlos Prestes no partido. Nesse período, surge a orientação de se criar o *Anti-mil* (anti-militar), organismo direcionado para atuar junto aos militares do partido com o objetivo de desenvolver ações armadas localizadas ou insurrecionais, ou seja, para atuar como braço armado do PCB. Vale a referência pontual, já que voltaremos a abordar esse aspecto ao longo dos capítulos subsequentes.

O segundo aspecto a ser focado é que o PCB, seja na sua elaboração teórica, seja na política de intervenção militante (em particular, na fase que se inicia em 1922 até a virada dos anos 30), não teve a característica de constituir-se em um mero apêndice das leituras da IC, que seria a marca da fase posterior à consolidação do stalinismo. Podemos sinalizar para autores pouco debatidos como Octávio Brandão, com *Agrarismo e Industrialismo*, que nortearia polemicamente em grande medida as reflexões marxistas do período até os anos 30, e o ensaio de Leôncio Basbaum, *A Caminho da Revolução*

⁵⁷Moraes, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil:...*op.cit., p. 122.

Operário Camponesa. Em que pesem as debilidades teóricas, já que ambos os ensaios apontam para uma certa inevitabilidade do processo histórico, e nesse sentido sugerem uma reflexão marxista advinda de uma apreensão metodológico positivista característica do pensamento marxista da II Internacional, consideramos valiosas suas reflexões, na medida que são autônomas, elaboradas no período de influência das teses da III IC.⁵⁸ De fato, não seria de estranhar, já que essa foi uma influência no pensamento social brasileiro no século XIX e o viés teórico metodológico determinante até os anos 20 e que somente seria polemizada com os novos rumos a partir dos anos 30.

Dentre os aspectos apontados nos de Brandão e Basbaum, há outros que merecem um desenvolvimento, em que pese a pontualidade desta exposição. Em nossa leitura, percebemos que a perspectiva revolucionária nacionalista já encontrava subsídios importantes nos anos 20, quando o debate marxista no Brasil encontra sua continuidade na virada dos anos 30. Diferenciada dos rumos já conhecidos, e enveredando por caminhos tortuosos, essa perspectiva chegaria à *Escola Militar. Nacionalismo e revolução* são apontados pelos autores como eixos de uma reflexão marxista, configurada em um inédito esforço de fundamentação, na medida em que procuravam incorporar a questão nacionalista e o papel da *pequena burguesia*, bem como sinalizar com elementos de avaliação inovadores para a época, *particularmente ao procurar um diálogo com os tenentes*.

Sem dúvida, o objetivo era fundamentar um projeto de revolução como etapa processual rumo ao comunismo, mas ambos os ensaios possuíam um patamar de reflexão diferenciado face à lacuna teórica preexistente e aos poucos subsídios advindos das reflexões teóricas do século XIX. Não obstante, ainda que seja um debate inconclusivo e sujeito a polêmicas de várias ordens, é um diferencial teórico significativo a ser contemplado, e entendemos que Brandão, assim como Basbaum, tiveram o mérito de pensar a questão de um projeto socialista ou comunista pela perspectiva nacionalista, ao menos até os anos 30, ainda que fossem posteriormente hegemonzados por outras

⁵⁸Brandão, Otávio.(Mayer, Fritz) *Agrarismo e Industrialismo*. Buenos Aires, 1926 e Basbaum, Leoncio. (Machado, Augusto) *A Caminho da Revolução operário Camponesa*, R.J., Ed. Calvino, 1934, Moraes, João Quartim. *A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros in Moraes, João Quartim. (Org). História do Marxismo no Brasil. Vol. II...op.cit., p. 66 e ss; José da Silva, Angelo. Tempo de Fundadores in História do Marxismo no Brasil: Visões do Brasil, vol. IV. João Quartim de Moraes e Marcos Del Roio (org.) Campinas, SP: Editora Unicamp, 2000, p.127 e ss, Cerqueira Filho, Gisálio. A Influência das idéias socialistas no pensamento político Brasileiro...op.cit. p.18 e ss.*

correntes teóricas. Vale ressaltar ainda que dessa rotação, pautada pela camisa-de-força que significou a umbilicidade do PCB à IC a partir dos anos 30, aborta uma rica e pioneira reflexão teórica, que tinha por objetivo pavimentar um projeto de revolução sob a perspectiva das sociedades nacionais⁵⁹ e, neste sentido, entendemos que, em relação ao debate nacionalista, somente na década de 50 é que teremos um outro salto com semelhante densidade, ainda que pautado por vetores analíticos diferenciados, com a singular contribuição de Sodré, entre outros.

Entre os autores do período subsequente, podemos retomar ainda alguns aspectos ilustrativos dessa polêmica, que podem contestar o fato de que tenha ocorrido a derrota da dialética.⁶⁰ O médico Manoel Bomfim, autor nacionalista bem mais próximo do socialismo, apresenta em seus trabalhos virulentas teses antiimperialistas, uma leitura progressista do papel do exército e a centralidade do povo em nossa história.⁶¹ Na análise de sua obra, podemos destacar aspectos pioneiros na sua reflexão política observáveis a partir do volume *Brasil Nação*, de 1931, que acreditamos seja um reflexo da tensa dicotomia *comunismo da IC e Integralismo*. Na ocasião daquela publicação, Bomfim estava fortemente influenciado pela vitoriosa revolução mexicana e, a rigor, algumas passagens sugerem que essa seria o modelo a ser referenciado, na medida em que apontava para o reerguimento de uma auto-estima nacional, na ocasião um tanto perdida. Entendemos que esse autor bem representa a tensão de uma terceira via, facilmente observável nesta passagem:

*apurando se possíveis as formas e os processos mexicanos, teríamos o lineamento da revolução possível, indispensável e eficaz. Nem fascismo nem jargão da III Internacional, mas um programa que dimanava diretamente da situação histórica e geográfica.*⁶²

⁵⁹ Del Roio, Marcos. *A Classe Operária na revolução Burguesa: A Política de alianças do PCB-1928-1935*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990, p. 13.

⁶⁰ Konder, Leandro. *A derrota da Dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil...* op.cit.

⁶¹ Como bem coloca o ensaísta Aluizio Alves, sua obra revela uma outra herança que permanece esquecida, ou seja: *aquela que coloca o povo e não a elite como centro de reflexão*. In Alves Filho, Aluizio. *Manoel Bomfim: um ensaísta esquecido*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979, p. 8 e ss.

⁶² Chacon pontua a necessidade do resgate do autor e sua obra, como também sinaliza para o aspecto dicotômico de uma alternativa socialista apresentada e pouco debatida. Chacon, Vamireh. *História das Idéias*

É importante salientar que, foi Bomfim, com sua positiva leitura do papel do exército em nossa história, quem possivelmente melhor representou e influenciou uma geração de militares e intelectuais que ganharia notoriedade graças às suas teses no período pós 50.⁶³ Antecedendo o debate em quase 30 anos, suas análises certamente revelam, na perspectiva de Sodré como também no pioneirismo de suas posições progressistas, a substância de um debate posterior.⁶⁴ Elaboraões teóricas que estavam décadas à frente de seu tempo. Esses apontamentos ilustrativos de um rico e pouco desenvolvido debate à época, que, seguramente poderia incorporar outros intelectuais importantes como Vicente Avelar, Euclides da Cunha, Evaristo de Moraes, sugerem uma possibilidade de um entendimento e de um enfoque pouco desenvolvido na perspectiva socialista, ou seja, a possibilidade efetiva de *o nacionalismo se configurar em uma perspectiva ofensiva como superação de uma etapa histórica e à esquerda.*

Entre os autores da própria linha do debate historicista da II Internacional, destacamos em especial a corrente ortodoxa marxista alemã (Kautsky e Bernstein) e a relativista francesa (Mallon). Essas correntes sinalizaram militantemente em seus trabalhos - apesar do viés positivista presente em vários momentos naquelas leituras - para uma ação política particular que resultou, por ocasião da primeira guerra, em seu esgotamento, ou porque não dizer, em uma catástrofe quase anunciada, como lembraria Lowy.⁶⁵ Outros teóricos historicistas marxistas de diferentes nacionalidades legitimaram essa leitura, como

Socialistas no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1965, p. 359 e Bomfim, Manoel. **O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira,** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1960, p. 350 e ss.

⁶³Por exemplo, o jornalista Noé Gertel, em áspersas polémicas com Carlos Marighela após o golpe de 1964, afirmou: *Nos dois últimos meses que ficamos juntos, discutimos muito a questão do exército. Eu tinha acabado de ler um livro, de Manoel Bomfim, sobre o papel do Exército na vida brasileira. Marighela não aceitava mais a 'visão do partido' de que os militares tinham um papel progressista na história do país.* Mir, Luís. **A Revolução Impossível: A Esquerda e a Luta Armada no Brasil.** São Paulo, ed. Best Seller, 1994, p. 269 e apontamentos interessantes sobre as teses de Bomfim, também podem ser observados em Moraes, João Quartim. **O Programa Nacional – Democrático: Fundamentos e permanência in História do Marxismo no Brasil: Visões do Brasil,** vol. IV...op.cit., p. 165, nota 31.

⁶⁴Como podemos perceber na leitura do cap. VIII do Brasil Nação in Bomfim, Manoel. **O Brasil Nação...**op.cit.; p.405 a 451. Na 3ª edição da *História da Literatura*, Sodré escreveu que Manoel Bomfim, apresenta: *um sentimento nacionalista de que a lusofobia foi um apenas transitório, como pela preocupação em analisar e interpretar o passado Brasileiro à luz de novos instrumentos entre os quais o marxismo. Na obra contraditória de Bomfim há muitos aspectos positivos a considerar e elementos de informação para o conhecimento do passado literário brasileiro que não devem e não podem ser esquecidos.* Sodré, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira: Seus Fundamentos Econômicos.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964, p.380.

⁶⁵Lowy, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...**op.cit., p. 110.

é o caso do russo Plekhanov e Lênin ou dos italianos Ferri e Turati, também influentes em nosso cenário e na formação de Sodré, conjuntamente com Lukács, em sua última fase. Polêmicas à parte, o historicismo marxista é, sem dúvida, um componente que remete à construção do pensamento político de Sodré e à sua leitura de nacionalismo como etapa de um projeto socialista nos anos 60, ainda que outras influências norteadoras de sua elaboração devam ser aqui pontuadas.

No entanto, fica patente uma lacuna a ser respondida em nosso debate: a real influência desses autores entre os militares republicanos ou nos setores nacionalistas de esquerda naqueles tempos de *Colégio e Escola Militar*. A possibilidade dessa influência ainda está para ser dimensionada, mas, não é improvável, na medida em que tais reflexões sinalizavam para uma leitura programática e conflituosamente incorporavam *os tenentes e a pequena burguesia* no processo em curso nos anos 20/30, sem mencionar os pontuais esforços partidários de organização e de apreensão teórica do papel dos militares pelos PCB. Acredito que esta leitura permita apontar nesses ensaios alguns setores de esquerda que enfrentaram os desafios de construção de uma alternativa teórica e política, e contribuíram - por caminhos tortuosos e claramente de difícil mensuração - para uma reflexão sobre a esquerda militar e nacionalista presente nos tenentes daqueles anos. Veremos pela própria trajetória de Sodré, as pistas comprobatórias desta possibilidades em relação à construção de seu pensamento político, particularmente nos momentos de sua rotação à esquerda nos anos 40.

As novas mediações na esquerda militar

O despertar de uma consciência nacional irrompe com a Primeira Guerra Mundial, que foi, em muitos sentidos, um marco, na medida em que expôs a fragilidade de nosso sistema nacional e despertou nos estudantes e na pequena burguesia urbana uma tomada de consciência sobre as debilidades da nação. Nas palavras de Quartim,

A guerra mundial, a trazer a questão da defesa nacional para o centro da preocupações, favorecera a eclosão de movimentos nacionalistas de base urbana, com forte participação dos industriais, de intelectuais e dos estudantes, categorias sociais que não encontravam nos partidos políticos da oligarquia agrária ambiente propício

*as suas aspirações, ligadas à industrialização, `integração econômica e política do país, `integração econômica e política do país, à urbanização e ao fortalecimento dos órgãos do poder estatal nacional, a começar pelo exército.*⁶⁶

Assim, face à necessidade de apoio popular que o novo momento exigia do governo de plantão, estabelece-se uma campanha cívica - com a adesão entusiástica de Olavo Bilac - no sentido inverso da proposição de Constant: de *soldado cidadão para cidadão soldado*. Consta que foi uma campanha de enorme repercussão no país, não somente face ao prestígio de Bilac, como também pelo fato de ter sido expressa através de uma organização intitulada *Liga da Defesa Nacional*, cujos objetivos programáticos até pareciam bem utópicos em seus princípios, mas sem dúvida eram positivos em relação à constituição de um exército nacional e democrático, sem falar na proposta de instrução generalizada do povo como pressuposto dessa organização. Era um programa avançado para a época e ganhou o imaginário popular de uma forma até então inédita.

Ao final da guerra, o exército consegue politicamente um tento, com a supressão da *guarda nacional* - mais um instrumento de poder local a serviço dos coronéis⁶⁷ -, golpeando um dos suportes localizados do latifúndio e estabelecendo de fato a condição de ser a única instituição de poder nacional. Pouco depois, a instituição enfrentaria o desafio da modernização sob orientação de uma missão militar francesa. Várias escolas são fundadas; outras, reformadas, e se estabelecem os cursos de Estado Maior como também uma linha de ensino que tinha por objetivo principal incorporar nos jovens militares a *verdadeira disciplina republicana*. Na verdade, independente das dificuldades e dos avanços e recuos com que aquele trabalho foi sendo desenvolvido ao longo de quase 10 anos, um dado é sintomático: eram mais que evidentes os sinais da fase terminal da república oligárquica e, para os jovens oficiais, a reforma da instituição, naquela conjuntura, já se apresentava como um objetivo secundário face a tarefa maior que se impunha: reformar a nação.⁶⁸

⁶⁶ Moraes, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil*. op.cit., p. 120 e ss.

⁶⁷ Nogueira, Marco Aurélio. *As Desventuras do Liberalismo: Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República...*op.cit., p.52 e ss.

⁶⁸ Moraes, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil*. op.cit., p.129, vale citar; Rouquié, Alain (Coord). *Os Partidos Militares no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1980, esp. o cap. III e Peregrino, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...*op.cit p. 118.

Esse processo tem início, de forma confusa e vaga, com uma rebelião à esquerda dos tenentes e que até aponta para o cenário de uma a revolução na ordem do dia, tendo por estopim o fechamento do *Clube Militar*, na ocasião, um espaço democrático consolidado da jovem oficialidade onde eram debatidas as questões nacionais. Daí a alguns dias, ocorre o levante do Forte de Copacabana, em 22. No período subsequente, o Brasil é sacudido por uma série de rebeliões, que culmina com a eclosão do movimento de 24, seguida pela posterior formação da Coluna Prestes e sua inserção épica pelo interior brasileiro, cujo epílogo é traçado com o exílio da tropa na Bolívia. A fase seguinte e a última desse processo é a formação, nos anos 30, da Aliança Liberal. É um período que sinaliza para uma renovação, quanto às formas de luta e de contestação e, principalmente, para um amadurecimento político significativo, na medida em que a luta se configura desta vez com mais clareza contra o regime oligárquico e não contra os governos, daí o seu caráter nacional e não localizado. Ao que parece, dissipam-se mais uma vez as ilusões de que mudanças poderiam ser viabilizadas em uma ordem institucional legitimada pela fraude e pela corrupção. A resposta deveria vir pela força.

Genericamente intitulado de *Tenentismo* e como conceito sujeito a várias e inconclusivas interpretações, esse processo ainda continua a apontar para apreensões diferenciadas, algumas delas contraditórias. Foge ao nosso objetivo recuperar esse debate⁶⁹; e, optamos por insistir na tese de que os tenentes eram militares de esquerda, nacionalistas e revolucionários. Mas de que cepa? Sem dúvida, seus manifestos expressavam a indignação *moral* quanto ao *status quo*, ainda que a lacuna produzida pela falta de um programa revolucionário consubstanciado teoricamente fosse evidente; mais ainda para algumas lideranças posteriores. Luiz Carlos Prestes chegou a afirmar, muitos anos depois, que a Coluna Prestes fora um *arroubo da juventude*, demonstrando, com essa frase, a presença de um espírito de revolta, mas também a ausência de um projeto. Por essa razão, sempre que nos referirmos a Sodré (e a outros militares de patente superior) como *tenente*, a pontuação em *itálico* indica que seu significado expressa uma *visão social de mundo*, concepção

⁶⁹ Borges, Vavy P. **Tenentismo e Revolução Brasileira**. S.P., Brasiliense, 1992; Prestes. Anita Leocádia. **Tenentismo Pós 30: Continuidade ou Ruptura?** S.P., Ed. Paz e Terra, 1999; Aquino, Laura Christina Mello de. **Os Tenentes Estrangeiros: A participação dos Batalhões estrangeiros na rebelião de 1924 em São Paulo**. João Pessoa: A União/UFPB, 1988, Corrêa, Anna Maria Martinez. **A Rebelião de 1924 em São**

ideologicamente revolucionária, à esquerda e nacionalista, na política como também pautada por uma concepção ética em grande medida utópica. É nesse sentido que conceituamos esta leitura do *tenentismo*. Como sugere Lowy:

*Para se tentar evitar esta confusão terminológica e conceitual, eu acho que é útil tomar a distinção feita por Mannheim entre ideologia e utopia, mas que deve procurar outro termo que possa se referir tanto às ideologias quanto às utopias, que defina o que há de comum a esses dois fenômenos. Termo que me parece mais adequado para isso, e que proponho como hipótese neste momento é “visão social de mundo”. Visões sociais de mundo seriam, portanto, todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjunto esses unificados por uma perspectiva determinada, por um ponto de vista social, de classes sociais determinadas. As visões sociais de mundo poderiam ser de dois tipos: visões ideológicas, quando servissem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo; visões sociais utópicas, quando tivessem uma função crítica, subversiva, quando apontassem para uma realidade ainda inexistente.*⁷⁰

No âmbito dessa última concepção é que enxergamos uma fase da leitura de mundo, da obra e do pensamento de Nelson Werneck Sodré em sua transição para o Marxismo. Veremos, ao longo dos demais capítulos, como consubstanciaremos essa transição à esquerda. Todavia, as tentativas de alguns setores tenentistas de incorporar as classes populares e operárias à revolta de 1924⁷¹ (malogradas, ao que parece, devido às objeções dos oficiais de alta patente); os contatos com o PCB para participar do processo insurrecional e até mesmo a criação de batalhões de voluntários estrangeiros, excluem a possibilidade de entender o tenentismo como um movimento militar elitista ou dissociado

Paulo. São Paulo, Hucitec, 1976, Meirelles, Domingos. **As Noites das Grandes Fogueiras: Uma história da Coluna Prestes**. Rio de Janeiro, Record, 1995; entre outros citados na bibliografia.

⁷⁰Lowy, Michael. **Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista**. S.P., Cortez Editora, 1996, p. 13 e 14.

⁷¹Esta é uma questão polêmica. Houve a participação de civis, mas a classe operária, ao que parece, teve participação residual. Existem referências parciais e pode-se apontar para a hipótese de que a grande influência anarquista entre os italianos influenciou a resistência a participar da revolta. Aquino, Laura Christina Mello de. **Os Tenentes Estrangeiros**:...op.cit., p. 23 a 49; Moraes, João Quartim. **A Esquerda Militar no Brasil**. op.cit. p. 147 e ss; Sodré, Nelson Werneck. **O Tenentismo**. op.cit., p. 30; Corrêa, Anna Maria Martinez. **A Rebelião de 1924 em São Paulo**... op.cit., p. 160 e Meirelles, Domingos. **As Noites das Grandes Fogueiras**: op.cit., p. 131 e ss.

de uma visão social mais ampla⁷². Ao contrário, ainda que essa perspectiva elitista tenha se apresentado em um primeiro momento, os fatores acima apontados são fortes indicativos de que as iniciativas de ampliação do arco político, na fase posterior, sugerem que ocorreu uma reavaliação e um amadurecimento qualitativo significativo.

De qualquer forma, ainda persistem dúvidas em relação às possibilidades e ao entendimento real da situação, bem como do horizonte ideológico dos militares (lembrando que, se a maioria era de jovens oficiais, sua liderança era de alta patente). Em que pese estas hipóteses, penso que é correto afirmar que os objetivos do movimento não ultrapassariam *limites burgueses (ou pequeno burgueses) da consciência democrática revolucionária*, radicalizada ao extremo em um país dividido, como sugere a tese de Nelson Werneck Sodré⁷³.

A Escola Militar como palco de debate

O cenário acima descrito se refletiria, de forma significativa na consciência ideológica das novas gerações de oficiais militares alunos e professores, que estavam se formando politicamente e vivendo essas tensões nos Colégios e na Escola Militar, fazendo eco à ruptura iniciada nos anos 20. Os trabalhos de Sodré, Apolônio Carvalho e Umberto Peregrino, entre outros depoimentos memorialísticos levantados⁷⁴, se apresentam como eixos descritivos e analíticos de que nos valeremos para recompor aquele quadro.

As influências das mediações postas pela desagregação da república velha e as tensões imanentes do tenentismo em curso já se faziam sentir, naquele período, no Colégio

⁷²Foram criados 03 Batalhões: o Italiano, o Húngaro e o Alemão, sendo que, a condição de engajamento não pode ser entendida como mercenária e sim, devido ao idealismo, à presença de setores de esquerda, e à instrumentalização ideológica que esta iniciativa foi alvo. Em relação ao PCB, houve várias razões, inclusive, de princípios para que o processo abortasse e há pistas de que os oficiais de alta patente, eram contra essa iniciativa política. Aquino, Laura Christina Mello de. **Os Tenentes Estrangeiros:...** op.cit., p. 49; Corrêa, Anna Maria Martinez. **A Rebelião de 1924 em São Paulo...**op.cit., p. 161; Meirelles, Domingos. **As Noites das Grandes Fogueiras:...**op.cit., p.131, 132 e 133; Zaidan, Michel. **Construindo o PCB (1922-1924): Astrojildo Pereira.** São Paulo, Lech, 1980, p. 14.

⁷³Sodré, Nelson Werneck. **O Tenentismo...** op.cit. p. 55.

⁷⁴Peregrino, Umberto. **História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...**op.cit.; Carvalho, Apolônio. **Vale a pena sonhar.** Rio de Janeiro, Roco, 1998 e uma entrevista com o autor realizada em sua casa no Rio de Janeiro na data de 14/01/99; Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras: História oral de Vida dos militares nacionalistas de Esquerda.** Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo, USP, 1998.

Militar, uma instituição tradicional e com fama de rebeldia desde os tempos de sua fundação. A mais famosa foi a de Euclides da Cunha, já no final do império, quando desafiou o então Ministro da Guerra, tentando quebrar a própria espada. Na verdade, era um ambiente militar com todas as obrigações e rotinas de um quartel, mas que também refletia, em vários aspectos, o atraso em curso que representava a velha elite política e militar e, de certa forma, contrastando com outras influências que já sinalizavam no horizonte, como a Missão Militar Francesa. Era um ambiente que gradualmente se politizava, e os autores chamam atenção para o inusitado debate político interno naquela instituição, contabilizada através de vários fatores.

O primeiro fator apontado discretamente por Sodré (e também por Apolônio de Carvalho, embora não tenha freqüentado a instituição) é o fato de que muitos dos professores que conheceria na Escola, egressos dos Colégios Militares (tanto do Rio de Janeiro quanto de Barbacena), eram reconhecidamente de esquerda e, alguns deles, comunistas⁷⁵. Esse fato, apontado na memorialística de outros autores aqui citados, apresenta-se como confirmação da influência de um pensamento socialista na linha do que foi exposto no sub-capítulo anterior. De certa forma, Apolônio de Carvalho, em entrevista ao autor, também concorda com essa hipótese, já que o debate comunista só estará presente na escola militar nos anos 30.

O segundo fator está associado às diversas revoltas militares ocorridas no período e de certa forma, o exposto é ambíguo entre as várias interpretações. Em relação à Revolta de 24, havia um clima de satisfação promovido pela suspensão das aulas, que tornava o acontecimento algo distante e sem muito interesse para a maioria dos alunos, exceto para alguns simpáticos à causa dos rebeldes. A rigor, todos eram praticamente crianças na ocasião. Mas uma importante ressalva é apontada: à medida que os cadetes amadureciam, as simpatias pendiam para os revoltosos, e era enorme o prestígio de Luiz Carlos Prestes entre os alunos. Sua figura pessoal e política foi, na ocasião, um fator catalisador na formação de uma consciência à esquerda, e sua adesão ao comunismo foi recebida, como um fato espetacular. Nesse sentido, no curso daqueles acontecimentos já se fazia presente para os cadetes, e perceptível para a maioria da jovem oficialidade, a estagnação do

⁷⁵ Carvalho. Apolônio. *Vale a pena sonhar*. op.cit. e entrevista com o autor na dada de 14/01/99.

regime, como também a impossibilidade de mudanças pelo voto, abalando o espírito de legalidade que até então era uma norma vigente.

Estes fatores confluíam no Colégio na virada da Revolução de 30, entre manifestações que variavam de franca simpatia a pequenos atos de rebeldia interna, sem posicionamentos mais ousados, e, claro, muitos desapontamentos. Em relação aos professores, por exemplo, exceto por aqueles reconhecidamente de esquerda, o que se viu para a maioria dos alunos, foi a decepção dos adesismos de última hora. Para os alunos, ao que parece, eram acontecimentos de um jogo de que eles não faziam parte ou para o qual não foram convidados. Assim, prevaleceu a indiferença ou uma participação como meros espectadores. Mesmo assim, um dado é significativo, que sugere um firme posicionamento à esquerda dos cadetes naquelas condições, foi a homenagem dos recém-formandos refletida no nome da turma, *Siqueira Campos* (sugestivo de uma posição política), tendo como paraninfo um oficial de reputação ilibada e currículo exemplar.

Nos anos 30, o passo seguinte para a maioria dos alunos egressos dos colégios militares e alguns recém-admitidos por exames é o ingresso na *Escola Militar*, período que coincide, segundo o nosso historiador, com o início de uma outra etapa da história do exército, a *Fase Nacional*, em que o país procura se instrumentalizar de forças armadas nacionais e, principalmente, definir-se como nação⁷⁶. Como elementos para uma compreensão da *Escola Militar*, vale ainda somar a memorialística de Sodré, a autobiografia de Apolônio Carvalho e uma terceira leitura, a de Umberto Peregrino⁷⁷. Mais recente, a autobiografia de A. de Carvalho é mais oxigenada e até elucidativa quanto a um posicionamento. Na sua memorialística, Sodré é extremamente discreto, na medida em que o livro foi escrito nos tempos da ditadura pós 64. O livro de Peregrino recupera aspectos descritivos da instituição, sendo por essa razão fonte importante de consulta, ainda que, por outras razões, igualmente limitado quanto aos aspectos políticos internos.

A *Escola Militar* era uma instituição em transformação e já apresentava sinais das novas influências de uma situação política relativamente mais oxigenada e de uma nova inspiração de ensino, pautada na tradição militar francesa, que gradualmente começava se impor. O perfil dos alunos traçado por esses autores recupera a origem social pequeno

⁷⁶ Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil...*op.cit., p. 231.

⁷⁷ Peregrino, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...*op.cit., p. 45.

burguesa dos cadetes, até porque a opção militar era, na ocasião, uma das poucas possibilidades de estudo e, de certa forma, a possibilidade de ascensão social possível para a maioria dos componentes, sugerindo também, mais uma vez, a presença de uma radicalidade implícita⁷⁸.

A maioria dos internos provinha dos vários colégios militares e alguns poucos entravam através de exame preparatório. Esse é um dado interessante, já que, nessa fase inicial, aqueles que já começavam o curso com uma experiência militar, possuíam como características uma maior disciplina castrense, além de uma postura mais fortemente legalista, que contrastava visivelmente com o perfil dos recém-internos. Estes últimos, chamados de *anechins*, tinham naturalmente mais iniciativa e uma rebeldia civil ainda pouco domada em relação aos seus pares. Não deixa de ser um aspecto a ser valorizado e bem ressaltado por Apolônio de Carvalho em seu trabalho, uma vez que se pode apontar, nessas duas origens, um dos fatores determinantes e influentes para entender o comportamento pessoal e coletivo dos alunos. Segundo o autor, esse é um dado explicativo importante para entender a polarização diferenciada e posterior dos diferentes grupos de cadetes naquela ocasião⁷⁹, ainda que, ao longo do tempo, confluíssem para uma certa homogeneidade que a farda propiciava.

Contudo, a rebeldia marcou aqueles momentos e fez história. Apolônio de Carvalho, em entrevista ao autor deste trabalho, sinaliza para a hipótese de que a transferência posterior da *Escola* para o bairro do Realengo - bem distante da contagiante e centralmente localizada Praia Vermelha - foi uma tentativa de isolar os jovens estudantes das manifestações populares e de esquerda, cada vez mais frequentes no Rio de Janeiro, e de fazer abortar o processo de reflexão, indisciplina e contestação que a nova ordem e os novos ensinamentos procuravam direcionar.

Mas a *Escola*, na ocasião, era também um palco de debates. O estímulo ao estudo era um pressuposto quase institucional. Carvalho conta com detalhes a riqueza e o clima de camaradagem existente, bem como o clima de efusão cultural que aquele espaço lhe

⁷⁸ Lowy, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários...op.cit.*, p. 9.

⁷⁹ Carvalho, Apolônio. *Vale a pena sonhar...op.cit.*, p.35 e Peregrino, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...op.cit.*, p. 67.

propiciava⁸⁰ e os muitos amigos que *lhe descortinavam o mundo da cultura e das leituras*, um dos quais ele cita textualmente, era Nelson Werneck Sodré. O curioso, diz o autor,

*é que boa parte dos cadetes com quem mais convivia ou já eram comunistas ou tinham longo cabedal de leitura marxista, todos muito influenciados por professores dos colégios militares que, além de comunistas, pregavam abertamente nas a revolução...*⁸¹

Nosso entrevistado ainda aponta que muitos alunos vinham de ambientes politizados e atuantes, e que já existiam no interior da escola *algumas ativas mas bem clandestinas células comunistas*. Vários integrantes ativos dessas células, como Leivas Otero, Dinarco Reis entre outros, juntamente com ele, fariam parte do movimento de 35 e, no período pós Segunda Guerra, seriam membros influentes do Comitê Central do PCB. Ao que consta, tanto Sodré como Carvalho tiveram discretos contatos com essas células, em graus variados naquele período. No entanto, ambos parecem valorizar como determinante, a relação de camaradagem até então presente no meio militar e que de certa forma, possibilitou uma conseqüente troca de idéias. Seus relatos, no entanto, não sugerem que foi dessa aproximação inicial que decorreu uma postura ideológica definida. Na ocasião, eram contatos bem reservados.

Como foi sinalizado, eram muitos os professores que pregavam abertamente a revolução socialista, e as relações existentes seja com Sodré, Carvalho ou outros alunos eram extremamente ricas, ainda que esta não fosse uma norma com o conjunto dos aspirantes a oficiais. Vários, para não dizer a maioria, eram extremamente legalistas, bem como o eram os sucessivos comandantes. Ambos lembram com amargura a postura do então Capitão Lott, disciplinado e disciplinador, que impediu, com sua autoridade singular, a adesão dos cadetes e a participação da Escola na revolução de 30, ainda que, nas palavras de Sodré, fosse sem dúvida, um soldado modelar. Ainda assim, a inquietação dos cadetes era crescente, particularmente face ao desapontamento quando o programa até então propugnado pela Aliança Liberal foi se tornando para eles letra morta. A revolta foi se

⁸⁰Na biblioteca se encontravam Sinclai Lewis, Gold e Zola, Darwin, Buchener, Max Nordau e brasileiros como Bilac, Guilherme de Almeida. Carvalho, Apolônio. **Vale a pena sonhar ...** op.cit., p. 37.

⁸¹Carvalho, Apolônio. **Vale a pena sonhar...**op.cit., p. 42 e os depoimentos do Coronel Delcy Silveira e do Brigadeiro Fortunato apontam aspectos correlatos nesta linha in Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras:...** op.cit., p. 96, 129.

expressando paulatinamente no interior da instituição e encontrou significativa expressão em artigos da *Revista da Escola Militar*, da qual Apolônio foi diretor e que contou com decisiva colaboração de Sodré, entre outros. Uma passagem sugestiva do espírito que já reinava naquele meio, assim se expõe:

*Repleto de humor, literatura e debates sobre o Brasil e o mundo, o primeiro número sob nossa direção foi um sucesso entre os cadetes. A começar pela nossa capa - encomendada ao pintor socialista Miranda Júnior, trazia o mundo em chamas e, em primeiro plano, a figura de Mussoline a esmagar com a manopla o corpo nu de uma mulher. Sagaz, Nelson prevê reações e hábil, orienta - nos: - Vamos dar na página 2, embaixo dos créditos, o seguinte título à capa: "O século que matou a poesia". Acho que assim dá prá passar. Passou.*⁸²

Apolônio de Carvalho recupera outros aspectos. Conta que paralelo ao clima de contestação e crítica, já havia um subterrâneo trabalho de mapeamento dos alunos *de esquerda* e ocorreria com ele uma curiosa e infrutífera tentativa de cooptação para o *devido e posterior saneamento* da Escola, fato este confirmado por outras fontes militares⁸³. Logo depois, a direção da Revista passa a Nelson Werneck Sodré, que lhe daria, um novo rumo, *aprofundando-lhe as modificações*, diz Carvalho, *irá torná-la mais rica*⁸⁴. O historiador confirma que procurou, através da revista, priorizar a crítica literária em detrimento das questões militares, bem como estabelecer um canal de diálogo com o meio intelectual. É o momento em que a revista salta fora os muros da instituição e passa a receber várias contribuições. De certa forma, essa etapa da revista sinaliza para uma nova postura pela qual ele se pautaria e constituiria uma marca constante de seu trabalho ao longo de sua vida. Por um lado, tinha por objetivo a educação dos militares; e por outro, seria demonstrar que os militares também tinham *apreço pelas coisas da inteligência*.⁸⁵

O ano de 32 reservaria aos cadetes o dilema maior em um cenário de conflito. Conflito este que na ocasião foi também um reflexo da divisão política da nação. A Escola

⁸² Carvalho, Apolônio. **Vale a pena sonhar**. op. cit., p. 44 e entrevista com o autor em 14/01/99.

⁸³ Cel. Delcy Silveira in Paula dos Santos, Ana. **A Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...** op.cit.

⁸⁴ Carvalho, Apolônio. **Vale a pena sonhar...** op.cit., p. 44 e também Peregrino, Umberto. **História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...** op. cit., p. 73.

⁸⁵ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Escritor...** op.cit., p. 55 e 56.

se dividiu praticamente pela metade e por pouco não ocorreu internamente um confronto armado. Segundo Apolônio:

Por um lado, o regionalismo gaúcho (um terço do alunato é oriundo do Rio Grande do Sul e visceralmente fiel ao poder central) e os do norte e nordeste (onde o tenentismo tem funda raízes) fazem com que a metade da escola se alinhe com Getúlio. Em contrapartida, o anseio por democracia em amplas faixas do povo empurra a outra metade, inclusive a mim, para o lado da rebelião...⁸⁶

A situação interna só seria superada por ocasião de uma tentativa de desarmar a *Escola* pelos oficiais superiores. Esse fato despertou uma antiga, condensada e unitária rebeldia de corpo, que possibilitou uma bem vinda unidade tática, mas, para os autores, também já findava o período de formação. Ambos logo foram declarados aspirantes e enviados a diferentes unidades militares. Um desabafo de Apolônio de Carvalho é ilustrativo, quando admite que, na medida em que estava se aperfeiçoando profissionalmente, acalentava *o sonho de uma nova sociedade, mais generosa, ainda por definir*. Esse não foi um caso isolado entre os cadetes daquela geração. Entre os aspirantes e futuros oficiais de esquerda, *definição era um como também o problema*, e penso ser esse o caso de Nelson Werneck Sodré. Veremos em seguida as razões.

Primeiras Manifestações

Para pontuar as mediações que balizaram a construção do pensamento político de Nelson Werneck Sodré em sua etapa inicial, vale tomar como pressuposto uma contraposição entre a análise do próprio autor a uma leitura de alienação ou ausência de participação política que – como ele mesmo sugere em suas memórias – que caracterizaria essa fase até 1945. Ou então concordar que Nelson Werneck *não teria alma* – suas próprias palavras - na medida em que ele estaria dissociado de uma posição ou de uma leitura política, como ele mesmo insiste em admitir. Mas veremos que não é bem assim. Ao que

⁸⁶ Carvalho, Apolônio. *Vale a pena sonhar...* op.cit. 44. O depoimento do Coronel Antero de Almeida sinaliza concordância com este aspecto regionalista na atuação política dos militares naquele período in Paula dos Santos, Ana. *À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras:...* op.cit., p. 53.

parece, esses apontamentos podem ser explicados preliminarmente, como resultados de várias situações concretas, seja do ponto de vista teórico, sejam associadas a uma inibição militante ou partidária que seria uma característica constante do autor no pós 50, fortemente influenciada por suas opções de esquerda, necessariamente polêmicas face à sua condição de general. Entretanto, acredito que é outra a razão pela qual a política, nessa fase, não tem a dimensão que o autor sugere, sem esquecer que, nas demais fases, como veremos, sua posição política é também pouco explícita.

Evidentemente, o historiador apreende o conceito de política dissociado de um compromisso político inexistente ainda naquela ocasião, mas essa não é a perspectiva que procuraremos adotar. Em nossa análise, abordamos a política em sua dimensão mais ampla, associada a outras variáveis que, sem dúvida, estão presentes na trajetória do autor e de sua obra. O que constata-se nessa fase é cautela. Cautela quanto a uma condição que é política, militante até, contundente em alguns momentos, e que encontra razões explicativas para não ser apresentada e mesmo para ser admitida como inexistente. Nesse sentido, podemos perceber em sua trajetória inicial posicionamentos não necessariamente lineares, e mesmo polêmicos, mas que remetem a uma coerência evolutiva em sua trajetória como autor e ator, ainda que diferenciada das posições que ele assumiria nos anos 60. Por essa razão, como apontamos na introdução, valorizaremos a linha de argumentação proposta por Netto, relacionada às suas *duas vocações* mediadas pela política, no sentido que estabelecemos acima.

Esse período em que evoluciona uma trajetória fascinante constitui o quadro de fundo de sua obra, que será objeto de nossa intervenção, tomando como ponto de partida esta citação inicial:

Nasci em 1911; tinha 3 anos ao irromper a Primeira Guerra Mundial; seis, quando surgiu a revolução de Outubro; sete, quando terminou a guerra; onze, quando o Brasil completou um século de vida independente (sendo, entretanto, tão dependente ainda). Vivi o tempestuoso período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, com todas as manifestações de renovação econômica, política e social, artística e também as de desespero, a busca angustiada da originalidade, em arte e a luta violenta pelo poder; vivi o mundo em que viveram o Kaiser Guilherme II, da Alemanha, o imperador Francisco José, da Áustria – Hungria, Clemanceau, Poincaré, Chamberlain, Lloyd

*George, o presidente Wilson, Sun Yat Sen, Lenin, para chegar, a Stalin. No Brasil, atravessei justamente o tempestuoso período do tenentismo, na agonia da República Oligárquica; do modernismo, em literatura e artes; da revolução de 1930, do movimento de 1932, do levante de 1935, da ditadura do Estado Novo, do putsch de 1938, da Segunda Guerra Mundial e de nossa participação nela; da reconstitucionalização e das lutas políticas subsequentes, com os golpes e tentativas de golpes de 1945, de 1955, de 1961, de 1964, da ditadura militar então instaurada...*⁸⁷

Como desenvolver esta nebulosa problemática de uma leitura à esquerda em sua obra ? Penso que, para perceber as mediações que nortearam a construção de seu pensamento político, o desafio é, de certa forma, garimpar impressões, frases e passagens em sua obra memorialística. Como podemos depreender da leitura de Lukács⁸⁸, esse é um desafio plural, na medida em que pode refletir apontamentos em grande medida recuperados a partir de uma perspectiva contemporânea, e em que sugere ao leitor que a seleção do essencial já teria sido operada em sua memorialística. É um ponto de partida interessante o reconhecimento desse pressuposto, ainda que esteja sujeito a várias intervenções e reelaborações.

A reelaboração inicial, que é sem dúvida importante, ao menos nesse momento de maturação pessoal, é exposta pelo historiador com singular honestidade, já que traduz uma condição de insegurança imposta por herança e que remete a uma precária condição pessoal que, por sua vez, reflete a condição social da época. Explicação que não se esgota nestes apontamentos, mas admitimos que vão ser importantes pontos de partida para nortear sua futura rotação. Uma outra explicação sustenta-se em uma linha de argumentação em que podem ser necessários acontecimentos externos como desencadeadores de algumas manifestações; como promotores de um despertar para os acontecimentos políticos e posicionamentos ou, enfim, como meios de pavimentar uma rotação intelectual pequeno burguesa à esquerda.⁸⁹

⁸⁷Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Escritor...** op. cit., p. 15

⁸⁸Lukács, G. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1965, p. 63.

⁸⁹Lowy, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários...** op.cit.

Os tenentes entram em cena

O primeiro acontecimento externo, foi segundo Sodré, a revolta do Forte de Copacabana, em 5 de julho de 1922, e despertou seu interesse para o fato político através da leitura dos jornais. Mas não é só. Associadas a uma preocupante situação familiar, o autor também enumera, neste primeiro despertar, outras observações correlatas aos acontecimentos em 1922, particularmente quando percebeu o pânico da população civil face à ameaça de bombardeio e à movimentação de tropas no conflito. Lembranças não muito agradáveis, como ele mesmo conta, mas, a partir de então, nomes como o de Newton Prado e especialmente o de *Siqueira Campos* passaram a ser uma grata referência que, na ocasião, está aparentemente associada a uma tomada de posição política, seja pela leitura de jornais, seja, principalmente, pela marcante posição de simpatias em direção à oposição. Pouco depois daqueles acontecimentos, voltaria para Caçapava, onde tomaria contato com vários oficiais conspiradores e, na ocasião, não ficaria indiferente ao sentimento de revolta contra as autoridades já existente.

Em 1924, entra para o *Colégio Militar*. Comentaria mais tarde, que, sem saber, havia escolhido uma carreira, que não era, na ocasião, sinônima de uma vocação, uma vez que, a opção pela instituição era quase a única possibilidade de ele e de outros jovens da pequena burguesia conseguirem viabilizar os seus estudos. Esse é, sem dúvida, um fator central para apreender os passos da construção de seu pensamento político, ou mesmo entender a relutância com que o autor minimiza sua história e sua participação política nesse período. Ele mesmo concorda com esse fato e aponta-o em muitas ocasiões, como na abertura de suas memórias:

Em algumas pessoas, isto se manifesta cedo e de forma ostensiva, mas a maioria demora em encontrar a atividade preferida ou, balançando entre várias. Outros são compelidos pela vida a fazer o que não gostam, e este é o caso da maioria. Pondo de parte o império da necessidade, a que não se pode fugir, as vocações vêm tarde, quase sempre, e a própria pessoa interessada custa a descobrir a sua às vezes descobre-a

*por acaso: ela a parece de súbito, trazida por acidente e constitui como que uma revelação...*⁹⁰

Nelson Werneck Sodré era de origem familiar aristocrática em um período remoto, mas, o singular é que esta origem era também excepcionalmente rica em manifestações literárias, sendo que, a carreira das armas não encontrava naquela tradição quaisquer exemplos. Mas face à decadência material pela qual sua família passou nos fins do século XIX, o autor admite com singular honestidade que essa foi a forma de se resguardar: *o decoro de classe, de que era naturalmente, ciosa, estava na atividade intelectual*. Esses fatores, confirmam, mais uma vez, tal como argumenta Michael Lowy, que a fundamentação de sua vocação é sugestiva de uma futura postura de *intelectual anti-capitalista*. A tal respeito, dirá:

*meu pai apreciava a leitura e dava-me livros, em minha infância, passou a deixar claro, desde que atingi a adolescência, que devia encarar a urgência em encarrear-me, em adotar profissão ou atividade que me permitisse em o mais cedo possível, prover as minhas necessidades. Essa insistência derivava de sua preocupação em vir a faltar - ameaça desde os meus tempos de menino, pesou realmente sobre ele - e minha mãe ficar sem meios de vida. Ao decidir-me pela carreira das armas - e não foi por influência dele - sua satisfação foi grande. Não a escondeu: era a carreira de estudo gratuito e remuneração assegurada...*⁹¹

Assim, levaria tempo para que se estabelecesse um questionamento político ou militante mais efetivo e acaba prevalecendo a disciplina castrense, nessa fase de amadurecimento. A rigor, sugere, uma profissão providencial poderia ser na realidade, indicativa de uma ausência de vocação, e talvez nada a lamentar, mas sem perceber de que modo, esses aspectos, que nortearam uma formação e a construção vocacional e militante postas naquele momento, colocariam em xeque as possibilidades de compreensão e atuação a que nosso autor faria frente em uma fase posterior. Ele mesmo coloca mais uma vez:

⁹⁰Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Escritor...** op. cit., p. 1.

⁹¹ Idem, pág. 8.

*A vocação, para empregar uma palavra consagrada e desgastada pelo uso, teria saído e as criaturas mutiladas e frustradas, que encontramos habitualmente por fazerem o que detestam, impotentes para fazer o que estimam, teriam cura. Mas é verdade, ao mesmo passo, que muitas pessoas passam a existência inteira sem saber o que querem e o que gostam de fazer. A ausência de vocação também faz parte da realidade...*⁹²

Ainda assim, a dura realidade naquele momento encaminhou-o para aquela opção e posterior admissão no *Colégio Militar*. A realidade de um jovem de origem pequeno burguesa, segundo Lowy, remete a uma situação análoga de maturação política (que poderia até configurar-se posteriormente revolucionária) e, ao longo desse processo, acarretará, em relação a Sodré, aquilo que ele chamou de *fenômeno distinto*⁹³, importante componente para entender sua atuação. Para entender esse aspecto, retornemos por um momento aos tempos do Colégio Militar.

Na ocasião de sua entrada, o colégio era famoso pela disciplina, como também pela qualidade de ensino e todos os procedimentos internos eram análogos a instituição militar. Nas suas palavras:

*O rigor da disciplina no meu tempo era impressionante. Começava com oficiais alunos; que comandavam as turmas, nas formaturas diárias de rotina. Peados, entretanto pela severa censura moral contra qualquer aluno que denunciasse faltas de outros; apertava com os bedéis, que fiscalizavam os alunos por toda parte, no recreio, nas salas de aula, nos dormitórios, nas refeições; estreitava nos oficiais de dia, que fiscalizavam as refeições e eram responsáveis pela disciplina fora do período das aulas. Os alunos eram conhecidos, chamados e tratados pelo número, o nome ficava totalmente esquecido, perdera a serventia [...] Essa exterioridade caracterizava o regime quase que penitenciário que ali reinava.. Para enfrentar o sólido e rigoroso aparelho de repressão, os alunos desenvolviam um espírito de camaradagem e unidade realmente impressionante, permanecendo, ao longo da existência de todos nós, como gratíssima lembrança.*⁹⁴

⁹² Idem, ibidem, pág. 9

⁹³ Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit.

⁹⁴ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op.cit., p. 6. Percebe-se que esta relação de camaradagem é uma característica que norteará várias biografias militares com intervenções políticas distintas, como podemos verificar no exemplo do depoimento do Cel. Delcy Silveira. Paula dos Santos, Ana. *À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras:...* op.cit., p. 95 e ss.

Nesse quadro, podemos reconhecer os subsídios e as razões para uma contundente crítica política de esquerda à educação e ao ensino, que pode ser verificada em seu relato memorialístico, como também em vários artigos analíticos retrospectivos publicados no pós 30. Essas são lições valiosas e importantes para entender como balizar seu comportamento ético à esquerda.

Valemo-nos de algumas ponderações sinalizadas pelo próprio autor. Recordar-se, com certa nostalgia, que, paralela a um regime de disciplina quase penitenciário, com repressão dos bedéis e abusos hierárquicos, também se desenvolvia uma relação ética de camaradagem e de cumplicidade entre os alunos, a qual haveria de se tornar um componente importante de sua formação. Havia transgressões à disciplina, que, embora fossem objeto de criatividade e desafios, também exigiam cautela.

Vários professores eram oficiais militares da ativa e da reserva. Alguns, admirados pela sabedoria; outros, desprezados pela mediocridade bem como por suas posições políticas. Vale ressaltar na sua exposição memorialística várias referências à integridade de alguns professores, que, ao que parece, não era uma norma corrente na instituição. Naquele momento, esse aspecto se apresenta como uma determinação política, sempre ressaltada pelo autor como sendo um traço de natureza ideológica, na medida em que está associado a uma postura ética militante de muitos daqueles professores. Traço importante e, sem dúvida, um componente originário do tenentismo e, de certa forma, do pensamento socialista.⁹⁵ Com certeza, a mediação dos professores foi importante em sua formação, e apresentada de forma diferenciada por professores da instituição com posições políticas variadas. Por um lado, passando por positivistas ortodoxos e até por monarquistas saudosos; por outro, os professores de esquerda, com intervenções militantes igualmente diferenciadas. Ao que parece, refletiam-se no *Colégio Militar*, aspectos correlatos à *babel teórica* existente no país.

Em que pese a apreensão categorial das *duas vocações* sinalizadas por Netto, entendo que a mediação da política já se insere até um pouco antes do período do Colégio Militar, onde ele publicaria seus primeiros artigos com algumas nuances sugestivas de um posicionamento. Embora não chegue a assumir uma postura de negação em relação a sua

⁹⁵Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit., p. 5.

obra, Sodré é taxativo ao fazer a crítica de um dos seus primeiros artigos, publicados na revista *Aspiração* (do Colégio Militar) ainda em 1924, afirmando que nada poderia ser pior. A despeito do debate político reformista de esquerda que exercia grande influência nos intelectuais da época, chega mesmo a sugerir, um desejo de ordem humanista pequeno burguesa característico daquelas influências que apontamos no sub-capítulo anterior:

Canta o gallo, saudando o astro do dia. No horizonte rubro o sol vae a pouco e pouco espargindo sua luz pela face da terra. Os operários levantam-se prontos para a azafama diária. Tudo labuta, tudo trabalha, as crianças brincam, sorrindo inocentemente, com este sorriso que só na infância gozamos, abrindo as portas da lama a alegria. Vem o meio dia, o sol à pino, castiga a terra e os homens como que não sentindo continuam a labutar. Vem a tarde, os mesmos operários que nas fábricas vimos entrar, della saem alegres, cantando em massas, humanas, que passam conversando e rindo, esta alegria que nos dá a satisfação de um dever cumprido. O astro de dia, baixa no ocaso e pouco a pouco a noite invade a terra, então chega a hora do descanso do corpo e da alma. Tudo dorme, as crianças, adultos e velhos, tudo descansa. E mais tarde, quando de novo o atro da luz reaparece no horizonte, ei-lo que, de novo, levantam-se para o trabalho. E assim sucedem os dias, os anos, os séculos e a humanidade passa em marcha para um porvir de progresso e felicidade.⁹⁶

Concordamos com o autor quando diz que sua reflexão política não se expressou de forma contundente através daqueles poucos artigos publicados até os anos 30, mas vale recuperar, para este debate, as demais mediações, que entendemos terem sido importantes na formação de seu pensamento político na fase em questão. Uma delas e talvez seja a mais importante nesse momento, foi o *tenentismo*, até certo ponto apontado como a manifestação política mais significativa daquele período, paralela à qual também ocorria o *Modernismo*, como face diversa e controversa de uma expressão artística da ascensão burguesa e do surgimento de um crescente e agressivo proletariado. Ele procura analisar ambas as manifestações separadamente e, nesse sentido, vamos buscar sua confluência através da mediação política.

⁹⁶ Um Dia. *A Aspiração*. set. 1924. (p. 1)

Nos trabalhos mais recentes, o autor recupera e analisa o Modernismo como expoente de um processo despojado de caráter revolucionário (salvo manifestações isoladas), uma vez que está ausente nesse movimento o componente operário, e também pelo fato de sua base de manifestação e exponencialização ter se situado exclusivamente em São Paulo. Segundo Sodré, também não foi difícil naquela ocasião (quando era bem jovem), perceber que se tratava de uma rebeldia contida e, de certa forma, conservadora, dentro dos limites burgueses. Em seu projeto de reprodução e face ao atraso dos demais setores políticos no país, até que resultou em algum barulho, positivo, sem dúvida, mas sem riscos para a ordem vigente. Nas suas memórias, recuperando retrospectivamente o período - fato valioso para os estudos desta temática- é bem taxativo quando estabelece o seu significado, o que, por si só, não deixa de ser surpreendente:

No ocidente europeu, as inovações artísticas do após guerra, desde 1919, refletiam a angústia de uma burguesia surpreendida em ver brotar, impetuosamente, por força da dialética histórica, do gigantesco conflito em que se buscava decidir competições, a realidade do socialismo, com sua terrível ameaça. Aquelas inovações correspondiam, de um lado, a esse desespero desatinado de uma burguesia decadente, que via o seu fim inevitável aproximar-se inexoravelmente, e, de outro lado, à contestação desorientada das novas gerações pequeno burguesas, órfãs de guia, incompatibilizadas com o passado mas sem nenhum desejo de aderir ao socialismo nascente como realidade institucional..⁹⁷

Na verdade, o historiador acompanhou de perto a *Semana de 22* e todo o processo, em suas variadas manifestações, seja através dos jornais, idas a São Paulo ou pelo contato com as várias revistas lançadas naquele período (a maioria, de curta duração). Embora manifeste simpatia pelo movimento, já admitia, percebendo marginalmente os sinais paradoxais acima expostos, que não havia ilusões quanto a seus desdobramentos futuros. Na ocasião, já ensaiava os primeiros e tímidos passos como escritor, e em 1929, escreve *Obregon*⁹⁸, artigo em homenagem a um general nacionalista mexicano assassinado, contabilizado por ele mesmo como sua primeira manifestação bem como tomada de

⁹⁷ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 32.

⁹⁸ Obregon. *A Aspiração*. jun. 1929. (p. 8).

posição política. Sodré publicaria vários contos nessa época e ao longo daqueles anos, mas é na virada dos anos 30, entre o final do curso do *Colégio Militar* e sua entrada na *Escola Militar*, que se percebe o início de uma série de artigos em que as pontuações de caráter políticos estão associadas a uma curiosidade militante bem suspeita, na medida que são bem freqüentes. Vale registrar que, em que tem início nesse período a sua vocação de escritor, há um hiato de publicações, preenchido por um não tão discreto acompanhamento das mudanças em curso. Neste momento, uma outra influência é decisiva para o autor e sua obra. Qual seria?

A partir do 3º ano interno no *Colégio* e já com um cabedal de leituras acumuladas, Nelson Werneck Sodré trava conhecimento com a história, matéria secundária para a instituição militar, mas mais que básica para o autor, principalmente, devido a um excepcional professor que o marcaria por toda a vida, Isnard Dantas Barreto. Deixemos com ele a palavra:

Ele aproveitava as aulas da matéria para ensinar-nos muito mais do que a história. Suas primeiras aulas eram sempre sobre higiene sexual: mostrava a uma adolescência alvoroçada, cujos hábitos se embruteciam no regime de internato e que era totalmente ignorante no assunto, adivinhando as coisas, como proceder. Sabia aquilo que os pais e mestres fingiam ignorar: que aqueles adolescentes procuravam prostitutas baratas e doentes, contaminando-se cedo e conquistando as esporas da virilidade ao altíssimo preço da saúde física e moral - sob aspectos as vezes profundos - e mesmo social. Ensinava como se reproduzia a espécie humana, o que era ciência, e como se devia proceder para evitar o contágio das doenças venéreas. Isso provocava escândalo, e o professor era tido como elemento errado e até prejudicial, naquele rebanho conformado com a rotina - rotina dos hábitos, rotina das idéias. A verdade é que Isnard Dantas Barreto era mal visto, por parte de seus pares, só era admirado e estimado pelos alunos. Tinha, para atraí - los, além de tudo, o fascínio da irreverência, não mostrando o menor respeito por aquilo que nos obrigavam a respeitar: horários, campanhas, toques de corneta, bordados de general, hierarquia formal. Essa irreverência que, no fundo, era um dos seus aspectos negativos pois levava-o a atritar-se por pequenas coisas, problemas exteriores, superficiais, desprovidos de significação - impressionava os alunos. Criticava o ensino do Colégio, mostrando como era superficial e anódino; os professores, apontando as debilidades

intelectuais notórias de cada um; o regime escolar, desvendo suas incuráveis falhas. Essa parte de espinafração de suas críticas – reduzidas as devidas proporções, com o passar dos tempos, para a visão do adulto, isto é, vista na sua insignificância – seduzia o inconformismo dos adolescentes. Não compreendiam estes – e era natural que não compreendessem – que a rebeldia anárquica ajuda a consolidar aquilo que pretende combater..⁹⁹

A admiração pelo mestre a quem dedicaria vários artigos, sem contar as entrevistas em que era quase sempre mencionado, tinha ainda outros aspectos. I. D. Barreto era um professor que realmente sabia ensinar história, disciplina que retirava do museu e da estática que caracterizava o ensino e punha em movimento, além de propiciar, pela razão, a consistência da análise. Quanto às digressões, estando associadas aos acontecimentos nacionais e internacionais, eram relatadas com o entusiasmo de quem conhecia o assunto, e dele ficou uma lição singular: *a história é ciência revolucionária – a ciência das ciências, aliás, todas são por ela afetadas; um bom mestre de história é, pois, originariamente revolucionário.*¹⁰⁰

Ao que parece, o norte de sua vocação de escritor está determinado. Com Isnard Dantas Barreto, o autor percebeu o movimento histórico da burguesia na Revolução Francesa, e a Revolução Russa não foi apresentada como obra de bandidos, introduzindo Lênin como um gênio político e não um aventureiro vulgar. Através dele, aprendeu que a política também é ciência, e por essa razão esse professor era tido como subversivo e, mais tarde seria expulso da Escola e perseguido em razão dos acontecimentos de 35. Na sua admiração pelo Mestre (filho de um antigo e prestigiado marechal) e pelo amigo com quem partilhou a biblioteca de que dispunha, penso que ele o preserva em muitos momentos na sua memorialística. Admite, no entanto, que apesar dessa influência marcante não enxergou na ocasião uma vocação para história, mas foi com ele que se abriu um leque de conhecimentos e pela primeira vez ouviu falar de Lima Barreto, por muito tempo um ilustre desconhecido e conheceu pensadores italianos como Pareto e Loria, entre outros. Em muitas passagens de sua memorialística, percebe-se que foi através de I. D. Barreto que se aproximou de um leque de autores marxistas. Uma frase solta é também pista interessante:

⁹⁹Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op. cit., p. 24 e 25.

¹⁰⁰ Idem, pág. 26.

*Por essa época, conheci o trabalho de Plekanov e uma brochura francesa com o estudo de Lênin sobre o esquerdismo. Não foi Isnard Dantas Barreto que me emprestou nem um nem outro, comprei-os eu mesmo*¹⁰¹

Recentemente em entrevista a Maria da Anunciação Madureira, admitiria que a influência foi bem maior que o exposto. Nas suas palavras:

*Ficamos amigos, eu freqüentava a casa dele, ele me emprestava livros. Singularmente, ele não me emprestava livros marxistas, embora fosse marxista. Eu me lembro muito que ele me emprestou livros de Pareto, um grande sociólogo italiano, posteriormente convertido, serviu ao fascismo. Mas era um homem de grande pensamento, era realmente uma estrela do pensamento italiano. E outros livros, de Cicotte, de Pareto, ele gostava muito dos italianos. Então ele me emprestava livros, eu lia, discutíamos etc. Ele me iluminou o caminho para o marxismo e para o materialismo histórico, particularmente.*¹⁰²

O historiador abre, a partir de então, nas *Memórias de um Soldado e nas Memórias de um Escritor*, o leque de leituras significativas do debate político de esquerda e socialista com que teve contato e de que se aproximou, sendo por ele influenciado, na linha do exposto no sub-capítulo anterior. Das muitas leituras e autores daquele período, vários foram mercedores de artigos críticos publicados no *Correio Paulistano*, anos depois, dos quais recuperaremos alguns. Algumas daquelas leituras, então já admite, eram de seu conhecimento nos tempos de internato, enquanto outras foram incorporadas ao seu capital cultural sob essa nova orientação. Passaram a fazer parte de seu cotidiano autores como Balzac, Casanova, Flaubert, Stendhal, Dickens, Anatole France e Gorki; escritores que, como recorda Lukács, estão inseridos em um universo em que o *contraste entre participar e observar* não é uma causalidade e sim uma posição de princípio já assumida em face da vida e dos grandes problemas da sociedade; sociedade esta que reflete fases diferenciadas do

¹⁰¹ Idem, *ibidem*, pág. 32.

¹⁰² Entrevista de N.W. Sodré concedida a Maria de Anuncia o Madureira em 16/12/1996 e gentilmente cedida ao autor deste trabalho. Também publicada na Revista **Margem** da Fac. de Ciências Sociais da Puc/SP, número 9, maio de 1999, p. 270.

capitalismo.¹⁰³ Em vários artigos, podemos observar exemplos ilustrativos de uma influência com impactos diversos no autor e em seu pensamento político, como o caso de Flaubert, que representa a ironia entre a banalidade pública e privada da pequena burguesia; ou de Zola, um crítico da sociedade capitalista que também expressa em sua obra o esgotamento de uma radicalidade impossível de ser viabilizada naquele sistema. Diria Lukács sobre esta questão:

*Balzac, Stendhal, Dickens, Tolstoi representam a sociedade burguesa que se está consolidando através de graves crises; representam as complexas leis que presidem a formação delas, os múltiplos e tortuosos caminhos que conduzem da velha sociedade em decomposição à nova que está surgindo. Eles mesmo viveram este processo da formação em suas crises, participaram ativamente dele..*¹⁰⁴

Sem dúvida, eles também, de certa forma, representaram novos estilos que surgiram da necessidade de representar novas formas da vida social, em que as relações indivíduo e classe já são por demais complexas. Nesse caso, há um aspecto novo, ressaltado por Octavio Ianni, que, seguramente, exerceu inegável influência em Sodré e sua obra: vários desses autores, já manifestavam-se em suas narrativas literárias, de forma aberta ou implícita, consciente ou inconsciente, uma concreta preocupação pela *Questão Nacional*¹⁰⁵. Na verdade, percebe-se algumas das razões destes intelectuais influenciarem fortemente nosso autor, na medida que, refletem em suas obras, a crítica ideológica dos intelectuais burgueses do século XIX, no qual os ideais postos, estão em xeque ou em franca dissolução. Era este o quadro constitutivo do Brasil da primeira metade do século XX, quadro em que Sodré enfrenta seus próprios dilemas e, de forma correlata, tensões de várias ordens. Essas tensões vão nortear sua vocação intelectual e influenciar dialeticamente sua vocação profissional pela mediação da política, ainda que de forma gradativa e processual ao longo dos anos subsequentes. Alguns artigos já sugerem que a política está presente e se refletindo nesse processo, a exemplo de *Casanova e Stendhal*, na qual, em uma passagem sugestiva, ele declara que:

¹⁰³ Lukács, G. *Ensaio sobre Literatura*....op.cit., cap. II.

¹⁰⁴ Idem, cap. II.

¹⁰⁵ Ianni, Octavio. *Sociologia e Literatura*. 1ª versão, número 72, IFCH/Unicamp/97, p. 11 e ss.

*qualquer comentário sobre a vida deste aventureiro extraordinário cumpre fazer uma afirmação segura: não vamos explorar o nome de Casanova porque ele traz sempre a idéia de frascaries. Não nos importa o lado puramente libertino da vida ele. Não faremos como aqueles que, imbuídos de puritanismo, falso puritanismo, atirando lhe injúrias, cobrem o seu nome de bordões mas espalham suas aventuras mais sujas, colecionam, para o gosto vulgar, o que de mais sólido há nessa vida deliciosa. Não pretendemos, a um tempo, fazer o moralista e ganhar direito divulgando proezas horizontais de outrem. É preciso uma grande honestidade para comentar Casanova e é essa honestidade que, sem termos sido jamais moralistas, vamos ter aqui.*¹⁰⁶

Nelson Werneck Sodré faz a crítica da crítica, e apresenta, nesse artigo, a hipocrisia e a falsa moral da sociedade burguesa, apresentando elementos erosivos de análise, bem como de um singular posicionamento político. Pontua a influência que Gorki representou em seus primeiros e decisivos anos, com a leitura de *A Mãe*, em que o drama e a miséria camponesas se apresentam de forma contundente. Através desse trabalho e também de *Os vagabundos* conheceria o destino do esquecidos, já que, entre outros livros, foram encontrados casualmente em um porão. Nesses artigos, sempre se refere a Gorki como um amigo longínquo e a razão da lembrança, no presente momento, resulta da identificação da situação social sobre o qual, ressalta, na crítica de então, todos fogem de comentar. Compara *Tolstoi e Gorki*¹⁰⁷ em artigo com o mesmo título e deixa bem clara a repulsa pelo primeiro e quase admiração pelo segundo, na medida em que resume no primeiro, a posição de um aristocrata que procura na sua decadência o povo, sem apontar uma alternativa propositiva a superação de suas tormentas, enquanto em Gorki resplandece uma outra dimensão, na medida em que é apontado como um humanista fecundo, que na sua origem social de servidão se apresenta na sua obra como uma chama de ação. Outra influência daquele momento é Blasco Ibanez, que recupera em *A Catedral*, artigo publicado alguns anos depois. Algumas reminiscências, ainda que longas, valem ser reproduzidas:

Não tendo sido jamais, um opinado da religião, a impressão mais funda que trago, desse tempo, é que, naquele cárcere, os livros eram desarmados, a leitura assumia aspectos criminosos quando sabia dos limites estreitos do catecismo. Não podia deixar

¹⁰⁶Casanova e Stendhal. *Correio Paulistano*. 13 nov. 1934. (p. 90)

*de me insurgir contra os preceitos que me vedavam os contatos com os livros. Por isso a paixão pela leitura deitava raízes em mim, e funda raízes... [...] Não foi pois escondido que li “A Catedral”. É verdade que isso se deu em outro internato onde havia, também, um profundo horror à cultura, mas ali tolera-se que os detentos lessem nas horas destinadas ao recreio. O meu espírito, já então libertado do terror cósmico, se inclinava, por motivos de ordem puramente sentimental, para as questões sociais. Da mesma forma que os tempos me aprouveram aceitar o cristianismo como solução igualitária, as descrições da miséria, que eu lia, conduziram-me a uma rebeldia contra o estado de coisas que permitia, no seu ambiente, tais disparidades. Interpretando a luta social pôr uma simpatia para com os desprotegidos, saint simoniano sem o saber, eu sonhava com ideais abstratos, soluções que elevassem o homem a um nível superior, uma sorte de cristianismo laico que redimisse e purificasse. [...] Todos nós, que viemos, mercê da organização de família, patriarcal e religiosa, da crença absoluta da emancipação espiritual, sofremos os mesmos impulsos. De início, quando deante da onda dos conhecimentos novos, o velho edifício da fé se desagrega, somos impelidos para o extremo oposto. E quiçá, uma sorte de inércia no movimento o que nos leva para a negação absoluta e também para o combate e para a aspereza. Mais tarde, com a sedimentação dos conhecimentos e com o acúmulo da cultura é que nossa mentalidade encontra a sua tranquilidade, numa concepção puramente material dos fenômenos, numa libertação consciente e nítida dos dogmas e das crenças. “A Catedral” contribuiu na minha meninice, para que a ruína da fé, no meu espírito, se perpetuasse e trouxe-me uma concepção mais nítida da luta social, tirando-lhe, aos meus olhos, o aspecto sentimental, para dar - lhes a feição de fatalidade econômica. Pôr isso, ao reler aquelas páginas que me fizeram vibrar, na infância e que hoje, para mim, nada significam, revejo-me no rapazinho que, tantos anos atrás, começa na leitura infatigável, a formar a sua mentalidade e povoar a sua imaginação, donde os deuses fugiam, com concepções novas que o conduziam a uma libertação tolerante e doce, onde não há amargores e decepções.*¹⁰⁸

Escrito no ano de 35, saltam aos olhos, nessas reminiscências, as influências da *babel teórica* e, sem dúvida, em grande medida, também estão associadas à trajetória do autor. Como ele mesmo recorda e esse debate não está presente em suas memórias, o

¹⁰⁷ Tolstoi e Gorki. *Correio Paulistano*. 31 out. 1934. (p.86)

período anterior remete à presença de referências que, segundo entendemos, sugerem a linha de argumentação desenvolvida, já que se trata de autores de um pensamento socialista utópico e, principalmente, de autores da II Internacional, conflituosamente assimilados em nosso cenário e que como sugerimos, também influenciaram Sodré. Em uma única frase, penso que ele confirma esta linha de argumentação, quando diz no artigo citado que era um *saint simoniano sem o saber*. Ainda em suas memórias, o autor confirmaria a força dessa leitura e reafirmaria que Blasco Ibanez é um exemplo de intelectual que lhe causou forte impressão naquele momento, particularmente em seus artigos como os *jesuítas*, que reflete um forte anti-clericalismo e com *A Catedral*, que realçava um pano de fundo anarquista com um socialismo romântico permeado por incursões filosóficas. São exemplos que escapam à auto crítica desqualificadora que ele próprio comumente estabelece, e, lembrados como influências importantes, tanto que, ainda hoje, são artigos que Sodré admite ser dignos de republicação

Nesta fase, menciona ter recebido outras influências teóricas, como os trabalhos de síntese histórica de Henri Beer, entre outros materialistas de esquerda de um quadro teórico pautado no historicismo relativista, e ao que parece, coqueluches da época, como Buchener e Haekel. Mas vale um parêntese sobre esta questão. Ainda que esses autores sejam hoje adjetivados de vulgares¹⁰⁹, o que sugere em grande medida sua desqualificação teórica, entendo que podemos situá-los como pavimentadores de um debate marxista do qual nosso autor veio a se aproximar. Concordamos que as limitações dessas leituras e dos autores são muitas, mas vale lembrar que Lukács, - ainda que concorde com o adjetivo *vulgar* -, visualiza neles uma identificação sensível entre o *velho materialismo o materialismo marxista*¹¹⁰. Como já mencionamos, está presente a influência, no período, de outros autores historicistas marxistas da II IC como Plekanov e o jovem Lênin, ainda que essa determinação se faça bem mais consistente no pós década de 50 do que nesse momento. Vale mais uma vez ressaltar que, no caso de Sodré, ainda que tenha sido um debate teórico - como ele mesmo reconhece - insuficiente, alguns de seus primeiros interlocutores marxistas

¹⁰⁸ "A Cathedral". *Correio Paulistano*. 24 jan. 1935. (p. 104)

¹⁰⁹ Konder, Leandro. *Intelectuais Brasileiros & Marxismo...* op.cit., p. 75

¹¹⁰ Lukács, George. *El Asalto a la razon: La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. Barcelona, Ediciones Grijaido, S.A., 1972, p. 332.

como Plekanov, subsidiaram algumas de suas reflexões no diálogo crítico com os vulgares¹¹¹.

Foi possivelmente com os Materialistas Vulgares (médicos de formação) que Sodré apreendeu o conceito (igualmente biológico) de *Heterocronia*¹¹², que estará presente ao longo de suas reflexões nessa fase e mesmo, em algumas reflexões contemporâneas¹¹³. Percebe-se que a utilização desse conceito *intuitivamente* remete ou antecede por hipótese a uma proximidade com o conceito de *Dualidade*¹¹⁴, que somente estaria presente na análise do processo histórico brasileiro via ISEB nos anos 50/60, muito freqüente no debate teórico daquela instituição, como também a utilização por Sodré, de um outro conceito, quase análogo àquele: *a contemporaneidade do não coetâneo*¹¹⁵. Uma outra hipótese é que essa possibilidade possa ser creditada à obra e à influência de Oliveira Vianna¹¹⁶, que igualmente utiliza o conceito em seus trabalhos, muito lidos pelo autor essa época. São esses aspectos correlatos que sugerem que o encontro do autor com o marxismo estará pautado por um suporte crítico e dialético *a posteriori* mas que, com certeza, que possibilitará ao autor uma rotação à esquerda *quase evolutivamente* natural. Por fim, também admite que recebeu, neste período, um leque de influências de autores nacionais, alguns desconhecidos do grande

¹¹¹ Plekhanov, G. **Obras Escolhidas**, Moscou, Ed. Progresso, 1987, p. 15 e 135.

¹¹² Segundo Sodré: *heterocronia* quer dizer essas coisas que não ocorrem sempre ao mesmo tempo e em toda a parte. O mesmo fenômeno ocorre em tempos diferentes, conforme o lugar. Entrevista de N.W. Sodré concedida a Maria de Anunciação Madureira em 16/12/1996...op.cit. Como conceito biológico, significa *geração de partes do corpo em época diferente daquela em que nasce normalmente*.

¹¹³ Sodré, Nelson Werneck. **Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil...** op.cit., p. 10.

¹¹⁴ Há várias leituras de dualidade (J.Lambert, G.Frank, I. Rangel) sugerindo que na oposição há conflitos ou harmonia e equilíbrio como necessidade entre partes desiguais, existe também um debate a respeito da utilização do conceito no estudo da realidade brasileira. Para corroborar a hipótese de que o conceito de dualidade pode ser sugestivo de ao conceito de heterocronia, recorreremos a uma passagem de I. Rangel respondendo a Gorender. Ele diz: *Dualidade, numa época em que identificar-se com o marxismo não era tão seguro como hoje, até porque não havia marxismos, mas apenas um, condenado de plano por todo o pensamento oficial, apresenta-se como esforço de utilização daquelas mesmas categorias, sem rebuços. A idéia central era que, no Brasil [...] haviam-se criado condições para o aparecimento de modos de produção, sucedendo-se historicamente, mas todos caracterizados pela coexistência de relações de produção próprias de diferentes modos fundamentais de produção, agrupadas em 'pólos' – externo e interno- em união dialética, isto é, em oposição e conflito*. Dória, Carlos Alberto. **O Dual, o Feudal e o etapismo na Teoria da revolução** ...op.cit., p. 209.

¹¹⁵ Virgílio Oliveira, aponta que este conceito, incorpora influências do método faseológico, (que apresenta os problemas brasileiros em função de sucessivas fases), conjugado, a partir dos anos 60, com o conceito de modo de produção, ainda que, mantivesse a idéia original de Pinder, que assinalava, uma multiplicidade ou convivência de velhas e novas formações ao longo das fases históricas. Veremos no cap. IV, alguns aspectos correlatos desse debate. Oliveira Filho, Virgílio Roma. **Dualidade e Revolução no pensamento isebiano: as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré...** op.cit., cap.V.

público como Lima Barreto. Como destacou, naquelas leituras e acontecimentos, todos os sintomas:

*alguns característicos da superficialidade, como o cinismo e o verbalismo – iam direto à ingenuidade adolescente e casavam com seu inconformismo, com a sua irreverência, com a surda ou aberta rebeldia que mortificava os jovens.*¹¹⁷

Em que pesem essas entre outras influências literárias, algumas bem ecléticas e curiosas, como o romance *Canaã* de Graça Aranha, em que ideário anarquista é uma presença de época¹¹⁸, vale ressaltar, por ora, que são exemplos de pontos importantes que recuperaremos como insinuações, influências, elementos sugestivos de um posicionamento, opiniões, ou mesmo críticas políticas até que bem contundentes para o então jovem militar, e que, resumidamente minimiza ou pontua como sendo velhos conceitos que podem sugerir alguma coisa nova e até mudanças. Veremos posteriormente a razão dessa autocrítica pouco complacente e os exemplos ilustrativos não são poucos.

Um observador político pouco discreto

Ao que parece, uma das razões dessa autocrítica reducionista, é o *germe ético*¹¹⁹ de um posicionamento a partir de valores e idéias referenciais progressistas expresso no *Tenentismo* e nas sucessivas revoltas que já causavam impactos nos jovens cadetes. Positivas, mas que também acabaram demonstrando-se ilusórias ou mesmo limitadas, em grande medida, quanto às suas possibilidades de intervenção ou de transformação. Percebemos que esse aspecto, permanece como um referencial norteador em nível pessoal e político, na medida que, a condição militante não se faz presente naquele momento, somente aparecendo um pouco mais tarde. Entretanto, com econômicos comentários, Sodré sinaliza em suas memórias acontecimentos da sublevação de Isidoro Dias Lopes, da Coluna Prestes e aponta seu maior líder, Luís Carlos Prestes, como um herói nacional. Se aqueles

¹¹⁶Sodré recupera o conceito em Oliveira Vianna, sem citar a obra em uma passagem de 'Novos aspectos da Circulação Social no Brasil' publicado na revista *Cultura Política*, ano II – n* 12, fevereiro de 1942.

¹¹⁷Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op.cit. p. 33.

¹¹⁸Konder, Leandro. *A derrota da Dialética:...*op.cit. p., 105.

¹¹⁹Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit., p. 5.

acontecimentos tiveram um limitado impacto (ainda que tensos, em alguns momentos) no interior do *Colégio Militar*, no imaginário dos jovens estudantes, a liderança Prestes somente rivalizava em prestígio com a de Siqueira Campos¹²⁰. Ambos tiveram notável efeito no ideário político dos alunos, tornando-se um referencial para muitos deles. Como vimos, na medida em que deixavam de ser crianças, suas simpatias se dirigiam aos revoltosos, e tal postura era, sem dúvida, um posicionamento político.

Vale mencionar, mais uma vez que, a adesão de Prestes ao comunismo repercutirá bombasticamente entre os jovens cadetes, e, seu prestígio, permanecerá inabalado.¹²¹ Mas o acerto ou não daquela tomada de posição política também significará viva polêmica entre a jovem oficialidade, já que ocorrerá a adesão de muitos prestigiados tenentes ao movimento de 30. O historiador, no aproximar dos anos 30, já apresentava demonstrações de interesse político e, por esta razão, é questionável a alienação que insiste em atribuir às suas posturas nesse período, particularmente quando recorda a assiduidade com que acompanhava os acontecimentos políticos nas sessões do Senado e da Câmara, apesar das dificuldades impostas aos ouvintes interessados e do ambiente de tensão existente no Rio de Janeiro.

Na cidade ferviam boatos e as eleições em curso já sinalizavam por antecipação (como era o hábito) os vencedores futuros. A situação de crise não tardaria a se romper e, pouco depois, eclode a revolução de 30. Um desafio está posto: o do poder, que colocaria à prova a aliança entre os políticos tradicionais e os militares tenentistas. No *Colégio Militar*, aqueles acontecimentos repercutiram de forma variada e o clima de contestação se expressou de várias formas, até em positivas, criativas e cômicas manifestações de rebeldia por parte dos alunos, quando já se delineava a vitória dos rebelados. Claro, repercutem negativamente entre os alunos as adesões à nova ordem dos professores legalistas de véspera. Sem dúvida, impossível não estar atento a esses acontecimentos e não buscar os elementos de (auto)crítica dessa situação. Os acontecimentos subsequentes, no limiar da formatura, e a passagem para a *Escola Militar* também são significativos e merecem nossa atenção.

O desfile de tropas pelas ruas e um inegável quadro de euforia popular são gratas lembranças do Cadete Sodré, que comenta em suas memórias os muitos chopes de

¹²⁰ Prestes, Anita Leocadia. **Tenentismo Pós 30**...op.cit., p. 27.

¹²¹ Perceptível nos depoimentos dos coronéis José Gutman, Delcy Silveira e Pedro Alvarez. Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras**:... op.cit., p. 65, 81, 94 e ss; 148 e ss.

confraternização tomados pelos bares com desconhecidos naqueles dias, enquanto jornais governistas eram empastelados. Parecia que uma nova e desejada ordem se instalava, e particularmente, ao que tudo indicava, com os *Tenentes* no poder. A chegada triunfal de Vargas, e a nomeação de vários heróis originários da coluna para postos de comando, tudo sugeria ao jovem e atento observador, que tudo acompanhava de uma posição privilegiada, que algo de novo se avizinhava e que se vivia uma etapa de transição. O herói legendário que foi Siqueira Campos para muitos cadetes também se apresenta como uma referência de um ideário *tenentista*¹²² que constituiria, para Nelson Werneck Sodré, o ponto de equilíbrio político entre os tumultuados anos que se seguiram.

Por razões diversas, em particular pelo momento histórico em que o país estava inserido, as circunstâncias – pessoais, políticas e até sociais mencionadas acima -, acabam por constituir uma possibilidade de real crescimento intelectual, como de formação de consciência política. Em que pesem os prós e os contras, o autor era um leitor voraz e já iniciado como escritor, ainda que com poucas publicações naquele período. Segundo ele mesmo observa:

*Em 1930, nada aconteceu de marcante, nada que deixasse sinal, em uma carreira de escritor que, em 1929, parecia bem encaminhada. Em meu arquivo relativo a 1930, nada consta. Duas devem ter sido as causas: a de publicar, de um lado e a tensão voltada para o problema político, de outro lado. O ano de 1930 foi, realmente, pontilhado de acontecimentos políticos que denunciavam o agravamento da situação e a aproximação de um choque. Dentro das minhas possibilidades, sendo então externo, no último ano do curso, acompanhei de perto aqueles acontecimentos, nas praças, nos comícios, no congresso, cujas fileiras freqüentei, ouvindo os calorosos pronunciamentos dos parlamentares. Assisti inclusive, a sessão de 03 ou 04 de outubro, na Câmara. A censura impedia que os jornais informassem; a tribuna parlamentar não estava submetida à censura; era ali, pois, que alguma coisa poderia ser dita, próxima da verdade..*¹²³

¹²² Prestes, Anita Leocádia. *Tenentismo Pós 30...* op.cit., p. 27.

¹²³ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 50.

Assim, se podermos assinalar uma primeira rotação na obra de Sodré ou, como lembra Lowy¹²⁴, pontuar um impacto externo, isso acontece, sem dúvida, no ano de 1930, seja pelos acontecimentos acima expostos, seja por ter sido um ano de grandes leituras.

O passo seguinte dessa rotação coincide, já nos anos 30, com o seu ingresso na *Escola Militar*, período que estabelece como sendo o início de uma *Fase Nacional* na história militar, configurada na necessidade de o país se instrumentalizar de forças armadas nacionais, como também de procurar se definir em termos de nação¹²⁵. A *Escola Militar* foi para Sodré, como para muitos outros alunos, a passagem natural e um palco de debates. Vale somente rememorar que essa passagem acontece sob a égide de um novo momento, sob o imaginário de uma expressão política idealística do *tenentismo*, referenciada no nome da turma, o nome de herói da coluna - *Siqueira Campos* - e corporificada no referencial *ético* de um oficial de reputação ilibada e currículo exemplar. Mediações presentes e referenciais, na medida que, a escolha de ambos os personagens, apontavam para uma tomada de posição política e particularmente, no seu entendimento, naquela passagem *estava simbolizada a nossa vocação*.¹²⁶

Os impactos de mudanças significativas na estrutura interna da *Escola*, face à influência da missão militar francesa, e os acontecimentos externos que insistiam em repercutir internamente, são o ponto de partida de nossa (re)leitura de sua memorialística. Na fase inicial pós 30, os aspectos positivos são inegáveis e, de certa forma, há um consenso, entre os vários autores que analisam o período, quanto às reais alterações, seja do ponto de vista pedagógico, seja do ponto de vista material, propiciando o oxigenamento intelectual positivo que o novo momento político refletia.¹²⁷ As reformas, longe de serem somente cosméticas (instalações e uniformes), estavam em curso e expressavam no novo comando e com um leque de oficiais e professores afinados com uma nova orientação. De qualquer forma, algumas lembranças sugerem tensões e até uma certa desilusão com a carreira militar, particularmente em razão dos procedimentos internos à instituição. Na medida em que violentavam a formação humanista e os valores éticos que pareciam, até então, umbilicais à instituição e face à recente tradição tenentista aparentemente

¹²⁴ Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit.

¹²⁵ Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil...* op.cit., p. 231.

¹²⁶ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op.cit., p.57.

¹²⁷ Peregrino, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...* op.cit., p. 84.

estabelecida, não há dúvidas de que esse foi um período difícil, em que a competição, agora existente e estimulada, minava a saudosa camaradagem solidária dos tempos do *Colégio Militar*. Um desabafo é sintomático:

*Fui tratado, na Escola Militar, como nunca tratei um soldado, e não fui exceção nisto. E aprendi que a superioridade hierárquica, a chefia, o comando, conferem o direito de punir mas não o direito de achincalhar o subordinado, por menos graduado que este seja, por mais humilde – por mais faltoso.*¹²⁸

Não está claro, na leitura de sua obra, se essa tensão se refere às decepções que já se avizinhavam com rapidez e que, apesar das significativas alterações em curso, pareciam não corresponder ao novo estatuto surgido de um processo revolucionário. Contudo, a fase que descortinava um ideário passível de construção a partir dos anos 30 rapidamente estava se desvanecendo aos olhos de muitos alunos, inclusive aos de Sodré. Peregrino também chama a atenção para o fato de que a mudança ocorrida naquela fase inicial *operou-se com demasiada violência*¹²⁹, levando muitos a desistirem e, ainda que a situação serenasse nos anos seguintes, a *Escola* permanecia longe do projeto idealizado.

Contínuas debilidades e vícios de um ensino que se propunha a refletir aquela que seria uma nova ordem denunciavam o aspecto ilusório do mesmo; uma vez que a carência de material e a inadequação dos meios arma visíveis demais, por exemplo, na arma de artilharia pela qual Sodré havia optado. A leitura de suas memórias sugere, naquela altura, uma certa incompatibilidade com a vocação militar. Na verdade, foi nesse período um aluno apenas regular, que soube, aparentemente, adaptar-se e sobreviver com relativa segurança. Sobreviver até parece que foi a palavra de ordem. Uma única frase, sintomática de um comportamento pessoal, seria para ele, uma característica de vida e como poucos e soube expressar como um poeta, disse: *a ausência de espírito de competição tem uma vantagem: confere tranqüilidade de espírito.*¹³⁰ Penso que neste momento, sinaliza o quanto em relação às novas normas e regras correntes, estava o historiador dissociado de uma perspectiva de cotidiano.

¹²⁸Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op.cit., p. 66.

¹²⁹Peregrino, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...* op. cit., p. 87.

¹³⁰Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op.cit. p. 78.

Participação involuntária à esquerda

No período da *Escola Militar*, o autor começou efetivamente a colaborar na Revista da instituição, escrevendo uma série de artigos nos quais começam a aparecer várias influências (tanto em seu pensamento político quanto em algumas tomadas de posição), reconhecidas por Konder como *fontes de esquerda*¹³¹. É também o momento que se colocam em perspectiva suas *duas vocações*: a *vocação de escritor* e a *vocação profissional*, a serem mediadas *paralelamente* pela política. Embora refletissem muito mais aproximações teóricas que engajamentos políticos, essas influências são eixos importantes para as teses futuras como a *Questão Nacional, o papel do Estado, dos Intelectuais e dos Militares* e até a *História Nova*. Como já destacamos, na obra memorialística posterior, ele não daria muita importância a essa fase, tal como acontece em quase toda a fase literária até 1945, e iria submetê-la a feroz autocrítica. Parece-nos, entretanto, que mesmo que quisesse não conseguiria ficar distante, em uma situação confortável, quanto aos acontecimentos em curso. Apolônio de Carvalho¹³² descreveu em seu trabalho o clima interno que grassava na *Escola Militar* e o modo como Nelson Werneck Sodré participava daqueles acontecimentos, fato minimizado por este último em sua memorialística. De certa forma, pode assim ser explicado, na medida que é importante perceber algumas pistas por ele postas e o momento da elaboração deste trabalho à época da Ditadura de 64, que significava antes de tudo, cautela.

Entretanto, alguns apontamentos são ilustrativos até para o contradizer e bem refletem o sinalizado acima. Sua vocação de escritor se expressa nesta fase, em um conjunto de artigos que, em última instância, refletem as influências, contradições entre os valores e ideais de um humanismo burguês clássico do século XIX e o do idealismo alemão, que, associado, como apontamos em Lowy, ao aspecto ético cultural – como um fator de radicalidade que converte um intelectual pequeno burguês uma radicalização anti-

¹³¹ Konder, Leandro. *Intelectuais Brasileiros & Marxismo...* op.cit p. 75

¹³² Carvalho, Apolônio. *Vale a pena sonhar...* op.cit. e Peregrino, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...* op. cit.

capitalista.¹³³ Esse é um ponto de partida interessante para superar o debate entre o historicismo relativista e o marxismo. Vamos ao debate.

No artigo *Esparsos*, de agosto de 1931, Sodré pontifica que *uma revolução é uma ideologia em marcha* e que *supor terminada a revolução com uma vitória é querer limitar uma idéia*.¹³⁴ O aspecto processual é o que define, como destaca o autor, o significado do debate:

*Felizmente os que assim pensam vão ficando a margem, estonidos pelo ímpeto avassalador da evolução. Um homem pode, absurdamente permanecer. A idéia, porém, não sofre parada no seu ritmo eterno. É sempre nova*¹³⁵

Destacamos ainda, no mesmo artigo, um outro aspecto crítico significativo, que se refere à questão metodológica positivista evolucionista. Para ele,

*Cada marco da evolução dum ideal, infla o mais santo, é manchado com sangue humano. Um determinismo doloroso rege a nossa evolução social. E faz com que cada etapa na lenta evolução das idéias fique marcada com sangue com o sangue dos mártires e dos tiranos [...] A imparcialidade, na visão dos acontecimentos históricos, além de constituir uma aberração, chega as raias do inexplicável. Só penetramos, ardorosamente, aquilo que nos apaixona. Os grandes historiadores tem sido facciosos. Porque o espírito da facção foi o primeiro incentivo para os que dedicassem aos estudos históricos.*¹³⁶

Em outro momento, no mesmo artigo, o historiador recupera criticamente a situação da mulher, excluída da participação do voto; a indissolubilidade do casamento e a organização patriarcal. Ao recuperar a história do cristianismo, valoriza a ação dos homens na divulgação das idéias (no caso, os apóstolos), aponta, entre essas influências, Baudelaire e Flaubert. Nessa série, conclui que os motores da história são o amor e a fome. Esses argumentos fundamentam uma embrionária crítica social travestida como crítica literária, e já se pode perceber que esse é um momento de inegável tensão intelectual e pessoal. Seja na concepção de revolução apontada, seja na postura do intelectual, Sodré apresenta nesse

¹³³ Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit., p. 5.

¹³⁴ *Esparsos. Revista da Escola Militar*. ago. 1931. (p. 22).

artigo uma concepção de objetividade que já sugere, na leitura de Lowy, um autor de concepção historicista relativista.

No Brasil daqueles tempos, as fricções existentes no governo provisório fatalmente acabavam-se refletindo junto ao meio militar, particularmente relacionadas à questão da (in)disciplina existente, que resultará em uma divisão entre oficiais revolucionários (os tenentes, muitos deles reincorporados após terem sido anistiados) e os legalistas (comumente oficiais mais antigos de alta patente). No jogo político em que se equilibravam as várias facções militares, o autor admite saber que estavam ou não em jogo, as possibilidades de avançar ou realizar as reformas políticas e econômicas advogadas pela nova ordem pós 30. Sodré bem coloca que a indisciplina era uma constante e se tornava crítica nos momentos de alteração de comando. Com a aproximação do ano de 1932 - momento em que esses fatos eram narrados e recuperados – com a nomeação de um oficial reformado à condução do Ministério da Guerra, eclode a *Revolução Constitucionalista*, com forte repercussão entre os aspirantes da Escola Militar. Naquela situação, evidentemente, não era possível permanecer indiferente.

Nelson Werneck Sodré afirma ter tido suas simpatias para com os rebeldes e até confessa, em suas memórias, estar desiludido, naquela altura dos acontecimentos, com as eventuais possibilidades de melhoria por parte do governo provisório. Hoje admite não ter enxergado devidamente, na ocasião, o cerne da questão, e sinaliza que um dos fatores para aquela decisão de rebeldia, foi a preocupação em relação à família - radicada próxima à região dos combates- o que o levou a cogitar a possibilidade de articular um levante na Escola. Sinaliza que pesou, na sua decisão, a nobreza das intenções daqueles que advogavam um retorno constitucional (ainda que admitisse posteriormente estar vendo o problema pela superfície), que foi essa a razão de uma tendência de simpatia para com os que propugnavam novos tempos e novas normas. Na verdade, como foi exposto, o conflito era o reflexo da divisão política da nação. Logo o processo seria abortado e os rebeldes derrotados.

Todavia, dois acontecimentos trazem uma marca de posicionamento político e marcos significativos na sua biografia. Além da manifesta posição favorável aos rebeldes apontada, face à expulsão de um aluno e a ameaça de retirada das armas da *Escola*

¹³⁵Idem, ibidem.

¹³⁶Idem, ibidem.

reacenderam a solidariedade um tanto ameaçada pelos acontecimentos, e praticamente todos os alunos pediram desligamento coletivo. Dada a delicada situação política existente no país, o fato de muitos alunos serem filhos de militares e a gritante indisciplina coletiva, chega-se a um acordo, e a *Escola Militar* retorna a uma relativa e frágil *normalidade*.

Um segundo acontecimento, que também consideramos significativo e poderia ter conseqüências para sua carreira, ocorre quando o autor, em fins de 32, resolve visitar os praças feridos e, logo depois, fazer uma outra visita aos oficiais rebeldes presos, alguns deles de suas relações pessoais. Acreditamos que então já se manifestavam as contradições existentes há muitos percebidas e que, em última instância, questionavam o profissionalismo militar associado a uma ética pautada em posturas progressistas. Esse fator se apresenta, sem dúvida, como um elemento norteador de conduta pessoal, embora, na opinião do autor, já se manifestava ilusório naquelas condições e limitado quanto às suas possibilidades como projeto. Essa opinião de natureza *ético cultural* é um componente importante na rotação de um intelectual à radicalidade anti-capitalista¹³⁷ e podemos supor que não foi diferente em relação a Sodré.

Um outro aspecto de caráter político (que o autor não admite como tal ou o minimiza) ocorre com sua intervenção à frente da *Revista da Escola Militar*, elogiada por Apolônio Carvalho e, também por Umberto Peregrino. Este último assim recupera aquele momento:

*Da responsabilidade da 'Acadêmica' era ainda a revista da Escola Militar, ao modelo ingênuo e sincero, que só se interromperia raras vezes, em pausas efêmeras, momentos de exceção, como aquele de 1933, quando a dirigiu o cadete Nelson Werneck Sodré, e fez dela uma publicação cultural de alto nível.*¹³⁸

Recuperando essa atuação em suas memórias, o historiador curiosamente a descreve de forma quase contábil (número de artigos publicados) e de certa forma, minimiza sua

¹³⁷ Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit., p. 5.

¹³⁸ Peregrino foi um colega de turma de Sodré, que, dedicou-lhe um artigo e a quem tributou, em suas memórias, rasgados elogios. Nesse trabalho, prefaciado pelo insuspeito Gal. Lira Tavares, ele estava assumindo, a convite do Mal. Costa e Silva, a importante e prestigiosa direção do Instituto Nacional do Livro. Por esta razão, entendemos que é valiosa e corajosa sua menção a Sodré, que se encontrava cassado e até perseguido. Peregrino, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército...* op. cit., P. 73 e Carvalho, Apolônio. *Vale a pena sonhar...* op.cit.

intervenção ao extremo. Penso que a contradição, presente em seu relato, até mesmo quando enumera os objetivos propostos, é por si só um indicativo, bem como uma expressão de significativa ambição teórica e clarividência política. Nelson Werneck Sodré procurou consolidar a revista como elo de ligação com a intelectualidade, forçando-a a uma circulação e contribuições extra-muros. Em seu relato memorialístico, marcado por ambiguidades, por razões aparentemente óbvias, já que foi elaborado nos anos da ditadura militar, o autor não cita uma única vez Apolônio de Carvalho, ou o fato, por este último relatado, de que o pintor Miranda Júnior era socialista. Apenas aponta que tinha por objetivo em relação a Revista, torná-la mais literária que militar. De certa forma, foi bem sucedido, na medida em que através dessa atividade conheceria Sérgio Buarque, entre outros intelectuais de esquerda. É sem muito entusiasmo que comenta ter obtido calorosa e suspeita receptividade de Ribeiro Couto, então um convicto intelectual integralista, interessado em cooptar adeptos no meio militar com uma proposta de nacionalismo pela ordem. Ele diz ainda que naquela ocasião estava apenas preocupado em fazer uma boa revista, ainda que seus artigos críticos ao integralismo já sugerissem um firme posicionamento político contrário. Como resultado positivo a ser contabilizado, ressalta que a revista conseguiu atingir os seus objetivos, ou seja, saltar os muros e ter, inclusive, uma crítica favorável nos jornais.

O embrião de futuras teses

Nos anos 30, a revista também veio a ser uma trincheira política. O autor continuava se destacando na disciplina de História e, face às suas boas recordações, até deixa escapar uma pista interessante, quando comenta a repercussão de um dos seus primeiros artigos, já na direção da revista: justamente o artigo em homenagem ao antigo mestre, Isnard Dantas Barreto. Em *Isnard Dantas Barreto*¹³⁹, Sodré produz uma sutil crítica ao ensino, recuperando a figura desse mestre que supera o dogmatismo que imperava no conjunto dos professores e do ensino. Por essa razão, mestre é, segundo ele, uma qualidade de poucos. No Brasil de então, estava ausente a influência dos estudantes no processo de ensino. Nesse sentido, sua crítica se revela como singular, lembrando que os estudantes não tinham voz

nos conselhos, nem o direito de discutir ou vetar o que lhe fosse apresentado, tendo que aceitar o dogmatismo. Justifica nesse artigo, a rebeldia explosiva da mocidade, quando esta toma consciência, de forma independente, face ao dogmatismo vigente e à incapacidade dos professores como guias. Ser guia é uma qualidade que deve ser inerente ao mestre e quiçá ao apóstolo apontado em artigos anteriores. Aqui vê o sistema de ensino como uma máquina empoeirada que, lembra com amargura, condenou o mestre citado a sofrer injustiças flagrantes.

Há um outro aspecto que podemos acentuar nesse artigo. Percebe-se, na defesa do antigo mestre, uma crítica ao sistema, quando recupera Maquiavel como clássico da ciência. Ciência é usado como sinônimo de história e como tal, mais uma vez, Sodré valoriza o papel dos homens na história. Vale lembrar que este artigo custou ao autor, na ocasião, tendo sido invocado como prova, seu fichamento como comunista. Ele mesmo conta:

Esse artigo de homenagem, só se referia ao professor, aos seus dotes, aos seus méritos pessoais, aliás indiscutíveis – soube muito depois – foi arrolado por Imbassaí, em sua doentia visão das coisas, como ‘indício’ de simpatias comunistas. Sendo logo depois, oficial do serviço secreto, no Gabinete do ministro da Guerra e, posteriormente, encarregado do Dops, levou para os arquivos dessas repartições sua preciosa informação.¹⁴⁰

A partir da leitura de Carvalho, confirmada nebulosamente por Peregrino, podemos relembrar que já havia na *Escola* a presença de células comunistas e de muitos dos professores que professavam abertamente a revolução socialista. Havia também um trabalho paralelo de mapeamento dos alunos de esquerda.¹⁴¹ Apolônio de Carvalho não titubeia em apontar Sodré como um cadete de esquerda de singular lucidez quando comparado aos demais cadetes, ainda que tomasse posicionamentos políticos discretos, na

¹³⁹ Isnard Dantas Barreto. *Revista da Escola Militar*. jun. 1933. (p. 42 - 44).

¹⁴⁰ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado**...op.cit., p. 88. A rigor, não seria o único que tendo tímidas posições à esquerda, caso este das memórias do Brigadeiro Fortunato entre outros in Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras**...op.cit., p. 131 e ss.

¹⁴¹ Peregrino recupera esses indícios a exemplo desta frase sobre 30: *havia até os que aproveitavam o encontro com os alunos para fornecerem informações revolucionárias* e em outra frase, ele lembra *a envolvente dialética de Ivan Ribeiro*. Peregrino, Umberto. **História e Projeção das Instituições Culturais do Exército**... op. cit., p. 73. Carvalho, Apolônio. **Vale a pena sonhar**... op.cit., p. 42.

medida em que seria mais afeito a se expor através das letras. Ao menos naquele momento, não há indícios de que ele fosse um militante comunista, mas veremos como se apresenta esta questão em relação ao autor e sua obra.

Vários artigos daquele período refletem tensões intelectuais e teóricas. Em *Gandhi*, o Cadete Sodré apresenta, de certa forma, uma leitura diferenciada em relação às anteriores. Na crítica ao processo em curso na Índia, uma frase salta aos olhos quando sugere uma reavaliação do papel dos homens na história:

*os homens não conduzem a história. A necessidade conduz a ambos e ela o que domina, que impulsiona, que resolve, em última análise, os problemas universais. No terreno deste seco materialismo, na lógica dos princípios econômicos, na premência das necessidades coletivas, toda a dialética de Gandhi vai pôr terra.*¹⁴²

Pode ser um recado aos iluminados de plantão, em particular, ao que mais pontificava como espetáculo nacional, Plínio Salgado, mesmo porque, como veremos, a influência de Amaral e Pareto já se fazia presente. Essa passagem sugere que ele já não tinha ilusões quanto aos salvadores de pátria e que, em 33, até visualizava que a possibilidade de superação não se apresentava dissociada de um projeto configurado em uma correta leitura histórica.

Há entretanto, um salto teórico qualitativo interessante expresso no artigo *desespero*¹⁴³, quando o autor recorda com generosidade o amigo que o incentivou nas primeiras leituras e remete a um outro artigo intitulado *Mocidade Inquieta*¹⁴⁴, em que se revelam, segundo entendemos, tensões ilustrativas de um pensamento político em gestação e, de certa forma, não deixa de ser surpreendente que seja apresentado na *Revista da Escola Militar*. Na verdade, o artigo refere-se a colegas da instituição com origens sociais diferenciadas, revelando, por trás dessa cena, uma leitura de Brasil. Vamos aos sinais em destaque nessa série.

O primeiro personagem a entrar em cena é Assis Bezerra, cuja rebeldia é justificada por Sodré, que chama a atenção para o drama do excluído que passa fome e é negligenciado

¹⁴² Gandhi. *Revista da Escola Militar*. ago. 1933. (p. 53)

¹⁴³ Desespero. *Revista da Escola Militar*. ago. 1933. (p. 57 - 60)

¹⁴⁴ Mocidade Inquieta. *Revista da Escola Militar*. ago. 1933 (p. 62)

pela nação. Ao mesmo tempo em que chama atenção a tragédia da seca, e sua rebeldia justificada, faz a crítica aos intelectuais *sociólogos de avenidas, de salão*. Janari Gentil é outro personagem exemplar para o autor. Fino, sutil e sofisticado, é apresentado quase que como um apóstolo, através do sugestivo simbolismo do feijão contado nas esquinas da cidade. Nesse momento, o alvo de sua crítica é a educação, de cujo processo, na luta cotidiana que rege o seu dia-a-dia, Gentil é excluído, configurando-se para ele uma perspectiva de vida que se resume à miséria.. A origem social reflete o drama da desestruturação familiar e encontra pela frente, como chama o autor,

um estado que pede imposto, que exige contribuições, que dá emprego aos que comparecem às eleições votando nos candidatos do governo. Mas esse estado, em si se julga no direito de vesti-lo e mandá-lo morrer em sua defesa, não pensa no ver de lhe dar uma educação e de corrigir, tanto quanto possível, a sua tara. Feijão é a miséria, é a dor, é a monstruosidade. E, também a acusação.

Por fim, o terceiro personagem é *Umberto Peregrino*, educado e dotado, segundo ele, de um talento singular para as letras. Através dele, a crítica do autor tem agora por alvo o sistema, em particular *a questão da terra*, assim ilustrada:

dolorosa história do servo da gleba, do miserável escravo de engenho, vítima da tragédia econômica da nacionalidade e da vesguice de seus dirigentes. O armazém ... quem não conhece o caso ? Tem realidade, no engenho pernambucano, no seringal amazônico, na fazenda goiana É o mesmo drama de todos os dias. Hipotecando ao senhor, através do armazém, vinculado à terra, vendido com ela, preso ao solo, igualzinho ao servo medieval, sem direitos, sem amparo, que lhe resta senão morrer agarrado ao rincão que cultivou com arma na mão ? Velho, cansado, tendo tido sempre com o máximo presente ao seu esforço, o usufruto da terra que a indulgência do patrão lhe proporcionou, nasceu miserável e miserável morrerá. O estado que não lhe educou os filhos, que só se lembra dele para o imposto, não se importa que ele morra ou viva. Quando dá sinal de si, é pela força da lei expressa na violência, na arbitrariedade, na espoliação. O chicote do feitor não canta mais nas costas do escravo. Que progresso! Não há mais escravidão! Viva a Princesa Isabel! O servo da Gleba do engenho pernambucano, da fazenda goiana, do seringal amazônico, é que sabe.

São as expressões descritivas mas também prospectivas que sinalizam para três jovens daquele tempo, *verdadeiros espadachins*, nas suas palavras, e que, ao se apresentarem na condição de rebeldes, são condutores, mas também reflexos de uma nacionalidade. São eles os protagonistas da superação de um comodismo característico dos que um dia foram jovens, e enfrentarão os novos rumos, violentos e incertos.

O momento é de incompreensão e de encruzilhada. Vamos criar um novo estado de cousas. Vamos fazer força para subsistir. Pôr enquanto é a nebulosa que gira. Amanhã os horizontes estarão, quiçá, mais claros. Dentro desta aparente desordem de cousas se processa um povo é massa em ignição. Não sofre pausa no ritmo da evolução. Que o incerto amanhã encontre almas blindadas nessa rebeldia.

Em artigos subsequentes¹⁴⁵, o historiador trava contato com vários autores, entre os quais se encontra também Freud, que trará outras matizes para sua para sua noção de história, apresentada como uma continuidade de destruições. Entretanto, ele recupera a arte como instrumento de libertação, ainda que sempre com a ressalva de que ela é produto do meio e está vinculada ao estado econômico da época e às transformações em curso. O autor elenca exemplos históricos de arte, finalizando que a arte reflete a transição da sociedade agrária à industrial, e aponta, de forma interessante, a necessidade para o *fim da sociedade feudal* que, nas suas próprias palavras, *a burguesia sugere*. Para ele, um padrão de cultura está expresso na renovação de valores e acreditamos que aqui apresenta as suas primeiras aproximações com a estética. Esses artigos representam, assim o entendemos, embriões indicativos do futuro projeto *História Nova* dos anos 60, mas já eram também o final de uma etapa vocacional.

Caminhando para o final dessa fase, em outubro de 1933, o autor escreve ainda vários artigos interessantes¹⁴⁶, nos quais também avalia os últimos momentos da revista sob sua direção e destaca o caráter positivo da experiência de que foi parte fundamental como personagem e também como autor. Já se aproximava o fim do curso e pouco depois seria declarado aspirante, não sem mais uma surpresa que o aguardava. Antes de se deslocar para

¹⁴⁵ A Ciência e a Arte. *Revista da Escola Militar*. out. 1933. (p. 63 - 64)

¹⁴⁶ Última Página. *Revista da Escola Militar*. out. 1933. (p. 68 -69)

a unidade de artilharia para qual fôra designado em Itú, teve, como todos os demais alunos, que gratificar os contínuos para que seus papéis andassem e pudesse receber os proventos a que tinha direito. Se isso acontecia na contabilidade do Ministério da Guerra, sem dúvida, não era um auspicioso começo para aquele jovem *tenente*.

CAPÍTULO II

Dobre ao Centro e Siga em Frente: uma leitura entre extremos

A Rotação de uma Radicalidade

Apontamentos para a História Nova

Uma idéia não muito nova

Práxis reveladora de uma consciência em transição

O Brasil sob a lógica de Pareto e Amaral

Os ensaios são bem brasileiros

Na Confluência de um Ideário

Crítica literária como crítica política

Concepção em xeque

O exército democrático: ainda um debate

Uma leitura pessoal

A burguesia existe e pode ser nacional

Outra fundamentação polêmica

CAPÍTULO II

“O fato histórico mais importante da história do Brasil, ainda não aconteceu...”¹⁴⁷ Nelson Werneck Sodré

A cidade de Itú, segundo relata o próprio Sodré, apresentava poucas condições para o desenvolvimento de quaisquer possibilidades de crescimento intelectual. Além disso, face às dificuldades de uma leitura sem método e ao sabor das circunstâncias de um autodidata, apresentava-se uma outra dificuldade como imposição do momento: fazer frente a uma nova situação em que, paralela ao exercício de uma profissão, urgia para o autor a necessidade de subsistência, *o do sustento da família...de ascender, de progredir*. Na verdade, tudo isso sinaliza para o que parecia ser o fim de sua vocação de escritor, subsumida pela forçosa necessidade pequeno burguesa de privilegiar sua vocação militar e submeter-se à determinação da vida prática. O historiador lembra em suas memórias que era um luxo para os intelectuais que procuravam o exercício da vocação de escritor ou de dedicação à cultura, poder viabilizar tal destino e, os que podiam, ostentavam-na como um traço de classe social.

Tratava-se, enfim, de um desabafo, de reflexo do significado da cultura no Brasil daqueles tempos e das contradições vividas por muitos intelectuais que se aventuravam a escrever. Mesmo aqueles escritores honestos e até comprometidos com essa vocação acabavam caindo em um círculo vicioso de cooptação que, de certa forma, encontra resposta na análise de Coutinho, quando recupera Lukács, através de Thomas Mann, e chama a atenção para uma categoria de análise que bem ilustra o quadro descrito por Sodré, de um *intimismo à sombra do poder*.¹⁴⁸ Neste caso, está presente o reflexo da classe social que remete a uma interrogação, ou seja, à possibilidade efetiva de ele desenvolver, de forma autônoma, o exercício de sua atividade como intelectual, que é, de certa forma, como vimos, um elemento importante a balizar o seu comportamento político.¹⁴⁹ Veremos como este aspecto se desenvolve em relação ao autor e à sua obra.

¹⁴⁷ Nelson Werneck Sodré respondendo a um estudante, em debate na USP, no ano de 1978.

¹⁴⁸ Coutinho, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre Idéias e Formas**. Belo Horizonte. Ed. Oficina de Livros, 1990, p. 70.

¹⁴⁹ Lowy, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...** op.cit., p. 5.

A Rotação de uma Radicalidade

Face ao delicado contexto político que se avizinhava e à sua condição de militar, o autor visualizava poucas possibilidades de estar na contracorrente da opção que se impunha. Lembrando uma amarga lição de Gorki, chega a afirmar que *é muito mais difícil aprender na vida do que nos livros*. Dois anos depois do desabafo mencionado, em um artigo publicado às vésperas do Estado Novo, posiciona-se claramente em relação a tais contradições e finaliza com uma passagem ao mesmo tempo lapidar e profética:

*No Brasil, para ser honesto, em se tratando de letras, é necessário que o indivíduo se transforme em franco atirador. Todas as possibilidades de vencer estão cortadas, a menos que seja um gênio ou caís no gosto do público, do grande público, que se lê nos livros policiais e a literatura obscena. Mas para resistir aos grupos, para não aderir e continuar a produzir, sem o amparo das forças invisíveis que monopolizam o beletismo nacional, é preciso ser um tanto blindado no caráter.*¹⁵⁰

Seu primeiro contato com a organização militar foi pouco auspicioso, para não dizer decepcionante, e não seria o último; outras decepções se seguiram, afetando agora aspectos éticos que lhe eram tão caros em relação ao meio militar ou em relação a muitos oficiais que conheceria quando de sua transferência, como aspirante, para aquela unidade de artilharia. O autor sinaliza, ainda, que, na condição de jovem militar, estava imbuído da firme idéia de consertar o exército, mas suas memórias estão repletas de incidentes de inversão hierárquica nos quais, inicialmente como aspirante, e pouco depois como *tenente*, se envolveu. Muitos deles em razão de comportamentos frontalmente contraditórios à ética militar, desvios de coisas públicas por oficiais superiores, delação e espionagem, como também desmandos hierárquicos.

Era, sem dúvida, na patente de *Aspirante*, ainda um *Tenente* nos moldes daqueles movimentos dos anos 20 e, ao que parece, esse continuará sendo um ideário presente ao longo de sua vida, já que tal idéia será uma constante, ainda que com projetos diferenciados ao longo de sua carreira. Na ocasião, em verdade, havia muito ainda da juvenil e ingênua

¹⁵⁰ “Pandemonio” - Christovam de Camargo . *Correio Paulistano* . 28 out. 1937 . Livros Novos . (p. 62)

rebeldia tenentista naquelas atitudes e, dentro da instituição, somente o tempo o fez perceber sua inutilidade: *só a experiência me ensinaria que é inútil travar pequenas lutas; só as grandes compensam.*

No ano de 1934, narra alguns fatos curiosos e, de certa forma, inesperados. Através de um daqueles pequenos ensaios escritos ainda no tempo da *Revista da Escola Militar*, recebe um inesperado convite para colaborar no jornal *Correio Paulistano*, que naquele momento estava na oposição. Essa colaboração duraria um quarto de século. A crítica literária semanal gratuita, que nos interessa nessa fase, busca desenvolver a crítica política travestida em crítica literária, o que de certa forma, contraria o apoliticismo em que o autor nos induz a acreditar. Esse seu modo de intervenção remete a uma outra forma de apreender a política, mas entendo que, sua reflexão coincide com vários momentos significativos da história do país, impossível de ser dissociada de uma leitura em que se percebe que o autor avança ao traçar os contornos de algumas teses que ganhariam substância no futuro. Evidentemente, também surgem apontamentos de uma leitura nacionalista que sinaliza uma crítica ao imperialismo e aos modelos em vigor no momento.

Apontamentos para a História Nova

Na confluência destes pressupostos, pontuamos o surgimento de um projeto intelectual de Sodré no sentido da instrumentalização militante do ensino e de uma nova concepção de história. Também se apresentam os contornos da *História Nova*, que será viabilizada oportunamente com essa concepção nos anos 60. Trata-se de uma tese polêmica, e algumas leituras pontuam equivocadamente o seu surgimento a partir das influências da III IC, consubstanciadas no *Modelo Democrático Burguês*, como podemos perceber no pioneiro trabalho de Guadalupe¹⁵¹ sobre a temática. Entendemos que é nessa última fase que se configura o *projeto-ação*, que acontece após um longo processo de amadurecimento e, principalmente, a partir da apreensão de referenciais marxistas mais consistentes. Nesse período, sim, o autor recupera e propicia a substância teórica para aquele contorno conceitual que, em tese, penso que foi gestada nesse cenário e a partir dessas influências. Vamos a alguns exemplos sugestivos desta hipótese, procurando recuperar em poucas linhas o que foi

aquele projeto de *História Nova* nos anos 60, e perceber como teria sido idealizado ou mesmo apresentado retrospectivamente.

Inicialmente, o que norteou o autor e sua reflexão foi a lembrança do mestre Isnard Dantas. Dele resultou a lição singular de que a *história é ciência e é revolucionária*; lição que – face à necessidade de bons mestres – chegou a oferecer um subsídio importante para se pensar essa equação como um sinônimo de revolução. Essa concepção foi sempre algo a iluminar Sodré e esteve presente ao longo de sua reflexão teórica. Entretanto, o projeto *História Nova* e a oportunidade de sua execução surgem no bojo da terceira e última fase do ISEB, caracterizada como de esquerdização do nacionalismo como ideologia.¹⁵² De qualquer forma, essa fase do ISEB foi uma etapa que incomodou muito os militares e as elites no pós 64, até porque teve como característica, o objetivo de conscientizar os trabalhadores e estudantes em sindicatos e outros locais, enfim, com uma atitude *igualmente nova* de fugir do encastelamento que a própria instituição universitária impunha.

Nelson Werneck Sodré lembra que foi a partir dessa demanda de cursos, como também da necessidade de formar professores de História, em auxílio ao próprio trabalho da instituição naqueles idos de 1963, que o projeto decolou. Ele mesmo colocou que não era uma tarefa fácil, já que *o ISEB colocava a história, ciência das ciências* e o desafio era singular, tendo em vista o público alvo. Era uma necessidade e uma tarefa urgente. O quadro do ensino de história era algo desolador e, nas suas próprias palavras, a disciplina que o despertara para a consciência do mundo era ainda ministrada no Ensino Médio, e em algumas cátedras universitárias, nos moldes daqueles velhos e juvenis tempos da mocidade da *Escola Militar*. Que ele fale:

*A situação deste ensino era lastimável, reconhecidamente: nele, a história não passava de mero arrolamento de dados, de mistura com algumas anedotas, desprovida a matéria de qualquer interesse. Tratava-se, enquanto, não eras possível refundir totalmente tal ensino, de proporcionar aos professores de nível médio, mostrar aos jovens as verdadeiras razões históricas dos acontecimentos, atraindo-os para uma ciência apta a enriquecer-lhes os espíritos.*¹⁵³

¹⁵¹ Mendonça, Sueli Guadalupe de Lima. **A experiência da História Nova: uma tentativa de revisão crítica do ensino de história no Brasil nos anos 60**. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 1990, p.. 58 e ss.

¹⁵² Toledo. Caio Navarro. **ISEB: fábrica de Ideologias...**op.cit.

Como decorrência daquela experiência extra muros acadêmicos, começaram a ser elaboradas as primeiras monografias da *História Nova*, algumas das quais seriam, posteriormente publicadas em livros. No dinâmico processo de renovação educacional do ensino de História no nível fundamental é que também surge a oportunidade de ampliar tal divulgação com recursos do Ministério da Educação. Face à repercussão do projeto e ao clima político em curso, e com as primeiras publicações sendo postas em circulação poucos dias antes do golpe de 64, a *História Nova* acaba sendo alvo de intensa campanha difamatória e, com o golpe, os exemplares foram retirados de circulação e até uma posterior reedição particular foi apreendida¹⁵⁴. As razões para isto tudo podem ser ainda hoje objeto de amplo debate, mas Joel Rufino dos Santos¹⁵⁵ ressalta que existiam outros matizes correlatos ao ISEB, destacando a influência da Faculdade Nacional de Filosofia, o Cases - órgão do MEC que editou os primeiros números - e, particularmente, a militância política daqueles jovens estudantes de história no PCB, que viriam a compor o núcleo central do projeto conjuntamente com Sodré. São apontamentos sugestivos para o entendimento da questão. Como resultado daqueles tempos de forte polarização política e ideológica, o epílogo final é conhecido: o próprio ISEB seria alvo de depredação e para os seus artífices da *História*, sobraram inquéritos, processos, condenações e até o exílio¹⁵⁶.

Uma idéia não muito nova

O curioso é que o embrião deste processo e, particularmente sua gênese, pode ser observadas nos anos 30, quando o autor já ensaiava seus passos como escritor. Naqueles artigos e reflexões, em especial a partir de suas primeiras colaborações do *Correio Paulistano*, aparecem algumas das questões relacionadas ao debate destacado acima, permitindo detectar, na crítica literária, apontamentos de uma crítica social e política.

Em vários artigos, ele chama a atenção para os livros escolares, caracterizados como de remanche e mortificadora revolta, e aponta para o fato de que a alfabetização vinha sendo

¹⁵³ Sodré, Nelson Werneck. *História da História Nova*...op.cit., p. 121.

¹⁵⁴ Sodré, Nelson Werneck. *A Fúria do Calibã*,...op.cit., p. 107 e ss.

¹⁵⁵ Joel Rufino dos Santos em entrevista com o autor deste trabalho na data de 12 de junho de 2000 e Mendonça. Sueli Guadalupe de Lima. *A experiência da História Nova*:...op.cit., p. 32 e ss.

¹⁵⁶ Sodré, Nelson Werneck. *História da História Nova*...op.cit., p. 120. Há uma reedição das publicações da História Nova. com comentários críticos dos autores. Giordano, Cláudio (org.) *História Nova do Brasil (1963-1993): Coleção Memória Brasileira 18*. São Paulo, Ed. Giordano, Edições Loyola, 1993.

objeto de consenso para os governantes, ainda que não fosse sinônimo de boa intenção. Na sua leitura, as causas seriam a preocupação do governo com o aspecto político e não técnico da questão (que seria o caso fundamental para ele), na medida em que as instituições de educação vinham sendo ocupadas por burocratas. Curiosamente, o historiador busca a contraposição crítica da perspectiva de uma educação democrática, que seria posta pelo *ISEB* bem como pela *História Nova*, e que pudesse ser levada a todos a partir de uma liberdade de pensamento, ao contrário da perspectiva de formar uma consciência coletiva, como era o caso, por exemplo, dos russos e do fascismo italiano. É curiosa a crítica aos *detentores do poder* e a crítica ao papel dos intelectuais:

*Almas de apóstolos, num país de contemplativos, ficaram como deslocados. Infelizmente não foram ouvidos. São pôr via de regra apolíticos. Ignora os processos eleitorais. Não sabem conduzir os homens as urnas. Que importa aos detentores do poder a existência desses incômodos idealistas, ciosos duma doutrina educacional, sempre prontos a pratica-las?*¹⁵⁷

O autor recupera, mais uma vez, a idéia dos bons mestres. É com saudosismo que sinaliza para uma outra perspectiva, apontando que, naquele momento, é na escola que se processa a luta social, retomando de forma contundente a crítica ao ensino e, particularmente, ao ensino de História ministrado então. Mas ao estabelecer a crítica aos modelos Russo e Italiano - *como se verifica em vários artigos do período* – sugestivamente aponta para um ideário de nação dissociado dos modelos aparentemente hegemônicos em curso. Penso que, gradualmente, a leitura do militar tenentista e nacionalista acaba adquirindo nessa linha de argumentação, contornos mais precisos naquele cenário. Até porque essa questão, sugestiva de neutralidade e apoliticismo, pode ser percebida como apartidarismo e pode ser confirmada no artigo subsequente, quando o autor retoma o tema. Essa questão também pode ser observada em outros artigos que confirmam essa hipótese.

Na leitura e no elogio ao sistema de ensino americano¹⁵⁸, ele chama atenção para duas características no ensino de História ministrada pelo pedagogo Van Loon, consideradas, fundamentais: Loon não defende facções políticas ou religiosas, e apresenta os fatos em sucessão, mas por motivos de ordem econômica. Um dado interessante, que remete a outros

¹⁵⁷Infância - Escola . *Correio Paulistano* .19 set. 1934 . (p. 70)

artigos, é a sempre presente crítica ao sistema educacional - face à sua rigidez e à falta de liberdade - em muitas ocasiões, o sistema é comparado por ele, a um cárcere de não muito saudosa memória. Nos livros que comentava, de autores como Dickens por exemplo, vislumbrava, em alguns personagens, expressões de contestação e possibilidades de superação, embora tais obras não evidenciassem um projeto definido de educação. Penso que talvez seja o momento que confirme a idéia que se apresenta no autor *um radicalismo democrático* no bom sentido *tenentista pequeno burguês* apontado.

Contudo, percebe-se que é com *Um Curso de História*¹⁵⁹ que o objeto história, e particularmente a História do Brasil, começa a ganhar a forma daquilo que seria uma de suas preocupações ao longo de sua vida, e o autor relata, neste artigo, a pioneira experiência de ministrar um curso de História, diferenciado da prática de então, que consistia no destilar de datas e fatos, sem a menor preocupação analítica. Penso que o pensamento crítico é apresentado logo no início do curso, quando sugere aos alunos colocar de lado os compêndios de História do período, caracterizados como nocivos e elaborados segundo método vesgo. Mais uma vez retorna ao antigo professor, o único que valeu por todos os que procuraram intoxicar sua memória, aquele de quem herdaria o método que seria a sua marca de distinção para o ensino dessa disciplina para o resto da vida. Percebe-se por uma carta desse professor, por ele transcrita, a influência materialista já marcante. Vamos a algumas passagens deste ainda anônimo professor reproduzido no artigo, que é, sem dúvida, Isnard Dantas Barreto:

Procurei demonstrar sempre que a exposição do processo de desenvolvimento das sociedades é explicativa, quando o exigiam que fosse exclusivamente descritiva e pretexto para explanações e paralelos literários [...] Eu ensinava que só o raciocínio com seus processos de indução e dedução lógicas, sobre os dados reais e sistematizados, pode explicar a marcha e o caracter dos acontecimentos, quando outros fazem da história humilde disciplina, sem ordenança, sem leis, que tem pôr instrumentos, a memória [...] Eu quis eleva-la mesmo no seu ensino rudimentar, a dignidade de ciência, subordinada a conhecimentos positivos e a princípios e fatores determinantes da causalidade e dos efeitos dos fenômenos sociais, quando era preciso encara-la como um ramo da filologia ou simplesmente ornamento da cultura literária

¹⁵⁸ Van Loon. *Correio Paulistano*, 20 set. 1934 (p. 71).

e gente fina. Eu quis subordiná-la a leis econômicas. Aos modos e processo de produção. Aos fatores geográficos e biológicos. Quis introduzir-lhe os métodos da psicologia coletiva, para determinar o estado de espírito das massas humanas ou a direção cultural das sociedades...para sanear a mentalidade dos discípulos e banir dos espíritos jovens os preconceitos e males oriundos da ignorância...Tentei transmitir o conhecimento o conhecimento dinâmico do desenvolvimento das sociedades humanas e os aspectos característicos da vida coletiva, na sua grande e constante agitação, no tumulto das suas aspirações, das suas paixões e das suas crenças, nas transformações de seu espírito e da sua cultura, nas suas relações de independência e na receptividade constante dos elementos externos, de progresso e de decadência...Eu ensinava como as sociedades viveram quando era preciso ensinar como elas morreram.

Sodré afirma no artigo que esses apontamentos abriram seu curso, que poderia até prever como tais palavras foram paradigmáticas na formação metodológica do futuro historiador. Alguns temas programáticos sinalizavam preocupações futuras e posicionamentos políticos, ainda que em processos de maturação: *a formação de uma aristocracia rural, a exigência econômica da escravidão negra, o ensaio feudal das capitânicas hereditárias, influências raciais, evolução das populações rurais em disparidade com o poder público e a conseqüente centralização*, entre vários aspectos. Segundo ele, com a modéstia e autocrítica que seria sua marca futura, o resultado sinalizado foi mais que estimulante. Esse debate e essas idéias teriam continuidade em muitos outros artigos, associados à idéia de educação¹⁶⁰. No caso, salta aos olhos uma singular admiração a Fernando Azevedo, que por tabela implica a crítica ao senso comum dos *mestres* no Brasil bem como também procura demonstrar o mito do ensino no Brasil. São retomadas até mesmo algumas idéias já abordadas na *Revista da Escola Militar*, que versavam sobre a não participação dos estudantes nos processos decisórios, sempre associada a outras questões como a saúde, quando critica o descaso oficial e as poucas verbas. Tais idéias expressam uma temática constante e inconclusiva de um projeto mais consistente.

¹⁵⁹ Um Curso de História. *Correio Paulistano*. 3 nov. 1934 (p. 87).

¹⁶⁰ Um Depoimento. *Correio Paulistano*. 25 nov. 1934 (p. 94), Médias. *Correio Paulistano*. 6 dez. 1934 (p. 95), Ainda Médias. *Correio Paulistano*. 8 dez. 1934 (p. 96), Educação e saúde. *Correio Paulistano*. 12 dez. 1934 (p. 97).

Nesse sentido, valorizamos esse período, na medida em que reflete um ponto de vista sempre recuperado ao longo dos anos seguintes, até 1937, quando a crítica à educação e a crítica aos trabalhos de vários autores são apresentadas em artigos de cunho político, travestidos de crítica literária. A crítica à educação como um fenômeno social que se processa por toda a sociedade é talvez ainda o melhor exemplo. Com esse amadurecimento, processam-se aqui, para o autor, os sinais mais claros da *História Nova*, uma expressão que, ao que parece, não é dele, e sim, recuperada na análise da obra de Renato Jardim, como objeto de uma de suas críticas. O artigo crítico entitulado *Escola Nova, coletivismo e individualismo*¹⁶¹ pontuava uma expressão subversiva no sentido positivo do termo, e que ele utiliza como conceito em uma fase posterior. Por tais razões, entendo que foi nesse período que se gestou, na práxis, o projeto da *História Nova* iniciado ainda na sua vivência no ISEB dos anos 60 e com uma concepção de política já militante que, de certa forma, bem reflete no autor a *moralidade de um compromisso*.

Práxis reveladora de uma consciência em transição

Entendo que através de alguns artigos e intervenções também podemos indicar uma nova fase em que no pensamento do autor, no período entre fins de 1934 e começo de 35, transparece a tensão política presente, enquanto a constituinte, ao contrário das expectativas, não tinha diminuído o quadro de crise emergente. Naquele ano de 1934, findava o Governo Provisório, tendo Getúlio Vargas sido eleito, por via indireta, Presidente da República. No quadro político, gravitavam rumores e a situação de tensão parecia crescente. Já como crítico, e publicando no *Correio Paulistano*, percebe-se, pela análise de alguns dos artigos, objeto de nossa reflexão, aspectos interessantes do ambiente literário e político da época que, de certa forma, indicam que Sodré não era um autor alienado¹⁶² que sempre gostou de nos fazer acreditar que era, e sim um autor que procura elementos sugestivos de teses futuras. Parece que esses artigos sugerem uma militância de seu agrado na condição de escritor, militância em que o exercício de sua vocação encontra, na

¹⁶¹“Escola Nova, Coletivismo e Individualismo”- Renato Jardim. *Correio Paulistano*. 7 jan. 1937. Livros Novos . (p. 2)

¹⁶²Vale pontuar que incorporamos nessa análise, o significado positivo de alienação em Lukács, desenvolvido por Lessa entre outros analistas. Lessa, Sérgio. *A Ontologia...op.cit*, cap. II e VI.

mediação da crítica política uma expressão paralela à sua segunda vocação, a de militar. Veremos como se apresentam nessa fase, suas *duas vocações*.

Um primeiro aspecto, diz respeito ao ambiente político. Tinha então o historiador 25 anos, e conheceria, a partir de então, um ambiente fecundo de personagens literários, mas, a rigor, também já reconhecia que o ambiente político não estava propício para a crítica. Ele conta que, na ocasião, as posições políticas estavam há muito radicalizadas em um *direitismo mais descomedido*, e sinaliza que esta seria uma situação diferenciada, quando comparada ao ano de 1943, em que havia um ambiente no qual a maioria dos escritores era de esquerda. Naquele início, a situação era diametralmente oposta. Ainda que continuasse a afirmar que estava ausente das questões políticas, quase que ignorante quanto àquelas condições, admite que o cenário refletia no ambiente literário, na medida em que reconhecia, já na ocasião, que *não havia condições, de forma absoluta, para exteriorização de tais princípios ou daquilo com que afinasse*.¹⁶³

As razões apresentadas acima justificam, *a posteriori*, algumas análises críticas questionáveis realizadas naquele contexto. Sem dúvida, falhas a lamentar, e que não o isentaram das incompreensões com que realizou seu trabalho. Um exemplo marcante refere-se à crítica à obra de seu futuro amigo Graciliano Ramos. Um dos fatores que contabiliza para a sua incompreensão, além daquele ambiente pouco oxigenado, decorre de seu isolamento em uma cidade do interior e, de certa forma, não se pode descartar uma certa imaturidade, que ele até lembra com melancolia. Em última instância, são esses fatores que ilustram a falta de condições para o exercício de uma crítica eficaz, e que valem na sua recuperação para demonstrar as mediações e as dificuldades futuras na confluência da construção de seu pensamento político. Entretanto, constituem também um exemplo de suas debilidades, contabilizada *naquela que era a angústia existencial provinciana do pequeno burguês decadente, que vai sendo triturado pela vida*.¹⁶⁴

Essa reflexão memorialística e autocrítica sugere um jovem ainda em maturação. Talvez não tão alienado como ele goste de admitir em suas memórias, sempre que se refere a esse período, mas, com certeza, imaturo, distante de possuir um posicionamento político mais incisivo. Esse posicionamento é perceptível quando demonstra, em várias críticas literárias de livros marcadamente políticos (ou melhor partidários), certa cautela, como

¹⁶³ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 69.

também um certo desconforto. Esse desconforto não está ausente de sua crítica, contundente em várias ocasiões, a exemplo do firme e conseqüente posicionamento contra o integralismo, posição marcadamente polêmica naquele ambiente. Podemos até perceber que a crítica sempre foi realizada com habilidade, distante de um compromisso orgânico, mas sugestiva de um projeto.

O historiador recupera, ainda, um segundo aspecto também correlacionado ao ambiente político. Em uma de suas viagens a São Paulo, alguns oficiais o convidaram (através de um amigo jornalista) a participar de uma conspiração articulada com meios políticos. Acreditando não ser essa a saída para o Brasil, negou-se a participar. Apesar de alguns incidentes posteriores correlacionados ao episódio, não aparecem mais comentários sobre o episódio e nem fica no ar uma indicação sobre os articuladores da conspiração. Talvez o amigo jornalista fosse Luís Correia de Melo que, a seu convite, iniciou a crítica literária semanal no *Correio Paulistano*, que era naquela ocasião, um periódico de oposição, mas ainda sob controle de uma das facções da oligarquia paulista não cooptadas por Getúlio Vargas, e certamente com interesses futuros diferenciados.

Entretanto, a marcha daqueles acontecimentos continua, já que pouco depois, ele é transferido com sua unidade para Jundiá. Naquela cidade, encontrou-se em uma situação, de inegável despertar político e que, ao que parece, marcou o autor significativamente. A fechada sociedade local houve por bem comemorar o 3º ano da Revolução Constitucionalista. Ali, na suntuosidade daquele baile e de seus participantes, em sua maioria donos de grandes fortunas, industriais, latifundiários locais, ele percebeu o caráter de classe daquele movimento, particularmente pela ausência de solenidade semelhante nos meios operários. Concluiria, ainda naquela ocasião, que as feridas já estavam cicatrizadas e o bolo dividido entre vencidos e vencedores, o povo, como personagem, faltou ao encontro. Ainda que de forma pontual e episódica, o próprio autor admite que essa motivação pode ser, sem dúvida, contabilizada em sua futura rotação à esquerda, já que é um ponto para o entendimento - como bem aponta Lowy - e uma das razões de um intelectual pequeno burguês passar ao campo revolucionário e aproximar-se do campo do proletariado, o que resulta em um aspecto necessário à sua maturação política¹⁶⁵. No caso de Sodré, tal mediação vai se fazer presente e determinante em um período posterior, até porque,

¹⁶⁴Idem. pág. 71.

naquele período, o proletariado como classe no Brasil era ainda residual e, com certeza, inexistente naquela cidade. Mas é um importante terceiro aspecto derivado daquele ambiente.

Já publicando no *Correio Paulistano*, o historiador mais uma vez sinaliza para o ambiente político da época em alguns artigos que se seguem. Percebe-se, em fins de 1934, que ocorre uma significativa rotação na análise crítica de seus artigos. Talvez seja a lógica de Pareto e Amaral que inicia uma etapa de influência, advinda da realidade posta para o autor. Persiste, a crítica corrente à educação, mas um dado novo se apresenta. Há aqui, a partir dessa fase, uma etapa que o autor pontua como sendo nova, mais próxima do real e sugere uma cautelosa *desalienação*, até porque a campanha de imprensa em curso já não diferenciava opositores, adversários, ou eventuais discordantes, todos, naquele momento, tachados de comunistas. Talvez este aspecto possa ser explicado por um outro, na medida em que outras variáveis estão presentes nessa fase. Lukács indica que a relação da verdade com os processos sociais e sua ligação com a verdade dos destinos individuais se manifesta na *práxis*, ou seja, no conjunto dos atos e das ações humanas, pode-se levantar a essência do homem, como também a possibilidade, nesse conjunto de disposições de um caráter humano, as qualidades importantes e decisivas, ou seja:

*só a complexa concatenação das paixões e das variadas ações dos homens pode mostrar quais tenham sido as coisas, as instituições, que influíram determinantemente sobre os destinos humanos, mostrando como e quando se exerceu tal influência. De tudo isso só se pode ter uma visão de conjunto quando se chega ao final. É a própria vida que tem realizado a seleção dos momentos essenciais do homem no mundo, quer subjetiva, quer objetivamente.*¹⁶⁶

Alguns exemplos dessa linha de argumentação permitem elencar algumas de suas razões no próximo capítulo. Mas alguns indicativos deste processo já podem ser observados nesse momento. Por exemplo, no artigo intitulado *Júlio Verne*¹⁶⁷, em setembro daquele mesmo ano, ele surpreende com a seguinte frase: *desde que o materialismo histórico foi universalmente aceito, um novo padrão ficou estabelecido para a medida dos*

¹⁶⁵ Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit.

¹⁶⁶ Lukács, G. *Ensaio sobre literatura...* op.cit., p. 63.

¹⁶⁷ Julio Verne. *Correio Paulistano*. 24 set. 1934 (p. 75).

heróis, e então completa com a análise de alguns expoentes científicos da humanidade, até chegar a Verne. Segue-se um outro artigo sobre *Blasco Ibanez*¹⁶⁸, no qual recupera, com toda a dramaticidade, o significado o papel desse autor e de sua obra, sugerindo uma admiração sob uma nova perspectiva. Em outubro do mesmo ano, chama a atenção para a produção literária em outro artigo para o *Correio*, criticando a febre de edições postas à venda sem o mínimo cuidado. Nesse mesmo artigo, aponta um dado interessante e diferenciado. A Revolução de 1930 teria dado um grande impulso ao mercado editorial brasileiro e na nova ordem que advinha, existia uma preocupação com a ordem social e as questões sociais, razão do considerável sucesso da literatura marxista no período e de livros russos, como também de autores nacionais que encontraram nesse veio um lugar de expressão para seus trabalhos. Dadas essas pistas e os indicativos de um novo enfoque metodológico, aparentemente sugestivo de um posicionamento crítico no debate político em curso, vamos verificar se há, através dessa aproximação literária a alguns autores e interpretações, apontamentos para um posicionamento explicativo de uma nova postura e sem dúvida, de uma nova leitura.

Acredito que essa problemática se esclarece melhor em *O caso Ortográfico*¹⁶⁹ (curioso título se considerado o conteúdo), quando inicia a discussão afirmando ser o Brasil o país das discussões acadêmicas. Alfinetando o debate sobre a História e questionando as teses vigentes - ainda que de forma sucinta - afirma que os grandes acontecimentos da nossa história decorrem de razões políticas e econômicas, razões essas que passam ao largo dos nossos pesquisadores. O historiador tece veementes críticas à produção intelectual no período. Oliveira Vianna, por exemplo, recebe elogios à sua integridade intelectual, mas com a ressalva de que era partidário do presidencialismo do antigo regime pré-30. Em relação a outros autores, ele critica os que apontavam o processo de 1930 como um motim e não uma revolução, na medida em que não teria havido alterações substanciais no Brasil que caracterizasse este conceito. Critica ferozmente Paulo Prado e faz uma ressalva entusiástica a Azevedo Amaral, cuja leitura do país, seria, segundo Sodré, a mais lúcida, apontando para um novo momento, indubitavelmente diferenciado do anterior, seja pelas alterações políticas, seja pela novas diretrizes em curso.

¹⁶⁸ Blasco Ibañez. *Correio Paulistano*. 30 set. 1934 (p. 76).

¹⁶⁹ O Caso Orthographico. *Correio Paulistano*. 9 out. 1934 (p. 80).

O que poderia ser em outro artigo mera expressão de curiosas contradições, sugere agora uma inegável opção política tendo por posicionamento ou compromisso, o nacionalismo, e confirmando, de certa forma, a linha de argumentação aqui desenvolvida, e quiçá um forte referencial teórico sustentado em Pareto, como procuraremos demonstrar. Ainda que o autor evoluísse criticamente, ou melhor, despertasse com simpatia para a crítica à ordem vigente, percebe-se uma certa resistência a um posicionamento mais contundente face aos extremos políticos estabelecidos, aspecto este ilustrado pelos argumentos elencados no artigo *Os miseráveis*¹⁷⁰. Após navegar pelos conceitos e obras magistrais e universais, ele é surpreendentemente áspero em relação a Vitor Hugo, particularmente na crítica contundente em relação ao processo de análise descrito naquela obra. Para ele, a obra não reflete um novo padrão estético ou escola literária e sim, *palavras, palavras, palavras*. Segundo sua interpretação, guardadas as qualidades de Vitor Hugo, a obra objetiva pintar uma chaga social, e não atinge a sua finalidade. A resposta que Hugo tentou apresentar nesse trabalho teria sido mal sucedida, na medida em que: *As desigualdades sociais não existem por efeito de leis e dos costumes. São as leis e os costumes que existem pôr efeito das desigualdades sociais, com o caráter de injustiça social*. Para Sodré, então, a obra de Hugo seria uma obra de academia.

Nessa fase, também aponta pistas interessantes sobre a situação internacional, com o artigo *Poincaré*¹⁷¹, no qual analisa esse personagem e faz uma feroz crítica ao Tratado de Versalhes. Mas, para entender as tensões daquilo que denominei uma radicalidade, e as tensões de uma rotação em curso, faz-se necessário desenvolver uma leitura das influências teóricas presentes ao longo desses artigos e determinantes de seu trabalho por um longo período.

O Brasil sob a lógica de Pareto e Amaral

Tanto nas referências memorialísticas quanto nos artigos do período, com especial nestes últimos, dois autores se apresentam nesta fase dos anos 30 aos 40, de forma mais que determinante nas reflexões de Sodré: Azevedo Amaral e Vilfredo Pareto. Essa influência não é negada em nenhum momento, mas também não ficam claras suas razões. Os

¹⁷⁰ “Os Miseráveis”. *Correio Paulistano*. 24 out. 1934 (p. 83).

¹⁷¹ “Poincaré”. *Correio Paulistano*. 16 out. 1934 (p. 84).

trabalhos de Pareto que nortearam a reflexão de Sodré sequer são mencionados. Vamos a algumas hipóteses para esta aproximação teórica.

Ao longo de nosso debate anterior e, seguramente, nos capítulos subsequentes (que analisarão aspectos de sua obra até 1945), percebemos que foram várias as manifestações de caráter político do autor e que, sem dúvida, muitos de seus posicionamentos contradizem uma lógica de *alienação* por ele caracterizada. O concreto é que a política, como a entendia, não comportava o significado do compromisso. Compromisso este, como vimos, cada vez difícil de se definir em uma lógica de extremos, em ação no período pós 30 e, de certa forma, inexistente para ele naquela ocasião. Em decorrência desses eventos, talvez se possa entender uma inicial (re)aproximação de Sodré com a obra de Pareto, que conhecera, por orientação de Isnard Dantas, conjuntamente com a obra de Azevedo Amaral (esta no início dos anos 30). Essa influência bipolar estará presente ao longo de quase uma década, e veremos que sua importância não pode ser minimizada, inclusive no período pós 50.

Na análise de sua obra, Pareto é vivamente elogiado e Sodré, retoma alguns pontos comuns quando sinaliza para uma transposição entre o cenário político italiano e particularidades análogas ao processo político no Brasil. O debate crítico ao protecionismo e à intervenção do Estado são questões entendidas por Sodré como lógicas, na Itália, e que apresentam uma idéia de viabilidade em nosso cenário. Em outro ponto, uma passagem é ilustrativa e sugestiva de uma singular admiração:

*Pareto guardou sempre sua inerência e, conquanto fosse, as vezes, áspero na análise ou no comentário. o fundo de seu caráter é uma grande tolerância. Essa tolerância, a fuga ao proselitismo, a indiferença pela propaganda de sua obra e do seu nome, o horror ao dogmatismo, caracterizam nele a serenidade do sábio a quem o prazer pessoal, o gozo íntimo, satisfaz. Ele não possuía as qualidades de um apóstolo porque jamais pretendeu fazer de suas idéias um apostolado.*¹⁷²

O historiador ainda pontua, nesse artigo de 1932, elementos críticos de um ideário de nação e de ação do Estado, sugestivos de uma leitura em que, segundo entendo, além da teoria das elites por ele desenvolvida, também está presente um ponto que o fascina e que é central em Pareto: *a noção de equilíbrio*, que é bem recuperada na interpretação de José

¹⁷² Pareto. *Revista da Escola Militar*. jun. 1932 (p. 29 - 30).

Albertino Rodrigues¹⁷³. No caso, esse aspecto vem pautar em grande medida suas reflexões do momento e, sem dúvida, bem sugestiva de uma forma diferenciada de atuação. Talvez uma explicação para sua invulgar presença seja quase uma necessidade ou mesmo uma questão de sobrevivência. Contudo, é a referência com qual Sodré se instrumentalizará, e Pareto será citado em vários artigos subsequentes, assim como em alguns de seus livros ao longo da década. Vamos a alguns apontamentos que, vale mais uma vez reafirmar, indicam que não está claro que obras de Pareto Sodré teria conhecido, ou que o teriam influenciado, mas que deixam evidente sua influência singular na ocasião.

Pareto é um autor da virada do século XIX para o século XX, com uma obra permeada pelas tensões político-estruturais da época e elaborada em uma conjuntura de guerra e com uma reflexão advinda de momentos de crise em que a nacionalidade ganhava corpo como eixo de suas reflexões. Vale lembrar que a sua reflexão está associada à tardia constituição do estado nacional italiano e à modernização conservadora burguesa decorrente de um país ainda dual (analogia que fazemos ao Brasil do período) e fortemente tencionada pela irrupção de movimentos revolucionários anarquistas, e principalmente, socialistas, no século XX. Na teoria de Pareto estão presentes as influências de Comte, Spencer, Saint-Simon, Marx entre muitas outras que também estavam norteando nossos intelectuais. No bojo de crises institucionais que colocam em xeque o poder supra estrutural vigente, característico da Itália daquele momento, sua teoria apresenta dois 02 eixos contraditórios e conflitantes na proposta de novas soluções: por um lado, *o modelo autoritário e corporativista fascista italiano* e, por outro, *a solução dos soviets*, advinda do modelo russo. Guardada as proporções, pode ser também o caso brasileiro bem presente nas reflexões de Sodré e uma pista importante para entendermos sua influência face à dicotomia Integralismo versus PCB e III IC, que demandava posicionamentos.

Além desses aspectos – ancorados principalmente no *equilíbrio* – podemos citar outros, igualmente importantes, como a valorização da questão econômica sobre a questão política. Essa talvez seja uma das contribuições mais importantes de Pareto nesse momento, face ao fato de sua obra apreender aspectos significativas sobre a questão da produção e da tecnologia, aspectos enfim relacionados à chamada *Lei Pareto*. De certa forma, sua obra

¹⁷³ Rodrigues, José Albertino. A Sociologia de Pareto. In **Pareto**, Vilfredo: sociologia? (org) Rodrigues, José Albertino. São Paulo, Ática, 1984. Também nos valem, para esta reflexão, do trabalho de Aron, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, São Paulo, Martins Fontes, 1990.

sugere aspectos prospectivos extremamente interessantes para a reflexão de uma possibilidade de superação de debilidades estruturais ou coloniais em países como o Brasil. Um dado interessante de sua reflexão, está relacionado ao debate socialista em curso, expresso no seu *Sistemas Socialistas*, em que está presente uma crítica aguda em razão destes terem transformado um modo revolucionário de pensar em uma nova religião e que tira naturalmente o caráter revolucionário.¹⁷⁴

Um outro aspecto sugestivo de influência no jovem *tenente* é que, na obra de Pareto, os aspectos econômicos e sociológicos são pautados por temas *político morais*, que remetem a preocupações relacionadas ao indivíduo, ao Estado e à sociedade. De certa forma, esse debate está presente em nosso contexto. Nada mais ilustrativo quando comparado à reflexão marxista no Brasil, pautada pelo sectarismo das teses advindas da III IC, e contraposta às mediações *éticas originadas do tenentismo*, que se apresentava conflituosamente naquele momento em Sodré.

Contudo, face ao elogio que Nelson Werneck Sodré faz a muitos intelectuais naquele contexto - como é o caso de Amaral, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Oliveira Vianna, Fernando Azevedo, Jorge Amado entre outros - e face à sua concepção historicista, em que ainda está presente uma singular reflexão sobre o papel do indivíduo nesse processo, podemos inferir que a *teoria da circulação das elites*¹⁷⁵ veio a ser uma mediação determinante, particularmente quando apreendemos a influência teórica de um segundo autor: *Azevedo Amaral e seus Ensaios Brasileiros*. Vamos por partes. É através da teoria das elites que Pareto introduz a noção de *sistema social*, configurada na forma de *pirâmide social* e relacionada ao entendimento dos fenômenos sociais.¹⁷⁶ É um debate que foge ao que aqui se delineia neste momento, mas, para o autor, *elite* teria duas concepções: a mais ampla, que remete à elite social, e a mais restrita, que se aplica apenas à elite governamental.

Esta noção também se apresenta em Sodré, muitas vezes, na crítica literária – a exemplo de *Fernando Azevedo e a Educação no Brasil* – sugere a solução e o equacionamento dos problemas em curso a uma resposta que deve estar presente para determinados indivíduos da elite; não no sentido de classe, até porque observa-se também,

¹⁷⁴ Rodrigues, José Albertino. A Sociologia de Pareto. In Pareto... op. cit., p. 19.

¹⁷⁵ Aron, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico*...op.cit., p. 402 e ss.

¹⁷⁶ Rodrigues, José Albertino. A Sociologia de Pareto. In Pareto... op. cit., p. 25.



em sua reflexão, um arco ideológico variado, como se pode perceber tanto em seus artigos quanto em seu trabalho de 1942, cujo sugestivo título é *Orientação do pensamento brasileiro*. Nesse debate sobre a teoria das elites, igualmente presente no seu *Sistemas Socialistas*, Pareto apresenta suas idéias sobre a degeneração dos membros da aristocracia¹⁷⁷, e aqui se encontra o conceito de *Organismo Social*, muito utilizado nos artigos e principalmente nas reflexões de Sodré¹⁷⁸ como também de Azevedo Amaral. Entendo que o Sodré associa a *teoria das elites*, remetendo necessariamente a uma reflexão sobre nosso contexto, precisamente pelo fato de que, neste trabalho, Pareto privilegia e pontua que os elementos renovadores das elites são originários das classes rurais, em que pese, como bem ressaltou Albertino, *essa afirmativa não é acompanhado de uma análise empírica para que possa ser comprovada*¹⁷⁹. Mas é um referencial teórico importante e que auxilia a análise e a compreensão, ainda que seja igualmente contraditório, na medida que o privilégio atribuído a essa concepção teórica contraria a própria lógica histórica, que sinaliza exatamente o contrário, ou seja, *as elites rurais é que cedem espaço às elites urbanas*. No entanto fica uma indagação: de que forma esta possibilidade se infere na reflexão do autor e em nosso debate? Veremos ao longo deste trabalho.

Essa concepção de valorização das elites rurais é desenvolvida por Oliveira Vianna, que se apresenta, naquela ocasião, como uma das leituras do debate em curso no Brasil e uma das influências marcantes de Sodré. Eram inclusive amigos. Há vasta correspondência entre ambos e não são poucas as citações a Vianna em suas memórias bem como em seus livros. Curiosamente, tanto em relação a Amaral quanto a Oliveira Vianna, principalmente em relação a este último, o autor romperia com ambos de forma mais que contundente e, nos escritos posteriores à década de 50, relaciona este último como um dos *ideólogos do colonialismo*. São pontos elucidativos de um debate, mas vale concluir esta apresentação panorâmica, colocando um dado mais que interessante. Em relação ao historiador, essa influência está presente de forma constante ao longo de sua crítica literária, principalmente nos artigos, mas, é uma influência que pode ser observada em sua obra inicial, particularmente quando relacionada a questão do latifúndio¹⁸⁰.

¹⁷⁷ Aron, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico...* op.cit., p. 431.

¹⁷⁸ Os Mythos Sociaes e Scentíficos. *Correio Paulistano*. 01 jan. 1935 (p. 102).

¹⁷⁹ Rodrigues, José Albertino. A Sociologia de Pareto. In *Pareto...* op. cit., p. 25.

¹⁸⁰ Retomaremos essa questão no próximo capítulo, mas esse aspecto do caráter propositivo das elites e sua posterior degeneração, pode ser percebido em alguns artigos, quando Pareto é muito citado e em alguns livros

Nesse cenário político distendido entre dois extremos é que se apresenta como compreensível a singular influência de Azevedo Amaral, na medida que é um intelectual que pensa *um projeto de Brasil e a nacionalidade* como eixo de modernização, na perspectiva de uma terceira via. Vale ainda ressaltar que apreender essa problemática e sua influência sobre Sodré ou no conjunto de sua obra é ainda um desafio inconclusivo¹⁸¹. A obra de Amaral é uma obra que indubitavelmente se reflete, de forma determinante, no trabalho do autor daquela fase. Sua amizade perdurou até à rotação de Amaral ao encontro do Estado Novo, o que implicou em um afastamento cordial entre ambos. Talvez, o exemplo mais significativo desta relação, seja uma carta de Azevedo Amaral ao autor em 1939, que, por um lado, bem reflete sua atenção com nosso historiador; por outro, sugere o início de uma ruptura, ainda que transpareça um carinho autêntico. Numa passagem, Amaral comenta:

*Não é neste caso no amigo para que convergem a minha admiração e os meus sentimento que estou pensando. Mas no moço a quem um bom destino encaminhou para a carreira militar, dando - lhe com a farda, o único meio eficazmente no momento atual e nos anos que sucederão no correr do século, para cooperar realmente na obra de construção de um Brasil Novo. Quanto mais penso na situação brasileira e nos seus problemas, mais robusteço a convicção de que o Brasil tem literalmente os seus destinos dependentes do modo como as classes armadas souberem compreender a sua responsabilidade histórica e tiverem a coragem de assumir a direção do trabalho educativo dessas massas humanas, que por ora são apenas a informe matéria prima de uma nação. E é dentro desta ordem de idéias que dirijo, não ao meu jovem amigo, mas ao Tte. Werneck Sodré o pedido de um, mas vários artigos para Novas Diretrizes*¹⁸²

do autor. a exemplo do *Oeste: Ensaio sobre a grande Propriedade Pastoril*, em que, o historiador admite que o regime pastoril em sua primeira etapa, teve um caráter civilizatório.

¹⁸¹ Amaral, Azevedo. **Ensaio Brasileiro**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1930 e Tótorá, Silvana Maria Corrêa. **Azevedo Amaral e o Brasil Moderno**. Dissertação de Mestrado, Puc/SP, 1991.

¹⁸² Carta de Azevedo Amaral - **Arquivo NWSodré** – 16 de julho de 1939.

Quando falamos nesse debate, e em sua influência, referimo-nos principalmente ao autor dos *Ensaio Brasileiro*¹⁸³, na época de sua publicação, em 1930¹⁸⁴; curiosamente, bem pouco tempo depois de Sodré ter conhecido Pareto, através de Isnard Dantas Barreto. Ou seja, foi o encontro salutar de uma reflexão experimental possível, e de equilíbrio mais que necessária naquela ocasião para se pensar o Brasil. Mas qual foi o seu significado? Podem ser vários e atenderemos nesta apreensão à alguns aspectos.

Em um interessante trabalho sobre Amaral, Tótora chama a atenção para o fato de ter sido uma obra escrita no calor dos acontecimentos, quando já está bem explícito para Amaral o sentido de revolução, a Revolução de 30, ainda que o mesmo admitisse a falta de uma força social que abrigasse uma ideologia homogênea.¹⁸⁵ Sem dúvida, esse é de certa forma, um trabalho precursor das demais obras do autor, e que seria alvo de uma leitura mais substanciada que aquela que inicialmente influenciou Sodré nos anos 30/40.

Os *Ensaio Brasileiro* também sugerem uma elaboração próxima de um autor de concepção historicista, talvez um pouco mais conservadora do que relativista, ainda que avançada para o nosso contexto, na medida em que Amaral recupera o papel do homem no processo da produção de conhecimento e, nessa leitura, procura estabelecer como proposta de análise uma cunha alternativa naquela que era a controvérsia do período, o idealismo e o materialismo, particularmente quando remete tal possibilidade ao estudo dos fatos sociais. Percebe-se que uma nova tendência metodológica se verificava quando pontua um *determinismo* dissociado de ideologia, entendendo a questão econômica e a primazia da técnica como eixos evolutivos da sociedade. De certa forma, entendo que é uma leitura que o aproxima de algumas pontuações de Pareto já sinalizados, e bem perceptível como influência nos artigos de Sodré daquele período.

Um exemplo dessa influência transparece em artigo publicado nos conturbados meses iniciais de 35, e cujo título sugere uma perspectiva metodológica: *Lógica das Revoluções*. Nessa crônica, que analisa a obra de André Maurois e o cenário histórico de desagregação do feudalismo com o surgimento da burguesia na França, Sodré aponta os elementos para caracterizar a tese de que, a história e sua processualidade, é indiferente às

¹⁸³ Azevedo Amaral. *Ensaio Brasileiro...* op.cit. e Tótora, Silvana Maria Corrêa. *Azevedo Amaral e o Brasil Moderno...* op.cit.

¹⁸⁴ Sodré, Nelson Werneck. *Orientação do Pensamento Brasileiro...* op.cit., p. 6.

¹⁸⁵ Tótora, Silvana Maria Corrêa. *Azevedo Amaral e o Brasil Moderno...* op.cit., p.17.

qualidades dos homens. Nesse trabalho, o autor recupera uma leitura em que a inevitabilidade do sujeito histórico está subsumida a um determinismo bem característico, também presente em leituras da II Internacional, de autores de um historicismo relativista, para não falar do socialismo de Pareto e das ponderações historicistas de Amaral. Para Sodré, o que acontece:

se daria pela ordem seguida na realidade. A marcha da conquista foi a mesma. Os meios é que foram diferentes. O fim da sociedade feudal trouxe no seu ventre, já formada, uma nova classe. Era a burguesia, que sufocasse pêlos privilégios do clero e da nobreza, ansiava pôr poder exercer livremente suas atividades. É uma classe que sai do trabalho, que se faz no trabalho e que sente necessidade de se afirmar. Isso feito, que se fez senão uma revolução, que se fez senão permitir o desenvolvimento, até então entravado, desta classe poderosa que dominava a política e os seus processos? Uma revolução é uma alteração econômica profunda que se reflete no direito privado. seria uma marcha inevitável. Os fatos podem mudar. Os reis podem ser fracos ou fortes, os ministros hábeis ou inábeis, as revoluções tem sua lógica e marcham, seguramente indiferentes a ação dos homens..¹⁸⁶

É um ponto reflexivo interessante que, após alguns desabaços críticos com relação à religião, entre outros aspectos, começaram a surgir artigos sugestivos de um debate em curso, mas críticos em relação à perspectiva adotada como: *Formação Brasileira*¹⁸⁷ ou à *procura de um herói*¹⁸⁸, artigo que desmonta o mito de um herói existente no debate acadêmico da época. Em algumas passagens, Sodré é taxativo, o que parece sinalizar para um novo momento e algumas contradições podem até sugerir uma reavaliação em curso, ainda que sem maiores pontuações. Era ainda o ano de 35 e, sem dúvida, talvez o herói humilde e magnetizado ainda estivesse para se fazer presente. Fica a sugestão de uma inconclusiva polêmica e de uma diferenciada forma de apreensão dessas reflexões à esquerda, demonstrando uma autonomia sem grandes vôos.

Todavia, A. Amaral desenvolve a idéia de que o *humanismo ético* presente no debate moderno origina-se da Renascença e, por si só, também remete à contraposição de que seja um conceito fundamentalmente individualista. O autor abre então nos *Ensaio*s, um

¹⁸⁶ A Lógica das Revoluções. *Correio Paulistano*. 5 jan. 1935 (p. 103).

¹⁸⁷ *Formação Brasileira*. *Correio Paulistano*. Jun. 1935 (p. 112).

leque de pensadores, estabelecendo um fecundo diálogo com os clássicos e com os contemporâneos sobre essa questão. É um amplo debate em que procura demonstrar a tese de que entre vários aspectos correlatos como raça, biologia, sociogenia (conceitos estes que também estão presentes em vários artigos de Sodré desse período), é possível estabelecer uma análise sobre o *fator humano*, atribuindo ao homem o papel de principal agente no determinismo histórico, e sinalizando que as capacidades políticas e/ou aptidões sociais dos povos também estão relacionadas às instituições e às leis em vigor.¹⁸⁹ Como foi apontado antes, esse é ainda um trabalho embrionário de teses futuras, já que nele transparecem concepções autoritárias de um Estado nacional forte e até de ponderações claramente simpáticas ao fascismo, recuperadas e apresentadas posteriormente em outros ensaios, particularmente quando da implantação do Estado Novo e de sua configuração autoritária e corporativista¹⁹⁰. É provável que numa parte de sua obra se apresentem elementos importantes para a compreensão da posição de Sodré naquele contexto, ainda que todo o livro seja um desafio à reflexão ou mesmo uma provocação.

O primeiro desafio que se apresenta é o de sermos sujeitos de nossos destinos. Nesse momento, o autor dos *Ensaio*s sugere a possibilidade de autonomia e, também, de uma configuração nacional advinda de uma real síntese de nossas particularidades históricas, que Amaral denomina de fatores complexos. A rigor, chega mesmo a sugerir que esse despertar de uma potencialidade anestesiada aponta para uma superação. Que é, sobretudo, um desafio teórico.

A esse fenômeno de desenvolvimento, que assinala uma espécie de puberdade nacional, não é possível designar por palavra mais feliz que a de brasilidade, já consagrada nos vocabulário da geração nova, em que mais viva se exprime a consciência nascente da nacionalidade e a brasilidade pode ser definida como fórmula de exteriorização atual e evanescente das forças construtivas, que geram o presente no passado histórico e ao mesmo tempo, contém os elementos propulsores e orientadores de nosso destino coletivo [...] A organização de um povo só atinge a etapa de desenvolvimento em que se delineiam os traços essenciais de uma nacionalidade, quando no curso de um processo sociogenico as formas de produção se tornam

¹⁸⁸ A Procura dum Heroe. *Correio Paulistano*. 7 maio. 1936 (p. 114).

¹⁸⁹ Azevedo Amaral. *Ensaio*s Brasileiros.... op.cit., p. 81.

*suficientemente complexas para permitir a coletividade uma relativa autonomia econômica, habilitando-a a manter vida civilizada sem estar na indispensável dependência de artigos de outros povos..*¹⁹¹

Ao que parece, *Brasilidade* tem um só significado para Amaral, ou seja, um projeto de futuro e, nesse sentido, decorre historicamente daquilo que chamou de *nacionalismo precoce*. Tótora identifica na leitura de Amaral um aspecto interessante, particularmente quando se refere ao aspecto econômico: o descompasso que ocorre no crescimento na superestrutura do país, dissociada de uma base de alicerces econômicos bem mais substanciada, e que significa o comprometimento de emancipação da nacionalidade brasileira.¹⁹²

Penso que essa questão torna explícito um ponto de superação daquilo que o historiador identificaria posteriormente como nossas debilidades coloniais, ou seja, a necessidade de uma indústria como reflexo de autonomia econômica, o que, em última instância, seria reflexo de um traço essencial de nacionalidade. É perceptível, na leitura de seus artigos, como essa tese vai influencia-lo ao longo dos anos seguintes, na medida em que a própria idéia de independência política parece estar umbilicalmente associada à necessidade de emancipação econômica. Entendo que tal questão é sugestiva de uma posição nacionalista e, com certeza, também projetiva de futuras reflexões, na medida em que apresenta vieses anti-imperialistas, ainda que, curiosamente, Amaral aponte, em vários momentos, aspectos positivos do papel do capital estrangeiro em nossa história. Nesse quadro descritivo e analítico, Amaral identifica uma das razões de nosso atraso, ou seja, o predomínio da classe agrária, apontando inclusive a presença em nosso processo de um *feudalismo sui generis de nosso caciquismo rural*¹⁹³, predominante no período imperial e com conseqüências danosas para o país.

Independente de outras polêmicas como a análise de raças, etnias e mentalidade herdadas, entendo que a questão da grande propriedade rural e o conseqüente domínio das instituições políticas e sua retrógrada classe, a elite dirigente é para Amaral uma influência teórica determinante assim como foi para a reflexão de Sodré. Este último confrontaria essa

¹⁹⁰ *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*, de 1938. Sobre esta idealização projetiva, ver análise de Tótora, Silvana Maria Corrêa. *Azevedo Amaral e o Brasil Moderno...* op.cit., p. 4.

¹⁹¹ Azevedo Amaral. *Ensaio Brasileiro...* op.cit., p. 109 e 141.

¹⁹² Tótora, Silvana Maria Corrêa. *Azevedo Amaral e o Brasil Moderno...* op.cit., p. 21.

questão empiricamente no Mato Grosso, como uma necessidade para superação de nosso atraso e talvez o principal problema a ser enfrentado para se pensar a questão nacional. A superação aparece no entendimento da república, sinônimo de industrialismo e também de regime democrático, que estaria fortemente associada à mentalidade das populações urbanas e, com esses pressupostos, levanta-se o desafio de estabelecer uma grande nação. Mas os aspectos sugestivos de uma influência da obra de Amaral em Sodré não terminam aqui.

No debate subsequente aos *Ensaio*s, há reflexos do debate político em curso e, curiosamente, estão presentes várias manifestações teóricas e muitas das tensões já sinalizadas anteriormente em nosso trabalho. No caso brasileiro, Amaral critica o debate revolucionário em curso, na medida que está afeito a *imitações* das tendências extemporâneas, de duvidosa aplicabilidade em nosso contexto, até porque, segundo suas palavras: *não implicará necessariamente o recurso à violência armada*.¹⁹⁴ Sem dúvida, o autor já sugere naquele momento uma leitura de revolução aparentemente conservadora, face à crise em curso e, particularmente, aos descompassos da organização política e da realidade nacional. Por fim, ocorre nesses ensaios a reafirmação das elites como expressão de *mentes superiores* encontradas em diversos exemplos diametralmente contraditórios (Rússia, Itália e USA), e que encontrarão sua congênere em nosso cenário. Ao que parece, há uma aproximação entre a leitura de Pareto e a de Amaral.

Ao apontar esse novo momento como caracterizado pela ascensão das *massas*, Azevedo Amaral faz uma interessante leitura do processo em curso, no qual se adequam criativas soluções: concessão de alguns direitos, como o voto; ou suas inócuas expressões, os Partidos. Tais medidas somente caracterizam, o cenário de real controle social exercido pelas elites. A rigor, Amaral procura demonstrar o aspecto ilusório da democracia, particularmente da democracia liberal. Penso que aqui vale, mais uma vez, a leitura de Tótorá¹⁹⁵, que sinaliza nessa obra dois aspectos que evoluem a partir dos *Ensaio*s e de outros apontamentos cujos reflexos podem ser percebidos em Nelson Werneck Sodré.

¹⁹³ Azevedo Amaral. *Ensaio*s Brasileiros.... op.cit., p. 168.

¹⁹⁴ O autor aponta a necessidade de renovação premente na esfera econômica, que representa o determinismo das *veleidades revolucionárias*. Azevedo Amaral. *Ensaio*s Brasileiros... op.cit., p. 192.

¹⁹⁵ Tótorá, Silvana Maria Corrêa. *Azevedo Amaral e o Brasil Moderno...* op.cit., p. 34.

O primeiro é que o conceito de *massa*, em Amaral, *tem sempre uma conotação negativa*. Ao que parece, somente quando Sodré se aproxima daquilo que foi o maior movimento de massas advindo da luta contra o nazifascismo em 42/42 na Bahia, é que provavelmente, a influência de Amaral terá sido superada, ao analisarmos *sua rotação à esquerda*. E claro, dado o apontado acima, da leitura do conceito de revolução ser sempre conservadora, o outro aspecto associado e que percebemos nos artigos de Sodré deste período, é que *revolução é uma tarefa das elites*, o que sugere mais uma vez a aproximação de Pareto com Amaral.

O segundo aspecto já foi apontado e Amaral mostra mais uma vez a questão do determinismo econômico, e sugere um estado forte e quiçá autoritário como expressão e instrumentalização de uma nacionalidade. O mérito de elaborar uma teoria da revolução¹⁹⁶ com bases científicas é, para o autor, nada desprezível, particularmente quando se refere à correta leitura de subverter o aparelho administrativo. De certa forma, é nessa mesma linha pela ação do Estado que ele analisa a Rússia, os EUA, e valoriza o caso italiano, que representaria *um esforço grandioso para formar o estado moderno com finalidades nitidamente econômicas*.¹⁹⁷

No Brasil dos anos 30, mais uma vez, Azevedo Amaral reafirma que esse fenômeno pode ser apreendido em nossa particularidade, na medida em que ainda persiste, e em que a questão da *insensibilidade política do povo* passa pelo desvirtuamento das instituições e dos ocupantes dos cargos públicos. Dois pontos importantes de crítica que Sodré martelará em vários artigos. No entanto, constata-se que, face ao processo em curso no país, a leitura de Amaral acaba cada vez mais identificada à figura de Vargas¹⁹⁸. Suas obras, ao longo dos anos seguintes, pontuam sua adesão e a legitimação daquilo que posteriormente veio a ser o Estado Novo, sinônimo de nacionalidade ou esboço de um projeto de nação, e claro, em alguma medida não foi diferente em Nelson Werneck Sodré.

¹⁹⁶ Segundo a autora, este é um conceito que estará presente em toda a obra de Amaral. Tótorá, Silvana Maria Corrêa. **Azevedo Amaral e o Brasil Moderno...** op.cit., p. 43.

¹⁹⁷ Azevedo Amaral. **Ensaio Brasileiro...** op.cit., p. 224.

¹⁹⁸ Tótorá, Silvana Maria Corrêa. **Azevedo Amaral e o Brasil Moderno...** op.cit., p. 18.

Na Confluência de um Ideário

No início de Janeiro de 1935, ressoam as primeiras notícias da ANL (Aliança Nacional Libertadora), antípoda e, de certa forma, resposta progressista ao recém formado Integralismo. Oficialmente fundada em março, é eleito presidente de honra Luís Carlos Prestes, até então no exílio. Em julho, após ganhar a maior dimensão política de frente de massas da história do Brasil, a ANL é posta na ilegalidade. O país assistiria, pouco depois, em novembro, ao levante em Natal, seguido daí a alguns dias pelo do Recife e finalmente o do Rio de Janeiro, todos derrotados. O programa aliancista expressou, sem dúvida, um projeto tanto progressista quanto eclético: de um lado, como reação à ordem pós 30, que pouco alterou o *status quo* político e econômico vigente; e de outro, com propostas *anacrônicas* quanto a um capitalismo autárquico, já superado pelas condições existentes, ainda que contasse com generosas propostas quanto à apreensão de novos sujeitos à cena histórica. Talvez seja essa, uma das razões de seu sucesso, e o fato é que sensibilizou amplos setores policlassistas com palavras de ordem contra o fascismo, o latifúndio e, principalmente, contra o imperialismo. Concordamos com Marly Vianna que, em essência, a ANL foi a continuação do tenentismo¹⁹⁹ e penso que, de certa forma, também seria o seu último suspiro. Mas vale apontar aspectos mais que interessantes e que se coadunam com nossa leitura; dentre eles, o de um viés nacionalista e alternativo às possibilidades estabelecidas, como sugere a leitura de Hernandez:

*O reformismo da ANL é resultado de elementos da teoria 'democrático burguesa' reforçados, de vez que coincidentes, por algumas concepções ideológicas calcadas em valores nacionalistas e estatistas já esboçados no inarticulado e difuso discurso dos tenentes. Manifesta-se revestido de um nacionalismo que se propõe desmascara ao mesmo tempo problemas de caráter econômico e fenômenos da conjuntura dos anos 30. Neste sentido, o conceito de imperialismo ganha a dupla função de denunciar os vínculos de domínio entre as sociedades hegemônicas e as dependentes e denunciar as facetas da qual esta espoliação se revestia no Brasil.*²⁰⁰

¹⁹⁹Vianna, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35...** op.cit, p. 305.

²⁰⁰ Hernandez, Leila. **Aliança Nacional Libertadora: Ideologia & Ação.** Porto alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 71.

Entendo que este viés anti-imperialista, como sinônimo de nacionalismo, será uma mediação importante no sentido de aglutinar vários setores dos *tenentes* à esquerda, além de servir de passaporte para o pensamento socialista. Assim se pode perceber a trajetória de Sodré entre outros militares²⁰¹, ainda que não fosse algo imediato e sim processual e, sujeito a muitas outras variáveis.

Nas suas memórias, em que pesem suas afirmações de que tudo o que se passava seria algo distante de seu contexto pessoal e político, talvez até possamos concordar com o fato de que a ANL não era uma referência entusiástica, na medida em que os comentários sobre ela não apareciam como reminiscências e sim como pontuais episódios que citaremos a seguir. O Integralismo, sim, que já era objeto de críticas em artigos e continuaria sendo ferozmente criticado ao longo dos anos seguintes. Percebe-se mais uma vez, nos artigos acima relatados, que o apoliticismo ou a alienação sempre mencionados como desculpa em vista do que estava acontecendo naquele momento, e não só refletem uma leitura possível e alternativa em gestação, isolada e, sem dúvida, pessoal.

Em seu relato, em que se apresenta uma nova particularidade em sua memorialística, comenta que o ambiente de tensão existente no país não atingia as guarnições do interior e que, no seu caso pessoal, absorvido como estava pelo serviço diário, afirma que foi pego de surpresa pelos acontecimentos de 35, apesar de, naquela altura, já ser um colaborador do *Correio Paulistano*, ser um leitor de jornais e se deslocar com frequência para São Paulo. É bem possível que seja real essa afirmativa, na medida em que, apesar daquele ambiente que ele mesmo caracterizou posteriormente de *tormenta política*, havia um quadro objetivo de um país em crescimento e que passava concretamente por uma situação econômica positiva, ou seja, distante de uma condição pré revolucionária objetiva. O anticomunismo vigente e praticado em algumas guarnições das capitais era, como recorda, residual naquelas unidades do interior e também na sua. Admite mesmo que não deu nenhuma importância à aqueles primeiros levantes de Natal e Recife - eram freqüentes levantes militares por razões várias naquele período²⁰² - e que somente tomou consciência da situação através dos jornais vespertinos recém chegados da capital. Sua unidade foi então posta em prontidão, procedimento operacional que não duraria muito, já

²⁰¹ Paula dos Santos, Ana. *À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...* op.cit.

²⁰² Vianna. Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35...* op.cit, p. 303.

que, exceto por boatos ou pequenos incidentes localizados e descontraídos, a situação logo voltaria à normalidade. De sugestivo e interessante, há uma curiosa passagem:

O outro incidente dizia respeito a sargento de minha Bateria: não sei como surgira a suspeita de que fosse 'simpatizante do credo vermelho'. Apesar de antigo aluno de Isnard Dantas Barreto, de leituras relativamente amplas para a minha idade e principalmente para o meio em que vivia, muito absorvente sempre, e de ler os jornais, minhas impressões sobre o 'credo vermelho' eram distantes, não me preocupando com o problema. No exército, pelo menos onde vinha servindo, o anticomunismo não chegara; havia, no máximo, esboço de sua triunfal e furiosa entrada posterior em diretrizes para instrução dita de 'moral e cívica'. Estabelecidas, aliás, em bases fracas. Assim, também aquele caso não me impressionou. O sargento em questão servia comigo desde minha chegada de Itú; não era dos melhores, destacava-se apenas por nível intelectual acima da média. E era isso, certamente, que despertava suspeitas. Chamei-o, à noite, em recanto do quartel, e interpelei-o a respeito, dizendo-lhe de que o acusavam. Defendeu-se, explicando que supunha originar-se a suspeita de conversa que tivera com um dos tenentes comissionados, com quem tinha intimidade por terem sido sargentos juntos. Nessa conversa, mostrara simpatia pela sorte dos trabalhadores, referindo-se a necessidade de legislação que os amparasse, resguardando os seus direitos. Não dei maior importância ao caso e mantive-o nas funções que exercia. Só muito tempo depois refleti sobre isso: o rapaz apresentava, realmente, características que possibilitavam a suspeição, quando oriunda da ignorância cuidadosamente explorada: era razoavelmente informado e simpatizava com os trabalhadores – dois pecados mortais.²⁰³

Ao que parece, aquele sargento não seria um caso isolado na época.²⁰⁴ Entretanto, no seu caso, é bem possível que (se) recebesse instrução no sentido de intervir pela ordem, como militar ao lado de uma posição legalista, acredito que Sodré teria se manifestado sem hesitação nessa linha, e nada sugere nas suas memórias ou mesmo nos artigos do período

²⁰³ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op.cit. p. 127.

²⁰⁴ Alguns deles, posteriormente entrariam para o PCB, tornando-se inclusive Assistentes Políticos do partido. Ver depoimento de José Maria Crispim entre outros in Córrea da Costa, Carlos Frederico. **Direi...ta, Volver! Esquer...da, Volver! História de Experiências de Vida de Militares**. Tese de Doutorado, USP, 1996, p. 63; Depoimentos dos sargentos Carrion e Danieli, membros do anti-mil a João QuartaM de Moraes na data de 10/11/1996 e Teodoro Melo, 04/02/2000 em entrevista com o autor.

uma participação ou um mínimo envolvimento naqueles acontecimentos. Mas seja pelas memórias seja pelos artigos, nada sugere o apoliticismo em que o historiador nos quer fazer acreditar. Esses elementos somente sugerem que Sodré, na ocasião, um militar de esquerda ou, talvez melhor, ainda um jovem *tenente*, expressasse o radicalismo de um projeto republicano pequeno burguês que já se mostrava ilusório, mas as alternativas existentes não se mostravam claramente como uma tomada de posição. Há várias possibilidades de explicação.

Um dos fatores que deve, sem dúvida, ter contribuído para isso foi o fato de estar isolado dos antigos companheiros de *Escola*, aspecto este associado a um concreto isolamento geográfico que o manteve distante do debate das questões nacionais em curso, situação característica de uma cidade pequena. Paradoxalmente, alguns trabalhos sobre o marxismo podem ter fornecido a Sodré subsídios para uma análise crítica e pouco entusiasta do processo à extrema esquerda, particularmente, Plekhanov e o jovem Lenin (*esquerdismo: doença infantil do comunismo*), sempre citados textualmente como primeiras leituras em suas memórias. Neste sentido, podemos entender que a clandestina e subterrânea política revolucionária do PCB, concretamente dissociada de uma base social consistente e, que, procurava preferencialmente se inserir em algumas unidades militares, pode ter parecido ao jovem *tenente*, a leitura de uma política insensata, com caráter esquerdista e militarista²⁰⁵ que, a rigor, se desenvolvia na contracorrente das lições dos clássicos do marxismo. Naquela altura, como lembra Del Roio, já há muito abortara *uma alternativa nacional-popular*²⁰⁶, possibilidade vigente nos anos anteriores a 30, ainda que a ANL contivesse elementos interessantes dando continuidade àquela reflexão, como sugere Hernandez²⁰⁷. Se o proletariado, como elemento de motivação para a construção/rotação do pensamento político²⁰⁸, era residual naquele período, quase inexistente, o mesmo também se pode dizer do PCB. Ambos se revelaram pouco influentes para atuarem como mediações importantes na ocasião. *A consciência possível*, portanto, ainda estava longe do possível²⁰⁹.

²⁰⁵Rodrigues, Leôncio Martins. **O PCB: Os Dirigentes e a Organização**, in Fausto, Boris (coord.). *O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)*, Difel, São Paulo, 1986, 3ª ed. (História da Civilização Brasileira, tomo III), p. 375.

²⁰⁶Del Roio, Marcos. **A Classe Operária na revolução Burguesa: A Política de alianças do PCB-1928-1935**. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990, p. 13.

²⁰⁷Hernandez, Leila. **Aliança Nacional Libertadora: Ideologia...** op.cit., p. 71.

²⁰⁸Lowy, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...** op.cit.

²⁰⁹Goldmann, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia...** op.cit.

Há, entretanto, um componente daquilo que Sodré chamaria em 64 de derrota política e, ao que parece, já perceptível para o historiador naquela ocasião. O isolamento político dos setores progressistas e organizados em relação ao restante da sociedade tem por conseqüência, segundo o autor, uma esquerdização inconseqüente. Guardadas as proporções, esse fator remete em linhas gerais, aos pontos elencados a seguir, considerando a situação concreta decorrente. Ao que parece, ele não tinha, naquela altura, uma elaboração conseqüente, e esse era um componente presente, que ajude a explicar o seu real distanciamento daqueles eventos, na medida em que os opostos se aproximavam sob muitos aspectos. Em grande medida, é ainda o trabalho de Eliana Dutra que aponta algumas pistas interessantes para a compreensão daqueles projetos e do quadro político em curso, de que decorrem alguns posicionamentos pessoais. De acordo com a autora,

*a ausência de uma noção de liberdade enquanto autonomia é o que caracteriza, à direita e à esquerda, as manifestações patrióticas nacionalistas presentes na cena política brasileira entre 1935 e 1937. Concomitantemente, é a presença da heteronomia expressa pela transformação da 'pátria' em objeto de desejo coletivo – portanto, iludindo o desejo de liberdade e consagrando as amarras da dominação – que se faz presente na atitudes patrióticas do período. A existência de um forte investimento afetivo na idéia de pátria se presentifica tanto no discurso anticomunista e no discurso de diferentes segmentos de poder que participam do engendramento da ordem totalitária em construção, como nos discursos dos comunistas que defendem um projeto de revolução. A potencialidade estratégica que a noção de pátria possui, faz dela, e das manifestações patrióticas que a acompanham, fazem dela um elemento imprescindível dentro do conjunto de valores, práticas e normas que tem por finalidade a preservação da ordem e da estabilidade social, a racionalidade do poder, a conquista de uma identidade nacional e a formação de uma unidade social compacta.*²¹⁰

Nesse quadro de fundo potencialmente fascinante no imaginário dos anos 30, os desmandos, os abusos e o autoritarismo, associados à legalidade formal, já eram naquela ocasião, correntes, e não eram estranhos ao jovem *tenente* na instituição militar.

²¹⁰ DUTRA, Eliana. **O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; 1997. Belo Horizonte, MG. Ed. UFMG. p. 150.

Na verdade, o pós 35 praticamente estabelece o arbítrio, a tortura e a quebra de direitos elementares que o estado de sítio propiciava, fator impossível de ser ignorado, até porque, com ele, os elementos mais medíocres imperavam no cometimento de injustiças flagrantes, contra os quais não havia recurso. Paralelamente, acirra-se a luta contra o comunismo, em que doentia, adquire contornos de cruzada e, tem início a *fascistização* do Exército, corporificado pelos Generais Dutra e Góis Monteiro. Esses aspectos repercutiram decisivamente em todos os setores da vida nacional e no ambiente literário da época.

Naquela ocasião, também não foi um período ausente de reflexões autocríticas e de questionamentos, inclusive às instituições do aparelho do estado. Paralela aos acontecimentos acima narrados, pode-se ainda recuperar nesta reflexão uma outra rica experiência, tanto interessante quanto elucidativa, e que se refere a um curto período em que o autor participa do *Conselho Permanente de Justiça*, instância da *Justiça Militar*, na ocasião sediada em São Paulo. Foi mais que um aprendizado quanto às formalidades e, de certa forma, quanto a inutilidade do espetáculo que caracteriza uma realidade por trás do rito jurídico formal.²¹¹ Entendo, também, que é provável que esse *aprendizado* tenha contribuído para desmistificar os poderes da instituição, expondo suas limitações. Mesmo assim, naquela tensa situação nacional, o *apolítico* e alienado oficial, como ele bem gosta de se situar naquele período, não demorou a se insurgir e a manifestar sua objeção àqueles procedimentos em curso, descortinando para seus pares o ridículo daquela encenação. Na verdade, polemizou, contestou e divergiu, mas os resultados práticos foram mínimos e pouco mudou em essência, ainda que as lições não tenham sido esquecidas.

Vale ressaltar, ainda que a crítica nascida dessa participação no *Conselho Permanente de Justiça* significa e, de certa maneira, estabelece o início da transição do Sodré historiador relativista para o Sodré marxista. Mesmo que tenha sido uma situação de tensão entre outras mediações (que ainda não se fizeram presentes), importa destacar o fato de que se revela para o autor a inutilidade de pensar o questionamento do processo social exclusivamente através da lógica das instituições. Como nos lembra a análise de Lowy²¹²,

²¹¹Na verdade, a experiência apontou e desnudou a instituição quanto as suas limitações e independência de qualquer julgamento. Naqueles eventos, até ressaltou a integridade dos componentes, particularmente do juiz auditor. mas foi uma fecunda experiência que lhe ensinou que todos os procedimentos realizados (a maioria de uma inutilidade gritante que chegava ao esgotamento físico e mental) compunham-se de um ritual de cartas marcadas, face a uma finalização de sentenças elaboradas, escritas e lavradas a priori.

²¹² Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit.

esse é sem dúvida, um momento crucial para a virada do pensamento político do autor, ainda que seja necessário um longo tempo para se firmar. Veremos posteriormente como se desenvolve esta transição, mas tudo indica que sua lógica de reflexão é uma lógica de radicalidade pequeno burguesa, ainda derivada do *tenentismo* e alguns aspectos balizadores e pavimentadores dessa transição já estariam presentes em nosso cenário. São eles: a questão nacional, o surgimento de uma burguesia e o início de um desenvolvimento industrial, objeto de futuras reflexões e eixos importantes a nortear nosso debate.

O país caminhava rapidamente para novos rumos e, ao que parece, seria impossível não perceber que já estava em curso na sociedade, naquele momento, uma disposição totalitária²¹³ que, de certa forma, não se referia necessariamente a um regime, mas a uma ideologia que sustentasse um ideário de sociedade una, indivisível e homogênea, que pressupunha um controle social capaz de estabelecer a identificação entre o público e o privado. O movimento de fascistização, em curso após os anos 30, encontra no pós 35 a revelação de um projeto totalitário e parece que, de certa forma, encontra concordância na análise de Sodré, ainda que não a sua adesão. Mesmo que tal projeto tenha por decorrência o ideário de nação como pressuposto central, em que pesem as diferentes possibilidades de sua apreensão, já despontavam tempestades fortes no horizonte e o clima era de forte tensão, como ele mesmo admite:

É interessante lembrar que, entre o movimento fracassado de 1935 e o golpe de novembro de 1937 decorreram dois anos: foram necessários dois anos de propaganda maciça, de violências de toda espécie, de terror policial, para gerar as condições indispensáveis à suspensão de todas as garantias..²¹⁴

É um quadro de obituário político, que se emoldura ao findar-se o período de relativas liberdades democráticas que caracterizou os anos 30 a 35. Com a derrota da *intentona*, em 1935, já se estabelece, de certa forma, o início da ditadura; na medida em que é decretado o Estado de Sítio e, pouco depois, o Estado de Guerra. Com a abolição das garantias individuais e a dócil anuência do Congresso, opera-se a preparação do Estado Novo, e a instalação da repressão, até então, seletiva aos comunistas, torna-se

²¹³ Dutra, Eliane. *O ardil totalitário...* op.cit.

²¹⁴ Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil...* op.cit., p. 258.

generalizada²¹⁵. O *Plano Cohen*, arquitetado no Estado Maior do Exército, é o epílogo final deste episódio.

Os reflexos do drama então vivido pela nação também incidiam, embora em graus diferenciados, na cena da isolada unidade militar em que o historiador se encontrava. Comparada à situação em vigência na *Côrte* - o eixo político decisório situado no Rio de Janeiro - a cidade de Itú era um paraíso, mas um paraíso que não iria durar. O contraste inicial permitirá a Sodré apreender, em pouco tempo, os elementos conceituais e políticos para o que Goldmann²¹⁶ conceituou como *Consciência Possível* de uma classe ou de uma interlocução. Veremos, ao longo do texto, como se estabelece esse debate com o autor e sua obra, em particular naquilo que chamou de excepcionalidade e em que vislumbraremos uma real possibilidade.

No entanto, seja pelas razões apontadas, seja por outras ainda sujeitas a um posterior levantamento, talvez se explique como determinante, e isso é bem perceptível em artigos anteriores e posteriores a 1936, a singular influência teórica de Pareto e sua presença nas reflexões do período subsequente. É um fator explicativo, senão o principal, do posicionamento político de Sodré, porque a presença chave em sua obra seria o *equilíbrio* e penso que essa é a noção que passa a permear sua postura. Sem dúvida, é uma influência valiosa em um momento de crise, e não é de estranhar tal possibilidade conjuntamente com as demais citadas. De certa forma, essas razões podem até ser especulativas, envolvendo muitas variáveis não detectadas, mas, com certeza, encontram respostas e fundamentos nos trabalhos do autor no período. Numa crítica literária poucos meses antes do golpe, o historiador deixa escapar uma pista interessante sobre aquele momento, quando se refere à constituição recém-promulgada, que sugere concordância a ambigüidade quanto ao exposto acima:

a constituição que rege os destinos do Brasil, foi organizada com tanta sabedoria e tanto descortino, que não tenha uma ano de vida, gatinhando ainda, provocou no

²¹⁵Quase 3000 pessoas foram presas no pós 35, sendo 2.146 militares. Moraes, Dênis. **O Velho Graça: Uma Biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1992, p. 119.

²¹⁶Goldmann, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia...** op.cit.

*seio do próprio governo, o advento de uma corrente fortemente revisionista. Isso indica que ele correspondera muito bem a realidade.*²¹⁷

No ano de 1936, percebe-se que começa a se apresentar um ideário de nacionalismo mais acentuado, e que, nos anos seguintes, seria mediado com maior presença por um componente anti-imperialista como esboço de projeto de nação. O papel do exército também ganha substância política e, mais precisamente, substância instrumentalizadora, alimentando futuras polêmicas, adquirindo fundamentos teóricos mais categorizados em sua obra. E por fim, como mencionado antes, o autor iria conhecer pessoalmente Azevedo Amaral que possibilitaria essa reavaliação do período pré 30, com cuja obra já tinha contato, e que já admirava desde os anos 30.

Crítica literária como crítica política

Nas reflexões elaboradas nesse período e até um pouco antes, como verificaremos a seguir, Sodré também discorre com especial generosidade sobre Machado de Assis - uma influência mais do que marcante em toda a sua vida - e escreve mais uma vez sobre *Gorki*, em artigo do mesmo nome. Outros lampejos autobiográficos podem ser recuperados em vários artigos críticos, e acredito que pela primeira vez, foram reunidos e publicados na então prestigiosa revista *O Cruzeiro*. Em *Reminiscências dum encarcerado*²¹⁸, o autor discorre mais uma vez sobre o período amargo de sua formação e reafirma algumas de suas influências literárias. Aqui se percebe uma interessante *demarche*, quando ele mesmo pontua que, até 1933, Anatole France, D'Annunzio, Guido de Verona e Blasco Ibanez fariam parte de uma fase de *alienação*, e que os contos subsequentes a outubro daquele mesmo ano como *desespero e reminiscências de um encarcerado*, assinalariam um passo importante na *desalienação*, na medida em que são contos que se aproximam do real. Esse é um período de reavaliação e coincide com o momento em que se graduou na *Escola Militar*.

De qualquer forma, discorrendo sobre crítica literária, o historiador parece estabelecer um novo patamar de crítica quando analisa obras de autores nacionais

²¹⁷: A Imigração Japonesa para o Estado da Paraíba' - Oliveira Lima. *Correio Paulistano*. abril de 1937. Livros Novos

consagrados como Plínio Salgado, Sérgio Buarque, Afonso Arinos, entre outros clássicos. Neste caso, ainda que relutante, e sequer admitida naquela ocasião, já realizava a crítica política que tanto o incomodava. Percebe-se que ela transparece de várias formas, seja na crítica a um autor nacional, seja em comentários pessoais embutidos nos clássicos, demonstrando as ambigüidades características de seu pensamento.

Na análise crítica de Rousseau²¹⁹ há pistas sugestivas quanto ao primado da economia sobre o papel dos homens e suas obras, o que, de certa forma, reafirma muitos dos apontamentos teóricos que o influenciavam há algum tempo. Neste caso, realiza uma quase completa desvalorização do pensamento filosófico, em detrimento de uma concepção materialista em que o primado da técnica sobre as idéias, constitui o motor da história. A rigor, verifica-se aqui como em outros clássicos a lógica exposta anteriormente por Pareto e Amaral. Em outra singular reflexão, quase um ano depois, essa lógica ainda se impõe. Quando analisa o *Tratado Político de Spinoza*²²⁰, valoriza esse autor e sua obra para contrapo-lo a Nietzsche, ao que parece influente e determinante em alguns círculos na época. De Spinoza, Sodré valoriza a integridade, que não se curvara às perseguições e ao aceno de favores. Ele recupera algumas passagens da obra, especialmente quando destaca a separação entre moral e razão, o homem mais dominado pela paixão do que pela razão. Nessa perspectiva, recupera mais uma vez Pareto, cuja lógica explicativa argumenta em favor da separação entre a *moral e a economia*.

Contudo, o desafio maior foi ainda o final do ano de 1936, quando admite que analisa - segundo sua avaliação, diga-se de passagem - pela primeira vez, trabalhos políticos. Parece que algumas obras que procuram a análise do processo político em curso aparecem naquele período, entre outras mais pontuais sobre questões variadas. Entendo que as críticas aqui são políticas, mas, antes, ele mesmo faz uma interessante ressalva:

Duas faces de um processo de desenvolvimento da sociedade brasileira. E dentro desta unidade, os 02 aspectos: o social e o econômico. É verdade muita velha, verdade que adquiriu já foros de ciência confirmada, que o desenvolvimento econômico rege todas as manifestações moral ou religioso, quer as de caracter moral ou religioso, quer as de caracter político ou social. Desta forma, quem

²¹⁸ 'Reminiscências dum Encarcerado'. *Cruzeiro*. agosto de 1936.

²¹⁹ J. J. Rousseau - "Confissões". *Correio Paulistano*. 11 out. 1936. Livros Novos (p. 158).

estuda as instituições de um povo sem se referir ao grau de desenvolvimento econômico da época está mostrando a construção sem alicerces está narrando as consequências sem se ocupar das causas, está vendo a superfície dos acontecimentos sem penetrar-lhes o fundo.

Nelson Werneck Sodré inicia o debate com uma crítica ao Direito²²⁰ e até recupera Paulo Prado e uma famosa frase, no qual o autor aponta, como uma das maiores características de nosso povo, a capacidade de produzir leis. Crítica que até pode parecer sutil, mas não termina aí. Na crítica a essa problemática, o eixo central de sua reflexão é a impunidade, na medida em que indica que falta uma lei que faça cumprir as demais; na medida em que um contraste salta aos olhos, ou seja: o Brasil tem uma legislação avançada e, paralelamente, uma pobreza econômica que reflete, nas suas palavras, numa *incultura*. Aí está o grande dilema, já que, ainda segundo suas próprias palavras: *uma massa dispersa e fragmentaria, sem cultura e sem recursos, que vem se arrastando dentro de formas primárias e civilização*. Nessa obra, ressalta uma debilidade que estaria presente face à ausência de alguns pontos necessários como: *as instituições do país, a evolução destas instituições, o carácter econômico do desenvolvimento histórico*. Sem dúvida, nessa reflexão se apresenta, mais uma vez Azevedo Amaral, mas alguns aspectos nos chamam e indicam que essa crítica, de certa forma, refletem novas influências. Para entendê-las recorreremos mais uma vez a Lowy.

Segundo Michael Lowy, o debate historicista esteve relacionado em grande medida ao período final do século XIX, a esse tipo de concepção crítica que reflete significativas alterações do quadro social, econômico e político, condicionantes decisivos para a sua elaboração. Percebe-se que em alguma medida tais fatores já estavam presentes em nosso cenário a partir daqueles anos 20/30: *o desenvolvimento industrial, a unificação nacional e o avanço de uma forte burguesia*. E esses são pontos mencionados na crítica de Sodré, entre outras críticas do gênero do período. Lowy também apresenta uma outra característica desse momento particular em que o historicismo procura se redefinir e se transformar em um questionamento de todas as instituições sociais e formas de pensamento, pontuando-as como historicamente relativas, e nesse sentido, operando a sua *transição de um patamar*

²²⁰ “Tratado Político”- Spinoza . *Correio Paulistano*. 21 fev. 1937. Livros Novos (p. 14).

²²¹ “História do Direito Brasileiro”- César Tripoli. *Correio Paulistano*. 25 out. 1936. Livros Novos (p. 162).

*conservador para se tornar relativista.*²²² Tal característica é interessante para entendermos a crítica de Sodré, que não seria a última e nem o desafio maior que estava por vir.

No início de novembro de 1936, o historiador Sodré admite ter uma tarefa ingrata: a de realizar a crítica de obras políticas e, como bem aponta, com um cuidado maior, tal como no caso de *Democracia Integralista*²²³. Em suas memórias, bem relembra o desconforto, já que teria, como ele diz, *de exteriorizar meus pontos de vista em relação ao integralismo e a seu chefe, Plínio Salgado, que assinava o laudatório prefácio do em apreço.*²²⁴ Ao que parece, a dimensão do conceito de política no autor transparece nessa frase como um elemento que está presente desde os tempos da *Escola Militar*: a discricção, ou a cautela, uma vez que o sentido de política deveria - ao que parece -, exteriorizar uma condição militante ou melhor, um compromisso. Esse artigo mais uma vez confirma que o historiador sempre se procurou preservar, esse é mais um dado explicativo para entender a diferença que ele estabelece entre esse período e os períodos subsequentes. Vamos a alguns os apontamentos elencados.

Na análise do livro mencionado, ele diz que o desenvolvimento integralista não se vincula por identidade idealista, a movimentos semelhantes nos países europeus, como é o caso do nazismo e do fascismo. Esses movimentos se explicam na origem por razões de ordem econômica, enquanto o integralismo revela fraquezas e a falta absoluta de se constituir em uma máquina política organizada e capaz de objetividade. Paralelamente, ao explicar que a origem do nazismo estaria em um descontentamento que refletiria em várias ordens, Sodré aponta como fator análogo ao surgimento do integralismo no país. O autor encontra, na crise de 29 e no desequilíbrio econômico posterior, as raízes de seu surgimento, associadas ao fato de que os modelos políticos em curso já não ofereciam soluções adequadas ao equacionamento dos problemas, abrigando *em seu seio, o verde esperançoso, os desiludidos da liberal democracia, temerosos das investidas dos comunistas.*

Apesar de longa, a citação abaixo se justifica por reproduzir alguns argumentos, em que Sodré elogia a transição e a capacidade de Plínio Salgado e suas obras, ainda que

²²² Lowy, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...** op.cit., p. 68

²²³ “Democracia Integralista” - Jayme R. Pereira. *Correio Paulistano*. 1 nov. 1936. Livros Novos (p. 163).

²²⁴ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Escritor...** op. cit., p. 74.

registre que, em que pesem suas qualidades e capacidades, ocorre mais uma vez o equívoco de uma leitura de que as mudanças necessariamente deveriam apontar para alterações econômicas e posteriormente, chegar ao direito privado. Por esta via, realiza a crítica a Salgado. Depois de um elogioso e quase cerimonioso *mas...*, a crítica subsequente é demolidora:

desse modo, o movimento integralista caiu no vácuo e vai limitando a uma eloquência fácil e incoseqüente e a um cerimonial copiado e forçado. ao invés de ser o grande teórico de sua doutrina, o Sr. Plínio passou a ser, apenas uma vítima a mais de messianismo político.

Em outra passagem, que vale aqui destacar, o autor afirma que:

Em suma, da leitura do livro do Sr Pereira sem saber o integralismo pois não fica esclarecida a sua doutrina, si é que ele possui doutrina. Violência da linguagem, tal qual a dos seus inimigos comunistas, promessas formidáveis de um mundo melhor, tal qual os comunistas, distinguindo-se deles apenas em que os comunistas sabem ou querem e nós sabemos o que eles desejam, ao passo que os integralistas nem sabem o que querem nem nós sabemos o que eles pretendem.

Adiante, após alguns pontos programáticos citados, ele problematiza algumas propostas, revelando, mais uma vez, as influências de Pareto e Amaral:

Ora, tudo isso, afora uma ou outra divergência, a liberal democracia também quer. E aquilo que importa em uma subversão do regime, como a socialização das grandes empresas, economia dirigida, etc., precisa vir, doutrinariamente, de formas plausíveis. Não se pode apenas dizer: pretendemos isso. É preciso explicar como chegaríamos até lá. Demais essa exposição simplista - supressão da superprodução, dos sem trabalho, e como adquirida - é até infantil, pois dá a idéia que o autor entende que, com a simples posse do poder, pôr ação milagrosa, o integralismo acabará com esses problemas terríveis com debatem as nações do nosso tempo.

Em suas *memórias*, faria posteriormente um singular desabafo, na medida em que, apesar de uma proposta de crítica isenta, admite que naquela ocasião, julgando aquilo que era uma política, estava ele, conseqüentemente, assumindo uma posição política.

Um outro aspecto já transparece na crítica literária e advém de sua concepção de História. Tal concepção encontra-se em curso e, em fase de amadurecimento quanto aos seus objetivos, remetendo inequivocamente a um projeto político. Percebo que nesse momento, o historiador já deixa transparecer através da crítica, a tentativa de compreender o Brasil como objeto central, e expondo algumas preocupações quanto à perspectiva objetiva do levantamento componencial da *constituição da sociedade brasileira*. Tal questão tem um significado particular, na medida em que dá início à pavimentação e à mobilização de suas energias intelectuais e de sua inegável capacidade de aprender e apreender, como também de uma autocrítica que traçaria a trajetória do ator ao autor: enfrentar, em um futuro que já não estava distante, o desafio de pensar *o Brasil como enigma a ser decifrado*.²²⁵ Mas não é só. Aqui também se apresenta como crítica, a questão da objetividade do historiador, na qual pontua o problema, e de certa forma, oferece soluções. Neste caso, distingue-se é uma crítica feroz a autores conservadores, como nos recorda Lowy²²⁶, com o qual dialogaremos mais uma vez, para em seguida pontuar sua aproximação à leitura de Sodré, na medida em que apresenta uma concepção de história que não responde aos desafios contemporâneos.

A explicitação maior dessa reflexão e crítica metodológica pode ser encontrada na crítica a um ícone da época, Afonso Arinos²²⁷, cuja obra é analisada no ano de 1936. Aqui, mais uma vez, o autor retoma a crítica metodológica e a falta de instrumental teórico analítico com que alguns autores ousam interpretar o Brasil e também pavimenta uma reflexão daquilo que seria o instrumento futuro da viabilização desse projeto, que será a *História Nova* dos anos 60, na qual se percebe um amadurecimento em relação aos apontamentos desenvolvidos no capítulo anterior. Em relação a Arinos, qualifica-o como confuso, particularmente em relação à linguagem científica, que se torna algo crítico quando se refere aos estudos dos fenômenos sociais. Na crítica, procura demonstrar o quanto nosso próprio vocabulário social é pobre conceitualmente para enfrentar o problema

²²⁵ Neto, José Paulo Netto in *Apresentação* da reedição de *O Naturalismo no Brasil...* op.cit. pág. 20

²²⁶ Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit. pág. 64

de seu entendimento. No caso, a crítica é particularmente pontuada, por não definir os conceitos de cultura e civilização propostos:

o material esta aí, farto e ótimo, pedindo uma cultura que o sistematize., pedindo um método que o ponha em ordem. Entretanto, todos os nossos historiadores, desde aqueles que fizeram a história total até aqueles que se circunscreveram a alguns episódios parciais, todos os nossos historiadores preocuparam-se , antes com os acontecimentos do que com as causas, antes com os fatos concretos e reais do que com o processo histórico que os motivara, antes com a elucidação de dúvidas acadêmicas do que com a pesquisa dos motivos materiais, étnicos, sociais da nossa evolução. Faltava - lhes cultura sistematizada, faltava-lhe o maravilhoso instrumento de interpretação histórica que, abandonando a análise dos acontecimentos superficiais, vai buscar no próprio subconsciente das nacionalidades os motivos e as causas dos impulsos que motivaram seu povo.

A rigor, Sodré continua apontando para uma questão que já era uma preocupação da *Escola Militar* e remete à lacuna de historiadores em nosso país. Não deixa inclusive de sugerir, nessa crítica, as pistas a serem delineadas, muitas delas sugeridas por ele próprio em um futuro não muito distante. O autor continua já sugerindo pontuações interessantes a serem utilizadas na interpretação histórica da *cultura* e, claro, da honestidade intelectual, baseado em um método de interpretação que aponte para resultados, *ao menos com uma sombra de lógica, senão com a própria lógica*. Talvez ainda a lógica do *equilíbrio* de Pareto.

O interessante é que o autor, na crítica a Arinos, aponta pistas interessantes sobre o exercício do historiador, na medida em que já estão presentes um cabedal significativo de informações e conhecimentos, fundamentalmente importantes para a história e, de certa forma, já realizados por aqueles que denominou *escafandristas da nossa história*, como é o caso de Capistrano de Abreu, Frei Vivente do Salvador e Manoel Bomfim, entre outros citados. A partir desses elementos, transparece uma singular preocupação de Sodré, já naquela ocasião, que consiste em apreender todo o processo de formação do povo brasileiro. Aquilo que seria o impasse da objetividade, que nosso autor detecta, mas a que

²²⁷“Conceito de Civilização Brasileira”- Affonso Arinos de Mello Franco. *Correio Paulistano*. 19 nov. 1936. Livros Novos (p. 168).

ainda não sabe responder, ou seja, (auto) sugere ao jovem militar, através dessas reflexões, a missão de que vai se arvorar ao longo de sua trajetória como escritor. Ao final, admite ainda que chegou a ter ilusões com a obra de Afonso Arinos²²⁸, particularmente quanto ao objetivo de realizar um *trabalho científico*, que para Sodré é histórico. Ele mesmo chega a ser categórico ao afirmar que nos não temos historiadores. Esse foi sem dúvida, um período de grandes polêmicas.

Nessa dimensão crítica, acredito que foi na mesma perspectiva metodológica que enfrentou a questão com um outro eminente historiador da elite conservadora, Luís Viana Filho e seu trabalho, *A Sabinada*²²⁹. Também nessa crítica, apontou algumas inflexões, em que o aparente cuidado na análise desenvolvida nesse trabalho esconde uma lacuna maior, já apontada anteriormente, para enfrentar questões metodológicas, particularmente aquelas relacionadas ao povo brasileiro e à sua história. Ele até elogia a honestidade do trabalho, mas afirma que os estudos políticos e sociais podem ser *verticais e horizontais*²³⁰. Desse modo, seriam verticais as pesquisas de Gilberto Freire, algumas páginas da obra do Oliveira Viana, os ensaios de Azevedo Amaral e, de um modo geral, aponta que nossos autores históricos escrevem estudos horizontais, narrativas dos acontecimentos, mas vale a ressalva de que a origem ou a influência teórica dessa escola não ainda pôde ser pontuada. Entendo que uma das hipóteses seria Henri Beer e a Escola Francesa. Sodré faz ainda uma interessante crítica à obra de Luís Viana, já que aponta que, para ele, uma das causas da derrota dos insurretos foi que estes não transferiram para o nível do plano *a ação revolucionária* e, nesse sentido, a possibilidade decisiva do apoio das populações.

Face às tensões teóricas presentes e mesmo às muitas indefinições teóricas metodológicas postas por Sodré, bem como a própria dificuldade de estabelecer com precisão a origem da dicotômica concepção de *história vertical X história horizontal*, recorro mais uma vez ao instrumental teórico disponibilizado por Michael Lowy²³¹. Lowy nos apresenta algumas possibilidades de análise quando enfrentou a questão da transição do

²²⁸Na crítica d' 'O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa', a crítica é diametralmente oposta, na medida que Sodré tece novos comentários e chega a afirmar que é um novo Afonso Arinos. Conceito de Civilização Brasileira" - Afonso Arinos de Mello Franco. *Correio Paulistano*. 19 nov. 1936. Livros Novos (p. 168).

²²⁹"A Sabinada"- Luís Vianna Filho. *Correio Paulistano*. 24 mar. 1938. Livros Novos (p. 98).

²³⁰*Verticais* são os estudos de natureza explicativa, os que importam em sondagens mais ou menos profundas sobre as condições da sociedade e sobre as suas necessidades, para explicar aquilo que se passa na superfície e que constitui a matéria dos estudos *horizontais*. Isto é, aqueles estudos que apanham e ordenam os fatos, eventos ou fases da subversão pronunciada e regida no *abstractum* das sociedades.º

historicismo relativista ao marxista, tendo como objeto Lukács e sua trajetória de intelectual revolucionário. É insuficiente, sem dúvida, mas adequado, na medida em que o papel do sujeito histórico está contemplado nessa linha de análise do historicismo. Nesse sentido, a equação *vertical X horizontal* encontra umnexo comum, para não dizer central. Talvez já dê para perceber o desabafo crítico de um autor historicista em transição (Sodré), mas ainda muito permeado pelo relativismo, enquanto enxerga a potencialidade de um sujeito histórico (o povo), ao mesmo tempo admite um determinismo evolutivo (Pareto e Amaral) e, nesse caso, remete a crítica à obra, mas, ao que parece, distancia-se do resultado final. O relativismo, como possibilidade de apreensão dessa leitura, é factível e, nesse sentido, pontuaremos alguns elementos para demonstrar que não é infundada esta possibilidade.

Leandro Konder, já tinha demonstrado a factibilidade dessa hipótese, e com ela, concordamos na introdução deste trabalho, quando afirmou que, a concepção marxista da história tinha sido reduzida a um materialismo econômico, o que resultou, para o método dialético, na sua redução ao historicismo relativista, de fundo positivista, evolucionista, quase que uma variante do evolucionismo de Darwin²³². Entendo e demonstramos que essas influências também se mostraram presentes e determinantes ao longo da primeira metade do século XX no Brasil, até o momento que o historicismo marxista como determinação, se estabelece como um patamar diferenciado de apreensão deste debate. Por outro lado, em uma leitura recente, Francisco Iglesias²³³ coincidentemente pontua, nos apontamentos críticos por nós elencados, uma certa proximidade e concordância com a mesma fase que sinalizamos, e que ele identifica como sendo um 3º e último momento de periodização de nossos historiadores, iniciado a partir de 1931 e chegando aos nossos dias. Nesse entendimento, que marca também uma nova etapa dos estudos de história no Brasil, há a presença do modernismo no plano intelectual, do tenentismo e do PCB, entre outras mediações no plano da política, enquanto no plano da história sugerem uma nova concepção que remete à *especialização*, mas que é igualmente favorecida pela *interdisciplinariedade*. Nesse 3º momento, detectado por Iglesias, encontram os

²³¹ Lowy, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...** op.cit., p. 64

²³² Konder, Leandro. **A derrota da Dialética: ...**op.cit., p. 63.

²³³ Iglesias, Francisco. **Historiadores do Brasil:...**op.cit. , p. 22 a 25 e 181 e ss.

historiadores mais conhecidos e contemporâneos, inclusive Nelson Werneck Sodré. Ao que parece, esse momento é mais que uma transição, é um momento de ruptura.

Não há dúvida de que, no Brasil daqueles anos, em que pesem as transformações de várias ordens em curso, estavam presentes elementos da velha ordem e não se perdera seu ranço conservador. Do mesmo modo, pelo próprio conteúdo da crítica literária desenvolvida, percebe-se que, de certa maneira, estavam presentes muitos aspectos nostálgicos e românticos, e acredito que se aproximem a algo próximo à nossa *história horizontal*, que Sodré tanto criticava. Em que pese as dificuldades de apreensão, não há como se esquivar do fato de que esse processo também apresente ou signifique uma dimensão crítica cultural do capitalismo. Hipótese? Talvez, mas uma explicação valiosa é trazida por Lowy, e nos sugere um entendimento da questão:

Está orientação corresponde em particular à sensibilidade da pequena burguesia tradicional em um período de transição, quando velhas classes dominantes (pré capitalistas) estão enfraquecidas mas as novas ainda não tem o monopólio do poder. A inteligentista tradicional não crê mais na manutenção dos estilos de vida pré capitalistas, mas se recusa a aderir ao capitalismo industrial, que é sentido como hostil; ao ser social e cultural; o relativismo está, sem dúvida, vinculado a estes dilemas.²³⁴

Como já apontamos, há algo novo nessa reflexão, e esta se apresenta como um desafio e até como uma questão teórica central, que gradualmente irá se impondo a vários pesquisadores e que também já era um ponto de preocupação de Sodré: a questão da objetividade. Nesse caso, o conhecimento histórico estaria intimamente associado à postura do pesquisador e ao seu envolvimento como autor e ator. Foi a partir dessas tensões que o *Historicismo Relativista* (nossa história Vertical?) se apresentou como uma possibilidade que, em última instância, também significou, a partir desses apontamentos, uma reavaliação do conceito de verdade histórica, na medida em que incorporará o ponto de vista particular do pesquisador e sinalizará a inexistência de neutralidade ou de uma verdade objetivamente neutra. Há, no entanto, uma ressalva que deve ser apontada. A relatividade foi indicativa de uma limitação da interpretação científica, ainda que tenha significado avanços em relação

²³⁴ Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit., p. 68

às correntes anteriores, particularmente em relação ao positivismo. Por esta razão, ocorre um salto qualitativo e este, sem dúvida, acaba sendo empreendido. É como entendemos Sodré nesse momento, mas, evidentemente, tencionado até a medula face a essas preocupações de ordem teórica que estavam mais presentes. Nesse caso, vale salientar que sua transição ao marxismo seria somente uma questão de pouco tempo.

Veremos como Lowy pontua as condições dessa transição do intelectual pequeno burguês e como estas se apresentam na trajetória de Sodré. No entanto, uma real transição do Historicismo ao seu subsequente patamar Marxista, implica sobretudo, reconhecer e até concordar com Lowy, que conclui que, apesar da sinceridade e do esforço pioneiro, como também da inegável potência crítica do historicismo, essa corrente fracassa, em última instância, pela impossibilidade de oferecer uma resposta coerente aos problemas que suscita. Por hipótese, esta seria uma determinação e até uma resposta aos impasses teóricos na fase inicial do pensamento de Sodré, antes de ele evoluir para uma etapa em que o historicismo seria mediado pelo marxismo e em que prevalece a crítica e a autocrítica em seu esforço de pesquisa. Como podemos observar na leitura de suas obras e nas sucessivas reedições de alguns trabalhos, o autor, nesta questão, é impiedoso consigo mesmo.

O exército democrático: ainda um debate

Entre várias indagações sobre a atuação política das Forças Armadas no Brasil, ainda hoje se debate entre as várias correntes, a polêmica questão da existência ou não de um caráter democrático do exército, alvo de reflexões inconclusas²³⁵, particularmente quando se refere ao contexto brasileiro e às esquerdas. Em relação à questão, o PCB mostrou como uma organização com características próprias e se singularizou no movimento comunista mundial, nas palavras insuspeitas de Jacob Gorender, *pela influência às suas fileiras de oficiais do exército*²³⁶. Houve inclusive uma fração militar no PCB, intitulada *Anti-Mil*. No último capítulo, veremos mais alguns aspectos específicos sobre esse setor. Quanto à linha de comportamento histórico das Forças Armadas,

²³⁵Sobre algumas teses e leituras concernentes a este debate, ver Rizzo de Oliveira, Eliezer. **Forças Armadas: pensamento e ação política** in **Inteligência Brasileira**. Reginaldo Moraes, Ricardo Antunes e Vera B. Ferrante (org). São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 257 e ss.

²³⁶Gorender, Jacob. **Combate nas Trevas...** op.cit., p. 53 e Rodrigues, Leôncio Martins. **O PCB: Os Dirigentes e a Organização...** op.cit., p. 371.

valorizaremos para o nosso diálogo, as pontuações teóricas de Jacob Gorender que aponta que o seu desenvolvimento pode ser apreendido em 03 fatores:

*a) o instrumental – as Forças Armadas como órgão coercitivo do Estado Burguês; b) o organizacional – como instituição total, cuja estrutura se baseia na disciplina rígida e tende à auto preservação; c) a origem de classe – como segmento da classe média, a oficialidade das forças armadas se inclina a refletir o estado de espírito dessas camadas intermediárias com viés profissional próprio.*²³⁷

Jacob Gorender também admite que, apesar de um ideal monolítico, as Forças Armadas não estão isentas de contradições. Nesse caso, sugere que a tese do caráter democrático estaria em nosso cenário, pautada sobretudo no terceiro fator, ou seja, a origem de classe, estando as demais omitidas. Parece que é ele que omite outras ponderações ou admite implicitamente (bem modestamente talvez) que somente ele sabia das demais variáveis. Tenho dúvidas...

Verificamos, em nosso trabalho, que esforços foram historicamente realizados no sentido de cooptar oficiais *republicanos, e depois os tenentes*, para aqueles primeiros núcleos da esquerda socialista na virada do século, como também pela esquerda marxista a partir dos anos 20. Algumas das iniciativas tiveram relativo sucesso e resultaram em assistência a algumas das primeiras manifestações grevistas de suboficiais em nossa história²³⁸, como também na cooptação de Prestes, entre outros militares pelo PCB, algo que posteriormente seria quase uma sensível questão política característica dos anos 60. Mas, mesmo na esquerda, isto nunca deixou de ser realizada sem conflitos teóricos de grande monta. O próprio Gorender aponta que essa circunstância (a presença e o número de oficiais no PCB) como a maior contribuição à tese da existência do caráter democrático e não deixa de pontuar que o clássico *História Militar do Brasil*, de Sodré, é o fundamento maior dessa reflexão.²³⁹

Entretanto, entendo que alguns reparos merecem uma interlocução diferenciada nesta leitura de Gorender, que questiona essa tese em alguns aspectos, principalmente a

²³⁷ Idem, pág. 53.

²³⁸ Sodré, Nelson Werneck. **O Tenentismo**, op.cit., p. 53. Moraes, João Quartín. **A Esquerda Militar no Brasil...** op.cit., p. 112, Maestri, Mário. **1910: A Revolta dos Marinheiros...** op.cit., p. 24.

²³⁹ Gorender, Jacob. **Combate nas Trevas...** op.cit., p. 53 e Rizzo de Oliveira, Eliezer. **Forças Armadas: pensamento e ação política...** op.cit., p. 265.

partir dos posicionamentos das Forças Armadas no golpe de 64 e nos seus desdobramentos posteriores, ou mesmo um pouco antes da cooptação da maioria dos *tenentes* pelo Estado Novo. Como vimos, a tradição de esquerda, democrática e até progressista, remonta à guerra do Paraguai e pôde ser verificada e exemplificada em vários episódios ao longo de nossa história em um período anterior à fundação do PCB, ainda que esta corrente veio a ser praticamente inexistente no pós 64, face aos expurgos que se seguiram.

Constatamos, ao longo da trajetória de Sodré, de Apolônio de Carvalho e de outros oficiais e suboficiais²⁴⁰, que, essa reflexão remete a uma correta particularidade da composição social do exército, especialmente em relação à origem pequeno burguesa da maioria da oficialidade, o que, de certa forma, explica uma real inserção à esquerda das Forças Armadas em nossa história; caso singular no espectro Sul Americano. O próprio Prestes assim entendia essa questão:

só fui para a Escola Militar porque era o único lugar onde poderia estudar engenharia. [...] quer dizer, a pequena burguesia mais pobre ia justamente para a Escola Militar, e isso deu um caráter democrático, particularmente ao Exército Brasileiro, que participou e tem participado, em geral, de todas as lutas de nosso povo. [...] Temos em nossa direção numeroso ex-oficiais, o que causa surpresa a camaradas de partidos irmãos da América Latina. Para fazer com que eles compreendessem melhor esta especificidade no caráter das forças armadas brasileiras, lhes pergunto: 'diga uma coisa, lá no país de vocês, seria possível um antigo oficial do Exército acabar Secretário-geral do Partido Comunista?' Eles consideram isto impossível, mas no Brasil, é possível.²⁴¹

Ainda que essa citação seja utilizada como uma crítica pessoal de Gorender em relação a Prestes, como argumento *pessoal sociológico irrecorrível*, ele é também um argumento válido, na medida em que também vale para outras biografias militares igualmente exemplares. Mas, pensar as Forças Armadas como segmento de classe média é teoricamente questionável. Neste caso, entendemos que apresentar a instituição como um

²⁴⁰ Rodrigues, Leôncio Martins. **O PCB: Os Dirigentes e a Organização...** op.cit., p. 393; Côrrea da Costa, Carlos Frederico. **Direi...ta, Volver! Esquer...da, Volver!...** op. cit; Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...** op.cit.

²⁴¹Entrevista de L. C. Prestes em 03/01/1964 a TV Tupi de São Paulo in Gorender, Jacob. **Combate nas Trevas...** op.cit., p. 53.

segmento de oficiais componentes da pequena burguesia é, por si só, conceitualmente mais adequada como também não isenta de polêmicas na tradição marxiana. Se Gorender tivesse atentado para esse aspecto, perceberia que os demais fatores já estariam implícitos e conjuminados naqueles 03 fatores e, nesse sentido, remetendo a uma outra linha de indagação: como se apresenta essa tese na obra de Sodré e qual a razão de as Forças Armadas terem assumido uma posição ao lado da burguesia no golpe de 64 ?

As razões podem ser várias e são particulares de um outro debate. Contudo, estas não são somente aquelas apontadas pelo historiador, mas já se pode ver o embrião dessa tese em suas reflexões nos anos 30. Ao longo desse trabalho, atentaremos para outras mediações que sugerem uma conclusão diametralmente oposta às levantadas por Gorender. Vamos a alguns apontamentos iniciais a partir de artigos publicados em vários periódicos no período relacionado aos anos 30/40, que até sugerem pistas interessantes e que, como toda a sua obra, terá um singular amadurecimento a partir de novos referenciais teóricos, bem como uma práxis até questionadora do exercício de sua vocação profissional. Vale a ressalva da limitação desta propositiva inicial, na medida em que o caráter democrático sugere estar associado à questão social em sua composição nessa fase, com inegável desdobramento político posterior.

Uma leitura pessoal

A questão democrática das forças armadas apresentava um referencial irrecorrível (o termo é de Gorender) na própria trajetória pessoal de Sodré, desde os tempos de *Colégio Militar*, e começou a ser exposta de forma mais explícita ao longo do ano de 1936, quando o autor sugere coisas novas, na medida em que, até àquele momento, o jovem militar não escrevia sobre a sua profissão. Apesar de seus artigos sinalizarem uma crítica constante e até de esquerda às instituições brasileiras em geral, uma delas até então tinha sido poupada ou cobrada: o exército. Assim, a dimensão da crítica é indubitavelmente propositiva. Por exemplo, no artigo *Exército educador*²⁴², ainda que tenha sido, por si só, um artigo um pouco laudatário, sinaliza as bases de uma futura e polêmica tese do autor, ou seja, seu papel como organização democrática, expresso principalmente pela sua composição social

²⁴²Exército Educador. *Correio Paulistano*. 15 maio 1936 (p. 118).

policlassista, e também de raças, como ausente de uma tradição intervencionista, que realiza, na leitura do autor, um trabalho social ímpar no processo de integração do país. Sodré fundamenta essa tese apontando tarefas como a alfabetização proporcionada aos integrantes da força, como também a incorporação cívica de filhos de imigrantes, evitando assim um perigo de desagregação. Sem dúvida, ele visualiza no exército, o instrumento de unidade histórica e neste sentido, o ideário de nação e pátria é pôr esta instituição, exemplo sem igual em nosso cenário.

Esse assunto é retomado ainda em artigos posteriores²⁴³, quando publicamente recupera e valoriza *Caxias*, caracterizado de forma então pouco criteriosa por um livro que criticou na ocasião e se propôs a analisar. O historiador chega a afirmar que existe um culto a *Caxias* e até aponta elementos de justificativa para a crítica de sua ação política, na medida em que admite que este sufocou *muitos de nossos ideais e absorveu muito das nossas energias*. Mas parece que a figura de líder militar de *Caxias* é, até para Sodré, ao menos naquela ocasião, algo inatacável. Um dado curioso, nesse momento, é que a palavra *democracia* somente aparece na referência ao exército, em seu papel de educador.

Feita tal observação, sua reflexão continua e aponta o caráter civilizatório da história militar e seu ensino através da análise de suas campanhas militares, tal como se mostrava nos recentes livros editados sobre o assunto²⁴⁴. Esses exemplos, não são os únicos. Nesse debate, o binômio nação e segurança também se apresenta timidamente com algumas outras reflexões críticas.²⁴⁵ Em alguns momentos, até sugere um firme compromisso com sua vocação profissional, e apresenta um outro aspecto de suas preocupações com a instituição, até então pouco presente em suas reflexões. O autor procura chamar atenção, ou melhor, denuncia o um risco da inferioridade bélica do país frente aos seus vizinhos. Faz inclusive uma ressalva de que o Brasil é um país pacifista, mas sugere como medida, que se traduz como asseguradora de paz naquele contexto, que se estabeleça como suporte decisivo dessa política (de certa forma, projetivamente associado a outras questões, como veremos depois) o arcabouço industrial de uma nação. Nessa linha, também empreende uma interessante análise, com rasgados elogios à figura de Pandiá

²⁴³ Em Defesa de *Caxias*. *Correio Paulistano*. 26 maio 1936 (p. 122).

²⁴⁴ História Militar. *Correio Paulistano*. 4 jul. 1936 (p. 132).

²⁴⁵ “A Conferência do Desarmamento”- General Estevam Leitão de Carvalho. *Correio Paulistano*. 31 out. 1937. Livros Novos (p. 63).

Calógeras²⁴⁶, como pesquisador e como homem público exemplar quando ministro da guerra. Sua admiração por esse personagem é visível. Calógeras recebe elogios na visão de Sodré por várias razões, mas principalmente: foi o civil que, naquela pasta, melhor ocupou essa função. Essa é uma tomada de posição e talvez nela possa ser contabilizada a influência das novas amizades à esquerda que se avizinhavam. Mas, com certeza, este reconhecimento público também sugere uma visão democrática sobre a questão.

Em outros apontamentos que se seguem naquela ocasião, essas questões são reafirmadas e os próprios títulos sugerem algumas influências sociológicas daqueles tempos. É o caso de *Exército e a Eugenia*²⁴⁷, em que o autor mais uma vez recupera as linhas desenvolvidas em publicações anteriores sobre o papel social do exército no processo de formação e aprimoramento do homem brasileiro. O *Exército, o grande educador*²⁴⁸, escrito nesse momento para o *Correio Paulistano*, e com o a informação de exclusivo para o DNP (Departamento Nacional de Propaganda), algumas passagens são emblemáticas, ainda que reafirme principalmente a questão da unidade, até de espírito, que a instituição propicia, a partir da questão unitária da educação, da doutrina, enfim, daquilo que o país precisa. Estes são argumentos valorativos, que entendo podem verificar a tese da origem democrática das forças armadas e o papel social desenvolvido pela instituição, na qual o autor enxergava naquele momento, a possibilidade e/ou fator de desenvolvimento nacional. Em *Função social do Exército*, retoma o ponto em que o brasileiro é diferenciado, seja pela origem social de vários segmentos populacionais que se encontram arregimentados nos quartéis, seja pelos cuidados eugenicos proporcionados pela instituição. Importa notar que tal cuidado:

propicia para o desenvolvimento dos que acolhe em suas fileiras e que transcende a função da guerra. E neste sentido, é ressaltada a responsabilidade e o bom desenvolvimento desta instituição neste processo, em muitas lugares, pólos dinâmicos de desenvolvimento e 'a função de condensador das energias nacionais, não só chamando ao seu seio homens de todas as partes de um território imenso, mas

²⁴⁶Estudos Históricos e Políticos - Pandiá Calogeras *Correio Paulistano*. 22 nov. 1936 . Livros Novos. (p. 169).

²⁴⁷ Exército e Eugenia . *O radical*. 14 jun. 1938. (p. 121).

²⁴⁸ O Exército, o grande Educador. *Correio Paulistano*. 26 jun. 1938. (p. 124).

*estendendo sua ação a toda amplitude desse território e levando os preceitos educativos a todos os recantos.*²⁴⁹

Disso decorre, para o autor, caráter de distinção em relação a outros exércitos, em um Brasil em que está quase tudo por fazer, organizar e construir.

No ano de 1938, após algumas críticas literárias e comentários sobre outros autores estrangeiros, o historiador retorna com mais dois artigos sobre o exército; agora, com a chancela do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Mais uma vez, demonstra que os problemas nacionais não se equacionam no país pela falência das instituições, caso este diferenciado no exército, onde essa tarefa, a exemplo da erradicação do analfabetismo, é conduzida eficaz e exemplarmente. Em relação à unidade nacional, aponta que, no país, o exército historicamente tem desempenhado um outro papel, e enxerga na instituição, a mediação necessária e possível, pelo exemplo e pela organização, bem como a possibilidade histórica, que, no artigo específico, descrevia a marcha para o oeste. No ano de 1939, em *O corpo de Oficiais*²⁵⁰, um dos últimos artigos dessa série, lamenta a inexistência de uma classe média face à bipolarização existente no país. De um lado, classes rurais; de outro, a massa e/ou a plebe confusa. Retoma a idéia de que, após a independência, duas forças começaram a apontar para uma mutação no desenvolvimento social; *o clero e o exército*. Ao que parece, foi mais um elemento de justificação da formação democrática dessas instituições, na medida em que estas possibilitam, neste país, uma elevação social associada ao fato de o país estar se urbanizando. Em relação à igreja, foi uma tese pontual e será reavaliada posteriormente.

Muitas dessas reflexões, junto a outros exemplos apresentados na *História Militar do Brasil*, serão objeto de fundamentação e, como vimos, postas em xeque por vários autores, mas esse pressuposto em muito contribuiu para sua rotação à esquerda, já no período da guerra. Entretanto, percebemos ao longo dos capítulos anteriores, particularmente no período dos anos 30, em razão de sua entrada no *Colégio Militar* e depois na *Escola Militar*, de certa forma, essa questão democrática era algo mais que uma reflexão, e sim uma realidade concreta, já que foi através do exército que ele, como jovem

²⁴⁹ Função Social do Exército. *Correio Paulistano*. 1 jul. 1938. (p. 126).

²⁵⁰ O corpo de Oficiais. *Correio Paulistano*. Março de 1939.

de origem social pequeno burguesa, teve possibilidade de estudar e pôde se estabelecer socialmente.

Com o exercício de sua vocação profissional, o autor perceberia que esse aspecto, a origem pequeno burguesa, também estava presente, inclusive para os suboficiais e soldados submetidos a injustiças flagrantes que feriam a ética de um *tenente*. A partir de então, a tese democrática ganha contornos políticos advindos da origem de classe. Sodré mesmo recorda, em suas memórias, algumas alterações na instituição, advindas de reformas em curso ao longo dos anos 40, que já sinalizavam a retirada desse caráter democrático. Reformas agravadas, como veremos ao longo do próximo capítulo, pela influência do nazi-fascismo na instituição. Sem dúvida, isto trouxe, a partir de outras mediações (o referencial marxista e o clube Militar), o amadurecimento de uma concepção, mas, com certeza, sem perder de vista a valoração de aspectos positivos dos mesmos, entre eles a questão levantada por Gorender: a origem de classe. Mas vamos às respostas às duas primeiras questões de comportamento levantadas por Gorender: a *instrumental e a organizacional*. Retomemos somente alguns apontamentos, na medida em que essa etapa não cabe neste momento de análise.

Penso que o exercício de sua vocação profissional é resultado de uma reflexão que foi também, gradualmente, se definindo na práxis de uma instituição que apontava para uma transformação - em muitos aspectos, até necessárias, como chega a admitir - mas como ator ou militante marxista, o historiador tentou naquela ocasião, particularmente nos anos pós 50, continuar influenciando no espírito daquele jovem *tenente* saído da *Escola Militar*. Nesse caso, era ainda quase uma missão, tentando influir nesse processo mas, sem dúvida, já na perspectiva de uma leitura da *política como compromisso*. Vale sugerir - ainda que este não seja o momento para o desenvolvimento deste debate - as dezenas de seus artigos, em vários jornais nacionalistas, com pseudônimo ou anonimamente, em vários momentos de crise política iniciados ainda no ano de 1956 e chegando até 1962, particularmente quando as forças armadas estavam no cerne da questão política. Em alguns casos, Sodré assinava como *Observador Militar*, no Jornal *Última Hora* ou como *Coronel X*, no Jornal *O Semanário*. São artigos que sugerem que essa preocupação estava mais que presente, e, seu conteúdo - que foge ao objeto deste sub-cap.- objetivava formar e instrumentalizar os militares nesses últimos tópicos sinalizados por Gorender, sem esquecer a umbilicidade do

primeiro, ou seja, a sua origem de classe. A rigor, são artigos que refletem os embates políticos em curso e a firme tentativa de inseri-los, como nacionalistas, no projeto de superação de nossas debilidades neocoloniais, que, naquele momento, se configurariam na preservação da frágil ordem democrática existente e na configuração de um projeto de nação; ou seja, aquilo que analisaremos como um *processo*, proposto e denominado *Revolução Brasileira*.

Por fim, ainda se contrapondo a Gorender (e isso, de certa forma foi objeto de debate entre ambos), Sodré entende que as forças armadas - por suas peculiaridades concernentes à origem pequeno burguesa - ajudam a explicar o posicionamento de amplos setores militares naquela ocasião, face aos *desvios à esquerda* do período pré 64, que resultaram em uma derrota política das forças nacionalistas e progressistas²⁵¹. Esse é o ponto central, e nele se percebe que uma única frase, sintomática dos impasses relativos àqueles acontecimentos e uma das razões decisivas para a derrota em 1964, resume seu pensamento: *a esquerdização nos isolou*²⁵². No capítulo subsequente, pontuaremos alguns desdobramentos desse debate, particularmente quando se apresenta em sua obra a *questão nacional umbilical à questão democrática* não somente democrática, como sinônimo de social, mas política, no sentido de um compromisso na construção de seu pensamento - e penso que se apresenta com uma significativa rotação à esquerda na virada 43/44.

A burguesia existe e pode ser nacional

Uma outra tese polêmica na esquerda brasileira, e de certa forma, também referida a uma reflexão na obra de Nelson Werneck Sodré, está relacionada a existência ou não de uma burguesia nacional e que tantas discussões suscita ainda hoje no debate acadêmico ou político. Na base de algumas correntes de esquerda, a conceituação e a presença de uma burguesia nacional também adviria das pontuações elaboradas nos congressos da III IC, e que nortearam a esquerda comunista no Brasil, particularmente com a tese do *Modelo Democrático burguês*, que seria um dos eixos propositivos para se pensar um projeto de revolução no Brasil dos anos 60, ainda que com referenciais gestados nos 30.

²⁵¹Ver Toledo, Caio Navarro (org.) 1964: *Visões críticas do Golpe...* op.cit, espec. cap.III.

²⁵²Entrevista de NWS a Dênis de Moraes in Moraes, Dênis. *A Esquerda e o Golpe...* op.cit., p. 308.

O historiador dedicaria um singular esforço teórico a essa reflexão e pontuaria com o clássico *História da Burguesia Brasileira*²⁵³, publicada em 1964, a afirmação de uma leitura que, para muitos de seus críticos e até aliados, sugere a fundamentação daquelas teses. Sem dúvida, ao adjetivar a titularidade da burguesia como *Brasileira*, admite sua concordância por antecipação com essa propositiva: ela pode ser nacional e, quiçá, até nacionalista. O que para muitos *críticos* é indiferente é que a burguesia nacional como conceito, também já se apresentava como substância dessa categoria analítica em seus artigos e reflexões dos 30/40, e adquire, em relação a esse trabalho, contornos bem ilustrativos de sua originalidade - até mesmo empiricamente - em relação àquele período. A diferença fundamental está em que o debate dos anos 60 se apresenta com uma (re)avaliação teórica a partir de um instrumental marxista mais elaborado, e claro, mediada pela *política como compromisso*. Contudo, admitimos a sua existência em reflexões de um período anterior e, sem dúvida, como muitas de suas análises, norteadas pelas leituras de Pareto e Amaral. Vamos a alguns exemplos sugestivos de confirmação.

Na etapa em curso (30/40), transparecem, em vários artigos, apontamentos embrionários de futuras preocupações, mas a nação já é um eixo central do debate que o autor procura enfrentar com algumas proposições políticas, ainda que não admitidas como tal. Na crítica literária em curso, Sodré começa a articular conceitos até então ausentes. Conceitualmente, *Burguesia* aparece pouco nesse período; salvo engano, uma única vez ainda nos tempos da *Revista da Escola Militar*, no ano de 1933, período de uma radicalidade própria, em que, afirma em uma análise histórica da superação do feudalismo, que *a burguesia sugere*.²⁵⁴ Veremos que, nesse momento, o conceito apresenta uma diferenciação substancial em relação ao conceito clássico, mas adquire, por outro lado, em vários artigos uma empiricidade propositiva.

Em uma trilogia de artigos sobre questões econômicas, estado e nação, algumas ponderações podem ser feitas. Um exemplo mais que interessante é o artigo *Unidade Histórica*²⁵⁵, em que sinaliza que não foi a nação, o idioma ou a religião que cimentou o processo brasileiro, mas aquilo que reúne *indivíduos e conduz as massas com uma dessas*

²⁵³Sodré, Nelson Werneck. *História da Burguesia Brasileira...* op.cit. Ele já tinha escrito um ensaio para a Revista *Estudos Sociais* em junho de 1963, intitulado *A Burguesia Brasileira e a República* em que antecipa algumas das questões desenvolvidas nesse trabalho.

²⁵⁴A Ciência e a Arte. *Revista da Escola Militar*. out. 1933. (p. 63 - 64)

²⁵⁵Unidade Histórica. *Correio Paulistano*. 12 de maio 1936. (p. 115).

forças subconscientes na existência dos povos às, de poucas manifestações e muita realidade subjetiva. É o peso ancestral das tradições. É o peso da história. Entendo que já é uma posição de um autor historicista, na medida em que, para ele, a história é como o espelho de um povo que reflete fidelidade às tradições, marca o momento em que o povo viveu, vibrou e, poder-se-ia afirmar, constituiu-se mediado por língua, raça e até religião. Ao que parece, *essa alguma coisa* (emblemática) viria a ser o seu ponto de constituição e pôr extensão de unidade histórica de uma nação e de uma pátria. O debate continua em outros momentos, mas podemos constatar essas novas preocupações ainda no ano de 1936.²⁵⁶

Nos apontamentos do período, o autor procura desenvolver elementos para a compreensão do processo brasileiro, demonstrando como essa dualidade refletiu-se no processo político, e curiosamente sugere aos *dirigentes medidas para que uma efetiva unidade econômica possa ser estabelecida*, definindo a mediação política com uma referência a Azevedo Amaral. No desdobrar dessas reflexões é que a questão nacional e a burguesia começam a se apresentar em comentários, como no artigo *Centralização econômica*²⁵⁷, em que até se podem perceber algumas nuances em seu pensamento. Ao recuperar historicamente o processo de concentração de renda, ele demonstra, através de uma sutil analogia, que a luta dos senhores feudais que combatiam o Rei, na França, é por osmose, naquele momento, uma luta entre o *Estado e os grandes capitalistas*. Nesse sentido, sinaliza como reflexo a intervenção do Estado na economia – ao que parece, desaprova-a. Tecendo comentários sobre o quadro nacional, ele dirá:

O Estado em luta contra os grandes capitalistas, pelos meios mais diversos, é uma página estranha que não poderia deixar de interessar profundamente a estrutura do mundo contemporâneo. Há um ponto de extrema delicadeza nessa luta. É que nunca se pode marcar nitidamente, o limite entre a segurança e o erro. Desta forma poderá ser fatal ao Estado essa luta, levada ao extremo, visto como a experiência tem demonstrado o valor da iniciativa privada no campo das realizações econômicas. Outro aspecto a considerar é que os governos são sempre apoiados nas forças econômicas das nações, são representantes de suas forças produtivas, são, enfim, representantes desse mesmo conjunto de interesses com quem sabem a luta.

²⁵⁶Unidade Econômica. *Correio Paulistano*. 13 de maio de 1936. (p. 116)

Percebe-se que a substância, ou o sinônimo de burguesia utilizado em grande medida nos artigos do momento, é em alguns casos pontuada pela genérica definição de grandes capitalistas. Paralelamente, também aparece, em muitos artigos, o conceito paretiano de elites. É nessa linha de debates que se apresenta a polêmica com um dos expoentes do pensamento burguês no Brasil, Herbert Levy. Depois de delinear alguns sinais positivos quanto a clareza do texto, concordando com ele e dele discordando em alguns casos, em *Rumos a Trilhar*²⁵⁸ Sodré faz a crítica à baixa formação dos membros do parlamento e à classe política, chamando atenção para uma leitura embrionária do papel da burguesia em nosso processo histórico, mas principalmente apontando e pontuando o seu grau de intervenção em um projeto de nação a se construir naqueles tempos. Nesta perspectiva é que se apresenta mais uma vez, nesse e em vários artigos, a forte influência de Pareto e uma sinalização programática objetiva, que privilegia a questão das instituições, ou seja, a superestrutura política e o papel do Estado. É, ainda, a crítica de um *tenente*. Em outros artigos, discorre sobre uma elite(?) estranha que sempre procurou delinear leis contrastando a inversão de um processo histórico²⁵⁹.

No ano de 1936, até às vésperas do Estado Novo, alguns artigos sugerem uma linha de reavaliação crítica, além de um aprofundamento das questões. Depois de discorrer sobre o carvão e sobre a necessidade de apoio a essa indústria nacional (inclusive por razões de segurança nacional) afirma que vê aí poucos sinais de uma burguesia, apresentada no cenário político com algum nível de fundamentação propositiva em um projeto de nação. É já associada ao projeto de nação que essa questão se apresenta como uma preocupação anti-imperialista, evidente com o artigo na *Riqueza mineral do País*²⁶⁰, no qual ele mais uma vez aponta pistas interessantes de suas reflexões no momento. Nesse caso, afirma que, com a mudança da legislação, o quadro se alterou, ocorrendo uma retomada do poder público e de seu controle sobre as jazidas. Segundo o autor, era uma questão de difícil equacionamento, que feria os interesses nacionais, associada à falta de *capitais nacionais* (debilidades burguesas ?), e que resultava na apropriação dessa riqueza nas mãos de empresas estrangeiras. Em outras considerações, destaca que para que haja

²⁵⁷ Centralização Econômica. *Correio Paulistano*. 16 de maio de 1936 (p. 119).

²⁵⁸ 'Rumos a Trilhar' - Herbert Levy. *Correio Paulistano*. outubro de 1936. Livros Novos

²⁵⁹ Contraste Brasileiros. *Correio Paulistano*. 29 de maio de 1936. (p. 122).

desenvolvimento é necessário o desenvolvimento da indústria metalúrgica, com orientação própria no terreno político e econômico, e chama a atenção para o fato de que a viabilidade desse processo impõe a necessidade do desenvolvimento das jazidas de carvão e de ferro. Pistas interessantes de um projeto nacionalista em gestação. Ou seja, *a falta de capitais nacionais* remete sua crítica a um dos agentes principais em questão, a burguesia.

Todavia, entendo que a empiricidade dessa questão acontece pouco antes do Estado Novo, quando o historiador descobre através da crítica literária, algo que, penso, vai acompanhá-lo como substância de suas futuras reflexões: à crítica a *História Econômica do Brasil*²⁶¹, de Roberto Simonsen. Percebe-se aqui a expressão mais acabada daquilo que veio a ser conhecido como *Burguesia Nacional e progressista* na obra de Sodré. Seja nessa crítica, seja nas memórias, transparece a sua admiração por Simonsen e sua obra, sem deixar de mencionar outros valiosos pesquisadores, como Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna ou Gilberto Freire. Tudo isso para mostrar que enxergou em Simonsen um *mestre*, e isto por si só é significativo, já que nos apontamentos anteriores, a denominação *mestre* não era utilizada como referência comum. Ainda assim, o historiador não se abstém de críticas, na medida em que o livro em questão não dá relevo ao desenvolvimento político nacional decorrente dos aspectos econômicos e, neste sentido, Sodré ainda espera para ver alguém que faça a verdadeira história do Brasil. Em que pesem tais observações, admite que é um livro fundamental.

No entanto, em suas memórias, recupera que foi a partir desse momento que teve início entre ele e Simonsen uma troca de correspondência e até de publicações e colaborações, ainda que não viessem a se conhecer pessoalmente, o que ele bem lamenta. Lamentaria ainda a precocidade de sua vida e o fato de sua monumental *História Econômica* ter permanecido inconclusiva, já que era um autor – na sua opinião – que conhecia com intimidade a economia brasileira dos séculos XIX e XX. A rigor, pontua que Simonsen expressava os limites de um indivíduo fiel à sua classe, bem dotado de cultura e dissociado de preconceitos. O historiador não titubeia em apontá-lo como o mais autêntico e capaz líder da burguesia brasileira, apontando para a necessidade de um efetivo papel do Estado na economia e no planejamento; algo por si só *subversivo* naqueles tempos, ou seja:

²⁶⁰ “A Riqueza Mineral do Brasil” - S. Fróes Abreu. *Correio Paulistano*. 27 mar. 1938. *livros Novos*. (p. 99)

²⁶¹ “História Econômica do Brasil” - Roberto C. Simonsen. *Correio Paulistano*. 2 dez. 1937. *livros Novos*. (p. 70).

*um espírito progressista, que via muito mais longe que seus companheiros de classe e entendia melhor como defender os interesses dela.*²⁶²

Outra fundamentação polêmica

Essas reflexões pontuais, e advindas de uma práxis, ganhariam substância teórica em 1944, quando o autor publicou o seu *Formação da Sociedade Brasileira*, em que nos deteremos posteriormente para uma análise em separado. No momento, vale pontuar mais uma vez, a anterioridade da tese da burguesia nacional.

A partir desse momento, e já utilizando o referencial marxista, com inegável influência da obra de Caio Prado, Sodré destaca a existência histórica da burguesia advinda ainda dos primórdios da colonização. Inicialmente, um ponto central é que o processo brasileiro seria norteado a partir de uma empresa mercantil capitalista colonizadora e que, ao se transfigurar historicamente, remete a uma burguesia pré-existente já como classe social, com um papel determinante em nosso processo nacional e que é igualmente emancipatório. Em sua análise, identifica inclusive o papel de uma burguesia no processo de superação de medidas econômicas restritivas e dependentes, característico daquela fase pré-independência; que, em última instância, significa a existência de uma burguesia nacional. Ele diz:

O processo da emancipação, na realidade, acabou podendo, irremediavelmente de tudo aquilo que poderia fazer dele uma revolução autêntica, capaz de alterar os quadros políticos, ligadas às novas forças, que já iam surgindo, na intimidade social do país. A medida que a burguesia nacional, temerosa das ameaças que a vinham cercando de toda parte, enceta o trabalho penoso e tenaz de reação, fazendo malograr tudo aquilo que pudesse existir de verdadeiramente revolucionário no movimento autonomista. Desse modo de ver infere-se, evidentemente, o formidável esforço dessa burguesia que, pela primeira vez domina os órgãos administrativos e representação no sentido de defender-se contra qualquer reforma capaz de alterar perigosamente a estrutura econômica do país, estrutura instável, em realidade, sempre propícia às

²⁶² Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 134.

*reformas, porque eivada de diferenças e de injustiças que estiolavam as forças melhores do povo brasileiro.*²⁶³

Percebe-se, nessa passagem, que além de pontuar sua existência como nacional, o autor também já a adjetiva de burguesia bem conservadora. Mas a conjugação entre burguesia e nacionalismo já se fazia presente. O autor pontua algumas diferenciações e até sinaliza a existência de frações de classe (ainda que não utilize esse conceito) como a burguesia rural, que teve uma determinante atuação no processo de independência, e a burguesia comercial que, no caso, caracteriza-se por apresentar-se sempre temerosa das camadas populares. No entanto, esta já é uma outra discussão, que retomaremos no capítulo IV, na medida em que, *Formação da Sociedade Brasileira* é um trabalho referencial em um momento de transição. Importa, contudo, ao menos até os anos 50, que a existência desse conceito já estava posta mais do que intuitivamente no seu pensamento.

Neste caso, percebemos que, entre, a burguesia nacional e progressista, entre outras futuras pontuações polêmicas, também tinha encontrado sua práxis, mas, ao que parece, sem ilusões. Não tenho dúvidas de que foi principalmente a partir de Roberto Simonsen que o autor se despe de preconceitos e ilusões em relação a uma perspectiva de diálogo com setores da burguesia. São vários os exemplos posteriores em que Sodré, militantemente, investiu nesta possibilidade. Não teve ilusão ao conhecer o IBESP e dele participar, e depois no ISEB, com outro polêmico exponencial e auto intitulado formador e porta voz da burguesia nacional: Hélio Jaguaribe. Como também não teve preconceito ao aceitar participar, no ano de 1959, do *Conselho Técnico* da conservadora *Confederação Nacional do Comércio*, conjuntamente com outros nomes de prestígio, entre os quais incluía um leque ideológico discrepante, que apresentava, ao lado de Caio Prado Júnior, personagens conservadores como Eugênio Gudín²⁶⁴. Comentaria em suas memórias, que nunca se arrependeu daquela participação, ao contrário, foi um grande aprendizado da burguesia e, ao que parece, já não tanto nacional à época quanto pró-imperialista, e que resultou em um conhecimento ímpar de muitos de seus expoentes que ali se faziam presentes. Mais uma vez, a práxis é que fornece subsídios à sua reflexão teórica.

²⁶³ Sodré, Nelson Werneck. *Formação da Sociedade Brasileira*...op.cit., p. 268

²⁶⁴ Sodré, Nelson Werneck. *A Ofensiva Reacionária*...op.cit., p. 58.

Sem dúvida, foi esse aprendizado, associado ao instrumental teórico mais elaborado nos anos subsequentes, que possibilitou ao autor apontar para a burguesia como processual, particularmente em seu caráter nacionalista e progressista. Algo em que o conceito *nacional e progressista* encontraria uma substância, mas como conceito, não como uma forma definida, na medida em que, em nosso processo histórico, ela é ainda margeada por contornos pouco nítidos e maleáveis às intempéries do tempo. É esse argumento que sugere, quando analisa o capitalismo no Brasil e aponta que este:

Gera uma burguesia tímida, que prefere transigir a lutar, débil e por isso tímida, que não ousa apoiar-se nas forças populares senão episodicamente, que sente a pressão do imperialismo mas receia enfrentá-la, pois receia mais a pressão proletária. Os episódios de avanço são como patamares, duramente alcançados às vezes. Não há episódios de destaque, aqueles que vão para os compêndios, depois ensinados nas escolas e objeto de celebrações cívicas. Isto não signifique que o processo não funcione, não avance – embora o avanço não seja uniforme e linear - , não seja marcado por conquistas. Tal processo se assemelha mais aos movimentos de um roda quadrada, que vai se tornando redonda na medida que rola, primeiro aos tombos, abalando as estruturas, depois mais suavemente. Nossa revolução burguesa não tornou ainda redonda essa roda gigantesca.²⁶⁵

Em que pesem as discordâncias de seus críticos e as polêmicas ainda hoje presentes, entendo que sua leitura da burguesia nacional e progressista é uma elaboração autônoma, pioneira e, principalmente, processual, que encontra subsídios nesse debate no período anterior às teses do modelo democrático burguês dos anos 60.

²⁶⁵ Sodré, Nelson Werneck. **Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil...** op.cit., p. 30 e ss.

CAPÍTULO III

Impasses de um Tenentismo Tardio: continuidades ou rupturas ?

A Descoberta N' oeste

O relativismo em um momento de transição

Determinações, tensões e impasses

A crítica que é também política

O feudalismo encontra sua práxis

Ponderações D' oeste

A Caminho do Marxismo

O aborto de uma tradição

O canto do cisne

Projeto nacional como expressão de nacionalismo.

Uma questão de princípio

Apontamentos de um debate

Mediações de uma transição

Intervenção na Revista Cultura Política

CAPÍTULO III

“É através da praxis, apenas que os adquirem interesse uns para os outros e se tornam dignos de ser tomados como objeto da representação literária. A prova que confirma traços importantes do caráter do homem ou evidencia o seu fracasso não pode encontrar outra expressão senão a dos atos, a das ações, a da praxis.”²⁶⁶ Lukács

Naquele ano de 1937, Nelson Werneck Sodré recebe um inesperado e até pouco esclarecido convite para ser ajudante ordens do seu antigo e prestigiado comandante da *Escola Militar*, o General José Pessoa. Face às circunstâncias, essa uma decisão difícil e aceitá-la, um ato de coragem. Difícil pelo fato de ter que mudar para a *Côrte*, algo que não o atraía; de coragem, pelo aspecto político da questão, face ao fato de o general ter sido preso e perseguido pela dupla de generais Dutra e Góis Monteiro; coragem também em vista das conseqüências que poderiam advir para a carreira futura do jovem oficial. A crítica literária recém-iniciada em São Paulo também poderia apresentar dificuldades estando ele no Rio de Janeiro. Mas, por outro lado, era um convite honroso feito por um militar íntegro que o autor admirava e, por essa razão, apesar das possíveis adversidades, o *motivo ético pesou decisivamente na decisão*. Poder-se-ia se dizer que ainda está muito presente a concepção de um *tenente*.

Percebe-se que tais adversidades resultaram, afinal, em um aspecto positivo para a sua vocação intelectual. Estando o general em comissão (encostado, à espera de função), também o autor, como Ajudante de Ordens, encontrava-se em situação análoga. O cotidiano de suas atividades militares consistia em encontros diários com o general - na maioria dos casos, para informes - e, como decorrência, teve o historiador tempo liberado para produtivos contatos intelectuais na cidade, que seriam bem úteis mais tarde, em que pese as adversidades quase que anunciadas. O clima político era tenso, e, em suas memórias, chama atenção para esse aspecto. Em 10 de novembro de 1937, ocorre a instalação do Estado Novo e, segundo ele, face às circunstâncias do isolamento das forças políticas aptas a se oporem ao golpe, este se instalaria quase como *uma conseqüência*

²⁶⁶ Lukács, G. *Ensaio sobre literatura*....op. cit., p. 58.

natural do anticomunismo e, com ela, a idéia do triunfo do Integralismo. Os acontecimentos posteriores demonstrariam o ledó engano do então *tenente*, na medida em que o Integralismo é que pouco depois seria posto na ilegalidade com uma frustrada tentativa de golpe dos *camisas verdes*, levando a maioria de seus membros para a cadeia.

A Descoberta N^oeste

Com tempo livre para estudar e freqüentar as rodas literárias, concentradas principalmente na Livraria José Olímpio, o autor conheceu Graciliano Ramos, José Lins além de outros intelectuais. Esse foi um período de grande aprendizado e fecundos conhecimentos, e as influências desse convívio não passariam despercebidas, até porque o esforço de crítica já era percebido como limitado e, para os demais literatos, uma questão de medo. Ele bem distingue esse quadro, quando diz:

Na livraria José Olímpio os escritores deixavam e recebiam correspondência, com a moça da caixa, marcavam encontros, distribuíam recados, com ela ou com o Castilho, velho empregado, de todos conhecido. E mantinham longas e as vezes tempestuosas conversas, à porta ou nos fundos, onde havia um banco. O banco, que assinalava o local do crime, tinha freqüentadores certos; ali, por exemplo, Graciliano Ramos dava audiência (grifo do autor) todo santo dia. Como a maioria desses freqüentadores fosse de esquerda, o banco passou a suspeição à policial. Certa altura, alertado por Lourival Fontes, José Olímpio prudentemente, mandou retirar o banco. A esquerda literária ficou sem ter onde sentar.²⁶⁷

Provavelmente, o historiador também ficou em pé. Acredito que, a fecunda amizade com Graciliano Ramos deve ser contabilizada como um fator relacionado a uma gradual e futura rotação política de Sodré, face ao explícito proselitismo à esquerda que exercia²⁶⁸, até porque o neologismo *audiência*, significa, a rigor, uma atuação política marcadamente socialista por ele desenvolvida naquela ocasião e que, nas entrelinhas, demonstra não estar ausente ou finge ignorar. Nas suas memórias, dedica várias páginas a essa amizade e ao seu

²⁶⁷ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 93.

²⁶⁸ Moraes, Dênis. *O Velho Graça: Uma Biografia...* op.cit., p. 172; Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., cap. II; depoimento de José Gutman in Paula dos Santos, Ana. *À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras:...* op.cit., p. 66.

significado, particularmente na campanha de liberdade do escritor, quando este esteve preso, e essa não era uma ação de pouca visibilidade.

Nesta época, o historiador conheceria uma das mais marcantes figuras da literatura e do jornalismo no Brasil, e que o influenciaria marcadamente dali para frente, Galeão Coutinho. Na sua memorialística, o autor dedica-lhe várias páginas generosas, descritivas de sua personalidade como também de seu trabalho. Coutinho era, sem dúvida, um intelectual de esquerda, ainda que as referências político-partidárias sobre o mesmo sejam esparsas, até em razão de ele ter falecido muito jovem. Armênio Guedes²⁶⁹ comentou tratar-se de um jornalista de posições de esquerda muito consistentes, e de certa forma, próximo do PCB. Como editor, foi um audacioso para a época; fundador da editora Cultura Brasileira, além de editar as coleções de clássicos, inovaria lançando literatura socialista, entre cujos autores Sodré lembra um que o influenciaria, Max Beer. Todavia, o pós 35, face à repressão cultural e às sucessivas apreensões de livros e à proibição de lançamentos, acabaria sendo tempo do obituário da pequena editora. É um preâmbulo que se repetirá no futuro mais de uma vez, tendo-o nesse momento não como observador, mas como ator participante, como foi o caso da Editora Civilização Brasileira no pós 64.

Ao que parece, foi também através de Galeão Coutinho que teve início um novo tipo de aprendizado e, associada aos acontecimentos relatados, uma singular fase de reflexão política à esquerda. Sodré admite, na crítica que Coutinho fazia - por exemplo de Lima Barreto, entre outros autores -, algo que ninguém tinha realizado até então, ou seja, uma crítica penetrante e, de certa forma, burlesca, da sociedade brasileira naquela fase de alastramento das relações capitalistas, como igualmente realizava a crônica do cotidiano, num meio fundamentalmente pequeno burguês. Foi através de conversas com Coutinho que o então projeto de escrever uma história da literatura sob a perspectiva do materialismo histórico ganharia fôlego e seria viabilizado quase às raias do desespero. Como bem lembra o autor, o projeto se apresentou como um desafio:

O mais grave era que nem o livro estava pronto nem eu em condições de escrevê-lo. Para escrevê-lo, realmente, era necessário que estivesse preparado sob dois aspectos, o do tema e do método. Ora, embora tivesse lido muito, não lera com a finalidade de escrever um livro de tal natureza, não lera os textos fundamentais todos, desconhecia

*obras que deveriam merecer referência e mesmo autores, e desconhecia parte do que já se escrevera, no campo da crítica e no campo da história de nossa literatura. De outro lado, meus conhecimentos do materialismo histórico eram insuficientes para uma empresa daquelas dimensões e das características daquelas que estavam em minhas cogitações, agora, no terreno do compromisso. Tendo lido a maior parte dos textos marxistas aqui editados – e eram poucos – e boa parte daqueles editados em francês, não lera o mínimo que autorizasse a audácia de aplicar o método a um caso concreto.*²⁷⁰

As dificuldades foram enormes, mas, em meados de 1937 e já transferido de unidade no Rio de Janeiro, entrega os originais de *História da Literatura Brasileira*. O livro tinha originalmente por subtítulo: *Seus fundamentos Materialistas*, sugestivo de uma particularidade e de uma outra concepção de História, como também da apreensão de novos referenciais metodológicos e, por que não dizer, políticos. Mas, com o Estado Novo em vigor, o historiador acata a sugestão de Galeão Coutinho e deixa que a cautela prevaleça sobre a juvenil ingenuidade tenentista, mudando o subtítulo para *Seus Fundamentos Econômicos*, bem mais palatável à censura e à repressão em curso, apesar dos equívocos que resultaram em interpretações errôneas ao longo das sucessivas edições. O equívoco mais geral, foi o de pensarem que sua leitura era a de um marxismo economicista. O livro seria publicado em 1938, e vamos a alguns apontamentos.

Em uma interessante leitura sobre esta obra, Gaio²⁷¹ aponta que o autor já é um expoente filiado a uma tendência crítica do Modernismo. A obra é, sem dúvida, revolucionária para a época, com isso estamos de acordo, na medida em que vimos, através de seus artigos, o contundente posicionamento crítico de Sodré em relação às letras de seu tempo e a seus pares intelectuais daquela primeira metade do século XX. Em última instância, nem mesmo a *prestigiosa* Academia Brasileira de Letras ficaria impune. Tais críticas são políticas, ainda que ele não as admita como tais. Ainda assim, *História da Literatura* é um trabalho que teve méritos e novidades decorrentes do pioneirismo da proposta, mas também apresentou problemas face à insuficiência teórico-metodológica do autor. Ao utilizar este instrumental teórico: o materialismo histórico, a monumental tarefa

²⁶⁹ Armênio Guedes, 11/03/99 em entrevista com o autor.

²⁷⁰ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 89.

²⁷¹ Gaio, André Moysés. *Uma teoria da Independência:...* op.cit., p. 113 a 115.

que ele se impunha apresentou sérias lacunas, particularmente quanto aos objetivos, ou seja, os de *revelar as relações entre a produção literária e o contexto histórico em que ela foi gerada*²⁷². É um aspecto reconhecido com singular honestidade pelo próprio Sodré, ao menos até o aparecimento da 3ª edição, nos anos 60, a qual, na verdade, já era um outro trabalho e, apesar do mesmo título, já apresenta a influência marcante de Lukács. De todo modo, essa obra cumpriu um papel naquele momento, como ressaltou Iglesias.²⁷³

Ainda assim, podemos ainda apontar outras debilidades interpretativas daquele jovem *tenente*. Em primeiro lugar, vale o registro da ausência de menção à revolução de 30 ou ao Modernismo como expressão ascensional da burguesia, na 1ª edição. Gaio pontua que algumas modificações foram acrescentadas ao longo da 2ª edição, em particular aquelas sobre o Modernismo e sobre as mudanças advindas da revolução de 30, como também apresenta uma marca característica do momento político: o Estado Novo. Contudo, face às limitações pontuadas e que, a rigor, não diferenciam substancialmente as duas primeiras edições, concordamos com o autor que ainda não fora desta vez que teria ocorrido *a grande mudança nos esquemas interpretativos*²⁷⁴. Em nossa leitura, pontuamos que o momento de rotação e ruptura se aproximava, conjuntamente com os elementos explicativos para as limitações postas à época. No caso de Sodré, esses apontamentos não passaram despercebidos, tendo em vista que crítica e autocrítica são uma constante na sua memorialística, e esses pressupostos são reavaliados inclusive nas reedições posteriores de seus livros. Em nosso caso, retomaremos a questão no capítulo subsequente, até porque alguns aspectos correlatos dessas edições da *História da Literatura* estariam presentes na introdução de *Orientações do Pensamento Brasileiro*, publicado em 1942.

De qualquer forma, percebemos que outros apontamentos nos possibilitam caminhar com essa limitação intrínseca de um *tenente* ou, como sinalizamos, de um historiador relativista em transição para o marxismo. Acredito que o singular convívio com Graciliano Ramos ou Galeão Coutinho, entre outros escritores, resultasse na superação de ilusões na sua vocação intelectual, como sugere uma das suas últimas críticas políticas realizada na ocasião. Críticas demolidoras, diga-se de passagem, como a que podemos observar em

²⁷² Idem, p. 165 e ss.

²⁷³ Iglesias, Francisco. *Historiadores do Brasil*:...op.cit., p. 214.

²⁷⁴ Gaio, André Moysés. *Uma teoria da Independência*:...op.cit., p. 179.

*Pandemônio*²⁷⁵, artigo de 1937, publicado um pouco antes do golpe, em que ele satiriza a formação da *Academia Brasileira de Letras*, um ícone sempre muito próximo do poder e, por extensão, porta voz de uma ultra elitista intelectualidade que procurou imitar *sine qua non* sua congênera francesa. São palavras ásperas aquelas com que afirma que *quisemos fingir uma cultura. Não soubemos fingir com decência e com comedimento*. Para o intelectual, resistir ao beletismo nacional *é preciso ser um tanto blindado no caráter*. É um aspecto à ser abordado como um elemento de definição vocacional do autor. Entretanto, com a proclamação do Estado Novo poucos dias depois, estabelece-se uma outra situação e a censura abortaria em tese, a partir daquele momento, quaisquer possibilidades de crítica social ou política.

Vale ainda uma ressalva. Veremos que a criatividade crítica também se instala e a crítica não desaparece como o historiador sugere em suas memórias. Mas, com certeza, se as limitações de exercício de crítica literária, mediada por sua vocação intelectual, estavam postas, a confluência da política com sua vocação profissional como oficial encontra, a partir daquele momento, Nelson Werneck Sodré com a *espada de Dâmoçles* sobre a cabeça, configurada no *artigo 177* da constituição recém-outorgada. O artigo estabelecia a passagem sumária para a reserva de oficiais suspeitos, ou, quando muito, de *pensarem ou serem acusados de pensarem de modo diferente*.²⁷⁶ A partir desse contexto por ele intitulado *Ditadura Pretoriana de caráter Bonapartista*, surge uma nova reflexão intelectual, na qual o bom tom político eram os ensaios ilustrativos, bem como as tentativas de sustentar a nova ordem com fundamentos teóricos mais elaborados. Aqueles acontecimentos é que possibilitam e permitem perceber uma nova e definitiva rotação.

O relativismo em um momento de transição

O exercício de sua vocação intelectual não foi interrompido com o golpe e ele ainda conheceria nessa ocasião outros intelectuais de prestígio, antes de ser novamente comissionado em outra unidade militar. Apesar do clima político e da censura em vigor, com intervenções variadas inclusive nas universidades, atingindo proeminentes professores

²⁷⁵ “Pandemonio” - Christovam de Camargo. *Correio Paulistano*. 28 out. 1937. Livros Novos (p. 62).

²⁷⁶ Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil...* op.cit., p. 282.

que admirava como Hermes Lima e Leônidas Rezende, além de seu antigo mestre, Isnard Dantas Barreto, causam-nos até surpresa algumas de suas manifestações. Naquele contexto obscuro e associado ao longo aprendizado que adviria com o Estado Novo, Sodré consegue desenvolver, através das letras, uma singular reflexão, a despeito do clima anticomunista reinante, que colocava no mesmo saco todos os reais e os imaginários oponentes ao regime. O autor até lembra que virou moda para os intelectuais naqueles tempos se declararem de centro ou apolíticos. Muitos tinham sido presos e a maioria era proveniente, como faz questão de ressaltar, da Pequena burguesia. Ainda assim, era nas letras que existia algum espaço de manifestação e através delas, alguns canais oficiais ou extra oficiais como a Revista *Diretrizes*. Nada está isento de polêmicas, ainda hoje. Mas esta não foi a única.

Quando pensamos em sua contribuição na revista *Cultura Política*, por exemplo, devemos entender que, apesar de ela ter sido um veículo oficial de propaganda do regime, era também canal de expressão crítica moderada naqueles tempos.²⁷⁷ Por um lado, muitos intelectuais de prestígio davam suporte aos novos tempos e, através da revista, propiciavam a fundamentação teórica ao regime; alguns deles, de seu relacionamento pessoal como Almir de Andrade, Azevedo Amaral e Oliveira Vianna. Por outro lado, a revista exercia, por razões diversas, uma singular sedução de colaboração para muitos intelectuais de esquerda e liberais. Segundo Dênis de Moraes²⁷⁸, talvez a razão mais importante fosse o fato de que a participação na revista não exigia alinhamento político automático, e os artigos poderiam versar sobre temas estéticos e literários. Associada a essas questões, havia uma vantajosa remuneração por artigo, o que não era mal naquele contexto de pouca oxigenação literária face à censura e, portanto, de falta de trabalho.

Na sua leitura memorialística, Sodré pontua que os artigos da *Cultura Política* são extremamente ilustrativos de um posicionamento nacionalista em gestação e a revista, era, na sua opinião, feita com muita inteligência, sugestiva de uma outra perspectiva de apreensão do Estado Novo, que não se limitava somente a sua face policial, sua característica mais visível. Veremos ainda nesse capítulo, como sua participação se apresentou pelo conteúdo e a análise de seus artigos na revista naquele contexto. Vale ressaltar que, poucos foram os intelectuais de expressão que não colaboraram - colaboração

²⁷⁷ Lauerhass Jr, Ludwig. **Getúlio Vargas e o triunfo do Nacionalismo Brasileiro...** op. cit., p.142.

²⁷⁸ Moraes, Dênis. **O Velho Graça: Uma Biografia...** op.cit., p. 184.

dissociada do sentido de adesismo - e claro, muitos tendo a firme distinção daqueles que serviam ao Estado Novo e o significado de servir no Estado Novo²⁷⁹.

Graciliano Ramos por exemplo, era o revisor da revista, e apesar de recém-liberto da prisão, continuava *despachando em audiências*²⁸⁰ na livraria José Olímpio, como Sodré mais de uma vez o recorda, até porque mantinha com ele encontros literários quase diários. Outros intelectuais exerciam atividades jornalísticas ou afins em condições semelhantes como o repórter comunista Edmar Morel no DIP ou o escritor Carlos Drummond de Andrade²⁸¹ no MEC (Ministério da Educação e Cultura), bem como as contribuições de Oscar Niemayer na Arquitetura ou Portinari e Di Cavalcante na pintura entre outras participações sujeitas a polêmicas ainda hoje, como foi o caso de Jorge Amado, que, naquela ocasião, atuava como jornalista no periódico de orientação nazista *Meio Dia*, como ressaltou em artigo crítico H. Sachetta.²⁸²

No caso de Sodré, ele também se manifestou em várias ocasiões com artigos em vários jornais com a chancela do DIP, o que até poderia sugerir uma adesão ao novo regime, sempre estimulada por Azevedo Amaral. A rigor, entendo que, nesse momento, o autor somente desenvolvia com coerência sua vocação de escritor, ou seja com a autonomia de que nunca abriria mão e a coerência bem exposta de se manifestar sobre um assunto que remete à sua vocação intelectual e a seu conhecimento. Seus artigos para o DIP refletiam a leitura que sempre pontuou em relação ao exército e seu papel social bem como artigos sobre a questão nacional e, como vimos, idéias fecundadas em grande medida no período da *Escola Militar*. Além disso, eram artigos bem pagos, o que não deixava de ser bem vindo como complementação do magro orçamento doméstico que o soldo militar

²⁷⁹ Alguns deles: Cecília Meireles, Afonso Arinos, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, Peregrino Júnior, Nelson Werneck Sodré, Guerreiro Ramos in Moraes, Dênis. **O Velho Graça: Uma Biografia...** op.cit., p. 185, Lauerhass Jr, Ludwig. **Getúlio Vargas e o triunfo do Nacionalismo Brasileiro...** op.cit. p. 142 e Silveira, Joel/Neto. Geneton Moraes. **Hitler/Stalin: O Pacto Maldito**. Rio de Janeiro, Record, 1990. Este último trabalho, avalia aquele acordo e seu impacto na esquerda brasileira, recuperando, em vários depoimentos memorialísticos, o processo de intervenção dos intelectuais no aparelho do Estado e nos vários órgãos de imprensa no período do Estado Novo.

²⁸⁰ Moraes relata que G.Ramos desenvolvia uma atividade militante socialista após sua saída da prisão, mas não como membro do PCB. Moraes, Dênis. **O Velho Graça: Uma Biografia...** op.cit., cap. II.

²⁸¹ Cançado, José Maria. **Os sapatos de orfeu: Biografia de Carlos Drummond de Andrade**. S.P., Editorial, 1993, p. 147.

²⁸² *Jorge Amado nos porões da decência* in Sachetta, Hermínio. **O calderão das bruxas e outros escritos políticos**. Campinas, Ed. Unicamp, 1992, p. 69 a 72. Também ver *Epílogo para um romance à revelia do autor* in Gorender, Jacob. **Combate nas Trevas...**op.cit., p. 16.

propiciava. A questão monetária, paralelamente, mais uma vez confirma uma postura de intelectual que entende essa atividade vocacional como uma atividade objeto de remuneração, o que não era a norma na maioria dos casos, e no seu, como colaborador e crítico literário em vários periódicos. O historiador lamentaria, mais tarde, esse envolvimento e tais razões serão expostas ao longo do próximo capítulo. O período também teve por característica, uma intensa crítica literária e foi através dela que exerceu sua vocação intelectual com inegável vigor de uma juventude próxima dos 30 anos. Mas entendo que nessa fase que se inicia algumas preocupações transparecem de forma mais contundente em suas críticas e estas aparecem em vários artigos. Quais seriam elas?

Determinações, tensões e impasses

Percebe-se que depois da promulgação do Estado Novo, a reflexão nacionalista começa a ganhar fôlego próprio e a expressar não só as limitações do debate em curso, como também as contradições autônomas de um *tenente*. Acredito que alguns artigos podem ser pontuados como expressões de uma leitura do nacionalismo associada à descoberta de alguns de seus possíveis componentes. É um período de intensa reflexão teórica e aprendizado, na medida em que realizou uma crítica literária praticamente semanal, com um total de 88 livros analisados ao longo do ano de 1937, para citar somente esse ano. Nesse período do Estado Novo, verificamos que a crítica política ainda continuará travestida de literária, com sugestivos apontamentos e naturais cautelas. O ano que se segue trará exemplos de incômodos posicionamentos que o autor teve que assumir, e não foram poucos naquela ocasião, sendo alguns não tão discretos como o momento deveria sugerir. Mas um dado novo se subtrai àquelas reflexões.

Na tempestade política que se aproxima ao final de 1937 e, ao longo dela, até a sua transferência para o Mato Grosso, Sodré continua desdobrando opiniões e reflexões políticas na crítica literária, fato facilmente perceptível em muitos dos seus artigos do período, provavelmente cada vez mais influenciado pelos acontecimentos em curso. No teor de algumas leituras, comparece sua preocupação com a *nação* - que começa a surgir de várias formas. Um outro ponto sempre martelado refere-se aos estudos políticos e sociais no Brasil, sendo que, entre os aspectos significativos que o autor destaca em suas leituras, *Educação, Estado, Negro*, são temas constantemente abordados. Por exemplo revelador,

não isolado deste conjunto, delineia-se no fato de o autor apontar que a alimentação é um problema social, na medida em que falta ao operário um salário para que este possa se alimentar adequadamente.²⁸³ Nessa abordagem, destila críticas a nossa dieta alimentar e aponta a ausência de alguns alimentos básicos necessários mas excluídos da dieta do trabalhador face ao alto custo em relação ao seu parco salário. Ao apontar a seriedade dessa questão, recupera autores como Sorokin e Ivanovsky, que fundamentam os efeitos da má nutrição sobre a raça, o que, por consequência, diminui a vitalidade de um povo e, ainda a vitalidade de uma nação. Muitas vezes, uma temática é (re) trabalhada ou mesmo recolocada a partir da apresentação ou crítica de um trabalho sobre a questão²⁸⁴.

Nesse período, o historiador incorpora ao debate crítico a categoria *raça*, alvo de várias críticas, ocasiões diversas, na busca de um entendimento dessa questão. Aliás, este é um outro ponto que chama atenção. Ele aponta a questão racial como sendo um ponto e um aspecto difícil de estudar e de discutir, face ao dogmatismo das explicações presentes. Alfineta, mais uma vez, os autores e sociólogos que advogam a tese de raças superiores e inferiores, em particular quando a explicação está afeita à questão da alimentação e ao arianismo, ainda presente em algumas teses do período. Em sua argumentação, concorda com as idéias estabelecidas e aponta que a questão econômica como simbiose da questão social é a verdadeira explicação dessa problemática²⁸⁵. Talvez fosse essa a razão por que não escondia a sua admiração por vários intelectuais e personagens. Bernardo de Vasconcelos foi um deles e, na crítica à obra editada por Tarquínio de Souza sobre o personagem, critica e também lamenta o nível dos estudos sobre os negros no Brasil e, face à sua influência em nosso processo histórico, valoriza e muito uma frase sua: *é a África que civilizava o Brasil*.

Dois outros autores, foram objetos de críticas diferenciadas e merecem nossa atenção: Nina Rodrigues e Gilberto Freyre²⁸⁶. A crítica a *As raças Humanas e a*

²⁸³“O Valor Social da Alimentação” - Ruy Coutinho. *Correio Paulistano*. fevereiro de 1937. Livros Novos.

²⁸⁴“Bases da Alimentação Nacional” - Dante Costa. *Correio Paulistano*. 5 jun. 1938. Livros Novos. (p. 119)

²⁸⁵Em *O Vocabulário Nheengatu* fala do *patriotismo de discurso e propaganda que estão presente e em voga*’ e crítica a idéia de raças superiores e inferiores. “Vocabulário Nheengatú” - Affonso A. de Freitas. *Correio Paulistano*. 4 fev. 1937. Livros Novos. (p. 9).

²⁸⁶“Novos Estudos Afro-brasileiros” - Gilberto Freyre e outros. *Correio Paulistano*. 1 JUL. 1937. Livros Novos. (p. 47).

*responsabilidade Penal no Brasil*²⁸⁷, de Nina Rodrigues, é bem curiosa e, por que não dizer, ambígua. Sodré recupera uma linha de argumentação elogiosa ao intelectual autor e, mais uma vez e embrionariamente, aparece o caráter instrumentalizador que se propõe à história, na medida em que critica, no mesmo artigo, os mestres e pouco letrados que se propunham a interpretar, sob enfoques importados europeus, os nossos problemas, revelando inegável dose de preconceito. Na crítica, pontuava o uso e o abuso de teses então correntes propostas para entender o Brasil e que resultavam em dogmas de difícil superação. Nesse sentido, o autor destaca que uma exceção foi Nina Rodrigues. No caso de Freyre, uma das últimas leituras críticas antes da decretação do Estado Novo refere-se a *Nordeste*²⁸⁸ e Sodré é só elogios face aos métodos seguros utilizados nas suas investigações e coordenados por critérios firmes. Segundo o autor, Freyre *não tem similar no domínio das pesquisas*, e será contemplado com um capítulo ao lado de vários intelectuais em 1942, quando ele publica *Orientações*.²⁸⁹ Nessa crítica, quando mais uma vez comenta o dilema de não haver ainda no Brasil historiadores, ou mesmo história, aponta um segundo aspecto relevante: para termos o ensino da nacionalidade, destaca o autor, temos que pontuar o caráter explicativo de um ensino de história em detrimento do ensino narrativo. Já se percebe, em tais apontamentos críticos, a explicação histórica como patamar evolutivo da narrativa, ou seja, se podem perceber nuances de um autor de transição historicista²⁹⁰. O passo seguinte necessário é a *compreensão* do objeto e, para isso, outras mediações, como o referencial marxista, serão necessários.

Todavia, o debate em curso e a tempestade política que já se avizinhava, encontram ainda interessantes reflexões, sugestivas das influências já expostas. A rigor, ainda é uma crítica de extremos, ponderando que já dá para perceber um leve pêndulo a se inclinar a esquerda, considerando sua reflexão da questão nacional. Em vários momentos, o seu posicionamento político é sugestivo para não dizer explícito. Por exemplo, em suas leituras sobre as propostas em curso no país,²⁹¹ sugere que a liberal democracia apresente uma tendência para a social democracia; o Estado Corporativo substitua o Estado Individualista

²⁸⁷ “As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil”- Nina Rodrigues. *Correio Paulistano* . 6 de mar. 1938. Livros Novos. (p. 93).

²⁸⁸ “Nordeste”- Gilberto Freyre. *Correio Paulistano* . 24 out. 1937. Livros Novos. (p. 61).

²⁸⁹ Sodré, Nelson Werneck. *Orientação do Pensamento Brasileiro...* op.cit., cap. III.

²⁹⁰ Lowy, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op.cit., p. 64.

e que a representação funcional, acabe na representação partidária. Ainda assim, ao admitir esta possibilidade, ele também reconhece que cada etapa deve se dar uma ordem traçada de acordo com as características de cada povo, e que, de certa forma, essas questões já vinham sendo ensaiadas em sua reflexão, como também seriam um componente importante para se pensar o Brasil do futuro, pautado no seu *adiantamento industrial, sua índole, a sua maior ou menor coesão nacional, o seu maior ou menor índice de cultura*. O determinismo apontado anteriormente parece permear a terceira via proposta em curso, na medida em que é específico de cada povo e nação. O autor reafirma sempre, nesta fase, que será uma constante do período e de sua vocação como escritor, a necessidade de uma correta compreensão da história para somente então buscar a compreensão da sociedade, abordando essa questão fundamentalmente sob o *viés econômico*.

Nesta fase, essa reflexão crítica está direcionada a várias outras questões, que remetem inegavelmente à política dão lugar a alguns apontamentos até delicados. A religião²⁹² é vista de forma interessante, no resgate de sua instrumentalização pelo português no processo de colonização, e seu aspecto de ostentação é um componente necessário. Aqui, como entre outras ocasiões, Sodré resgata apontamentos explicativos em Sérgio Buarque e suas *Raízes do Brasil*. Nessa leitura, aponta o fator do colonizador e seus interesses, como dissociado - de certa forma - dos interesses do clero; nesse sentido, indica que daí decorrem os conflitos históricos ocorridos. Nesse caso, são elementos necessários para que se compreenda a nossa formação católica, já que sugere que a religião desempenhou um papel indiscutível no desenvolvimento do país e em particular, na esfera familiar, agindo como uma força persuasiva modelar. Todavia, ainda que discorde das teses anotadas em curso, elogia um traço que para ele é singular nesse processo: a *coerência*. As críticas, nessa linha à religião, não foram muitas, e as mais significativas só seriam realizadas em pleno Estado Novo, quase um ano depois desta última. Mas vamos a outros exemplos esclarecedores.

O historiador também chama a atenção para uma preocupação que, de certa forma, também reflete um posicionamento político. Denuncia, em seus artigos, o crescente anti-

²⁹¹“Los Coloquios de Fu-Lao-Chang”- Júlio Navarro Monzó . *Correio Paulistano*. 25 fev. 1937. Livros Novos. (p. 15).

²⁹²“Caminhos do Espirito”- Tasso da Silveira. *Correio Paulistano* 1 abr. 1937. Livros Novos. (p. 24).

semitismo no país²⁹³. Como podemos observar pelo trabalho de Tucci Carneiro, o contexto dessa crítica era delicado, na medida que estava pautado em uma política de estado que se caracterizava por uma xenofobia extrema, em grande medida, travestida sob a máscara de nacionalismo, apoiada por setores significativos do governo Vargas, a exemplo do Itamaraty²⁹⁴. A rigor, foram posicionamentos corajosos, em que pese suas cautelas, já que mais de uma vez, reafirmou nesses artigos do período, não ser um hábito comentar livros estrangeiros. Mas ele faz face a gravidade da questão. Por outro lado, alfineta os católicos brasileiros que, contrapondo à ação positiva do Grupo francês, fica calado e plácido, como também se esconde face aos problemas mais graves da nacionalidade. Diz que o clero brasileiro é chefiado por um homem dos mais cultos, mas está refugiado no conformismo que resulta na aceitação do dogma que em última instância, destrói a igreja.

Ao longo daqueles anos, o autor tece comentários sobre ensaios que tem por tema a economia²⁹⁵, mas sempre associando-o à questão do Estado ou a uma política de Estado, sem dúvida, ainda a influência de Pareto e Amaral. *Imperativo Econômico brasileiro*, por exemplo, é um artigo de Lima Campos, positivamente valorizado pelo autor. Lima Campos descortina, nesse trabalho, a possibilidade de um plano acabado que possibilita superior o anacronismo de nosso sistema, que mais suga que provém dividendos. De certa forma, o artigo, profetiza os novos rumos do país. Nelson Werneck Sodré admite mesmo coloca que mudar essa situação não é uma tarefa fácil, e também não enxerga esta possibilidade a curto prazo. Admite que o processo de intervenção do Estado ocorreu de forma positiva, mas resultou, no caso brasileiro, em um aparato burocrático falho, dirigido por incompetentes na maioria dos casos, particularmente face à inexistência de um plano global²⁹⁶. Ao que parece, associado a esta problemática, podemos perceber o início do debate sobre a questão nacional, que avança em vários artigos, e particularmente, para uma leitura do autor sobre o nacionalismo²⁹⁷.

²⁹³..“O Judeus”. *Correio Paulistano*. 19 jun. 1938. Livros Novos. (p. 122),entre outros.

²⁹⁴ Tucci Carneiro, Maria Luíza. **O Anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988, p. 155 e ss e 499 e ss. Silveira e Neto apontam que, um dos pilares da orientação do DIP para muitos jornais como o Meio Dia entre outros, eram as campanhas anticomunista e a campanha antijudaica. Silveira, Joel/Neto, Geneton Moraes. **Hitler/Stalin: O Pacto Maldito...**op.cit., p. 411 e ss.

²⁹⁵ “Imperativo Econômico Brasileiro” - A. de Lima Campos. *Correio Paulistano*. 27 maio 1937. Livros Novos. (p. 36).

²⁹⁶ A. de Lima Campos. *Correio Paulistano*. 27 maio 1937. Livros Novos. (p. 36).

²⁹⁷..“Bagunça”- Iago José. *Correio Paulistano*. 22 jul. 1937. Livros Novos. (p. 51) e “História do Romantismo no Brasil”- Haroldo Paranhos. *Correio Paulistano*. 18 nov. 1937. Livros Novos. (p. 66).

No decorrer desse período, um outro assunto é ainda abordado por Sodré, por vários aspectos: o problema da *educação e da saúde pública*, cujo quadro desolador vigente expõe a falta programas ou diretrizes de equacionamento. Através da crítica à obra de Fernando Azevedo, ele retoma o debate sobre a questão, que, analisa como um descaso histórico. É uma frase forte, levando-se em conta o fato de ser militar e de já estar no período do Estado Novo:

*Nos 02 últimos anos, retrogradamos ao princípio do século. Houve quase uma diretriz traçada, firmada no princípio de destruir e arruinar, sem deixar vestígio, o pouco que alguns mestres haviam construído, mercê da confiança de alguns governos - porque no Brasil, se tratando de educação, não há planos, não há diretrizes, não há programas, há homens há iniciativa pessoal, há acidentes felizes - e essa obra de barbárie e de atraso mental, capaz de enodar a mentalidade de qualquer país inculto, continua a solapar os últimos vestígios de tudo aquilo que constituiu, na nossa nacionalidade, alguma coisa de lúcido e de superior, de inteligente e de fecundo, de objetivo e de nítido. A máquina de ensino volta a ter seus movimentos emperrados pelo critério político ou administrativo da escolha e do provincianismo dos cargos. Volta a fazer uma coisa burocrática ou nociva, capaz de criar uma mentalidade e funcionários ao ganha pão do fim do mês, mas ineficiente e inócua para tratar e resolver os problemas da educação em nosso país, problema que, para muitos é fundamental e para quase todos, é de importância capital. A velha e enferrujada rotativa de despejar conhecimentos inúteis e enfadonhos, os velhos processos medievais e jesuíticos de deseducar os homens transfundindo lhe um meio saber mais nocivo que incultura, continuará a ser mais ainda, pôr muitos anos, o panorama triste vazio e comum.*²⁹⁸

Por fim, ele critica a entrega de postos técnicos como a Educação a políticos de partidos variados e, principalmente, a políticos medíocres. Naquele ano de 1938, o autor enfrentou alguns expoentes políticos de plantão com críticas e sugestivas polêmicas.

²⁹⁸ “A Educação Pública em S. Paulo”- Fernando de Azevedo. *Correio Paulistano*. 19 dez. 1937. Livros Novos. (p. 75).

No momento, vamos nos restringir a apontar alguns artigos de crítica política, visto que foram poucos na ocasião. No caso, por exemplo, *A Democracia*²⁹⁹, os apontamentos são bem significativos de seu pensamento naquela ocasião, em que pese o momento em questão. Nesse ensaio, recorda mais uma vez Pareto, particularmente na análise dos acontecimentos que se originam na razão e os que provêm dos sentimentos, vistos com inegável cautela pelos estudiosos, particularmente quando divorciados de variáveis econômicas. Discorre ainda com cautela quanto às imprecisões metodológicas que naquela época estavam se tornando lugar comum para explicar os fatos sociais. Ele também denuncia a sedução oferecida por alguns conceitos. O encanto da palavra *liberdade*, demonstra o quanto ela vaga e imprecisa, capaz de se amoldar às concepções de cada. Sodré recupera em Nitti a chave de que *as idéias morais e os sentimentos superiores determinam os grandes movimentos da humanidade*, em franca discordância com o autor. Seguindo o pensamento de Pareto, vê nas causas apontadas - paixão e sentimentos - tão somente conseqüências. Mais uma vez, recoloca o primado a economia, abstendo-se, curiosamente, de expor, nessa crítica, sua idéia de democracia. Talvez sua concepção ainda não estivesse muito clara ou, quem sabe, o momento se revelasse pôr demais espinhoso para um civil, mais ainda para um jovem oficial do exército.

No entanto, algo mais delicado estava por vir, tanto por razões políticas quanto pessoais. Sua crítica tem agora por tema o artigo *O Estado autoritário e a Realidade Nacional*³⁰⁰ de Azevedo Amaral; amigo dileto, de quem já dá sinais de um doloroso afastamento. Uma confusa passagem inicial chama atenção e sugere a dimensão dessa dificuldade:

sempre me repugnou, por uma questão de indole, o comentário acerca de livros que tratassem do assunto nacional ocorrido em esfera política nos últimos 10 anos. Não que me impedissem de opinar quer o temor de desgostar a algumas personagens quaisquer que elas fossem, quer a velha lenda de que os acontecimentos para serem analisados, devem antes decorrer nos anos é capaz de estabelecer. A velha idéia da

²⁹⁹-'A Democracia'- Francisco Nitti. *Correio Paulistano*. 9 jan. 1938. Livros Novos. (p. 80).

³⁰⁰-'O Estado Autoritário e a Realidade Nacional'- Azevedo Amaral. *Correio Paulistano*. 13 mar. 1938. Livros Novos. (p. 95).

perspectiva do tempo está destruída e morta desde que alguns dos mais argutos pesquisadores políticos, em todas as sanções oferecem livros sobre problemas contemporâneos, em que a análise pode dissociar perfeitamente o lineamento do processo social. Mas porque, podendo elogiar indefinidamente aquilo que julgava acertado, nem sempre me era dada a liberdade de criticar aquilo que achava errado e falso. Para não transigir ou capitular ante esse cerceamento de exame, que alteraria fundamentalmente a correlação da crítica com o assunto em foco, evitei em todos os tempos, ocupar de livros que tratassem das transformações políticas e sociais de que é um palco convulso e angustiado o mundo contemporâneo e conseqüentemente, o nosso país. Vou abrir uma exceção agora. E por isso mesmo, é necessário explicar os sólidos e fundados motivos do meu proceder, alterando uma linha e conduta nunca alterada e que devo confessar, não esperava romper. Esses motivos são fortes e poderosos como se vai ver e bastariam para que eu, estarrecesse essa solução de continuidade, devendo afirmar, preliminarmente que, se em torno do autor e das idéias gerais que defende, abro os limites para uma crítica ampla, não posso fazer o mesmo em certos pontos de sua obra...

De início, Sodré elogia Azevedo Amaral como sendo um dos mestres de seu pensamento e determinante na sua formação. Também recupera o seu antigo mestre, Isnard Dantas Barreto, como um daqueles que são a antítese da relação de divórcio hoje em voga entre professor e aluno. O autor chega a afirmar que Azevedo Amaral seria o continuador da antiga tradição, relatando que, com ele, aprendeu qualidades como a: *tolerância, a autonomia mental, o livre exame, a objetividade, a aversão pela petulância e pela eloquência* com que os brasileiros tratam os assuntos históricos, políticos e sociais, posicionando-se contra os dogmas. Admite publicamente a influência de Amaral no seu *História da Literatura*, como aponta traços identificatórios semelhantes no *Panorama do II Império*; traços que vieram a ser marcantes: *autonomia mental, de raciocínio emancipado e idoneidade para a pesquisa social*. Após tecer tais considerações, ele declara:

só essa situação perante o mestre e esse respeito pela figura impar poderiam ter o condão de alterar a linha de conduta que eu havia estabelecido a mim mesmo, de jamais me ocupar dos acontecimentos de que foi teatro do Brasil nos últimos 10 anos [...]Uma explicação sumária torna-se imprescindível aqui: essa conduta não me foi imposta porque desejasse, em qualquer terreno ou em qualquer ponto de vista, colocar

em uma situação de pura oposição e de pura demagogia, infensa ao meu caráter e aos traços de peculiares da minha formação. Quem lê estas críticas pode avaliar quanto elas representam para um esforço e compreensão, para a análise neutra, para estabelecimento de escala de valores e identidade do fenômeno literário com as outras forças do processo social...

Em seguida, tece elogios a este trabalho de Azevedo Amaral, sugerindo a concordância com sua interpretação da situação brasileira, quase sempre muito próxima da realidade. Sodré chega mesmo a afirmar que ele

desmonta, peça pôr peça, o que há de essencial na mais idiota das nossas cartas políticas, tão falsa e tão deslocada da teatralizasse brasileira que isso foi norteador até pelo espíritos mais primários, forçando o aparecimento de uma forte corrente revisionista no seio do próprio governo que a estabeleceu...

Um pouco mais adiante, partilhando ainda as argumentações do autor, conclama:

deve ser posta em evidência a ordem e argumentos em que o ilustre mestre põe em evidência a origem remota do corporativismo, e indica a separação nítida entre as linhas das novas instituições brasileiras e as de caráter totalitário, entre as quais os confusionalistas da primeira hora quiseram enxergar analogias e até uma adoção pura e simples de princípios e organizações estatais....

Não restam dúvidas de que essa análise é bem escorregadia, já que Sodré admite que foi impossível abordar a obra como um todo, seja porque não queria ou podia. Pontua ainda que não foi esse autor que se aproximou do Estado Novo e sim o inverso, afirmando até que o Estado Novo deveria aproveitar eficazmente o autor. Essa crítica é o início de uma simbiose programática entre ambos, até a completa ruptura, como veremos posteriormente.

A crítica social se apresenta ainda em vários outros artigos, tanto na análise quanto na perspectiva do conteúdo. Por exemplo, analisa com entusiasmo *Vidas Secas*, do amigo Graciliano Ramos, ou na perspectiva literária, a biografia intitulada *Silvio Romero*. Vale ressaltar o modo interessante como recupera a crítica social na obra de José Lins do Rego -

Pedra Bonita entre outros artigos como foi o caso de a *Bagaceira*, de José Américo de Almeida, ao qual, é um entusiasmado admirador do romance.³⁰¹

Por fim, um dos últimos artigos políticos dessa fase aparece com a crítica ao *Estado Novo e suas diretrizes*³⁰², de Monte Arrais. Sodré demonstra bem pouca simpatia pelo intelectual e pela obra e busca, mais uma vez, no livro de Azevedo Amaral, elementos para legitimar suas teses. O historiador afirma nessa crítica que para a realização de nossa nacionalidade era necessário articular a questão da centralização excessiva, que jogava com a quase ausência dos meios de comunicação e transporte. Tal centralização foi um dos fatores da queda do Império, ainda que critique uma federação dispersiva ou quase autônoma, mas que permitia - ao contrário do presente quadro institucional - um fomento da produção associada a uma oxigenação política. O historiador admite que a centralização política é necessária ao país e as suas parciais, mas não deve acobertar uma centralização administrativa, econômica, judiciária e local, que absorveria todas as energias e resultaria, recuperando Tavares Bastos, a congestão do centro e a paralisia das extremidades. Daí a pouco, iria conhecer uma de suas extremidades, o Estado de Mato Grosso, e penso que aí se apresentou um processo de reavaliação conceitual e teórica bem como é o início de sua rotação à esquerda.

O feudalismo encontra sua práxis

Em março de 1938, o General Pessoa e seu Ajudante de Ordens foram comissionados - para surpresa de ambos - no Mato Grosso. Um novo aprendizado teria então início. Nos relatos memorialísticos, recupera a presença das contradições de classe que já o incomodavam cada vez mais, associadas ao clima em que os intelectuais, muitos deles seus amigos, viviam. Também aponta uma outra impressão *subversiva*³⁰³, que se verificou quando percebeu o disparate na situação de vários barcos de luxo ancorados no Rio de Janeiro, a postos para servir os prazeres de uns poucos, em contraposição à falta de

³⁰¹“Vidas Seccas”- Graciliano Ramos. *Correio Paulistano*. 7 abr. 1938. Livros Novos (p. 102), “Sylvio Romero”- Carlos Sussekind de Mendonça - *Correio Paulistano*. 14 abr. 1938. Livros Novos. (p. 104), “Pedra Bonita”- José Lins do Rego. *Correio Paulistano*. 5 maio 1938. Livros Novos (p. 110), ‘A Bagaceira’- José Américo de Almeida. *Correio Paulistano*. 13 jan. 1938. Livros Novos. (p. 81).

³⁰² “O Estado Novo e suas Directrizes”- Monte Arrais. *Correio Paulistano*. 11 set. 1938. Livros Novos. (p. 153).

algumas lanchas de transporte necessárias para prover um mínimo de contato e apoio a guarnições do exército praticamente isoladas na fronteira. Era uma reflexão crítica, política e à esquerda naquele tempo, ainda que não tenha sido a única. Associadas à quase humilhante condição imposta ao seu superior - já que servir no Mato Grosso era considerado punição -, chamaram-lhe a atenção, além de causarem revolta, as circunstâncias da viagem. Ambos os oficiais foram praticamente escoltados, quase publicamente, por um *secreta* (como era denominado o *discreto* agente da polícia), o que somente lhe demonstrou o real caráter do regime então vigente. Contudo, penso que ter sido comissionado para esse outro Brasil, que era o Mato Grosso, resultaria em uma reflexão teórica importante sobre sua vocação intelectual, expressa posteriormente no livro, *Oeste: Ensaio sobre a grande propriedade Pastoril*, como também em uma *práxis* determinante para sua rotação política futura e para o delineamento de várias de suas teses. Veremos como.

Conjuntamente com o Estado de Goiás, o Estado do Mato Grosso era, nas palavras de Euclides da Cunha, a *Sibéria canicular brasileira*. Para o leitor Sodré, também não era muito diferente, já que esse Estado era quase que uma terra de ninguém. Em que pesem os poucos recursos ali existentes, era ainda o exército, a única instituição com que o poder público se fazia presente com alguma credibilidade para a população, particularmente no quesito segurança pública. Apesar de o General Pessoa ser um desafeto do General Dutra, ambos tinham uma certa expectativa de poderem cumprir com alento as novas funções, face ao fato de este último ser originário do Mato Grosso, (como também o era o sinistro chefe de polícia Filinto Muller), Estado que na ocasião era quase que um estado de calamidade pública. Seja a polícia local, seja o cenário social existente, era quase de anomia³⁰⁴ (para utilizar um conceito de Durkheim), e, havia ainda o *secreta* a acompanhar ridiculamente os passos de ambos os personagens. Mas outros fatos foram se acumulando e as decepções

³⁰³ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...**op.cit., p. 143

³⁰⁴Na verdade, Durkheim parece ter exercido alguma influência em Sodré, mas não é citado nos artigos ou é sequer mencionado em sua memorialística. Salvo engano, Sodré pontua esta surpreendente influência em uma entrevista concedida a Silveira Peixoto no início dos anos 40, quando *Oeste: Ensaio sobre a Grande Propriedade Pastoril* já estava no prelo e, perguntado sobre suas influências, respondeu com inegável cautela, já que recusou-se a citar autores de esquerda: *Não são muitos nomes conhecidos. Em primeiro lugar, Darwin. A Origem das Espécies constitui um marco bem nítido em minha evolução. Por outro lado, no domínio das ciências econômicas, devo citar Maffeo Pantaleonni, que um editor brasileiro teve a coragem de mandar traduzir. E Vilfredo Pareto e Leon Walras e outros. Sob muitos aspectos permaneço fiel ao pensamento*

relacionadas à vida castrense refletiam, a todo momento, contradições de toda ordem, com ingerências políticas ferindo a *ética militar* já há muito abalada. O historiador relaciona vários fatos comprometedores para as normas militares, e que só não tiveram conseqüências maiores face à postura digna e corajosa de seu comandante, ainda que esses desmandos contassem com a anuência ou a complacência do alto comando (os mesmos generais Dutra e Góis Monteiro) no Rio de Janeiro. Mas retomemos o quadro da época entre outros aspectos.

O autor chama atenção para o tamanho das propriedades rurais naquele estado, enormes e normalmente não demarcadas, onde o gado crescia e corria solto. Ao lado destas, a presença de enormes áreas pertencentes a empresas estrangeiras, algumas quase sem a função econômica do pastoreio, mas mantendo o direito de propriedade sobre a terra. Tanto as nacionais quanto as estrangeiras eram comparáveis em extensão a alguns países e quase todas contavam com forças paramilitares privadas de defesa. Mas, um dado novo veio a alterar aquele quadro. A *Guerra do Chaco* (entre Paraguai e Bolívia) trouxe à região enormes levadas de homens desengajados e armados, que, somados aos existentes bandos armados que grassavam por aquela região, com a conivência dos grandes latifundiários, agravou consideravelmente uma situação de instabilidade social que já era crítica. Sodré percebeu que as ações de furto de gado do banditismo eram voltadas, em sua grande maioria, contra os pequenos proprietários para o benefício da venda a baixo preço aos grandes latifundiários. Foi nesse contexto que o exército foi chamado a intervenção.

Contudo, aquele cenário também começou a demonstrar para o autor que o Estado Novo, em muitos aspectos, refletia a necessidade de suportes sociais daquele tipo, e quase nada faria para alterá-lo, como ele logo perceberia. Apesar da disposição de ambos para resolverem o problema, a campanha militar, do ponto de vista operacional, entre outras razões, foi um fracasso, deixando, daquele episódio, algumas lições. A primeira foi em relação à sua vocação profissional, quando muitos fatos desabonadores da conduta militar ficaram em xeque, particularmente em relação ao questionável tratamento dado aos prisioneiros. A própria impotência para equacionar uma questão que, quando muito, seria um caso de polícia, ficou patente, quando se verificou uma outra (ou quem sabe, a verdadeira) dimensão do conflito: a apreensão de armas do exército em poder dos

durkheimiano. Em certa época, sofreu a influência fascinante de Bergson. Do ponto de vista social...Não. É

latifundiários locais, em geral, protetores dos bandidos. Sem dúvida, aquele aspecto também refletiu as contradições daquele cenário de latifúndio e, principalmente, as suas limitações. Na verdade, o malogro da empreitada só não total, face a enérgica atuação de seu oficial superior, e que permitiu, ao final, alguns avanços pontuais. Contudo, após alguns incidentes que resultaram na prisão de eminentes fazendeiros locais, a situação sofreu uma reviravolta. Segundo ele;

O episódio divulgou-se. Entretanto, e surgiram comentários desfavoráveis: a tropa federal Não tinha que se envolver na repressão ao crime comum, missão das autoridades policiais, as despesas da campanha aumentavam sempre, havia descontentamento, a prisão dos senhores feudais da região provocava apreensões, propalava-se que levávamos insegurança à propriedade rural, atacando os seus detentores; a onda propagava-se, insidiosa...³⁰⁵

Paralelamente, atividades de crítica literária permaneceriam inalteradas, e foi naquele período, entre as ações militares e as viagens correlatas ao desempenho da função, que Sodré sistematizaria, em grande medida, o seu *Orientações do Pensamento Brasileiro*, que seria publicado posteriormente, no ano de 1942. Naquela ocasião, constatou um ponto que, sem dúvida, incomodava, ou seja, o caráter daquilo que ocorre em muitos momentos de crítica da crítica realizada (em relação à *Orientações*), e se manifestou quanto a forma de *intransigência esquerdista*, com critérios de avaliação mais que duvidosos e de que, na ocasião, já era uma vítima. Ao que parece, percebeu na ocasião que não bastava a censura ou o rigor policial em vigor, também as posturas sectárias, no seu caso, passariam a ser uma constante no exercício de sua vocação intelectual e profissional. Naquela fase, apreendeu uma segunda dimensão da história ao conhecer o velho personagem que foi *Clemente Barbosa Martins*, com seu rico relato histórico e demarcado temporalmente *por antes da guerra e depois da guerra... do Paraguai*. Foi esse relato oral que deu-lhe subsídios para escrever *Oeste*.

Entretanto, os fatos demonstravam que a campanha encaminhava de mal a pior, e feita uma análise de perspectiva, Sodré e seu comandante foram para a *côrte* solicitar recursos diretamente a Getúlio Vargas. Aquela foi a única ocasião em que conheceria

melhor não dizer... Silveira Peixoto, José Benedito. **Falam os Escritores**. 2^a ed. São Paulo [1971] mimeo.

pessoalmente Vargas e Dutra, e naquele momento, o Estado Novo, com menos de um ano de meio de vigência, já apresentava - nas suas próprias palavras - claros sinais de deterioração. O encontro não traria novidades - apesar de um aparente sucesso na conversa em nível pessoal - e o autor, ao final, amarguraria verificar que o latifúndio, como matriz do banditismo venceria novamente. As reflexões teóricas desse processo seriam quase que imediatas, ainda que demandassem apontamentos futuros.

No período subsequente, acompanhou seu superior em viagens de inspeção, e pôde então verificar pessoalmente, diferentes etapas coexistindo no país, *a heterocronia* das condições de vida da população, que lhe permitiam, entre uma viagem e outra, *montar a máquina de explorar o tempo, viajar para o passado*.³⁰⁶ Em suas memórias chama a atenção para essa situação com um conceito dos tempos do ISEB: *a contemporaneidade do não coetâneo*³⁰⁷, ainda que também o conceito de *heterocronia* não esteja ausente em suas reflexões mais recentes³⁰⁸, particularmente quando se refere a períodos históricos análogos. Entretanto, independente da apreensão conceitual, ele dá destaque ao fato de que conhecera naquelas andanças pelo Estado - salvo a escravidão- todos os regimes sociais: da comunidade primitiva (expressa em virtuais e isoladas comunidades, em que as mulheres ainda viviam como no século XIX); a expressões de um capitalismo avançado (modos de vida e de lazer presentes em algumas suntuosas estâncias da região, com mulheres vindas dos Estados Unidos). O autor declara-se surpreso com o encontro de um *estado dentro de um estado* (a Cia. Mate Laranjeira), com polícia e justiças próprias, à margem da Estado Nacional. Ali parecia ocorrer uma conjugação do *imperialismo*, na medida em que a Companhia tinha ramificações estrangeiras, com o *feudalismo*, característico do quadro social e político e de autonomia existente. Nesse percurso, Sodré e o Gal. Pessoa conheceriam ainda postos militares do exército em que seus componentes falavam um misto de castelhano e guarani. Ambos tiveram a experiência de uma epopéia singular de aprendizado, mas esta não duraria muito mais.

³⁰⁵ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op.cit., p. 154.

³⁰⁶ Idem, pág. 163.

³⁰⁷ Sobre a particularidade deste conceito, ver: Oliveira Filho, Virgílio Roma. **Dualidade e Revolução no pensamento isebiano: as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré...** op.cit., cap.V.

³⁰⁸ Num de seus últimos livros de 1990, Sodré diz: *a uniformidade é, ainda, entre nós, uma tendência que vem acentuando, sem dúvida, mas aquela heterocronia existe e funciona, condicionando comunidades e sociedades*. Sodré, Nelson Werneck. **Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil**. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990, p. 10.

Em meados do ano de 1939, no final de sua passagem pelo Mato Grosso, o General e seu Ajudante de Ordens são designados para o Rio de Janeiro. No relato memorialístico, face aos incidentes ao longo da campanha, permanece uma dúvida quanto a essa transferência ser ou não uma promoção. O certo que ambos acabariam sendo novamente comissionados, não antes de ocorrerem alguns incidentes e uma lição. Vale a pena recuperar uma passagem bem relevante, que refletiu enormemente em sua formação e esteve relacionada com o seu superior, oficial que até então estimava e admirava. O autor conta que face à postura do Gal. Pessoa, ao cometer uma injustiça flagrante em relação a outro oficial, refletiu criticamente sobre o caso e, ao que parece, enxergou o início do fim de uma *radicalidade ética advinda do tenentismo* (a expressão é nossa) ainda presente no exército. Ali, a partir de um incidente entre os comandos, aprendeu e apreendeu como a *determinação* também é parte componencial do conceito de *coragem*, e que esta não se reduz à ou seja sinônimo à questão de força física, atributo mais destacado entre os militares. A coragem, na sua interpretação, é mais complexa, e nem sempre se oferece ao aplauso público. Percebe-se pelo seu relato, aquele foi uma marco em sua formação de *tenente*. Ele mesmo conta:

*Vencer a si mesmo é também forma de coragem, e das mais altas; normalmente, não passa de uma vitória escondida, que só nós conhecemos, sobre os nossos temores, os nossos fantasmas, e até as nossas crenças, sempre sobre as mil formas que o medo assume, vivendo em nós, dentro de nós. A mais nobre dessas vitórias, entretanto, é a que se traduz na confissão do erro, em sua reparação possível. O que eu estava assistindo era derrota, porque o orgulho encarnava o medo – e isso acontece com frequência nos que detêm qualquer parcela de poder – fazia de escudo para o medo, e os fortes não precisam de escudo..*³⁰⁹

Penso que essa lição seria um norte para sua vida dali para frente. Voltaria por opção para Itú, não sem antes ter sua relação com o antigo e agora prestigiado chefe, um tanto quanto abaladas...

³⁰⁹Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op.cit., p. 172.

Nos anos 90, em um de seus últimos trabalhos publicados, *Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil*, o historiador nos fornece uma exposição condensada de sua obra e em particular, do significado do feudalismo em nosso processo histórico - temática deste tópico -, e que, de certa forma, fundamenta uma de nossas hipóteses de trabalho: a presença de uma coerente ortodoxia na construção de seu pensamento político. A apreensão deste conceito, ainda assim, não está isenta de polêmicas para muitos analistas, já que, em um de seus trabalhos referenciais da década de 60, e neste, mais recente, Sodré também se utiliza do conceito de *Via Prussiana* para avaliar a particularidade da modernização brasileira³¹⁰. Esta pontuação, poderia até sugerir uma reavaliação pelo historiador em relação a esse aspecto de sua obra. Mas, seguramente, observa-se que é uma questão secundária neste debate e concordamos com Raimundo Santos, que bem ressaltou em um ensaio recentemente publicado, que a centralidade como paradigma é o *Feudalismo*, até porque, a apreensão da *Via Prussiana*, não apresentou nesses trabalhos, maiores conseqüências analíticas³¹¹. Por esta razão, retomemos ao ponto que nos interessa nesse tópico: o feudalismo.

Inicialmente, Nelson Werneck Sodré valoriza neste trabalho contemporâneo³¹², a antiga polêmica sobre essa questão, e, mais uma vez, não admite a possibilidade de o capitalismo ser uma realidade advinda do início da colonização no Brasil. Reafirma nesse sentido, a tese da existência de uma particularidade histórica brasileira, configurada na presença de *relações feudais* e vem inclusive a admitir a existência de *restos feudais* contemporâneos em nosso processo histórico, tendo por resultado, o conceito de *regressão feudal*. Esta última categoria analítica, adquire, em nossa leitura, o caráter de centralidade em sua obra. Outros pontos merecem destaque nessa análise. O conceito por ele construído, não sugere ser uma transposição conceitual de um modelo clássico - como pode se verificar na leitura de alguns outros autores, a exemplo de Alberto Passos Guimarães -, que aponta o modo de produção feudal, como uma característica presente desde o descobrimento do

³¹⁰Por exemplo, ele chegou a pontuar recentemente nos anos 90 que: *as alterações agrárias processam-se pela duríssima Via Prussiana*. Sodré, Nelson Werneck. **Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil...** op.cit., p.31 e também no clássico de 1962, **Formação Histórica do Brasil...**op.cit., p. 357.

³¹¹Santos, Raimundo. **Modernização e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária: UFRRJ, 1996, p. 22.

³¹²Sodré, Nelson Werneck. **Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil...** op.cit.

Brasil, secundada economicamente pelo escravismo em uma fase posterior, debate este que adquire contornos variados e diferenciados ao longo de nossa história. A rigor, é ainda uma questão polêmica.

Há, sem dúvida, vários aspectos correlatos, que merecem uma reflexão. Para introduzir essa especificidade de sua obra em nosso debate, vale lembrar que as áreas que o autor encontraria subsídios empíricos à sua construção teórica deste conceito, foram particularmente, as áreas de pecuária, quando foram dissociadas da agricultura no grande interior do Brasil. Foi ali que o feudalismo se estabeleceu, como também admite Sodré - com variações e até intercalações – em outras áreas do nordeste, no sul e:

*em áreas vizinhas das mineradoras, em Goiás e em Mato Grosso. Como apareceram na área Amazônia onde o escravismo jamais foi dominante. Em expansão territorial, às áreas feudais somadas eram muito maiores do que as áreas escravistas, mas a população era muito menor. De modo geral, viviam isoladas, misturando relações feudais e economia natural...*³¹³

O historiador admite que, a existência de realidades tão diferenciadas, refletia-se, ao que parece, em graus variados, na estrutura política e administrativa e, principalmente, nas *Relações Sociais* entre as pessoas livres, ao trabalho livre e nas formas particularizadas daquilo que poderíamos chamar de relações de *servidão*, presentes em alguma medida em nossa história. É nesta perspectiva que se pode apreender em sua obra, o conceito de feudalismo e sua originalidade como pensador, que significa: propiciar uma nova substância que, vale ressaltar, apresentara-se diferenciada dos clássicos. Penso que Sodré até poderia conceituar de outro modo aquilo que denominou *áreas secundárias*, mas, conceituando-a como feudalismo, dissocia-se nessa fase inicial das pontuações de uma leitura marxista e, portanto, das teses da *III IC* e do *Modelo Democrático burguês*, em geral, é associada à fundamentação das teses do autor. Entretanto, este é um outro debate.

Retomaremos o fio de nossa discussão, na expectativa de demonstrar qual foi ou quais foram as substâncias que constituíram o conceito do feudalismo na fase inicial de trajetória política e de sua reflexão teórica futura e nesse sentido, há outras leituras

³¹³Idem, pág. 84.

necessárias. Segundo Dória³¹⁴, em um instigante ensaio sobre essa polêmica, o feudalismo era uma questão inexistente em sua obra nesse período, particularmente em razão dele não arrolar qualquer autor marxista no *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril* e, principalmente, pelo fato de ele sequer utilizar a palavra feudalismo nesse trabalho, aspecto último que é correto lembrar e até concordamos. Em relação a autores marxistas ausentes nessa obra, vale ressaltar que a questão do feudalismo era objeto de estudo para muitos intelectuais do período, como também para estudiosos contemporâneos e nem todos marxistas; alguns deles foram inclusive interlocutores constantes de Nelson Werneck Sodré³¹⁵. Entendo que a questão pode ser apresentada de outra forma, através do diálogo com o autor. Neste caso, partimos do pressuposto que foi a experiência do Mato Grosso que propiciou ao autor a delimitação de contornos empíricos do conceito de feudalismo, mas este ainda levaria tempo para ser fundamentado teoricamente, e não sem impasses; tal processo ocorreria ao longo da década seguinte. E aquela não foi a única influência.

É bem provável que fatores como uma já distante origem aristocrática de sua família, algumas das influências de suas leituras que, naquela ocasião, já apontavam para a apreensão do conceito, tenham possibilitado ao autor uma reflexão empírica e teórica sobre o significado do feudalismo, ou mesmo dos *restos feudais*, como os designou e como os retomará posteriormente em sua obra. E no caso, seja no debate com Azevedo Amaral, seja na influência da obra de Oliveira Viana, percebe-se que é uma polêmica inconclusiva e as vezes, contraditória em sua reflexão, pelo menos até os anos 50. Talvez a principal

³¹⁴ Dória, Carlos Alberto. *O Dual, o Feudal e o etapismo na Teoria da revolução...*op.cit., p. 217.

³¹⁵ Trata-se de um debate amplo e que foge aos limites deste trabalho. Uma outra possibilidade de categorização do feudalismo pode ser contabilizada na esfera da organização política - e não estritamente econômica - em que o ponto de apreensão está norteado por outros pressupostos. **Nestor Duarte** refere-se a um privilégio relacionado à *Organização Política* que estaria intimamente associada à comunidade nacional e não à questão agrária. Para ele o cenário de apreensão de sua categoria feudal, é subsidiado com outros exemplos de feudalismo e procura abrir possibilidades de leitura como a que se caracteriza por ser norteada por 2 aspectos determinantes: a transmissão hereditária da propriedade e a fusão da soberania e da propriedade. Este seria o eixo constitutivo presente na concessão de terras ao donatário no Brasil. A conclusão decorrente é a tese de que a fusão da propriedade agrária e a autoridade política, corporificaria o eixo constitutivo da ordem privada presente no universo social brasileiro e seria o principal obstáculo ao desenvolvimento da autoridade do Estado, com reflexos na era republicana, tendo por expressão consequente o coronelismo e os comportamentos eleitorais característicos do período. **Oliveira Vianna**, influente neste trabalho e nas reflexões de Sodré recuperaria o segundo ponto, privilegiando o 'engenho - como unidade elementar do sistema colonial', entendido como uma pequena sociedade complexa e estruturada, sendo a hierarquia social, constituída por senhores, homens livres e escravos. Os primeiros seriam os expoentes de uma sociedade feudal. Hirano, Sedi. *Pré-Capitalismo e Capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 1987; Topalov, Christian. *Estruturas Agrárias Brasileiras*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

substância possa ser percebida na práxis³¹⁶ apontada em sua passagem pelas terras matogrossenses e nos impactos que a realidade imprimiu em sua (re)elaboração teórica (não necessariamente imediata) sobre a questão, cuja principal fonte de reflexão foi, *Oeste: Ensaio sobre a grande propriedade Pastoril* (1941). O ensaio é também um reflexo e quase uma denúncia de uma preocupação mais do que crescente nas suas reflexões, ou seja, a questão nacional e a necessidade de uma política de integração nacional via Estado, que já se apresenta com um forte viés anti-imperialista, fatores esses que foram igualmente relatados naquela região, por Jorge Amado nos *Subterrâneos da Liberdade*.

Na verdade, *Oeste* é um trabalho publicado pouco depois de seu retorno e, curiosamente, foi um dos poucos livros desta fase que o autor admitiu uma reedição posterior. Segundo entendemos, o ensaio apresenta historicamente uma caracterização de uma concepção existente de feudalismo, ainda que vala a ressalva de que nesse trabalho o autor utilize a expressão *latifúndio*, caracterizada pela autonomia das grandes propriedades e por uma formação social pautada por fluxos migratórios e basicamente com uma economia de pecuária ou natural. A utilização de alguns conceitos como *clã* sugere ainda uma certa influência teórica de Oliveira Viana, e essa influência ainda está presente quando, em um primeiro momento *D'oeste*, admite que o regime pastoril adquiriu um caráter civilizatório na grande propriedade, ainda que naquele ocasião de sua passagem pelo Estado do Mato Grosso, fosse bem mais do que sinônimo de atraso.

O historiador retoma a questão da *Lei de Terras* como ponto de partida para o quadro de então, e traz em sua reflexão subsídios importantes a discussão dessa problemática e de suas conseqüência em nível nacional. Termos como *grilagem*, *sesmarias*, *posseiros*, *servidão* passam a fazer parte desse vocabulário social, como passam também a fazer parte de um novo capital cultural sobre a temática. Além disso, manifesta sua preocupação com a integração, com a unidade brasileira, sugerindo a modernização do país pela vias férreas através da ação do Estado, e a criação de mercados internos, na medida em que percebeu o caráter imperialista de algumas propriedades e também da produção local, pautada pelo papel da exportação. É bem perceptível como crítica, que o fator de desenvolvimento e integração remete à Questão Nacional, se configura na valorização da pequena propriedade. A grande propriedade, como bem coloca:

³¹⁶ Lukács, G. *Ensaio sobre literatura*. ...op.cit., p. 58.

*além de não permitir a fixação da população entregue ao trabalho pastoril, aniquila o esforço individual, particularista. O município levantado sobre o pastoreio está longe de constituir a comunidade de interesses que é sua finalidade precípua. O seu antagonismo com a autoridade dos clãs rurais, coloca-o na situação de permanente espera por melhores dias, por um fator qualquer que altere a ordem normal em que vive esse estiola [...] Tal isolamento coloca a autoridade das organizações municipais não só a mercê dos clãs pastoris, mas na dependência direta deles...*³¹⁷

Nelson Werneck Sodré chama atenção para outros pontos emblemáticos da questão nacional ali presentes, passando pelas questões étnicas, face à presença de muitos bolivianos, como também pelas lingüísticas. Como já foi apontado, o conceito de feudalismo não apareça nesse ensaio, mas sua substância está praticamente presente, em todos os sentidos e daí, vale pontuar uma explicação.

Neste momento de sua publicação, em 1942, o autor já apresenta outras influências teórica sugestivas de uma rotação em curso e que o limitam em sua reflexão e que mais tarde será bem cobrado quanto à apropriada utilização do feudalismo como eixo de análise. O que, no ensaio em questão, está presente apenas em alguns momentos - o capitalismo como centralidade de nosso processo histórico -, com certeza estará bem mais fundamentado em outro trabalho, de 1944, *Formação da Sociedade Brasileira*, em que o historiador se aproxima da leitura de um capitalismo mercantil e que será reavaliado posteriormente. Vale destacar, no momento, que a questão maior desse ensaio é a grande propriedade como sinônimo de atraso, e nesse sentido, desestabilizadora de um projeto de unidade e integração nacional. Tudo indica que, *Oeste* é um trabalho de *transição*, conjuntamente com *Orientações do Pensamento Brasileiro*, e que o momento de sua publicação é o início do fim de uma trajetória historicista relativista em ruptura, mas, ao mesmo tempo em continuidade, no trabalho de um autor que já se aproxima e apreende um referencial marxista. Essas tensões estão presentes em um dos últimos trabalhos dessa fase, *Formação da Sociedade Brasileira* (1944), reflexo maior dessas influências e de seu ecletismo.

³¹⁷Sodré, Nelson Werneck. **Oeste: Ensaio sobre a grande propriedade Pastoril...**op.cit., p. 172

Ainda assim, há outros apontamentos a serem contemplados nesta análise e que apontam para a sustentação e a factibilidade da hipótese da transição. A explicitação de uma percepção de feudalismo que já se apresentava como referência em seu pensamento em vários artigos³¹⁸ anteriores a publicação *D'oeste*, pode ser tomada como conceito quando Sodré atua paralelamente às suas atividades militares, quase como um correspondente de guerra no Mato Grosso, no exercício crítico de sua vocação intelectual. Nos muitos artigos enviados no período, está presente, entre as muitas pontuações narrativas daquela campanha e da região, um quadro de *restos feudais*, com o qual o autor mesmo descreve e conceitua o Mato Grosso daquela ocasião³¹⁹.

Por esta razão, entendemos que o feudalismo encontra aqui a sua práxis, ou seja, nesse particular cenário intensamente vivenciado, apresenta-se a substância de um conceito teórico futuro, central em sua obra. Ainda assim vale um adendo. Em que pese a sintética exposição nesse momento sobre a questão, sua reflexão teórica posterior – já como pensador marxista – terá como expressão mais elaborada do conceito de feudalismo, e como referencial de sua tese no Brasil, um autor que Sodré foi igualmente pioneiro em apreender, Mariategui. Nesse sentido, esta leitura nos possibilita mais uma vez, contestar a crítica de que sua reflexão teórica é uma transposição pouco original das teses e conceitos da III Internacional. Não há dúvidas, de que esse aspecto, já era uma polêmica processual e em construção em sua obra, e tais tensões e impasses teóricos ainda estarão presentes até 1958, mas também percebe-se que foi inclusive, a partir daqueles apontamentos e aquela experiência, que propiciaram ao autor, elementos de reflexão para se pensar *Revolução Brasileira* como categoria de análise.

A Caminho do Marxismo

No período subsequente, que agora pontuamos, o autor publica um dos seus primeiros ensaios historiográficos nos quais se percebe até uma diferencial ousadia de enfoque, que tanto sinaliza preocupações sociológicas como a apreensão de fontes de

³¹⁸O artigo citado *Mocidade Inquieta*, publicado na Revista da Escola Militar em agosto de 1933.

³¹⁹ Nacionalismo e Economia . *Correio Paulistano* . 20 jul. 1939 . Livros Novos . (p. 74).

esquerda em seu pensamento³²⁰. Muito bem recebido pela crítica, *Panorama do II Império* (1939), é um dos poucos trabalhos da fase até 1945, que o historiador autorizou uma reedição posterior à primeira, já no ano de 1998, ainda que também admita em mais uma de suas autocríticas, o quanto era fraco seu conhecimento de Materialismo Histórico e até o adjetiva o livro com certo exagero de *conservador com evidentes laivos reacionários*.³²¹ Veremos retrospectivamente algumas das razões desses apontamentos (auto) críticos.

Face a algumas conclusões tópicas, as reflexões de *Panorama* sugerem a presença de fontes que podem ser pontuadas como sendo de esquerda³²² em sua elaboração. Entretanto em última instância, o livro também apresenta um conjunto de fontes conservadoras³²³ e que resultam em um cenário panorâmico da história do império; bem fundamentado, ainda que igualmente contraditório. Por um lado, o autor critica a dependência em uma leitura de esquerda, por exemplo, quando pontua as conseqüências do Tratado de Methuen. Por essa via, entendo que o trabalho sugere apontamentos de uma análise crítica em relação à dominação imperialista, ainda que não use esse termo, mas a substância do conceito é clara ao analisar a influência inglesa, particularmente quando se refere à subalterna condição de Portugal que, de certa forma, condiciona o Brasil da Colônia ao II Império. Sodré também critica a limitada política externa do império, mas visualiza que foi em razão daquelas debilidades que emergiram as condições de o exército surgir como um novo sujeito histórico a partir da Guerra do Paraguai. Sob esses aspectos, temos uma reflexão positiva e interessante.

Por outro lado, *Panorama do II Império* não deixa de ser um livro de explicações conservadoras, na medida em que ainda procura demonstrar determinadas alterações sócio-econômicas, a exemplo da escravidão, como resultado das positivas *mutações éticas*³²⁴ ocorridas, como assim ele explica a recém-convertida postura da Inglaterra contra o tráfico negreiro, ou mesmo quando recupera uma outra face da questão, ou seja, a sua *função social*, influenciado, ao que parece, pelo patriarcalismo da obra de Gilberto Freyre. Sodré recorre, nesse livro, e muito, às categorias de Pareto e, como não poderia deixar de sinalizar nessa fase, aponta elementos reflexivos de uma leitura nacionalista, e da unidade

³²⁰Konder, Leandro. *Intelectuais Brasileiros & Marxismo...* op.cit., p. 75.

³²¹Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op.cit., p. 216 e 217.

³²²Manoel Bomfim, Sérgio Buarque e, de certa forma, Roberto Simonsen...

³²³Oliveira Viana, Azevedo Amaral, Gilberto Freire, Afonso Arinos, Luís Vianna, entre outros.

³²⁴Sodré, Nelson Werneck. *Panorama do II Império...* op. cit., p. 52 e 67.

nacional construída historicamente. Em vários momentos, percebe-se ainda no livro uma certa influência de Azevedo Amaral, ainda que nesse momento, já presente discordâncias com este autor, discordâncias até então ausentes em seus comentários anteriores.

Se aproximarmos da perspectiva dessa obra como projeto de Brasil, *Panorama* se configura como um avanço teórico como análise, ainda que insuficiente, já que é norteadada pelo enfoque da superação da elite agrária monárquica escravocrata pela elite dos letrados republicanos. Mas nela podemos perceber uma reflexão sobre a nacionalidade como uma questão que já começava a encontrar maior eco em sua obra³²⁵. O historiador também não utiliza aqui o conceito de feudalismo e sim o de latifúndio - ainda que o conceito apareça paralelamente em alguns artigos de jornais no período³²⁶ - mas escreve em algumas passagens sobre nobreza, servos e relações de servidão, classe média, oligarquia e clãs rurais. Também salta aos olhos o eixo analítico em que procura desvendar os aspectos do jogo institucional do império, está pautado em condicionantes *éticos* bem mais do que econômicos ou *políticos* a nortear aquele processo. Ao que parece, é um trabalho resultante de um esforço intelectual de condensação e elaboração das críticas realizadas aos livros de história, para fazer frente ao desafio que tanto o preocupava. Sem dúvida, apesar de válido, o livro não cumpriria os objetivos propostos (uma História Nova) e, em razão dos condicionantes valorizados na sua linha de interpretação, ainda é a leitura generosa de um *tenente*.

O aborto de uma tradição

Naquele ano de 1939, os aspectos relacionados à sua vocação militar incomodavam-no cada vez mais. Começava uma reforma do exército, e *inesperadamente*, alguns pilares tradicionais constitutivos da instituição começaram a ser alterados por razões políticas.³²⁷ Teria início as medidas que distanciavam do exército de seu caráter social, ou seja, a alteração da norma de recrutamento mais amplo, que, até então permitia às classes baixas uma relativa ascensão, com um significado maior: a ruptura de uma tradição democrática, ainda presente como sendo singular naquela instituição. Inicialmente, o processo passou a

³²⁵ Idem, pág. 298 e ss.

³²⁶ Correio Paulistano de 20/07/39 quando sugere o cenário como *um arremedo de propriedade feudal*.

³²⁷ Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil...* op.cit.

ocorrer com medidas como a baixa compulsória de serviço, direcionada principalmente aos subalternos da instituição, os praças e, principalmente os sub-oficiais, independente de questionamentos ou critérios mais profissionais e mais qualificados. Nas suas palavras:

*Selecionados os oficiais, eliminar-se-ia a possibilidade de ingresso nas fileiras de elementos democráticos por origem ou formação; ao fim, as características históricas da instituição estariam erradicadas, substituídas, outras teriam primazia, e o exército seria o instrumento adequado à aventura fascista, planejada como barreira ao “avanço do comunismo”; na verdade como liquidação do regime democrático em nosso país. Aos comparsas, Góis, tido como filósofo da nova ordem militar, confienciava que a falta de exigências que não as intelectuais na formação da oficialidade era responsável pela participação do exército nos movimentos de caráter democrático. Urgia alterar isso tudo, para poder enfrentar a ameaça do comunismo...*³²⁸

O autor não identificava somente os problemas profissionais. Estes até apontavam para a necessidade de reformas do exército, de certa forma necessárias e algumas delas projetadas ainda pela Missão militar Francesa nos anos 20. A rigor, não eram novidades, e estavam mais que evidentes desde a campanha de Mato Grosso, mas o problema é que agora esta atingia uma dimensão política e, ao que parece, tratava-se na verdade de enterrar o que havia de melhor da tradição *tenentista* e na conduta *ética* do profissional militar. Pela sua exposição, nota-se que percebia, na aparente leitura de modernização, o crescente alastramento do que denominou *vírus fascista*, cujos representantes mais categorizados, eram o próprio Ministro da Guerra, Eurico Dutra e o Chefe do Estado Maior do Exército, Góis Monteiro e a doutrina que levaria seu nome³²⁹. Para Sodré, que tinha por tarefa a implementação dessa política nas fileiras de sua unidade, sobraram somente a indignação, a revolta e a certeza de que era somente um primeiro passo. Naquela ocasião, o clima nas altas esferas militares era de franca simpatia com o nazismo e, sem dúvida, esses fatores já

³²⁸ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op.cit., p. 175.

³²⁹ A dupla de generais é apontada pelo autor entre outros militares conservadores como francamente pró Alemanha, quando não abertamente nazistas. Para entender a polêmica questão da *Doutrina Góis Monteiro*, o seu significado e compreender as razões da aversão de Sodré por este personagem conjuntamente com Dutra, além de seus trabalhos memorialísticos, vale mencionar a análise recente de Anita Leocádia Prestes e as memórias de Cordeiro de Farias. Prestes, Anita Leocádia. **Tenentismo Pós 30...** op.cit., p. 44 e ss; Farias,

sinalizavam uma exponencial repulsa do autor ao Estado Novo. O patrulhamento, a espionagem, o carreirismo, delações por supostas razões políticas ou ideológicas passaram a incorporar ostensivamente o cotidiano militar. Percebo, nesses episódios, que nunca a *ética militar* passou a estar em xeque como naquele momento, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, situação esta somente comparável ao período que antecede a sua eleição para o Clube Militar nos anos 50.

Às vésperas da Segunda Guerra, uma situação de certo ponto análoga à Primeira Guerra Mundial, também trouxe o despertar da consciência nacional, na medida em que estava mais uma vez exposta a fragilidade de nosso sistema nacional, contabilizada, em muitos casos, pelas fraquezas ou insuficiências do regime. Ao que parece, os mesmos setores pequenos burgueses que tinham se mobilizado 20 anos, antes causavam, nesse novo contexto, impactos com uma característica nova, ou seja, apresentavam-se com uma maior radicalização política. A erupção do conflito associado ao *Pacto Ribentrop – Molotov* de não agressão entre Alemanha e União Soviética causou forte impacto no autor, ainda que a rotina militar não sofresse alterações significativas em sua unidade. Lá, a maioria dos oficiais eram favoráveis às forças aliadas, ainda que descrentes, naquela fase, de uma possibilidade de vitória, enquanto um ânimo diametralmente oposto em relação à Alemanha nazista passava entre os membros do Estado Maior do Exército. A explicação corrente para aquela situação remetia, de um modo geral, a uma contraposição: a debilidade das democracias para explicar a fragorosa derrota aliada e a vitalidade dos regimes totalitários, vitoriosos, exibida exemplarmente nos campos de batalha pela Alemanha de Hitler.

No entanto, entendo que uma outra explicação deva ser ponderada para pontuar o quadro dicotômico em questão e que é, sem dúvida, uma fascinante hipótese de trabalho: a derrota militar da França *sugeriu* para muitos militares brasileiros, o equívoco da opção da missão militar francesa quando da reforma do exército e conseqüentemente, a confiabilidade daquela que era a doutrina em vigor na instituição, como vimos no capítulo I. Nesse caso, a doutrina francesa, ao ser contraposta a excluída opção alemã, externamente vitoriosa no conflito, ao menos, no início da campanha militar da Segunda Guerra Mundial, torna factível essa hipótese; até porque, esta leitura pode ser substanciada por um segundo dado correlato que, em tese, deve ter chamado a atenção de nossos militares: o expoente

mais categorizado e principal instrutor da Missão Francesa no Brasil dos anos 20, tinha sido o General Maurice Gamelin, que seria, na condição de comandante supremo das forças aliadas em 1939, um comandante derrotado, sendo inclusive responsabilizado por muitos analistas pela derrota aliada, e, destituído de forma humilhante no decorrer da campanha militar, algo que foge às normas castrenses. O impacto desses últimos acontecimentos, seguramente, deve ter sido significativo entre seus pares militares brasileiros, bem como nos seus antigos alunos *tenentes*. Mas vale lembrar, esta é somente uma hipótese. Talvez, por essas razões, é que as conseqüências no exército não tardariam a acontecer, sendo que, um novo paradigma doutrinário procurou se hegemonizar, ao menos, por um período.

Naquele contexto dos anos 39/40, Sodré recebe um inesperado, e também inoportuno, convite de seu comandante para organizar uma *Escola Preparatória*, o que significava uma mudança para São Paulo, que não lhe interessava em absoluto. Face ao quadro posto e com a possibilidade de ser transferido para um lugar ainda mais distante, aceitou. Essa uma nova experiência, no entanto, tiar-lhe-ia fecundas lições. O autor comenta que foi ali e naquele momento que percebeu a real dimensão do nazismo entre as fileiras do exército, já que remetia à quebra de uma saudável tradição democrática, em que o recrutamento de oficiais era então uma norma peculiar e bem brasileira. Qual era a dimensão dessas alterações propostas?

Havia sinais incômodos do que estava por vir. Quando as normas de orientação foram apresentadas, e sua implementação concretizada, ele verificou que o ensino militar no Brasil teria por paradigma a imitação pura e simples de instituições preparatórias modelares fascistas. Percebe-se que era um elo de um processo para promover a eliminação das características democráticas do exército e estabelecer uma triagem política dos futuros oficiais³³⁰; tudo isso documentado nas diretrizes a serem implementadas. Algumas delas proibiam candidatos negros ou mulatos, filhos de estrangeiros ou de judeus e filhos de casais separados. E nem pensar os de origem proletária ou humilde; todos os candidatos, como também sua origem familiar, deveriam ter o seu passado minuciosamente investigados antes de sua admissão. Aquilo, como lembra, não era um sonho, e sim a exata dimensão do nazismo em curso. Eram procedimentos e normas a serem seguidas que

Góes. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 166, 167, 332.

³³⁰ Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. ..op.cit., p. 282 e *Memórias de um Soldado*...op.cit., p. 183.

enterravam em definitivo o antigo projeto de modernização advindo do tenentismo, que até estava associado aos muitos aspectos positivos tradicionais existentes e que deveriam confluír e se configurar em futuro próximo na Academia Militar de Agulhas Negras. Mas essa não foi a única questão a se apresentar naquele instante.

Para o historiador, configurou-se nessa situação a ambígua dimensão do significado ético de *cumprir ordens* - face à sua discordância de princípio - ao qual estaria sujeita sua vocação profissional ou militar. O comandante em questão, escudava-se neste confortável argumento - que para Sodré era algo inaceitável - e, ao final, o máximo que conseguiu foi ficar impotente e à parte com outros afazeres burocráticos, observando com repugnância o quadro de exclusão que acontecia à sua frente e, pior ainda, recebendo a tarefa posterior de notificar aos reprovados as *razões* de sua não admissão. Observa-se naquele momento - até por fatos correlatos e relacionados à questão - a real percepção da ditadura em curso, o significado da inutilidade das normas constitucionais em vigor. Se em algum tempo ele chegou a manifestar alguma simpatia pelo regime, esta se esvaneceu definitivamente naquele momento.

No quadro internacional, daí a alguns dias a Alemanha invadiria a União Soviética, obtendo vitórias espetaculares naquela fase inicial da guerra e chegando às portas de Moscou em pouco tempo. Qualquer análise entre os pares militares que não contemplasse o fim do bolchevismo era realisticamente ignorada. De qualquer forma, o autor se preparava para o concurso de admissão à *Escola de Estado Maior*, e com uma ressalva: teria que ser *avaliado* por alguns daqueles procedimentos questionáveis contra os quais tinha se insurgido e que, a rigor, significavam que a decisão de sua aprovação ou não seria pautada por critérios políticos e não profissionais. O único candidato aprovado, o então capitão *Golbery do Couto e Silva*³³¹, dispensa apresentações e bem confirma essa hipótese. Ainda que o autor solicitasse a revisão de seu caso, não teve sucesso, e até admite que, pela primeira vez, questionou quaisquer possibilidades em relação à carreira militar. Mas não foi este o primeiro impasse de sua vocação, e não seria o último.

³³¹ Sodré. Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...*op.cit., p. 195.

No decorrer do ano de 1941, Nelson Werneck Sodré tentou sem sucesso esboçar um projeto coletivo de elaborar uma *História Militar do Brasil*, o qual não foi bem sucedido face ao desinteresse dos autores convidados, todos militares. Esse será este mais um projeto gestado nesse período e retomado individualmente nos anos 50, em um primeiro momento, como capítulo autônomo incluído na 1ª edição de 1958 da *Introdução à Revolução Brasileira*, configurada posteriormente, em 1965, com o hoje já clássico *História Militar do Brasil*, de leitura obrigatória para os estudiosos do tema. Entretanto, há outros exemplos importantes de esforços intelectuais.

Nessa etapa, particularmente rica, antes de pontuar sua rotação à esquerda marxista, vale sinalizar que aos 30 anos de idade, o historiador já apresentava uma produção literária e historiográfica de inegável vigor. Essa produção reflete sua vocação como escritor, ainda que teoricamente e intelectualmente seja uma obra que sinalize alguns indicativos para a hipótese de que havia uma rotação à esquerda em curso. Como apontamos antes, após o bem elogiado *Panorama do II Império*, de 1939, aparece a segunda edição de sua *História da Literatura Brasileira* (1940), e, como reflexo dos esforços empreendidos ainda no tempo de sua campanha no Mato Grosso, foram publicados *Oeste, ensaio sobre a grande propriedade pastoril* (1941), *Orientações do Pensamento Brasileiro* (1942) e *Síntese do Desenvolvimento literário no Brasil* (1943). Entendo que estes penúltimos livros podem ser situados como *trabalhos de transição*, que marcam, no momento de sua publicação, o início do fim de uma trajetória historicista relativista, com rupturas e continuidades, ou seja, um intelectual que já se aproxima e pouco depois vai apreender o referencial marxista. *Orientações* nos interessa como último trabalho dessa fase, em particular sua parte inicial *introdutória*, que reflete algumas das influências desenvolvidas e até publicadas na primeira edição da *História da Literatura Brasileira*, entre outros apontamentos.

Orientações do Pensamento Brasileiro está, como já sugerimos, no limiar de sua rotação à esquerda, ainda que apresente nessa construção um quadro de forte influência das categorias de Pareto, e, no momento de sua publicação, apesar de incluído nesta relação, já havia um certo distanciamento de Sodré em relação a Azevedo Amaral. O próprio título do trabalho também remete a uma particular e interessante apreensão da categoria *elite*.

Percebe-se que aqui é sugerida uma simbiose do conceito paretiano³³² (que se divide em social e governamental), na medida em que se observa a ocorrência de um arco ideológico variado³³³. Ao que tudo indica, este seria o menos importante aspecto, uma vez que esses componentes da elite nacional, longe de apresentarem um sentido de classe ou mesmo uma certa homogeneidade via origem social, poderiam sugerir, sim, uma perspectiva de nacionalidade ou de nação até mesmo instrumental e programática. Percebo que aqui se configura, contraditoriamente, *o canto do cisne de uma etapa vocacional*. Veremos daqui a pouco a razão. No momento, vamos à análise da parte inicial - a introdução -, que sugere elementos de reflexão ligados ao nosso debate e a algumas conclusões preliminares.

Nas reflexões introdutórias de *Orientações*, inicia sua análise, apontando para o momento em curso, no qual se apresenta um quadro de maturidade política que na ocasião já sugere uma autonomia intelectual de várias ordens, seja na política ou na literatura, e que contrasta uma realidade de crítica, até o momento acostuada aos modismos da cópia, em geral estrangeira. O resultado era, na sua leitura, em grande medida, uma aparência de literatura. A rigor, essa fase se mostra como superação de uma fase por outra com o advento de novas elites, ainda que em alguns momentos Sodré utilize *clãs* nesse processo. Realiza também a crítica aos literatos adjetivados de copiadores ou falsos, para então sinalizar para o significado do que denominou uma *alforria intelectual*, quando cita inclusive Euclides da Cunha. Sem dúvida, é uma etapa que reflete, entre outros aspectos, um patamar diferenciado de nacionalidade. Uma pista interessante desprende da seguinte declaração:

uma grande curiosidade do Brasil surgiu entre os brasileiros... Compreendeu-se que a eternidade da obra literária estava indissolivelmente presa à sua consonância com o tempo e com o meio, às suas ligações profundas com os motivos que a rodeavam, às suas raízes nas tendências e nas peculiaridades locais. Passou a encarar mais objetivamente os acontecimentos do país. Sentiu-se que a evolução literária devia acompanhar de perto a evolução política e que as etapas decisivas dos ciclos sociais marcariam fundamentalmente os literários respectivos. Letras deixavam de ser

³³²Para Pareto, Elite remete a concepção de elite social e a elite governamental, de caráter mais restrita. Aron, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico...* op.cit., p. 425.

³³³À esquerda, Graciliano Ramos e Jorge Amado; à direita, Azevedo Amaral, Oliveira Vianna e Gilberto Freire. Outros expoentes mencionados são José Lins do Rego, Fernando Azevedo e Lúcio Cardoso.

*encaradas como mero diletantismo, mero exercício verbal, para uso e enfeite acessório. Para serem apreciadas no seu devido termo, como corolários duma formação coletiva, em que as circunstâncias do meio, de tempo e estado econômico teriam influência capital...*³³⁴

Como reflexo dessa nova perspectiva, alinham-se novos e sucessivos ensaios sobre a formação brasileira, em que a história passou a ser, através do método explicativo – em vez do narrativo – a possibilidade de uma interpretação densa de nosso processo, de nossa particularidade, o que em última instância reafirma uma nova concepção de crítica e de história, como do papel do historiador³³⁵; uma concepção muito próxima do que entendemos hoje por historicismo relativista, em transição ao marxismo, em que pesem a insuficiência ou a questionabilidade desta hipótese interpretativa.

Na crítica subsequente - componente ainda dessa introdução -, Sodré aponta retrospectivamente que o modernismo iniciado em 22 teve como ponto de partida uma fase paralela de erupções de crises econômicas e políticas, que resultou na década de 30, em um processo de alterações pouco precisas, ainda que implicassem o desafio de um novo projeto. Daí nossa sugestão de que sua leitura política naquele momento, era mais indicativa de uma intenção do que uma realidade; realidade outra que ele viria a descobrir, como bem diferenciada em relação ao exército, face às alterações antidemocráticas em curso, mas que sugeria outros desdobramentos em relação ao país. Assim o quadro era descrito:

Pareceu aos homens que respondiam pela cousa pública que a organização das forças vivas do país e a sua concorrência na vitalidade política duma entidade nova devia caracterizar-se pela colaboração direta, em que a fórmula corporativa surgiu como um signo imediato, aquele que devia atender as atividades do momento. O corporativismo estava, entretanto, ligado a um regime que não aparecera como uma doutrina de Estado, mas como uma emergência de Estado. Era mister recebe-lo e aceitá-lo de acordo com suas fontes nativas e não na conformidade com a deformação que vinha sofrendo, antepondo o Estado a si mesmo, para possibilitar um domínio único, diante do qual as forças vivas da nacionalidade surgiriam, já não como

³³⁴ Sodré, Nelson Werneck. **Orientação do Pensamento Brasileiro...** op.cit., p. 10.

³³⁵ Lowy, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...** op.cit., p. 64

*colaboradoras e componentes, mas como servas e tributárias. A inversão operada pelo regime fascista na organização corporativa não devia, felizmente, encontrar continuadores nos responsáveis pelos figurinos políticos da nova ordem ...A inversão de fazer da organização corporativa uma dependência do Estado e não o Estado uma dependência da organização corporativa parece que está afastada de nossa realidade..*³³⁶

Lembrando que embora tenha sido uma crítica desenvolvida alguns anos antes, na primeira edição da *História da Literatura* (1938), Sodré admite que, apesar das transformações nacionais e internacionais, essa leitura mantinha ainda sua atualidade, razão pelo qual, fora (re)publicada em *Orientações*. Quem sabe a (re)elaboração teórica ainda não estivesse, de algum modo, presente; daí a necessidade de uma transcrição *stritu sensu* daquele primeiro texto, ou talvez significasse o último esforço de um *tenente* ou, dizendo melhor, o canto do cisne, ou o fim de um lógica pautada na noção de *equilíbrio* de Pareto. Neste sentido, os nomes citados em *Orientações* são sem dúvida sugestivos dessa fase de ruptura, ou mesmo terminal. E qual é a razão?

Percebe-se que *Orientações do Pensamento Brasileiro* poderia ser aprendida, através da maioria dos autores selecionados, como orientações do pensamento de Nelson Werneck Sodré; ao menos o foram até aquele período. Neste caso, sugerem a apreensão da concepção de elite na perspectiva que supera um arco ideológico definido, podendo até, por ser ampliado, estar refletindo em nossa leitura um relativismo em transição. Entendemos que em alguns casos essa transição se apresentará ora como uma ruptura tanto teórica quanto política e mesmo pessoal, ora como uma continuidade, não necessariamente teórica, mas refletindo um compromisso político. Este argumento pode ser balizado com relação às suas reflexões literárias, a partir de uma hipótese explicativa desenvolvida por Netto, que revela aspectos que merecem nosso comentário. Segundo esse estudioso:

o historiador sempre revelou uma nítida inclinação para a análise das construções ideais (não só ideológicas), das formulações interpretativas às programáticas – sob este aspecto, guardadas as diferenças conseqüentes à inflexão que apontamos no seu percurso intelectual, há um claro liame entre Orientações do pensamento brasileiro e Ideologia do colonialismo. Esta característica intelectual de Sodré combina-se, cabe

³³⁶ Sodré, Nelson Werneck. *Orientação do Pensamento Brasileiro...* op.cit., p. 14.

*indicar, a um componente típico da postura metodológica que ele desenvolve na maturidade – vale dizer, a ponderação relevante que imputa às representações e projeções ideo-políticas e culturais dos atores que analisa.*³³⁷

Esse é um ponto que nos auxilia a entender as mediações concernentes à construção de seu pensamento naquela ocasião, e as opções ou orientações postas nesse trabalho. A publicação foi um risco assumido e coerente com sua trajetória. O liame apontado por Netto existe e está presente, mas não é linear. Entre os nomes que estão elencados como influências em seu pensamento, é possível sublinhar continuidade com Graciliano Ramos e Jorge Amado, com os quais a umbilicidade teórica já existente irá futuramente estar associada à osmose do compromisso político no PCB. Fernando Azevedo, como vimos, foi sem dúvida uma grata referência positiva e propositiva em relação à educação, e a referência exponencial que esse autor exerceu sobre Sodré ao longo da década, não sofrerá, ao que parece, abalos significativos posteriores. Fernando Azevedo será sempre um *Mestre*. Gilberto Freyre, uma referência importante até aquele período, influente em relação ao entendimento de algumas questões, particularmente a da transposição da categoria de raça por cultura, e recebe de Sodré o devido reconhecimento em vários artigos, mas não terá os mesmos desdobramentos pessoais ou políticos futuros, como se daria em relação a Graciliano Ramos ou a Jorge Amado. Pelo contrário, ele conheceria Gilberto Freyre pessoalmente na Bahia, pouco tempo depois, mas as posições entre ambos, se até próximas, face à guerra, deslocar-se-iam por caminhos diametralmente opostos nos anos seguintes. Em relação a José Lins do Rego, fica o registro do elogio à obra e o lamento quanto a um conservadorismo que ainda reflete um menino de engenho. Aqui Sodré estabelece uma nítida *démarche* entre a autonomia de uma obra, que valoriza, e seu autor. A Lúcio Cardoso, cabem, além dos elogios à obra de um jovem escritor, uma admiração por aquele que assumiu o exercício de sua vocação com um talento precoce invulgar.

Há ainda um outro aspecto. No momento de sua publicação, *Orientações* não foi uma obra isenta de críticas *esquerdistas* face às opções assumidas³³⁸, sem falar nas decepções que se seguiram e que foram muitas, uma vez que muitos daqueles intelectuais, que tanto admirava, já afiançavam o Estado Novo. São os casos de Azevedo Amaral e

³³⁷ Netto, José Paulo in *Apresentação* da reedição de *O Naturalismo no Brasil...* op. cit., p. 31

³³⁸ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 253.

Oliveira Viana, autores que muito o influenciaram teoricamente naquela década e aos quais esteve ligado por laços pessoais afetivos, que foram, os mais significativos. Em relação ao primeiro, como vimos, a decepção foi política; quanto ao segundo, teórica. Mas também Gilberto Freyre foi objeto de várias críticas posteriores, e talvez seja esta a razão de ele não querer uma outra reedição desse trabalho, chegando mesmo a condená-lo, conjuntamente com as demais obras dessa fase, até 1945. A razão já nos é conhecida. Quando o historiador compara os trabalhos dessa fase com as obras de uma etapa subsequente, valoriza esta última com a observação que de que são reflexões teóricas mediadas pelo referencial marxista. Mas há ainda um outro aspecto que enxergamos como central em nossa hipótese de trabalho: nessa fase, pós 45, as obras são mediadas pela *política do compromisso*, o que bastaria, segundo nos parece, para explicar o seu duríssimo acerto de contas com a maioria desses autores na década de 60, quando alguns, anteriormente apreendidos como *orientadores* de um pensamento, passariam a ser adjetivados de *ideólogos do colonialismo*³³⁹.

Projeto nacional como expressão de nacionalismo

Pensar a questão nacional e o nacionalismo como expressão de um posicionamento político na virada dos anos 30 para os anos 40 significa defrontar-se com inúmeros projetos e leituras de vários grupos, como também de inúmeros intelectuais e, nesse caso, não se pode pretender procurar buscar qualquer homogeneidade. São várias as possibilidades de apreensão, as tentativas de enquadramento do nacionalismo se mostram insuficientes para o entendimento da questão, ainda que há um excelente ponto partida para este debate, para o qual valorizaremos alguns interlocutores.

Para Ludwig Lauerhass, o nacionalismo é uma *idéia-força*, e foi essa idéia que conduziu a transição da sociedade tradicional para a moderna. Este autor ainda aponta para uma outra dimensão sobre essa questão, e sugere que no limiar dos anos 30 o nacionalismo já apresentava um estágio relativamente avançado, que seria corporificado em Getúlio Vargas, como também elevado a um patamar de política de Estado, consolidando-se com o Estado Novo. Na verdade, não mais seria somente uma preocupação de intelectuais, mas

³³⁹Sodré, Nelson Werneck. *Ideologia do Colonialismo*. Rio de Janeiro, ISEB, 1961.

um dado a ser contemplado em nossa leitura e em nossa análise. E também admite que o nacionalismo seja identificado com revolução, mas que dela não é necessariamente sinônimo, portanto, sugere para o seu significado um caráter mais complexo que difuso. Em sua essência:

consiste em um sistema de avaliação que sustenta o ponto de vista de que o Estado-nação constitui o grupo mais elevado na ordem social e, como tal, deve ser o foco primordial da lealdade do cidadão e ter o poder de tomar as decisões finais na direção dos negócios humanos. Todos os outros interesses, de grupos ou individuais são considerados de importância secundária. No plano internacional, os seus objetivos principais se resumem, via de regra, na independência e no fortalecimento da nação com relação aos países estrangeiros, e, no plano interno, na integração e no desenvolvimento.... o progresso humano pode ser alcançado mais facilmente dentro de um contexto no plano nacional. O governo nacional autodeterminado independente é considerado como a única forma legítima de organização política, uma vez que devem coincidir a nação cultural e o estado político..³⁴⁰

O debate em foco nesse trabalho, considerando a pequena introdução acima esboçada, pode enveredar para três manifestações de nacionalismo, que são ramificações associadas umbilicalmente uma à outra: *a ideológica, a institucional e a popular*. É em relação à primeira, ainda que as demais estejam presentes, que o nacionalismo, no seu caráter ideológico, Lauerhass pontua como eixo central, a expressão de um debate que pode ser *liberal, conservador e socialista*. Em que pesem as divergências, são identificados nesta obra seis pontos componenciais do nacionalismo: a busca da identidade nacional; o impulso patriótico; o ataque ao regionalismo; a exigência de legitimidade política; moralidade e eficiência política e a preocupação com a justiça social. Por fim, o autor até aprofunda a questão, sugerindo que o nacionalismo está pautado historicamente em um sentido ideal de cidadania e por esta razão, igualitarismo e independência se apresentam como objetivos supremos.

Nesta linha de argumentação, observa-se que o nacionalismo floresceu no período republicano brasileiro, principalmente no sentido ideológico, tendo significativo desenvolvimento na fase posterior a 1930, como uma idéia predominante no país. Também

percebe-se que são contribuições relevantes para a construção de nossa problemática e coincidem em grande medida com as reflexões de Sodré sobre a questão, ainda que as demais, não estejam isentas de abordagens pontuais em seus artigos.

De certa forma, há concordância com a leitura de Lauerhass, que, admite como várias, as possibilidades entre as muitas manifestações ideológicas de nacionalismo³⁴¹ e, apontando nessa linha de análise, para a hipótese de uma dificuldade de se estabelecer um consenso entre as várias correntes. Ao que parece, as diferenças fundamentais entre esses tipos, referem-se ao grau de mudanças desejáveis na estrutura social, seguido pela amplitude da centralização do poder. São, na verdade, variações decorrentes dos fins visados e dos meios que se objetivava empregar. O nacionalismo militar, expresso em grande medida no *tenentismo*, é encontrado, nesse esquema teórico analítico, no tipo denominado *autoritário do centro*. Mas não é a única possibilidade.

Como podemos observar, no leque desse debate nacionalista, tanto no âmbito da esquerda, quanto na direita, apresenta-se, por um lado, *uma linha de evolução dentro da ordem*, e por outro, *uma linha de rupturas revolucionárias*, sendo importante salientar que a questão democrática também variava de uma proposta de democracia federal descentralizada a uma proposta de ditadura elitista e autoritária. São tipos de nacionalismo extremos, circunscritos em um arco teórico difuso, demonstrando, em muitas ocasiões, uma umbilicidade de manifestações que até se confundem. Embora levemos em conta as valiosas contribuições do trabalho de Lauerhass, importa atentar para o fato de que o cenário que propomos neste desenvolvimento encontra-se de certa forma, diluído, ainda que possa sugerir uma proximidade maior na linha de um *autoritário do centro*. Mas também entendemos que uma possibilidade histórica não contemplada nas análises correntes pode ser visualizada em sua totalidade, como um eixo analítico a ser

³⁴⁰ Lauerhass Jr. Ludwig. **Getúlio Vargas e o triunfo do Nacionalismo Brasileiro...** op.cit., p. 17.

³⁴¹ O liberalismo, positivismo, evolucionismo, constitucionalismo, sebastianismo, jacobinismo, clericalismo, militarismo, anarquismo, socialismo, maximalismo, comunismo, fascismo, tradicionalismo, modernismo entre outros. Procura ainda distinguir 04 tipos duradouros que se expressaram ao longo do período republicano, cada um com diferentes características. O tipo *liberal democrático*, que se apresentava como civil, antimilitarista, parlamentarista, porta voz da classe média e, mais tarde, da classe popular, pró Estados Unidos, pró Terceiro Mundo, pró livre empresa, pró bem estar social e socialista. Esse tipo é seguido pelo *autoritário do centro*, militarista, secular, golpista, bonapartista, positivista, elitista quanto à classe militar; e seguido pelo *progressista – conservador*, civilista, pró catolicismo, tradicionalista, pró estatização, defensores da classe média-alta e média. O tipo *pragmático*, é civilista, mas aliado a facções militares, não doutrinário, defensores da classe média, não paulista e não mineiro.

desenvolvido para a construção do pensamento político de Nelson Werneck Sodré. Veremos ainda como, mas, antes, vamos a outros apontamentos.

A rigor, Lauerhass desenvolve alternativas para um debate, mas não supera um ponto que, segundo entendemos, é um diferencial nessa problemática, ou seja, a apreensão do conceito de nacionalismo como sinônimo de projeto nacional. Entendemos que há diferenças significativas para o enfoque desta questão, particularmente uma singular diferença entre ambos os conceitos. Lúcio Flávio de Almeida³⁴², por exemplo, sugere essa apreensão como sendo expressão de uma de *ideologia nacional*, e nesse caso, considera as condições de reprodução desse projeto em uma perspectiva de luta de classes, associado de forma variada à formação do Estado Burguês e às suas particularidades históricas. Nesse sentido, podem ou não estar associadas à questão nacional. No nosso caso, valorizaremos a possibilidade de pôr em foco o significado de projeto nacional na obra de Sodré como uma preocupação *instrumental*, e que se configurou, *a posteriori*, conforme verificarmos – em uma proposta *nacionalista*. Qual seria o ponto de partida para o entendimento desta problemática ?

Podem ser vários os pontos de partida, mas recorreremos inicialmente a Sérgio Silva, que nos fornece interessantes pistas para o entendimento do conceito de *projeto nacional* e, quiçá, um ponto de partida interessante para a continuidade de nossa reflexão. Nas suas palavras:

Como a sociedade é feita de conflitos, projeto nacional não é entendido como projeto de toda a nação, mas claramente como projeto para a nação; e vinculados a ações de determinadas frações das elites políticas dirigentes e à dominação de classe.. [...] Projeto Nacional é, na verdade, uma referência ideal, mesmo quando transformado em força material, sob a liderança de personagens históricos reais... A natureza concreta de qualquer projeto só pode ser esclarecida a partir de nossas próprias expectativas (o que procuramos no passado, como entendemos o presente, o que esperamos do futuro) e do exame concreto – fundado teórica e criticamente – da ação das elites e das classes [...] A idéia de Projeto Nacional permanece como eixo abstrato, como ideal declarado por dirigentes políticos, lideranças econômicas e

³⁴²Almeida, Lúcio Flávio. *Ideologia Nacional e Nacionalismo...* op.cit., p. 49 e ss.

*intelectuais militantes; como tendência definida pelo cientista social, na busca pelo conhecimento (e reconhecimento).*³⁴³

Nesse período, as variações políticas podem ser expressas no *nacionalismo militar* ou no *nacionalismo tenentista*, ambos reflexos, na época, de projetos galvanizadores de amplas parcelas, em que pesem suas limitações. Concordamos com Almeida, por exemplo, que o *nacionalismo tenentista* sugere uma preocupação em grande medida instrumental (ou seja, próxima de um projeto nacional), que estaria pautada no reordenamento jurídico e político do Estado como necessidade premente de viabilizar a unidade nacional e com o firme objetivo de combater as oligarquias, vistas como sinônimos erosivos de uma nacionalidade. Neste caso, seria via uma política de Estado, tendo como expoentes desse processo, as forças armadas.³⁴⁴ É o debate conflituoso de Sodré no período.

Uma questão de princípio

O nacionalismo em Sodré é processual, apresentará gradualmente, a partir dos vários elementos intrínsecos que refletiu o debate da questão nacional ou projeto nacional nos anos do Estado Novo e, de certa forma, até adquirirá, em vários momentos, uma aproximação conceitual tão próxima que é quase sinônimo de nacionalismo. No entanto, entendo que os contornos diferenciadores de uma leitura nacionalista em sua obra somente possam ser delineados a partir dos anos 50, com a incorporação de novos referenciais teóricos e uma singular práxis militante mais conhecida como *Revolução Brasileira*. Não é o debate do momento, ainda que a reflexão que pontuamos a seguir, venha a constituir um subsídio fundamental. Mas o processo já se delineia nessa fase pré década 50.

Para uma inicial percepção dessa problemática, vários artigos do autor remetem a essa pontuação, muitos deles escritos no cenário *D'oeste* e já desenvolvidos. São evidentemente ilustrativos de um quadro ainda em definição e sugestivo das tensões em curso naquele momento, profundamente umbilicais a alguns dilemas (do atraso do país) não superados do regime em vigor. Por exemplo, em 1938, o autor já alertava para a encruzilhada perigosa em que o Brasil se encontrava, e para a necessidade de o país se

³⁴³Sérgio Silva in Prefácio a Corsi, Francisco Luiz. **Estado Novo: política externa e projeto nacional**. São Paulo, Ed. Unesp, 2000, p. 14 e 15.

industrializar ou, então, perecer. Seja como crítica literária, seja em outras manifestações, o historiador já apontava para uma posição nacionalista e, sem dúvida, anti-imperialista; por exemplo, ao concordar com a posição de que o contrato da Itabira Iron é lesivo ao país e que *é condenado por todos os brasileiros que vêm adiante do nariz*³⁴⁵. Na mesma linha, outros artigos pontuam dificuldades de várias ordens, mas apresentando como necessidade determinante para o desenvolvimento da economia, a *superação das origens feudais que aqui tinham se estabelecido*.³⁴⁶ Neste aspecto, refletiam-se algumas ponderações advindas da campanha do Mato Grosso, remetendo a questão ao nosso cenário de posse da terra como *um arremedo de propriedade feudal...*, o que significa, de certa forma, assumir o fator econômico como determinação da ordem política. O Autor já se aproxima dessa problemática quando aponta que a diferenciação de grupos humanos no Brasil seria um fator de risco para a unidade nacional. Para ele:

*a fase de nítida recuperação que o Brasil atravessa em que o anseio de conquista nacional, de imperialismo intra fronteira, assume aspectos tão nítidos e tão visíveis e animadores, não podia deixar passar anomalias tão profundas, com repercussão tão grave no desenvolvimento brasileiro, agora consideravelmente aumentada e perturbada pelo jogo novo dos acontecimentos produzidos na esfera internacional, a qual não podemos ficar alheios, desde que o mundo atual se aproxima cada vez mais suas partes, e conduz, com a velocidade das vibrações, os reflexos dos acontecimentos mais longínquos, na ressonância enorme de um universo sempre mais denso...*³⁴⁷

Sodré recupera em outros artigos essa mesma linha de argumentação, e utiliza a expressão de *pacífico imperialismo*, sugestivo de integração territorial como sinônimo e necessidade de unidade nacional. Parece que essa é uma preocupação central de sua leitura de projeto nacional e que, principalmente, face à guerra já iminente, adquire o caráter de segurança nacional. Neste caso, sua leitura sugere uma aproximação conceitual e central com a política, naquilo que Almeida denominou *nacionalismo militar*³⁴⁸. Vale lembrar que é nesse período que são implementadas as primeiras políticas de colonização, configuradas

³⁴⁴ Almeida, Lúcio Flávio. **Ideologia Nacional e Nacionalismo...** op.cit., p. 107.

³⁴⁵ “A solução do problema do ferro”- Durval Bastos de Menezes . *Correio Paulistano* . 18 out. 1938 . Livros Novos . (p. 171)

³⁴⁶ Nacionalismo e economia . *Correio Paulistano* . 20 jul. 1939 . Livros Novos . (p. 74)

³⁴⁷ Idem. *ibidem*.

nas oito Colônias Agrícolas Nacionais espalhadas pelo país, como a Cang, em Ceres³⁴⁹, e que são expressão dessa política. Os artigos sugerem concordância com essa linha de intervenção imposta pelo regime, e o autor complementa:

*o caminho está traçado. Resta-nos permanecer nele. Só é poderosa e nitidamente autônoma nacionalidade que possui as reservas necessárias de riqueza e que articula com as próprias possibilidades, a construção do equipamento necessário a vida coletiva.... resta a esta etapa decisiva na conquista do Brasil..*³⁵⁰

Neste caso, o debate ainda remete ao projeto de desenvolvimento autônomo capitaneado nos anos de 37/39 e, como veremos a seguir, refere-se, mais uma vez, ao artigo supracitado. a um de seu pilares centrais: o estabelecimento de uma política de industrialização. Sem dúvida, concordamos que não é de surpreender que ele não tenha sido o único *tenente* a pensar assim naqueles tempos.³⁵¹ Talvez, por essa razão, admita que naquele momento, como seus apontamentos indicam, sua reflexão estivesse pautada ainda, ou mais ainda, pela lógica de equilíbrio nacionalista (de Pareto e Amaral), quase evolutiva e principalmente cautelosa estando dissociada de uma postura política mais contundente; postura essa honestamente assumida naquele ano de 1939 no artigo *Caliban*, em que podemos ler os seguintes apontamentos.

Diante de tudo, mesmo os acontecimentos que impressionam mais vivamente o nosso sentimento e a nossa inteligência, cabem duas atitudes: a de quem combate e a de quem analisa. Confesso que o meu grande ideal é ater-me a segunda das posições. A trama indivisível do mundo contemporâneo, parece não permitir essa situação a alguém. Fácil se torna, então a confundir os dois modos de proceder. Entra-se em uma análise partidária e facciosa, mesclada de elementos de combate inseparáveis da condição humana, na sua ânsia de imiscuir-se em tudo o que toca de perto. E tudo o que vem

³⁴⁸ Almeida, Lúcio Flávio. *Ideologia Nacional e Nacionalismo...* op.cit., p. 101 e ss.

³⁴⁹ Cunha, Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha. **Aconteceu Longe Demais: A luta pela terra em Formoso e Trombas e a Política Revolucionária do PCB no período 1950-1964.** Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1994, cap. I.

³⁵⁰ A Conquista do Brasil . *Correio Paulistano* . 2 nov. 1939 . (p. 101), para o DNP, assinada pelo tenente Sodré.

³⁵¹ Prestes, Anita Leocádia. **Tenentismo Pós 30...** op.cit., cap. III.

ocorrendo em nossos tempos, na imensa e profunda comunhão da vida contemporânea nos toca ao vivo e nos interessa a todos. ³⁵²

Assim sendo, entendo que os anos de 39/40, período em que a rotação do regime não estava visível, o historiador ainda apresenta uma reflexão parcial sobre a questão nacional, quase que paralela à leitura oficial, até porque nela estava contemplada a possibilidade de um desenvolvimento nacional autônomo³⁵³ e a política referendava muitas de suas preocupações de algum tempo. Veremos também a razão dessa possibilidade. Ao que parece, se a preocupação maior nesse momento era de análise, esta se apresentava com o objetivo contribuir para o debate em curso no país³⁵⁴ e, neste caso, sua leitura já sugeria estar em processo de rotação, e de sofrer, a partir de outras contribuições, tensões teóricas e práticas de várias ordens.

Apontamentos de um debate

No delineamento da análise proposta por Sodré, outros fatores devem ser considerados. Uma delas, se não a maior advirá a partir de outros fatores e pôde ser observada como uma possibilidade que se apresenta de forma consistente já amadurecida quando da publicação *D'oeste* em 1941. Não é de se surpreender que aquela práxis tenha possibilitado uma forma de pensar a questão nacional e a nacionalidade a partir da questão da terra expressa no cenário do latifúndio feudal pastoril entre outros indicativos. O interessante ainda neste trabalho, é que a esta questão remete na análise a contraposição de um exemplo de caso concreto, a Argentina, sendo possível que esta leitura até seja reflexo da preocupação do autor com o poderio militar daquele país, aliás sempre um ponto sensível para os militares. Em tese, o exemplo se justifica, já que a situação argentina estaria associada a uma bem sucedida superação dessa problemática ainda presente no Brasil e que, em nosso cenário, é sinônimo de atraso. Mas essa é, uma explicação palatável para o autor, na medida em que este não esconde que o processo emancipatório Argentino é

³⁵² Caliban . *Correio Paulistano* . 23 abr. 1939 . Livros Novos . (p. 40).

³⁵³ Corsi. Francisco Luiz. **Estado Novo: política externa e projeto nacional...** op.cit., p. 173 e ss.

³⁵⁴ Lenharo. Alcir. **A conquista do corpo geográfico do país** – Campinas, Unicamp. Capítulo não publicado de: *A sacralização da política*. Campinas, Papyrus, 1986 e Costa, Júlio Cesar Zorzenon. **Política colonizadora, industrialização, desenvolvimento regional e o núcleo colonial do Barão de Antonina (1930- 1944)**. São Paulo, USP, Dissertação de Mestrado em História Econômica, 2000; cap. III.

um exemplo singular. De certa forma, para ele algumas políticas de *nacionalidade* ali desenvolvidas poderiam ser implementadas em nosso contexto como projeto.

Inicialmente, havia na Argentina, como característica em curso e análoga ao nosso contexto, um crescimento demográfico associado a um fluxo migratório e potencializado para o trabalho na terra. Neste caso, o historiador valoriza uma bem sucedida política de implementação de penetração ferroviária, que articulou o território ao centro, e que se tornou possível principalmente face à desagregação da grande propriedade na luta contra o regime pastoril. Tais políticas associadas convergem, na sua leitura, para a consolidação da formação nacional argentina e refletem, a consolidação de sua unidade nacional como país; condição esta necessária à expansão econômica e à construção de seu lugar entre as nações. A partir desses apontamentos, ele divisa os pontos comuns a ambas as realidades e pontua seu projeto nacional, que, como veremos, encontra concordância em alguns aspectos, com as políticas do regime.

Neste quadro, Sodré delinea as políticas a serem desenvolvidas, destacando principalmente o que entende por primado do regime agrícola, aspecto este que adviria da fragmentação da grande propriedade a partir da intervenção do Estado, até para dar conta dos inevitáveis fluxos migratórios decorrentes. Por outro lado, essa política, ou projeto, passaria pela necessidade de uma autoridade forte (O Estado) apoiada em agrupamentos urbanos. ou seja, em municípios menores, além de vias de comunicação consolidadas que, entre outras medidas, conduzirão a pequena propriedade e a fixação do homem ao solo, dando fim ao regime pastoril. Esses eram os indicativos nacionalistas *D'oeste*.

O ponto de partida desse processo poderia, na sua análise, apresentar-se no seu congêneres nacional com algumas dessas características já em desenvolvimento, exemplificadas na prosperidade de São Paulo. Curiosamente, foi em São Paulo que se deu uma das poucas experiências diretas de implementação da política dos *tenentes*, com a interventoria de João Alberto, ainda que tenha tido resultados inglórios, segundo a análise de Almeida.³⁵⁵ É possível que a referência seja essa, e quase osmótica ao exemplo paulista, mas não há elementos para corroborar tal hipótese. A perspectiva de nacionalidade no período, e aqui exposta, é fundamentalmente a da integração, a de um *tenente*, até porque a expansão ferroviária era um elo fundamental do projeto visualizado, que contemplava ainda

³⁵⁵ Almeida. Lúcio Flávio. *Ideologia Nacional e Nacionalismo...* op.cit., p. 110

a dinamização do mercado interno como elemento integrador da unidade nacional, minimizando ou neutralizando aquilo que denominou *ação desnacionalizadora e anti-brasileira*. Na verdade, *Oeste*, ainda que sugestivo de uma política localizada ou regional, é também o momento em que o autor enfrenta pessoalmente e teoricamente, de forma sistematizada, aquilo que parecia ser um aspecto da segurança nacional e como vimos nos vários artigos anteriores, uma real preocupação, ainda que sua publicação se apresente em um novo momento de rotação do projeto nacional do Estado Novo, do qual ele já tenderia a se distanciar, cuja razão, exporemos a seguir.

Mediações de uma transição

Podemos pontuar alguns acontecimentos ainda hoje emblemáticos; acontecimentos sujeitos a desdobramentos variados, mas que entendo merecem uma cuidadosa referência em sua memorialística, e com reflexos em seus posicionamentos subsequentes. No ano de 1941, aconteceria o histórico discurso de Getúlio Vargas, no 11 de julho, dia da Marinha, com louvores ao regime totalitário, contra a democracia e com o firme compromisso de liquidar a *hidra Vermelha* internamente. No debate político e acadêmico contemporâneo, as conclusões sobre o real significado daquela mensagem são diferenciadas e ainda alvo de vivas polêmicas, prevalecendo a tese de que o discurso orientava a formalização do Brasil com as potências do Eixo, como sugere a leitura de Moraes.³⁵⁶ Valer-nos-emos das interpretações de Corsi e Lauerhass³⁵⁷, que apontam uma linha de análise daqueles eventos diametralmente oposta e que de certa forma nos possibilita o entendimento da leitura e do posicionamento político de Sodré naquele contexto.

Para Francisco Corsi, apesar da repercussão internacional, o discurso de Vargas somente *sugeriria* uma evolução do regime para o nazi-fascismo, mas seu conteúdo tinha objetivos muito claros, no sentido de pressionar os Estados Unidos viabilizar as condições financeiras para o desenvolvimento industrial brasileiro, em particular uma siderúrgica. Nesta leitura, este autor também aponta, a princípio, para o desenvolvimento de interessantes pontos de reflexão sobre o projeto nacionalista em curso que, a partir da

³⁵⁶Moraes, Dênis. *O Velho Graça: Uma Biografia...* op.cit., p. 183.

³⁵⁷Corsi, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional...* op.cit., p. 160 e ss e Lauerhass Jr, Ludwig. *Getúlio Vargas e o triunfo do Nacionalismo Brasileiro...* op.cit., p. 147

política do Estado Novo, no período inicial de 1937/39, até contemplava a possibilidade de um desenvolvimento autônomo. O que estava em questão era a possibilidade de que esse projeto se configurasse a partir de capitais internos e neste sentido, a própria identidade de nação, na medida que, face a alguns riscos postos como a unidade nacional, seguramente seriam enfrentados via uma política de estado forte e por decorrência, a política externa estaria vinculada àquela possibilidade e a sua adequação. Com a iminente entrada do Brasil na Segunda Guerra, o pragmatismo, decorrente daquela situação de realinhamento com os USA, envolve uma redefinição do projeto nacionalista por parte do regime que, face à nova conjuntura, permitiria, até então em tese, o desenvolvimento de projeto nacional em associação com o capital estrangeiro, significando que esta ocorreria sem abdicar de nossa soberania.³⁵⁸ Veremos que não foi isto que aconteceu, e apesar das sucessivas ambigüidades de Vargas e das tentativas de reafirmação nacionalista anteriores e em curso naquele período, com a *Legislação de 1941*, entre outras políticas como a nacionalização das minas de ferro e os acordos da borracha, o que acaba ocorrendo é, com certeza, uma nova rotação do antigo projeto já com outros objetivos e também um outro significado.

Na verdade, ficava em aberto em última instância um ponto de interrogação, ou seja, a condição de exequibilidade, de viabilizar, a partir dessa nova conjuntura, uma política nacional e autônoma que, ao que tudo indicava, já estava posta em xeque. Veremos, ao longo deste desenvolvimento, como ela se apresenta internamente e suas conseqüências políticas, mas, com certeza, eram preocupações expostas por Sodré e determinantes em sua leitura do regime em questão e neste sentido, a expressão de uma nova fase que se segue.

Intervenção na Revista Cultura Política

Neste cenário de ambigüidades, face ao pragmatismo imposto pela conjuntura de guerra, uma redefinição em curso sugeria, em tese, que esse novo patamar de projeto associado ao capital estrangeiro, ainda que não fosse algo imediato, dar-se-ia sem prejuízos para nossa soberania. Alguns de seus apontamentos, expressos nos ensaios publicado na *Cultura Política* entre 1941 e 1942, merecem a nossa atenção face a essa particular problemática, e são elementos importantes para o delineamento desta hipótese, na medida

³⁵⁸Corsi, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional...* op.cit., p. 160 e ss.

em que a revista é, segundo o próprio Sodré *a melhor fonte para o estudo do que foi o Estado Novo*. Sua leitura é também uma das fontes fundamentais para entender o seu pensamento e suas tensões sobre a questão nacional, bem como sua concepção de nacionalismo no período.

Num dos primeiros artigos, intitulado *Um sentido político*³⁵⁹, o historiador analisa aspectos concernentes à questão nacional e, ao que parece, aproxima-se da ótica proposta pelo regime, ainda que haja um certo exagero no adjetivo *encomiastas*, utilizado por V.Chacon³⁶⁰ em uma crítica à posição de Sodré expressa na ocasião. Talvez não seja de se surpreender, na medida em que a epígrafe sobre o imperialismo, presente em seu artigo e que antecede sua análise, é de autoria de um discurso extraído do próprio Vargas. De certa forma, o artigo diz tudo, já que problematiza o todo dessa questão em torno do binômio Vargas e Unidade Nacional. O seu significado encontrava nas posições do autor os mesmos elementos já verificados no seu período *D'oeste*, que consiste em ampliar as fronteiras e sua integração, baseado em um sistema de transporte eficiente como elemento necessário para evitar a desintegração nacional. Ou seja, nesse particular momento tanto o autor quanto o discurso de Vargas encontram simbiose política, embrionária daquelas futuras leituras de *segurança e desenvolvimento*, bem correntes e populares entre os militares³⁶¹.

Mas o que significou *o sentido político* sinalizado na titulação? O historiador pontua em várias passagens que 1930 foi uma revolução e que foi inclusive conseqüente, na medida em que houve alterações em todas as esferas da vida nacional e estas foram mais que alterações, na medida em que respondiam a um sentido para o Brasil, num imperativo desenvolvimento econômico e, respondiam na linha de um projeto nacional. Nesse caso, o autor valoriza aquelas ações de governo como sendo de caráter supra partidário, eleitoral ou regional, distanciado das ideias ideológicas. Em que pese o desconfortável significado que uma revolução possa gerar, e as conseqüências decorrentes, o artigo sugere que houve, em nosso caso, um diferencial face à figura de Vargas, como sinônimo de uma nacionalidade em curso e necessária naquele momento. Ao que parece, ele não foi o único, e sua leitura de nacionalismo é quase uma tendência no período, como lembram os apontamentos de

³⁵⁹ Um Sentido Político. *Cultura Política*. 4 jun. 1941. (p. 153 e 154).

³⁶⁰ Chacon, Vamireh. *Estado e povo no Brasil: As experiências do Estado Novo e da Democracia Populista, 1937/1964*. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, Câmara dos Deputados. 1977, p. 127.

³⁶¹ Prestes, Anita Leocádia. *Tenentismo Pós 30...* op.cit., cap. III.

Lauerhass e Almeida³⁶². Em nossa leitura, a expressão mais acabada para o entendimento dessa equação em Sodré, é ainda a presença influente da lógica de Pareto e Amaral, que conciliava um projeto de nação e o equilíbrio entre os extremos. Sob este aspecto, vale concordar - em termos -, com Chacon que Sodré não poupa elogios à Vargas e a sua atuação naquele presente, é uma posição política que, claro, viria a lamentar daí a muito pouco tempo. De Vargas, ele afirma:

*Chegando ao poder, num momento de intensa crise e manifesta desorientação, o presidente Getúlio Vargas encontrava, na sua predestinação política e na articulação de qualidades que lhe eram inatas, o equilíbrio, a sobriedade, a tolerância, a sagacidade, a clareza, o conhecimento dos homens e a objetividade de visão, a arma com que devia, desde logo, introduzir, paulatinamente, no mundo desencadeado, a influência moderadora Mas firme da sua vontade, estabelecendo linhas e definindo motivos, enquadrando, aqui e ali, fatores novos, estabelecendo, dentro da escala reduzida e confusa dos valores, o primado de escolhas vinculadas a um novo critério.*³⁶³

Há, com certeza, uma outra explicação correlata a essa questão. Na verdade, o historiador deixa muito claro que, nesse momento, entende a política econômica de Vargas e sua liderança como um instrumento afiançado do desenvolvimento nacional e de uma nacionalidade emergente. Sodré deixa sugerir que não havia escolhas entre as linhas desenvolvidas em curso, face ao tumulto das ideologias, o que até resultava em uma impressão equivocada de que o regime em curso tinha perdido o vigor revolucionário face a algumas semelhanças políticas, sob alguns aspectos, com a fase pré 30. Em que pesem as discordâncias quanto ao caráter repressivo do regime, atroz particularmente em relação à intelectualidade de que fazia parte, o artigo deixa margem para que se entenda que foi um mal necessário, advindo da necessidade de implementação de um projeto nacional e, nesse sentido, ao menos nessa questão, a sua linha programática estaria correta. Pela data do artigo e, claro, pelo seu conteúdo, vale inferir a hipótese de que o historiador enxergava ainda em curso a presença de um desenvolvimento autônomo, e como vimos, havia esta

³⁶²Lauerhass Jr. Ludwig. **Getúlio Vargas e o triunfo do Nacionalismo Brasileiro**. op.cit., p. 30 e Almeida, Lúcio Flávio. **Ideologia Nacional e Nacionalismo...** op.cit.

³⁶³ Um Sentido Político. *Cultura Política*. 4 jun. 1941, p.153 e 154.

possibilidade na ocasião em que sustentou tal posicionamento político. Em uma situação de conflito iminente para o Brasil, seu posicionamento não era um caso isolado, mas corrente em muitos círculo militares e políticos da época.³⁶⁴ Ou seja, uma questão de prioridade.

Ao que parece, a própria idéia desenvolvida por Sodré, sugerindo que o Golpe do Estado Novo tinha por significado a reposição a marcha revolucionária, bem demonstra a factibilidade e a justificativa dessa tese, quase uma necessidade sugestiva de uma nacionalidade face aos perigos segregacionistas aparentemente em curso. Se, como vimos *N' oeste*, o conteúdo programático indicava concordâncias com relação a muitas das medidas do regime, medidas já advogadas, o autor entendia que a maior e mais urgente tarefa do momento era propiciar condições de desenvolvimento e de construção do Brasil como nação e, aparentemente, as condições estavam postas.

Todavia, entendo que o caráter desse artigo tem um significado político maior, em que pese o incômodo ou não de expressar publicamente essa opinião e as possíveis apreensões equivocadas que a leitura poderia dar margem. Por exemplo, no artigo subsequente, ainda na *Cultura Política*, intitulado *O problema da Unidade Nacional*³⁶⁵, é retomado alguns pontos centrais da percepção dessa problemática e, de certa forma, recoloca alguns apontamentos que são fortemente subsidiados nas formulações históricas que apreende ainda *N' oeste*. A linha da argumentação desenvolvida aponta para a necessidade de mercado interno, uma política de comunicações viabilizando o mercado proposto e, principalmente a integração através de uma política de comunicações (transporte), resultando, em última instância, na unidade nacional como projeto de integração.

Nessa mesma linha de argumentação e problematização, ainda que um pouco melhor fundamentado, segue-se, no início de 1942 na mesma revista, a publicação de *Novos aspectos da circulação social no Brasil*.³⁶⁶ Primeiro, retoma a utilização do conceito de heterocronia, via Oliveira Vianna, como bem situa Paulo Prado para explicar, entre outros aspectos, a disfuncionabilidade entre os *brasis* naquele momento. Por outro lado, exagera na utilização do conceito de *elite* (rural e urbana) para pontuar alguns aspectos

³⁶⁴ Corsi, Francisco Luiz. **Estado Novo: política externa e projeto nacional...** op.cit., p. 173 e ss e Prestes. Anita Leocádia. **Tenentismo Pós 30...** op.cit., cap. III.

³⁶⁵ O Problema da Unidade Nacional. *Cultura Política*. ago. 1941. (p. 117 a 120).

³⁶⁶ Novos Aspectos da Circulação Social no Brasil. *Cultura Política*. fev. 1942. (p. 65 a 70).

históricos de nossa formação. É em torno desse eixo que Sodré desenvolve as teses sinalizadas no título do artigo e que, de certa forma, explicam a estagnação do país até os anos 30. Mas ele não parou aqui.

Em agosto de 1942, escreve *Fronteira móvel*³⁶⁷, artigo em que as pontuações de umbilicidade da unidade nacional, expressa no binômio Vargas *versus* questão nacional, são mais uma vez retomadas. Tendo mais uma vez como ponto de partida uma passagem de um discurso à margem do pensamento de Getúlio Vargas, esta linha de desenvolvimento é uma continuidade do artigo anterior que aponta para a necessária integração, via ocupação dos espaços vazios, e que, em tese, possibilitaria a superação de uma situação desigual entre as várias regiões e em última instância, possibilitaria as condições para a industrialização. Esse seria o fenômeno de *fronteira móvel*, que caracteriza o Brasil como uma situação de arquipélago econômico, ou seja, apresentando ilhas de prosperidade que são, em grande medida, transitórias em nosso processo histórico e, para Sodré, definidas, em suas várias fases, com agudeza por Vargas. Contudo, ainda não é este o aspecto que nos chama atenção.

Nesse artigo, o historiador apresenta pela primeira vez, o conceito de *feudalismo sem fundos*³⁶⁸ para as capitânicas hereditárias em sua fase de descobrimento do Brasil, ainda que, também admita ao longo do texto, a existência de uma *burguesia poderosa colonial* ligada ao desenvolvimento da cana-de-açúcar, apontando para a existência de uma burguesia urbana. Percebe-se aqui o início de um ecletismo conceitual cuja expressão maior é visível na análise de um de seus últimos trabalhos dessa fase, *Formação da Sociedade Brasileira*, publicado em 1944, mas escrito na Bahia, alguns meses depois da publicação de *Fronteira Móvel*. Talvez seja a influência de Caio Prado e seu recém-publicado *Formação do Brasil Contemporâneo* que já se apresenta nesse artigo, e não seria coincidência que o início de uma troca de cartas entre ambos ocorra poucos mais de um mês após essa publicação³⁶⁹. O livro de Caio Prado já era de seu conhecimento e nessas cartas, ele também não deixa de mencionar em várias passagens da *Fronteira Móvel*, momentos cruciais em que a unidade nacional está ameaçada ou foi precariamente preservada. Essas etapas de fronteira se sucedem com diferentes ciclos de produção, organizando e

³⁶⁷ *Fronteira Móvel. Cultura Brasileira*. ago. 1942. (p. 93 a 102).

³⁶⁸ *Idem*. pág. 94.

³⁶⁹ Carta de Caio Prado Júnior a Nelson Werneck Sodré em 07/10/42. *Arquivo NWSodré*

desorganizando (o paretiano) *organismo nacional* até os anos 30. O autor retoma, no artigo supracitado, o ponto central do discurso que caracteriza o país como arquipélago de ilhas econômicas desiguais e neste sentido, reflete e remete a uma situação perigosa para a unidade nacional. Aqui se apresenta o desafio maior da revolução de 30 e algumas possibilidades de seu equacionamento já nos são conhecidas, até porque fazem parte daquelas recomendações que foram publicadas *N' oeste*.

É no contexto delineado acima que o autor encontra argumentos justificativos do golpe de 37, e até aponta para uma leitura que indica o advento do Estado Novo como uma necessidade imperiosa que criou condições para se fazer através da ação do estado, o início de um processo de superação daquela realidade desigual. Com ela:

*A unidade, entretanto, é um problema de comunhão de interesses recíproco. O fenômeno da fronteira móvel ameaçara, formalmente, o agrupamento nacional. A sua conseqüência inevitável, a formação do arquipélago econômico, conclue por tornar premente este problema...*³⁷⁰

Ao finalizar sua leitura, o historiador chama a atenção mais uma vez para uma política de transportes, que já fora delineada *N' oeste*, como um fator de equacionamento do problema da unidade nacional, valorizando as propostas do regime Vargas em relação à exploração de nossas riquezas minerais (o Ferro) e a positiva ação do Estado expressa na proposta de construção da usina de Volta Redonda. Não há dúvidas de que esses artigos refletem, no limite, sua proximidade ou mesmo uma simpatia relativa por algumas das políticas em curso delineadas pelo regime. No entanto, vale a ressalva de que são artigos ilustrativos de uma leitura que legitima uma política de governo, algo pontual, e, nesse sentido, discordamos de que possam ser apreendidas em sua obra como sinônimo de legitimação ou adesão ao mesmo Estado Novo, crítica que podemos perceber em vários autores como Chacon e Lenharo³⁷¹.

Em nossa leitura, há um outro aspecto significativo decorrente de sua intervenção na *Revista Cultura Política*. Salvo polêmicas inconclusivas sobre essa questão, podemos afirmar que esta participação veio a ser uma abertura para outras reflexões. Por um lado, a

³⁷⁰ Fronteira Móvel. *Cultura Brasileira*. ago. 1942. (p. 100).

³⁷¹ Chacon, Vamireh. *Estado e povo no Brasil:...* op.cit., p. 127 e Lenharo, Alcir. *A conquista do corpo geográfico do país...* op.cit., p. 103.

redação dos ensaios de maior *responsabilidade* (os artigos relacionados ao discurso de Vargas) empurraram-no para um estudo e uma análise de fundo de como os problemas se apresentavam, o que lhe permitiu visualizar que o Estado Novo não se resumia à face sinistra e policial, que muitas de suas iniciativas eram inclusive defensáveis. Lamentaria nas memórias tal colaboração, mas admite, por outro lado, que foi uma participação que lhe possibilitou um inegável aprendizado, particularmente porque lhe chamou atenção para o estágio de desenvolvimento brasileiro e para as nuances do papel da burguesia, do latifúndio e até o imperialismo naquele contexto. De certa forma, isso explica, e muito o conteúdo dos artigos escritos naquela ocasião. Mas em que sentido?

O historiador comenta que percebera, naquela ocasião, curiosas ambigüidades naquela exposição, as quais pudemos observar em vários de seus artigos publicados na *Cultura Política*. Embora já apontassem para uma leitura de nacionalismo diferenciada, ele admite que a questão era polêmica. Acredito que, para Sodré, o Getulismo, em que pese a repressão aos intelectuais, também se apresentou em seu projeto de nacionalismo como expressão de um projeto nacional em curso, que representava posicionamentos anti-imperialistas face à perspectiva autônoma de desenvolvimento como proposta, ao menos, por um tempo. Em vista da habilidade com que foi expresso a partir da figura de Vargas, o regime até pôde galvanizar apoios localizados e diferenciados para algumas de suas políticas, ainda que esse ideário, como proposta configurada na pessoa do presidente, já estivesse em processo de erosão para muitos intelectuais, inclusive para Sodré.

Na verdade, ao contrário da leitura de Chacon, a despeito de uma sugestiva adesão ou proximidade que em alguns momentos esses artigos possam sugerir, entendo que o autor já enxergava o papel de Getúlio como o de um *condotiere* da burguesia brasileira (o grande revolucionário burguês), papel este que sinalizará em várias referências e trabalhos posteriores, de forma mais elaborada, mas que já se pôde apreender na feitura destes artigos da Revista. De certa forma, esse posicionamento antecede em alguns anos aqueles escritos em que esta tese buscará uma elaboração mais bem fundamentada.³⁷² A rigor, não é uma questão pessoal e sim política, que nos auxilia na compreensão de muitas de suas atitudes no período subsequente. Mas há outros aspectos correlatos.

³⁷² Sodré, Nelson Werneck. *Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil...* op.cit., p. 120

Naquele agosto de 1942, momento da publicação do artigo em que discute a *fronteira móvel*, Sodré estava em trânsito para Salvador. Entendemos que está, nessa mobilidade de casernas militares, o ponto de partida de sua rotação à esquerda e a incorporação de novos referenciais teóricos marxistas, que pavimentariam a sua leitura e reavaliação dessas teses como também do período em questão. Veremos com atenção no próximo capítulo. A influência pode ser observada nos inúmeros artigos produzidos nos meses subsequentes, inclusive na mesma *Cultura Política*. É o caso, por exemplo, da publicação de um *Sentimento da nacionalidade na Cultura Brasileira*³⁷³. O ponto sugestivo inicial desse artigo é que aqui ele pontua a questão da nacionalidade de outra perspectiva, diferente dos delineamentos anteriores. Mas esse ponto não é o único. Há nesse pequeno ensaio uma singular análise do processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, incorporando a esta leitura vários sujeitos (o sentimento popular, a burguesia, o exército, a imigração entre outros) que, em última instância, remetem a questão do naturalismo no país à expressão de nacionalidade, ponto de partida futuro que adquire um corpo teórico mais preciso com a publicação *do Naturalismo no Brasil*, nos anos 50.

São pontos de confluência de um debate iniciado ainda com as propostas desenvolvidas a partir de sua experiência em *D'oeste* e que, seriam em grande medida, contempladas no projeto nacional de Vargas: o eixo nodal de sua tese de nacionalismo e a tese que naquele momento se expressava na necessária ocupação dos espaços nacionais como fator umbilical da unidade nacional. Sem dúvida, os subsídios teóricos advindos daquela práxis é que possibilitariam ao autor refletir sobre a questão nacional em uma linha bem mais próxima de um projeto do que uma leitura de nacionalismo como identidade de nação, ainda que a questão nacional desenvolvida possa ser contabilizada como um importante pressuposto para a sua futura leitura. Neste caso, entendo que o nacionalismo em Sodré somente adquire consistência diferenciada na virada dos anos 50, quando a percepção do imperialismo e a práxis militante advinda das lutas nacionalistas e programáticas concernentes a um projeto de nação, parecem assumir a verdadeira dimensão política que se apresentará como arcabouço de projeto à esquerda, configurada com a publicação de *Introdução à Revolução Brasileira*.

³⁷³ Sentimentos da Nacionalidade na Literatura Brasileira. *Cultura Política*. maio 1943. (p. 22 a 28).

CAPÍTULO IV

Dobre A Esquerda: uma consciência em transição

Rotação À Esquerda

Emerge a questão democrática

Ecletismo teórico em um momento de transição

Um diálogo promissor

O partido como mediação histórica

Um retorno às origens?

Ao encontro de sua vocação

Pós 45: O Brasil numa Guerra Fria prá lá de Quente

Militância ainda que discreta

Um diálogo a partir de novos referenciais

O imperialismo: o desafio de sua apreensão

CAPÍTULO IV

As pessoas são como são e tem história, não as mesmas a vida toda, mudam, evoluem. Detestando os policiais do Estado Novo, fiel ao princípio da liberdade de pensamento e, conseqüentemente, contrário a censura e à propaganda unilateral dos atos oficiais, eu não tinha nenhum compromisso ideológico, não estava ligada a nenhuma organização, agrupamento partido, a cujo programa, diretriz ou rumo devesse obediência. Estava, na realidade desinteressado das questões políticas, que não me afetavam. Não tinha conhecimento suficiente para constatar que minha omissão importava em ajuda ao regime estabelecido, então praticamente incontestado. Tratava-se, em realidade, da alienação, mas como prova de que ela representa, não ato de vontade, mas o traço tempo e do meio. O fato é que eu não tinha dela consciência...³⁷⁴ Nelson Werneck Sodré

Na virada do ano de 42, Sodré é promovido a capitão e transferido para uma recém-criada unidade de artilharia que seria sediada em Salvador. Algo novo estava no ar e sugeria mudanças até então inimagináveis; ao menos para alguns, já que era iminente a entrada do Brasil na guerra, e ao lado dos aliados. Após a sua chegada a cidade, ocorrem os primeiros torpedeamentos de navios brasileiros na costa, trazendo imensa comoção popular. Aquilo já era mais do que um sinal orientador de um novo realinhamento político externo e, sem dúvida, com inevitáveis alterações na conjuntura interna. Na cena, descrita a seguir pelo autor,

*O povo assistia o espetáculo, de confusão aparente, sofrendo muito mas gozando seus aspectos grotescos. O regime estadonovista deteriorava-se rapidamente, mas permanecia em instável equilíbrio, pela lógica da posição externa, deveria remover a cúpula militar nazista, mas, se tivesse condições para isso, seria como suicidar-se: sem cúpula, o regime esboroaria...*³⁷⁵

A declaração de guerra que se adivinhava enfrentaria uma ambigüidade da qual até as consciências menos lúcidas não se eximiriam de se posicionar, considerando o cenário

³⁷⁴ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Escritor...** op. cit., p. 124.

³⁷⁵ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op. cit., p. 205.

resultante e, de certa forma, análogo ao impacto causado pela Primeira Guerra sobre a consciência nacional³⁷⁶. Análogo, mas com um dado novo a somar, e que se pode traduzir na seguinte questão: qual a razão de combater o nazismo no exterior se ele estava de certa forma tão imbuído em determinados setores da sociedade e, particularmente, na alta cúpula do exército brasileiro? A própria debilidade da mobilização e a caótica preparação militar vieram à tona como uma conseqüência direta dos métodos até então adotados. No seu caso, a transferência também se fez de forma atabalhoada e ele pôde ver um exemplo no próprio embarque de armas e suprimentos nos navios a luz do dia, misturando civis e militares, contra as mais elementares normas de segurança, exemplo ilustrativo, que Sodré chegou a classificar de um crime. Uma questão ficou no ar na ocasião, e uma dúvida que, de certa forma, ainda hoje persiste: a de que não foram os alemães que torpedearam os navios brasileiros. Graciliano Ramos, em correspondência com o autor, ilustra o clima reinante, e ao que parece, escreve mais a um companheiro de idéias e posicionamentos políticos comuns do que a um amigo. Sua narrativa detalha que:

*ao cabo de uma semana, de exaltação, os ânimos esfriaram. Presos certos elementos perigosos da extrema esquerda, notou-se que eles exageravam, envenenaram a opinião pública: entre nós, não existe Quinta coluna. Respiramos aliviados. Aparentemente não sabemos quem são os nossos inimigos. Terão, na verdade, os alemães torpedeados os navios? Parece que não foram eles...*³⁷⁷

Para Nelson Werneck Sodré, não havia dúvidas de que as responsabilidades por aquelas mortes estavam no Estado Maior do Exército e, lamentavelmente, ficariam impunes, ainda que pouco depois, face à evolução da guerra, alguns daqueles militares acabassem sendo exonerados.³⁷⁸ Vale a ressalva de que este aspecto significará um impacto maior para o autor em um período subsequente, na medida em que um dos seus expoentes daquele grupo viria a ser eleito posteriormente presidente (falamos de Dutra), e os demais, desafetos de longa data como Góis Monteiro e F. Muller, ocupariam altos postos nos governos subsequentes e em posições políticas francamente pró imperialistas, cujo palco será o *Clube Militar* nos anos 50.

³⁷⁶ Moraes. João Quartim. **A Esquerda Militar no Brasil...** op. cit., p. 120 e ss.

³⁷⁷ Carta de Graciliano Ramos a Nelson Werneck Sodré na data de 02/10/42. - **Arquivo NWSodré**

Contudo, um novo alento surgiria para os intelectuais de esquerda e os progressistas no exercício de sua crítica. O povo entra em cena e a opinião pública reflete o novo momento em curso, significando também para o autor, as debilidades cada vez maiores do exército em enfrentar seu papel constitucional. Nesse cenário específico, algumas alterações já refletiam inequivocamente o novo quadro político externo pós discurso de Vargas no dia da Marinha. A barganha de facilidades que o presidente brasileiro propõe aos USA, objetivando à instalação de bases ao longo da costa, em troca do reequipamento militar e da instalação de uma siderúrgica no país, acaba selando o realinhamento político externo do regime. A chegada de tropas americanas no Brasil, com alguns contingentes que ficaram aquartelados, ou melhor, arrogantemente isolados em Salvador, permanece ainda objeto de interrogação, já que, em suas memórias, não lhe dedicou mais que algumas poucas linhas, ainda que em outros trabalhos as críticas àquelas forças tenham sido bem mais contundentes, particularmente quanto às atitudes de seus membros, que chegavam e ocupavam, o nosso litoral, como sendo sua própria casa.³⁷⁹ A leitura dessa passagem até sugere que ele talvez tenha ficado indiferente, face ao pouco contato entre ambas as forças. Mas nos perguntamos se essa terá sido a razão.

Rotação à Esquerda

Na medida em que a opção política de realinhamento externo significava, uma oxigenação política para as hostes intelectuais liberais e de esquerda, constituindo o ponto de partida para a criação de frentes anti-fascistas pelo país, parece-nos que era coerente que o regime, face a essa opção, necessitasse buscar aliados e ampliar o leque de sustentação interna. Por outro lado, este sim um ponto significativo e importante, porque essa opção significava o aborto de um projeto de desenvolvimento nacionalista autônomo, que era então era conflituosamente gestado, e do qual as possibilidades em curso, imposta pelo regime Vargas, sugeriam a sua viabilidade, em que pesem as ambigüidades de sua efetivação. É considerando tais ambigüidades que se pode perceber que houve até então um certo apoio de Sodré a algumas políticas nacionalizantes, mas acredito que foi também o

³⁷⁸Góis Monteiro, F. Muller e Lourival Fontes. Moraes, Dênis. **O Velho Graça: Uma Biografia...** op. cit., p. 193 e Corsi, Francisco Luiz. **Estado Novo: política externa e projeto nacional...** op. cit., p. 254..

³⁷⁹Sodré, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil...** op. cit., p. 320.

aspecto principal dessa rotação, que produziu impactos delineadores de um posicionamento quase imediato no autor, na medida em que, naquele momento, a guinada do regime também significou o fim de um projeto de nação. Nesse caso, percebe-se que trata-se de um ponto central, até porque, como ressalta Gerson Moura³⁸⁰, os acordos em questão não deixavam dúvidas de que a nova conjuntura decorrente desse realinhamento significava que os Estados Unidos eram o pólo dominante, e o Brasil seria o país subordinado. Mas como se apreende esta questão em sua trajetória?

Paralelamente, ainda que de certa forma isolado dos grandes centros intelectuais do país, o historiador não ficou ausente do exercício de sua atividade como escritor, nem do debate político, muito ao contrário. Na verdade, foi um período intenso, porque a Bahia se diferenciava politicamente do restante do país. Era lá que o interventor Juraci Magalhães, embora anticomunista, refugiava os perseguidos do Estado Novo, entre eles, dezenas de intelectuais³⁸¹. Não foi um caso único e talvez uma honrosa exceção a ser mencionada naquele contexto no Brasil, tenha sido o Estado de Goiás³⁸², onde uma situação análoga acontecia. O autor ficou um ano de meio na capital, e de lá conheceria a região, inclusive *Canudos*, que lhe causou uma forte impressão, porque percebeu o medo, dos poucos remanescentes daquela luta, de falar dela na frente de um *militar fardado*, isto tudo 50 anos depois de *Os Sertões*.

Já se aproximava o ano de 1943 e com ele um novo posicionamento político decorrente daquele cenário que sugeria outras possibilidades de uma rotação, já que são muitas as pistas apresentadas em sua obra. Mas a Bahia é que se apresenta como o epílogo de uma trajetória de um intelectual historicista, expressando uma radicalidade pequeno burguesa sempre à esquerda. Evidentemente, tal radicalidade se mostrava principalmente em valores do tenentismo, para uma subsequente rotação à esquerda como intelectual marxista. Mas como e em que medida se estabelece essa transição? Vamos a alguns apontamentos.

³⁸⁰Moura in Corsi, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional...* op. cit., p. 183.

³⁸¹Falcão, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. R.J., Civilização Brasileira, 1988, espec. cap. I e II e 02 livros recentes sobre Giocondo Dias referentes a sua passagem na Bahia e que constituem importantes fontes sobre as atividades do PCB e a luta antifascista no Estado. Falcão, João. *Giocondo Dias: A vida de um revolucionário*. S. P., Ed. Agir, 1993, p. 83 e o recente trabalho de Alves Filho, Ivan. *Giocondo Dias: Uma vida na clandestinidade*. R.J., Mauad, 1997.

³⁸²Ver Cunha. Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha. *Aconteceu Longe Demais...* op. cit., cap. II.

Michael Lowy nos recorda, segundo desenvolvemos ao longo de vários capítulos, as razões e as várias possibilidades que levam um intelectual a apreender a trajetória de uma radicalidade pequeno burguesa em direção a um patamar de reflexão revolucionária. De certa forma, Sodré foi um exemplo de como tais determinações estiveram presentes em sua trajetória. Como Lowy mesmo pontua, a pequena burguesia tem uma vinculação histórica com a superestrutura e, nesse sentido, evolui para o socialismo a partir de mediações *ético culturais e político morais*.³⁸³ Estas não estavam ausentes nesta trajetória e, como vimos, relacionam-se principalmente ao autor e à sua origem no *tenentismo*, mas com certeza, evoluem, e vão mediar sua transição para o *marxismo*. Lowy continua, e vale a pena recuperar as tendências de radicalização por ele postas, quase todas - de certa forma - presentes em nosso contexto, na reflexão de Sodré e em sua trajetória. Lowy fala numa tendência que procurava negar a contradição entre a realidade do capitalismo e sua ideologia humanista, pautada no cenário da guerra como uma luta entre a civilização alemã e a barbárie russa, ou na alternativa da democracia ocidental contra a barbárie germânica, aspecto este que foi inclusive tentado pelo DIP.

Uma outra tendência, aponta para a crítica da guerra nos termos da ideologia liberal democrática, em nome da paz e da fraternidade entre os povos. Neste caso, Lowy nos lembra mais uma vez que tal crítica eventualmente pôde se radicalizar e ganhar um caráter anti-imperialista global, apontando até mesmo para uma terceira tendência subsequente, ou seja, a descoberta do proletariado como portador dos únicos princípios democráticos e humanistas em face a barbárie burguesa generalizada. Como vimos, a possibilidade das últimas variantes decorre da própria natureza de categoria social e do peso que ocupam os valores no modo de vida dos intelectuais. A decisão entre a segunda e a terceira depende não somente do grau de *repulsão* em relação ao capitalismo, mas também do grau de *atração* que exerce o campo do proletariado. Um campo se abria para a explicitação desta hipótese, na medida em que:

Para muitos intelectuais radicalizados, a descoberta do capitalismo não se faz senão graças ao marxismo, pela mediação do marxismo enquanto sistema teórico. A adesão política dos intelectuais ao proletariado ou a fixação de sua revolta a um estágio puramente ético-cultural depende portanto, em certa medida, da existência de uma

³⁸³ Lowy, Michael. *Para uma Sociologia dos intelectuais...* op. cit., p. X

*tradição marxista no seu país e da possibilidade de ter ou não acesso à literatura marxista.*³⁸⁴

Sob esse aspecto, a tradição marxista no Brasil era limitada quanto às obras e a reflexão teórica, ainda que fossem crescentes as edições de literatura marxista no pós 43. Por outro lado, o proletariado, que andava um tanto anestesiado ao longo daqueles anos, já demonstrava, nesse momento, inquietações reivindicativas com caráter político. Face a esse novo despertar, face ao prestígio das vitórias soviéticas na guerra e, sem dúvida, face a uma certa oxigenação política interna que aquele contexto passou a permitir, o cenário daquela tradição começou a sugerir possibilidades outras de alteração em sua atuação como movimento organizado de esquerda no país. Havia há muito, nessas possibilidades de desenvolvimento nacional ou localizadas, um cenário de exceção, a Bahia, onde já era uma realidade o debate teórico e político marxista, que contava com um dinâmico movimento de oposição ao Estado Novo, ao que parece, caso único no país, apresentando, inclusive, ramificações militares organizadas pelo PCB na marinha e na aeronáutica.³⁸⁵ Era na Bahia que o autor se encontrava, e ao que parece, foi lá que encontrou, um espaço singular para o exercício de sua vocação intelectual. O reflexo desses apontamentos pode ser visto na crítica literária que exerceu naquele Estado, e de forma bem diferenciada das anteriores.

Emerge a questão democrática

A Bahia, seguramente, veio a se configurar em *segundo palco de debates*, de certa forma análogo ao que Sodré teve nos tempos da *Escola Militar*. Ali, ele pôde desenvolver reflexões de várias ordens, reavaliar questões, tencionar teoricamente e, principalmente, aprender e apreender. Mas foram vários os aspectos embrionários advindos desse momento e, de certa forma, com um caráter militante e com inequívocos posicionamentos políticos à esquerda. O marco delineador dessa etapa, e que podemos entender como uma das mais decisivas colaborações daquele período de sua vocação, apresenta-se quando o encontramos colaborando intensamente, a partir de 1943, no *Diário de Notícias*. Segundo

³⁸⁴ Idem, pág. 9

³⁸⁵ Consta que era formada por Giocondo Dias, lá clandestino. Falcão, João. **O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade...** op. cit., p. 194.

João Falcão³⁸⁶, esse órgão dos Diários Associados era na ocasião dirigido por um expoente simpático ao nazismo e dava inteira cobertura a Alemanha. Na virada de 1943, sob a direção de Odorico Tavares, fez uma singular rotação, na medida em que teve na sua redação notórios intelectuais comunistas como Rui Facó, Almir Matos e Jacob Gorender, além contar com a colaboração de Nelson Werneck Sodré.

Inicialmente, o historiador faz questão de registrar nos cadernos de recortes de seu arquivo pessoal que o objetivo de sua colaboração era *ajudar a formação da frente nacional anti-nazista*. São apontamentos memorialísticos à margem, encontrados na pasta referente àqueles artigos do período relacionado ao *Diário de Notícias* no mês de abril de 1943, e que, coincidentemente, correspondia à prioridade política e programática do PCB naquela ocasião: a luta contra o fascismo e a união nacional. No entanto, há outros interessantes aspectos correlatos à sua leitura. Percebe-se que aqui se apresenta uma clara linha de argumentação que sugere uma intervenção política e, em vários aspectos, a questão democrática associada à questão nacional começa a afluir na sua reflexão. A rotação à esquerda tende a incorporar uma leitura de nacionalismo que em muito extrapolava aspectos por ele mencionados ou limitados a um projeto nacional. Mas a crítica posta e correlata a esta questão é giratória, e remete a vários assuntos que puderam ser desenvolvidos através de sua coluna daquele *Diário*, intitulada *Esquina*, na qual o autor teve um instrumento de manifestação, cotidiano e claro, de posicionamentos políticos.

Um exemplo claro de uma tomada de posição pode ser verificado na sua crítica ao adesismo, quando a guerra já sinalizava para um futuro diferenciado as projeções iniciais do momento de sua eclosão. Trata-se de uma crítica da qual poucos escapam, e na qual se revelam algumas surpresas. No artigo intitulado *uma questão singular*³⁸⁷, já aponta uma nova fase de reflexão, em que comenta sobre o quinta columnismo, sugerindo inclusive, a necessidade de nacionalizar nosso clero, a partir das lúcidas observações do Bispo de Maura. Interessante tal referência, já que o Bispo foi o fundador da *Igreja Católica Brasileira* e, mais tarde (1945), um dos convidados especiais no grande comício de Prestes, em São Januário, no Rio de Janeiro. Há ainda um outro aspecto relacionado ao clero que é alvo de sua crítica, que se refere, mais uma vez, ao adesismo em curso naquele momento, e que assume proporções de epidemia. Nesse caso, recorda aos leitores, nessa mesma

³⁸⁶Falcão, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade...* op. cit., p.198.

linha³⁸⁸, as críticas ao catolicismo brasileiro e, em especial, ressaltando e chamando atenção para aquele que aderiu ao ideário nazi-fascista. Esse é um ponto de preocupação constante em que, paralelamente, valoriza e elogia o embate russo no conflito, segundo ele, cenário em que reside o principal esforço de guerra, para em seguida, e de forma mais que contundente, alfinetar aqueles que face a essa situação de definição, continuam numa indefinição curiosíssima. É um ponto de abordagem retomado em vários artigos, nos quais, em um momento, aponta o falso patriotismo como um ponto de atenção e alerta necessários.³⁸⁹ Mas não é só.

Por essa via é que percebemos, em vários aspectos, como Sodré sugere outras pistas interessantes do que viriam a ser as várias linhas de trabalho e de interpretação, críticas e autocríticas, sobre a questão democrática e as forças armadas, entre outros aspectos. Tanto é que, salvo engano, foi no artigo *Circulação Social*³⁹⁰ que citou, pela primeira vez, Marx e as *Lutas de Classes* associado a uma pontual comparação de Pareto e seu conceito de circulação de elites, e sinalizando para uma proposta de trabalho em curso que seria anunciada em várias edições, mas que, nunca foi publicada. Também encontra tempo para ainda de lembrar Azevedo Amaral e demarcar posições³⁹¹, quando sugere que a guerra foi um divisor entre ambos, na medida em que este último era um entusiasta dos regimes de força. Em *Andréa*³⁹², recupera mais uma vez o autor dos *Ensaio Brasileiros*, reafirmando a forte influência que este trabalho teve sobre seu pensamento, lamentando a sua posterior adesão ao fascismo getulista. Nesta linha, alfineta o *estabilichement* militar e, mais que tudo, retoma a questão democrática nas forças armadas.

No artigo intitulado *O chefe*³⁹³, critica e analisa as edições biográficas de chefes militares, ressaltando, em dois blocos, os que vieram ou tiveram uma formação de cima (leia-se mais aprimorada) e os de baixo, que se formaram na ação, entre os quais se destacava o Marechal Soviético Timonshenko. A comparação dispensa maiores comentários. Por outro lado, não deixa escapar mais uma vez, uma certa admiração por De

³⁸⁷ Uma Questão Singular. *Diário de Notícias*. 26 abr. 1943. Esquina. (p. 10).

³⁸⁸ Maritain *Diário de Notícias*. 11 maio 1943. Esquina. (p. 13).

³⁸⁹ Um Vírus Morbido. *Diário de Notícias*. 8 maio 1943. Esquina. (p. 12), em Érico. *Diário de Notícias*. 18 maio 1943. Esquina. (p. 15) e Uma Data. *Diário de Notícias*. 14 jul. 1943. Esquina. (p. 42).

³⁹⁰ Circulação Social. *O Estado de São Paulo*. 2 ago. 1943. (p. 48)

³⁹¹ África. *Diário de Notícias*. 15 maio 1943. Esquina. (p. 14).

³⁹² Andréa. *Diário de Notícias*. 28 ago. 1943. Esquina. (p. 57).

³⁹³ O Chefe. *Diário de Notícias*. 17 maio 1943. Esquina. (p. 14).

Gaulle, a quem já tinha dedicado um artigo e, por fim, sugere que *é preciso alterar, de um modo substancial, o recrutamento do chefe, para conseguir resultados ótimos*. São claros indicativos de que através dos artigos (mas não só), o historiador apresenta argumentos esclarecedores que enxergava uma simbiose da questão nacional e democrática nas forças armadas. Lembraria mais de uma vez De Gaule em artigos subsequentes³⁹⁴, e sugere que esse general personifica, uma forma de nacionalismo, por bem expressar o orgulho nacional francês na derrota. Não seria coincidência que o artigo *General Rabelo*³⁹⁵ também contivesse rasgados elogios à conduta desse general nacionalista e democrata, e à estima que o representa junto ao povo, como uma pessoa de caráter, algo pouco usual no Brasil, associada à coerência e à dignidade que o caracterizam. Um exemplo, sem dúvida, e sinal de novos tempos. Como vimos, o autor publicaria, sob essas novas influências na revista *Cultura Política*, o artigo *Sentimento da nacionalidade na cultura Brasileira*³⁹⁶.

Entretanto, outros apontamentos já refletem posicionamentos contundentes naquela ocasião. No mesmo *Diário de Notícias*, no artigo *Depois da Guerra*³⁹⁷, ele manifesta uma clara posição anti-imperialista contra os já sinalizados vencedores da guerra Estados Unidos e Inglaterra, no sentido de que a paz não deve significar a desindustrialização dos países vencidos, ou seja, não confundir esse aspecto com a luta pelo fascismo. Suas críticas se tornam cada vez mais agudas e em *Paz de Franco*³⁹⁸, chama o general de *carpideira amarga*, arrazoando que a pretensa neutralidade deste, juntamente com a de Salazar em Portugal, não pode significar que ambos devam ter direito junto aos conselhos de paz, nem que sejam admitidos no mundo de amanhã. Mas o ponto central de nossa argumentação pode ainda ser observado em outros artigos. De que forma?

Suas (re)elaborações continuam e não assumem somente um caráter político militante, que os artigos do período assim indicam, mas também que o intelectual começa a enfrentar questões de ordem teórica. Em *Democracia*³⁹⁹, no mesmo periódico, vale recuperar a transcrição, na medida em que nela se posiciona sobre a questão:

³⁹⁴ União. *Diário de Notícias*. 4 jun. 1943. Esquina. (p. 30).

³⁹⁵ General Rabelo. *Diário de Notícias*. 22 jun. 1943. Esquina. (p. 34).

³⁹⁶ Sentimentos da Nacionalidade na Literatura Brasileira. *Cultura Política*. maio 1943. (p. 22 a 28)

³⁹⁷ Depois da Guerra. *Diários de Notícias*. s jun. 1943. Esquina. (p. 29).

³⁹⁸ Paz de Franco. *Diário de Notícias*. 25 jun. 1943 Esquina. (p. 35).

³⁹⁹ Democracia. *Diário de Notícias*. abril de 1943.

E claro que o conceito de democracia pede varias gradações e tem mesmo sofrido alterações substanciais, com a passagem dos tempos e as mutações que ele tem acarretado em toda parte. O que é indiscutível é que não será possível tanto quanto se pode prever, que após a guerra permita, em qualquer região, onde a força das idéias possa levar os seus tremendos efeitos, a permanência de submissões passivas ou apassivadas, em que a coletividade assemelhe um rebanho amadrinhado, ao toque de algum membro melhor colocado, destinado a pensar pelos outros, ficando os demais na obrigação de seguir raciocínio, cujo trabalho mental não se aproxima sequer daquele que é despendido em colocar um tijolo. Nem haverá por certo, essas comovedoras unanimidades, que são tão gloriosamente apontadas por muitos como índice de valia, mas que representam, certamente, um dos aspectos mais tristes da existência coletiva, porque não houve jamais, na existência humana, grupos em que as idéias se subordinassem, indefectivelmente, a um denominador comum. Salvo quando este denominador foi pautado ela força.

Na verdade, o significado pioneiro dessa questão é que o fato de estar associado à reavaliação da questão nacional, e de que então tem início para o autor, como veremos ao longo de vários artigos, uma reflexão mais elaborada sobre a questão democrática, que, sem dúvida, virá a ser um eixo norteador de suas futuras teses. Em outro artigo, *Um Discurso*⁴⁰⁰, não deixa de ser ilustrativo em relação a essa questão. Refere-se ao posicionamento de Vargas no cenário nacional e internacional e pontua, no discurso do presidente, pronunciado no dia do trabalho, aquilo que definiu como sendo os inimigos externos e internos. Para Sodré, essa distinção é de alta significação. O inimigo interno, a partir de então, era o Integralismo, enquanto o externo se distinguia por ser aquele que criou as condições para a sua gestação, ainda que faça a ressalva de que *já não há clima, para as introgalhadas verdes, as denúncias anônimas, o célebre ditame quem não for integralista é comunista.*

Retoma mais uma vez, associada a esse aspecto, a questão democrática como ponto de reflexão e debate, quando reafirma um interessante ponto de vista que pode muito bem ser observado em *Intolerância*⁴⁰¹. Nele, comenta a proposta dos estudantes de retirar das livrarias os livros fascista travestidos em autores integralistas:

⁴⁰⁰ Um Discurso. *Diário de Notícias*. 7 maio 1943. Esquina. (p. 12).

⁴⁰¹ Intolerância. *Diário de Notícias*. julho de 1943.

não dei valor maior a atividade integralista em nosso país, senão pela que ele refletia, de influências que acobertava e como instrumento de outras forças, muito maiores e solertes que dela se serviam. Graças ao destino, o integralismo, entre nós, foi útil como seleção negativa de valores.

E, em seguida, quase que uma continuidade de argumentação, Sodré aponta em *Começo do fim*:

*Quando me refiro a fascismo, aponto todas as burlas, todos os governos pessoais de força e de apossamento bruto, tudo aquilo que não consulta os interesses da coletividade, mas serve, apenas, na transigência com alguns grossos interesses particulares, ao domínio e uns poucos em favor de muitos...*⁴⁰²

Por essa razão, são artigos que sugerem um claro posicionamento em relação a essa questão. Em *União nacional*⁴⁰³, desmistifica as teses em curso de que a união nacional deve significar esquecimento, e em última instância, acobertar o fascismo, deixando claro que um combate pela união, ao lado do fascismo, não é admissível. Retoma ainda, em outros momentos, o tema do fascismo⁴⁰⁴, e aponta vários exemplos afins. Contudo, *A Derrota* é um artigo de inegável substância teórica, na medida em que sinaliza para o fascismo como expressão fásica da economia burguesa quando ameaçada. Por razões ainda não muito claras, é ao cenário italiano que Sodré dedica suas análises da guerra e das questões políticas. É também no cenário italiano, com o qual sugere sucessivas comparações, que o autor procura sinalizar para seus pares e contemporâneos o que estaria por vir e o que os esperava com a derrocada do atual regime no Brasil. Nessa mesma linha, em outros artigos como *Sicília*⁴⁰⁵, destaca o processo de libertação da Itália da corja fascista e, principalmente, não esquece da Alemanha Nazista, quando condena e alerta⁴⁰⁶ para as atrocidades do nazifascismo e para o grau de bestialidade que se refletiu nesses regimes.

Essa fase na Bahia resultou, ao final de sua estadia, em um singular apontamento e um exemplo bem significativo que encontramos em um artigo, estando o autor em curso

⁴⁰² Começo do Fim. *Diário de Notícias*. julho de 1943.

⁴⁰³ União Nacional. *Diário de Notícias*. 1 set. 1943. Esquina. (p. 60).

⁴⁰⁴ A Derrota. *O Estado de São Paulo*. setembro de 1943.

⁴⁰⁵ Sicília. *Diário de Notícias*. 16 jul. 1943. Esquina. (p. 43).

⁴⁰⁶ Extermínio. *Diário de Notícias*. 25 ago. 1943. Esquina. (p. 56).

para o Rio de Janeiro. *A Revolução Gorada*⁴⁰⁷, que tinha sido recusado, em 1944, pelo mesmo *Diário de Notícias*, pelo medo da censura, como adverte, é um artigo que seria somente publicado no ano de 1945, e é o mais claro indicativo de sua rotação à esquerda. Neste artigo, aponta que a revolução de 30 morreu, e que sua própria vitória, longe de propiciar as reformas capazes de superar e repor o país no caminho exato, dispersou suas forças e desarticulou seus componentes antes de qualquer possibilidade de oferecer uma resultante definida. O movimento teve características nacionais, fato então inédito, e, sem dúvida, foi vitorioso, partindo da periferia para o centro. Como bem coloca o autor, naquele instante inicial, parecia uma revolução verdadeira, pautada em duas pontuações a que a todos se referiam como *espírito evolucionário e realidade brasileira*, ainda que, com o tempo, essas expressões acabassem adquirindo espírito nacional, e, refletissem um desejo inconsciente. Ele completa:

*Alguns lustros passados, já se pode compreender, até certo ponto, como pós sucessivos motins que agitaram a vida republicana não vinham senão marcando o amadurecimento e a evolução daquilo que poderia ter chegado a ser a revolução brasileira....a intercomunica do descalabro financeiro de 1929 e da cisão política interna precipitou os acontecimentos - e a subversão de 1930, que poderia ter sido remate curioso daquilo que se vinha processando, não foi mais no fins de contas, de que a reação conservadora que deteve, quando ainda não amadurecido, aquele processo O mal do movimento de 1930, foi sua eclosão prematura: a consequência, o contraste de uma subversão que nascia já reacionária...[...] Dissociava-se desse modo, o conjunto e a instável articulação que se estabelecera, ante a necessidade, vista por todos por operar uma transformação sensível na vida nacional, especificada inconscientemente nas expressões vazias do espírito revolucionário e da realidade brasileira.*⁴⁰⁸

O argumento desenvolvido nesse artigo é singular e, aqui, o historiador utiliza pela primeira vez a palavra ou conceito *reacionário*, o que não é pouco para um militar que fora sempre discreto nesse tipo de exposição. A explicação poderia ser outra e a vê-la-emos no próximo sub-capítulo, quando procuramos desenvolver a hipótese de que o artigo sugere

⁴⁰⁷ A Revolução Gorada. *Jornal de São Paulo*. 28 jul. 1945. (P. 233).

⁴⁰⁸ Idem, *ibidem*.

esta linha de análise: Sodré já teria entrado no PCB, nessa ocasião, e já com uma postura intelectual militante.

Ecletismo teórico em um momento de transição

A fecundidade de sua passagem pela Bahia pode ser também demonstrada de outras formas, já que, associado a uma intensa atividade jornalística, foi lá que o autor elaborou, sob influências variadas, seu bem volumoso *Formação da Sociedade Brasileira*⁴⁰⁹, que somente seria publicado em sua volta ao Rio de Janeiro, já no ano de 1944. Mas entendo que nenhum outro livro de sua primeira fase teórica poderia ser fonte de tanta perplexidade quanto este, apesar de pouco conhecido no debate acadêmico e político contemporâneo. O aspecto a que nos referimos é confirmado pelo próprio autor, que não permitiu a reedição do livro e o colocou, conjuntamente com os demais títulos até 45, em um índice pessoal, utilizando um argumento considerado definitivo para esse posicionamento, quando afirmou ser *uma obra anterior ao meu conhecimento de marxismo e, portanto, indigna de reedição*.⁴¹⁰

Um das razões pode até ser essa acima mencionada, mas não é a única porque, como veremos, está presente nesse trabalho um referencial marxista. Acredito que a explicação está bem mais presente no *ecletismo*⁴¹¹ de que essa reflexão resultou e, conseqüentemente, nas conclusões advindas dessa leitura durante uma década ou mais, e que sempre será objeto de justificação teórica. A rigor, alguns argumentos acima levantados sugerem o ecletismo presente em *Formação*, já que, é um trabalho de considerável densidade e que, também remete a particularidades específicas de sua vocação. O fato de a própria elaboração do trabalho ter se dado na Bahia, imprimi-lhe o significado de um momento de transição e rotação, e entendo que, o autor do momento de sua publicação já

⁴⁰⁹Sodré, Nelson Werneck. *Formação da Sociedade Brasileira*.... op. cit.

⁴¹⁰Entrevista de N.W. Sodré concedida a Maria de Anunciação Madureira em 16/12/1996.

⁴¹¹Utilizo-me do conceito de *ecletismo*, na linha desenvolvida por Haupt, que procurou demonstrar a complexidade do termo marxista e sua utilização quando relacionada à obra de Marx ou a tradição advinda de seus interlocutores. Para Haupt, o *ecletismo*, foi uma possibilidade teórica e ideológica que permeou de forma confusa à obra de Marx, na medida que, como conceito, o marxismo foi apreendido como sinônimo, de coletivismo, positivismo, socialismo científico, etc., e que, em última instância, incorporava intelectuais de várias matizes teóricas, algumas delas, tida como vulgares ou mesmo conservadoras. Haupt, George. *Marx e o Marxismo in História do Marxismo/ Eric Hobsbawm...[et al.]*; tradução de Carlos Nelson Coutinho [e Nemésio Salles]. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, p. 361.

não era mais o mesmo autor que o havia elaborado no ano de 1943. Tratara-se então, com certeza, um outro Nelson Werneck Sodré. Talvez esse momento tenha sido o fim de uma fase teórica e o início de outra, o que pode se explicar muitas das tensões presentes como razões desse ecletismo de difícil pontuação. Nesse trabalho, o historiador ainda utiliza o instrumental metodológico de uma *história vertical* para demonstrar sua boas intenções. Recorrendo mais uma vez ao instrumental teórico disponibilizado Michael Lowy⁴¹², permitimos-nos determinar que *Formação* é o exemplo final da transição do historicismo relativista e, ao mesmo tempo, o início do trabalho do historiador historicista marxista. É o início de uma longa trajetória que se pavimenta a partir dessa obra e de uma discreta mas crescente militância, que nos permite apontar em Nelson Werneck Sodré um intelectual revolucionário. Vamos a alguns pontos de inflexão para esse desenvolvimento.

São várias as possibilidades de leitura desse trabalho, particularmente face à sua envergadura e às muitas problemáticas levantadas pelo autor. Na minha leitura, entendo que o singular *ecletismo teórico* nele expresso é decorrente, por um lado, daquele momento particular de transição política, no qual esteve inserido e que, refletiu significativamente na sua própria rotação; por outro lado, servindo-se de um parco instrumental teórico, associado aos novos referenciais à esquerda, ele tinha como objetivo responder ao desafio que era a proposta da titularidade do livro em questão. Mas quais seriam os significados dessa equação teórico política? Entendemos que são muitos, e que estão presentes de várias formas.

Por exemplo, são significativas as contribuições de Azevedo Amaral, dos *Ensaio*s *Brasileiros*, e Gilberto Freyre, de *Casa Grande & Senzala*, como também do Visconde de Porto Seguro, Taunay, entre outros autores como Alcântara Machado, somente para falar dos mais conhecidos, a maioria pensadores liberais com certo cunho progressista para à época. E se fazem presentes com longínquas e conservadoras influências metodológicas, intelectuais como Pareto, e Oliveira Vianna, já como canto do cisne, apenas citado residualmente. Contribuições outras que são igualmente significativas como Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Artur Ramos e os sempre *mestres* Roberto Simonsen e Fernando de Azevedo demonstram influências teóricas novas para a compreensão da

⁴¹²Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op. cit., p. 64.

realidade nacional e a apreensão de novos paradigmas na análise povo brasileiro, a exemplo da incorporação de *cultura* em detrimento da *raça*. Para citar alguns somente.

Todavia, *Formação da Sociedade Brasileira* incorpora autores de esquerda, estrangeiros como L. Sanchez, cuja obra *El pueblo en la revolucion americana*, dispensa comentários sobre quem, mais além das elites já se faziam presentes na cena histórica, como personagens e que somente agora estavam no palco da reflexão teórica. Entretanto, também se apresenta com muita propriedade, uma primeira contribuição marxista, através da obra de Caio Prado Júnior. Nesse caso, vale um parêntese importante. Há entre ambos os autores, durante esse período, uma breve troca de correspondência iniciada ainda em 1942, em que se pode verificar, por seu conteúdo, algumas preocupações de ordem teórica existente⁴¹³ que sugerem, a necessidade de uma melhor compreensão do marxismo nesse processo de (re)aproximação intelectual e quiçá, militante. Em uma das cartas, Caio Prado agradece ao autor, os comentários sobre seu livro e afirma que suas observações sobre *Classes Sociais* seriam contempladas em seu próximo trabalho. Mas não é somente em razão destas contribuições que se apresenta um ecletismo teórico nessa fase e nesse trabalho, já que podemos observar outras razões. Vamos por partes.

Na *Formação*, Caio Prado e sua obra é objeto de citação freqüente, seja com passagens da *Evolução Política do Brasil*, e, principalmente, sua mais recente obra: *Formação do Brasil Contemporâneo*, publicado ainda no ano de 1942 e como vimos, sugestiva de influência já nos artigos daquele período⁴¹⁴. É possível observar em Sodré, no modo como lia o Brasil de então, a forte influência das obras de Caio Prado; influência que seria reavaliada posteriormente. Foi, evidentemente, uma influência determinante e observável pela fundamentação de algumas passagens e conceitos, mas vale a ressalva, compreensível em um quadro, como ressaltou Netto⁴¹⁵, de bem poucos aportes teóricos disponíveis que se poderia recorrer na tradição marxista. Mas não é só e apesar destas limitações teóricas postas – este é um dado concreto -, entendo que uma outra explicação deva ser considerada. Marcos Del Roio afirma que a leitura de Caio Prado naquela ocasião já expressava as dificuldades, limitações no campo teórico bem como no método e no universo categorial e que, de certa forma, contrariavam as formulações do pensamento

⁴¹³ Cartas de Caio Prado a Nelson W. Sodré em 07/10/42, 03/01/43, 03/09/44. - Arquivo NWSodré

⁴¹⁴ Em especial no artigo: Fronteira Móvel. *Cultura Brasileira*. ago. 1942. (p. 93 a 102).

⁴¹⁵ Netto. José Paulo in *Apresentação* da reedição de *O Naturalismo no Brasil...* op. cit., p. 26.

clássico, em particular, no sentido de refletir sobre ao tema da revolução brasileira. Até aqui, o que ele sugere é um argumento correlato e justificativo à linha do exposto por Netto. Contudo, Del Roio pontua um segundo aspecto nessa reflexão e é sem dúvida, determinante: ele observa que a leitura de Caio Prado nesse momento é uma leitura que se afasta da concepção leniniana e se aproxima da visão reformista predominante nas análises da II Internacional, em particular, de autores daquela tradição como Bernstein.⁴¹⁶

Concordamos com este autor, até porque, sua leitura se aproxima de nossa linha de argumentação bem como das hipóteses expostas no capítulo I e por essa via, nos possibilita perceber e fundamentar que a aproximação de Sodré e o pensamento marxista é sugestiva de um ponto de vista como correlata de uma evolução teórica das rupturas mas também das continuidades postas e opostas às leituras e aos extremos em curso, anteriormente sinalizados. Ou seja, podemos sugerir que nesse particular, muito mais que uma identidade teórica ou mesmo militante entre ambos os autores, ao que parece, foi através das obras de Caio Prado e do referencial marxista disponibilizado, é que houve um reencontro de Sodré às formulações de um debate que não lhe era estranho desde os tempos da *Escola* e do *Colégio Militar*. Evidente que esta não fora uma mediação isolada. Ainda assim, esta mediação recoloca e pavimenta nossa linha de argumentação exposta no capítulo I, na medida que foi a partir destes novos referenciais - ao que parece, não tão novos assim para Sodré - é que podemos perceber a possibilidade e o desenvolvimento de uma transição das iniciais concepções éticas de um *tenente* evoluindo às novas concepções do intelectual marxista e, posteriormente, ao militante comunista que possibilitou o encontro do autor a um novo patamar de reflexão teórica e política. Claro que este debate não se sustentaria em suas obras dos anos 50 e uma ruptura teórica acabaria acontecendo e é ainda hoje objeto de vivas polêmicas. Mas foi um passo determinante neste momento e podemos sugerir outras fontes comprobatórias dessa hipótese. Vamos ao diálogo com o autor.

Um diálogo promissor

Uma reflexão inicial relacionada à esta concepção de ecletismo presente neste período também diz respeito à questão metodológica. Pode ser questionável apontar se foi

⁴¹⁶ Del Roio, Marcos. *A Teoria da Revolução Brasileira: tentativa de particularização de uma revolução*

ou não um equívoco, se é compreensível, ou mesmo se foi uma precipitação procurar incorporar referenciais teóricos e categorias analíticas pelos quais se pautavam os escritos anteriores. Neste caso, podemos ponderar que são influências que se apresentavam já nos tempos da *Escola Militar* e, ao mesmo tempo, face às tensões que essa nova fase teórica e política à esquerda deixava adivinhar, ele pôde incorporar categorias marxistas em uma proposta de análise da formação brasileira. Na verdade, como um desafio teórico que adquire aqui o sinônimo de ousadia, penso que não há reparos a fazer. É o relativismo historicista apontado. Ainda assim, o resultado talvez não pudesse ter sido diferente, na medida em que observo que esse é um trabalho que apresenta inconsistência de desenvolvimento analítico, mesmo porque algumas questões abordadas em sua obra já apresentavam razoável grau de amadurecimento teórico e prático, como é o caso da questão da terra e do latifúndio feudal, que sofreriam sob esse novo enfoque caiopradiano uma significativa reavaliação. Mas como?

Aquele foi, seguramente, um momento particular em que o historiador precisou enfrentar, em sua carreira vocacional, questões que já o impactavam com a apreensão de novos referenciais teóricos. É neste trabalho, no entanto, que está expressa a tese de um *capitalismo mercantil* e a conseqüente comprovação de uma burguesia nacional presente desde a colonização, associada ao nosso processo de formação. Sodré sugere, de modo até cauteloso, uma suposta existência de *restos feudais*, conceito que aparece residualmente nesse trabalho e sem nenhuma determinação. Nas suas palavras:

*Não existiu, em nosso país, em tempo algum, uma nobreza rural. Esta, busca enobrecer as terras que possui, ligando-lhes os títulos que recebe, mas não existe, da fórmula aristocrática, outro sinal que não este, e somente emprestado.*⁴¹⁷

Neste caso, é de supor que o *eclétismo teórico* presente nesse debate somente tenha sido superado quase 18 anos depois, com a publicação da *Formação Histórica do Brasil*. Por essa razão, temos aqui a explicação de sua veemente rejeição a essa obra, qual seja, o equívoco de ele pensar a existência de um capitalismo advindo do processo de colonização, ainda que, segundo entendo, esses apontamentos podem ser suficientes para explicar sua transição ao marxismo e ao socialismo. Em relação ao autor, ainda que tal referencial esteja

Brasileira em processo in *História do Marxismo no Brasil*:...op. cit., p. 99.

pioneiramente e conflituosamente presente nesta reflexão e que, no mínimo, já demonstrasse uma aproximação de leituras à esquerda, o livro, em si, ainda reflete muitos impasses teóricos das ilusões *tenentistas* em fase de superação, ao menos na concepção política, em que o tenentismo age como uma determinação.

Há ainda outros aspectos interessantes. Entre os diversos conceitos abordados em *Formação da Sociedade Brasileira*, destaca-se, de modo particular, a apreensão de *Heterocronia*⁴¹⁸ como categoria analítica, diversas vezes retomado ao longo do texto e, muito provavelmente, uma descoberta teórica dos tempos de *Colégio Militar*, escrupulosamente presente nas reflexões desse período. Percebe-se que o significado de *Heterocronia*, mais uma vez, aproxima-se (intuitivamente talvez) do conceito futuro de *Dualidade*⁴¹⁹, mediada nesse trabalho em uma de suas nuances mais visíveis, por que não dizer conservadoras, de *harmonia e equilíbrio* entre partes desiguais, algo sempre presente em vários autores como Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, no pensamento social da época. Para Sodré, essa é uma categoria analítica que favorece a compreensão dos descompassos de desenvolvimento, ou mesmo de realidades em que há uma aparente e muitas vezes irreconciliável harmonia entre as partes, aspecto este utilizado para explicar o processo histórico nacional mas também mundial, em suas várias etapas.

Conceitos como *elite*, *organismo*, *clã*, ainda estão presentes e, sugerem as presenças metodológicas e conservadoras de Pareto e Vianna nessa elaboração, além de pontuarem o ecletismo presente. Em algumas etapas históricas, a rotação metodológica também se estabelece, e ele utiliza, a partir de determinado período, o conceito *grupo social*, para então, na análise de um período mais recente, apreender *classes sociais* e *pequena burguesia* e, principalmente, *burguesia*, nesse processo, ainda que não se abstenha de utilizar a categoria *elite* e *capitalismo mercantil* em sua análise do desenvolvimento do processo histórico brasileiro. Esses são os aspectos centrais nesta análise e a questão da burguesia que até desenvolvemos de forma diferenciada, aqui se apresenta no contexto de uma nova leitura e com uma singular fundamentação teórica. Vamos pontuar nossa crítica a tais questões para o desenvolvimento de nosso debate.

⁴¹⁷ Sodré. Nelson Werneck. *Formação da Sociedade Brasileira...* op. cit. p. 289.

⁴¹⁸ Idem, pág. 6, 21, 188, 201, 227.

⁴¹⁹ Sobre essa polêmica questão, ver Oliveira Filho, Virgílio Roma. *Dualidade e Revolução no pensamento isebiano: as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré...* op. cit.

Para Nelson Werneck Sodré, está mais uma vez presente uma transição em seu trabalho como historiador em outro patamar do historicismo, se não ainda como marxista, já muito próximo dessa posição. *Formação* é um estudo que não está dissociado de um posicionamento intelectual levado a termo. Ele dá início a sua reflexão, afirmando por sua análise, que o Brasil era ainda bastante colonial, particularmente no aspecto econômico, ponto central nas suas análises subsequentes. Em que pese o esforço de compreensão da formação da sociedade brasileira, esforço este de que o autor procura encontrar as origens na Idade Média, vamos somente pontuar o aspecto já desenvolvido, e que será objeto de viva polêmica e questionamentos em relação às futuras teses e, dessa forma, procurar apreender como ele opera a leitura de que o Brasil já era um país capitalista desde a colônia. A partir dessa leitura, vimos como o autor articulou de forma sistemática e consistente, o conceito de burguesia como categoria de análise.

Mas um ponto que nos chama atenção destaca-se quando o historiador sinaliza historicamente que o mundo moderno é resultado da simbiose de 02 fatores associados, o *Estado Nacional e a Burguesia*, é que se percebe, em sua reflexão, uma dificuldade de articular, na análise desse processo, o feudalismo como ponto de inflexão, seja no caso de Portugal ou Espanha, seja no Brasil. Neste trabalho, essa possibilidade, ainda que apareça em várias passagens, não é contemplada como determinação, mas é sempre exposta de forma periférica. Uma explicação sugerida pelo próprio Sodré e correlata à leitura em questão, refere-se ao nacionalismo precoce do qual herdamos algumas bases constitutivas. Sob esse aspecto, o nacionalismo adquire uma dimensão histórica que, até então, era somente pontuada em artigos ou mesmo projetiva e instrumental como vimos antes. Entendo que o nacionalismo está fundamentalmente associado a uma nova linha de argumentação, segundo a qual o caráter da colonização seria eminentemente privado. Nesse sentido, é que o autor contempla uma burguesia colonial, admitindo a sua existência desde os primórdios da colonização. Em suas palavras, afirma que *a empresa da colonização, entretanto, é, por sua amplitude, fundamentalmente capitalista.*⁴²⁰ O historiador destila os argumentos comprobatórios deste ponto de vista, afirmando o caráter isento do papel do Estado (rei ou nação nessa empreitada) e algumas particularidades (privadas) nesse processo. Uma delas é que a colonização foi uma ação pautada na família como unidade

⁴²⁰Sodré, Nelson Werneck. *Formação da Sociedade Brasileira...* op. cit., p. 70.

produtora, outra, foi que esse mecanismo valorizou a propriedade escravocrata, à qual contabiliza muitos dos males contemporâneos e que, entre outros aspectos concernentes, acaba adquirindo consciência de sua força histórica. Está assim exposto um ponto polêmico, e sujeito a futuros questionamentos.

Um outro aspecto ainda mais interessante se apresenta nessa leitura. Em *Formação, o povo ou as camadas populares* adquirem um novo estatuto teórico e se define como estando à margem de qualquer participação efetiva nos destinos do país, e assim excluídos, como agente decisório na hora de dividir o bolo. Entendo que o povo, na dimensão de um sujeito que foi excluído da cena histórica, adquire aqui um sentido amplo e até revolucionário, na medida em que podemos perceber nessa leitura, ainda que de forma embrionária, que Sodré até visualize teoricamente o proletariado nacional, valendo a ressalva de que ele não o apresenta como conceito e sim como substância teórica. São aspectos que viriam a ser preocupações constantes ao longo de sua trajetória intelectual.

Associado à questão do povo, o autor acentua mais uma vez, e agora com certa fundamentação histórica, o caráter democrático do exército, como também trava, pela primeira vez, um diálogo com categorias como operariado e pequena burguesia. Ao que parece, objetiva em uma análise contribuir para a elaboração de um projeto nacional, através da necessidade imperiosa da industrialização. Contudo, ao elencar os vários sujeitos históricos desse processo, ainda que de maneira embrionária, considera-os, em sua percepção projetiva, como tendo sido subalternizados. Acredito que aqui se apresenta um embrião da futura reflexão nacionalista do autor, bem diferenciada do projeto nacional, e sua instrumentalização política, como vimos anteriormente.

A exposição crítica de alguns pontos centrais deste trabalho justifica-se pela intenção de delinear os viesses de sua trajetória teórica e política e o modo como esta se apresentava nesse momento particular dos anos 43/44. O trabalho, em si, até que foi muito bem recebido pela crítica e, sem dúvida, algumas das reflexões desenvolvidas, particularmente a leitura de um capitalismo mercantil advindo do processo colonial exposta nessa obra, ainda norteariam sua reflexão até o ano de 56/57, quando publicaria um pequeno ensaio intitulado *As classes Sociais no Brasil*, incorporado à 1ª edição da *Introdução a Revolução Brasileira*, e revisto nas edições subsequentes. A questão da burguesia inserida em uma dinâmica de capitalismo colonial iria ficar para trás na obra e no

tempo, mas não no debate de seus *críticos*, e no máximo, poderia ser demarcada como um ponto importante de reflexão característico de um momento de transição e objeto posterior de cobranças e de lamentos do autor. Mas essa já seria uma outra reflexão.

O partido como mediação histórica

No entanto, creio que nesse período ainda entram em consideração outros fatores ou variáveis que nos ajudam a entender o seu pensamento político, alguns até então desconhecidos para Sodré; como é o caso da percepção teórica do significado das lutas de classes e do papel do movimento operário que, no caso baiano, era uma característica empírica presente na mobilização estudantil e das massas contra o nazismo, fato que influenciou a entrada do Brasil na guerra. Para entender esse processo, ainda recorreremos às possíveis explicações teóricas desprendidas na leitura de Michael Lowy, que entende, face aos aspectos mencionados, que um movimento de rejeição radical e coerente pode conduzir o intelectual ao capitalismo e à sua conseqüente passagem para os hostes do movimento operário. Para Lowy, uma das causas poderia ter sido guerra. Talvez, possa ter sido ainda uma somatória de desafios e decepções *éticos morais* de uma radicalidade pequeno burguesa, particularmente ainda expressa naquele jovem *tenente*, como apontamos antes. E por que não? Elas já estavam presentes em um período anterior à sua transferência para a Bahia. Pode se até dizer que estavam exponencializadas ao extremo, prestes a uma ruptura, que de fato acabou ocorrendo.

Michel Lowy entende que muitas vezes é necessário um acontecimento exterior, para levar a mudanças radicais. Seguramente, não deixa de ser um aspecto significativo aquilo que estava acontecendo no país como reflexo da ordem mundial, e com conseqüências danosas internamente. Verificamos que aquele contexto possibilitava explicar teoricamente a rotação individual de Sodré⁴²¹, na medida em que os acontecimentos de então se afunilam para um único pólo catalisador, cujas influências

⁴²¹Também podemos perceber outras rotações à esquerda e ao PCB nessa mesma fase entre 1944/45: Oscar Niemayer, Mário Schemberg, Aparício Torely, Graciliano Ramos, Di Cavalcanti, Caio Prado Júnior. Em 1946, o partido decide organizar uma solenidade de entrega de credenciais e em uma mesa presidida por Prestes, sob os retratos de Lenin e Stalin, dezenas de intelectuais assinaram a ficha de filiação. Alves Filho, Ivan. *Giocondo Dias: Uma vida na clandestinidade...* op. cit., p. 64 e Moraes, Dênis. *O Velho Graça: Uma Biografia...* op. cit., p. 213

difusas estavam presentes em vários intelectuais do período no Brasil. De certa forma, valorizamos essa linha de argumentação na medida em que, no caso do autor, é na Bahia que ele depara com o mais forte movimento de massas organizado do país, composto por médicos, intelectuais, operários, comerciários⁴²². Nesse caso, também se pode verificar um certo paralelismo com nossa linha de argumentação, na medida em que identifica, a possibilidade legitimadora da passagem de um *intelectual pequeno burguês para as hostes do proletariado* (a expressão é de Lowy, referindo-se a Lukács) como sujeito histórico. Como se aplica?

Naquela ocasião, a expressão política reconhecida nesse instrumento interno de contestação na Bahia era o PCB. Os exemplos são muitos e anteriores à sua estadia no Estado. Em 1938, é fundada a revista *Seiva*, ligada a intelectuais do partido, tendo como diretores Jacob Gorender e João Falcão que circulou até o ano de 1943. Em 1942, ocorreram as primeiras manifestações de oposição, também capitaneadas pelo PCB e, em 19/04/1943, ocorre a mais organizada manifestação das oposições ao regime Vargas, quando pela primeira vez, os manifestantes brandiram em praça pública os retratos de Stalin. São pontos sugestivos de aproximação para uma polêmica inconclusiva, mas valem estes apontamentos, visto que aí encontramos um cenário muito próximo da trajetória de Sodré. Interessa-nos uma última à explicação proposta por Lowy quando aponta que:

*Isto é particularmente válido para os intelectuais que, como Lukács, chegaram a um grau extremo, violento, de total oposição ético-cultural ao capitalismo e que não foram absolutamente atraídos por um movimento operário social-democrata com hegemonia reformista e parlamentar em suas diferentes versões (revisionistas ou Kautskista). Não é senão com a irrupção massiva obre a cena da história do proletariado revolucionário (em 1917-1919) que esta faixa extremista da intelligentsia ser ligará à classe operária, aderindo a sua ala mais radical: o Partido Comunista.*⁴²³

Com certeza, o cenário político baiano foi realmente fundamental para demarcar e pontuar uma reavaliação teórica de alguns pressupostos aparentemente consolidados pela leitura de Pareto e Amaral, como era o caso de sua paradigmática apreensão das elites, em

⁴²² Falcão, João. *Giocondo Dias: A vida de um revolucionário...* op. cit., Parte II e Alves Filho, Ivan. *Giocondo Dias: Uma vida na clandestinidade...* op. cit., p. 51 a 61

⁴²³ Lowy, Michael. *Para uma Sociologia dos intelectuais...* op. cit., p. 9

questionamento pela anterior experiência do Mato Grosso. Entretanto, vale destacar, nessa reavaliação um outro aspecto: foi através da práxis⁴²⁴ que Sodré pôde perceber um novo significado teórico de *massas*. A ausência desse componente em suas reflexões pode ser contabilizada na anterior concepção negativa de *massas* baseada na lógica de Pareto e Amaral, e na sua apreensão introjetada de forma polêmica em sua obra. O exposto acima, não deixa dúvidas em relação ao contexto e à especificidade de nosso objeto. Como foi dito, a Bahia era, na ocasião, o maior centro de agitação comunista no Brasil, com intensa atividade intelectual e panfletária, contando, inclusive, com a única seção reconstruída e organizada do PCB que se manteve na vanguarda da organização e na condução de um movimento de massas disseminado por quase todos os segmentos. Essa seção foi também a única reconhecida pela *Internacional Comunista* no país⁴²⁵.

No exercício de suas atividades intelectuais, foram muitos os contatos em que estavam presentes intelectuais de vários matizes⁴²⁶, particularmente de esquerda. Na Bahia, se encontrava Jorge Amado, já então no PCB, amigo do autor e recém-chegado do exílio, e, também se encontrava exilado o escritor comunista alagoano Alberto Passos Guimarães. Na Bahia, conheceria ainda Fernando Sant'anna, dirigente estudantil comunista e futuro deputado do PCB, o qual, em entrevista com o autor deste trabalho⁴²⁷, relata que as posições políticas de Sodré já eram muito próximas das posições do partido, ainda que não pudesse afirmar categoricamente - *face às razões de segurança óbvias, não se perguntavam algumas coisas* - que ele fosse organicamente um membro naquela ocasião. Sant'anna somente suspeita de que essa possibilidade seja exequível, na medida em que não titubeia em afirmar que já o reconhecia como um intelectual marxista. De certa forma, essa leitura pode ser confirmada em suas memórias quando deixa escapar, entre várias, uma pista importante, referente a um comentário sobre uma questão de honorários em atraso, admitindo, naquela ocasião, que *já sabia o que era mais valia*.⁴²⁸ Na Bahia, o historiador conheceria Valério Konder, fato este que somente menciona discretamente em suas memórias, reduzido a uma linha, mas não aponta que este já era um destacado e histórico

⁴²⁴ Lukács, G. *Ensaio sobre literatura...* op. cit., p. 58.

⁴²⁵ Sobre estas questões, ver: Falcão, João. *Giocondo Dias: A vida de um revolucionário...* op. cit., Parte II e Alves Filho, Ivan. *Giocondo Dias: Uma vida na clandestinidade...* op. cit., p. 51 a 61

⁴²⁶ Conheceria intelectuais conservadores como Gilberto Freyre, Luís Vianna Filho entre outros.

⁴²⁷ Entrevista de Fernando Sant'anna com o autor deste trabalho por telefone na data de 04/05/2000.

⁴²⁸ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 283.

dirigente comunista. Segundo Leandro Konder em entrevista com o autor⁴²⁹, a influência de seu pai foi algo marcante na trajetória de Sodré, na medida que, se estabeleceu, desde então entre ambos, Valério e Sodré, uma forte amizade, que permaneceria inabalável durante toda a vida.

Mas há outros aspectos correlacionados a essa rotação. No plano internacional, aquele foi o ano da virada da guerra. O forte impacto da derrota alemã na batalha de Stalingrado acaba de vez com o sonho nazista de vencer a URSS, situação, de certa forma, análoga em outras frentes de batalha, demonstrando que a guerra já começava a mudar a favor dos aliados. No plano interno, o regime demarcava as novas linhas de seu projeto nacional, agora mais subordinado e dependente de que nunca e que resultou, entre outras medidas, nos preparativos para a criação da FEB. Na Bahia, esses preparativos resultaram em mais decepções, bem como em várias reflexões sobre a exequibilidade da proposta de intervenção militar, contabilizadas em grande medida no atraso cultural existente e as péssimas condições de saúde dos recrutas. Essa talvez tenha sido mais uma dimensão visível de amadurecimento ou de revolta para o autor, na medida que, entra em questão, de modo cada vez mais contundente, o significado da *luta de classes*, necessário a Goldmann para visualizar a *consciência possível* do momento⁴³⁰.

Não há dúvidas de que teria sido para Sodré um período de intenso debate e de aprendizagem necessários para pavimentar os novos rumos de sua carreira. Com certeza, as influências acima demarcadas não foram as únicas, ainda que esse período já se aproximasse do final. No entanto, vale ainda mais ressaltar. Considerando as circunstâncias mencionadas, as estratégias de intervenção naquele contexto, transformaram-se em uma polêmica apreendida de forma diferenciada entre os vários analistas. Na leitura de T. Vigevani e G. Moura, por exemplo, o regime definhava a olhos vistos, e, o envio de tropas aos palcos de batalha, representava naquela iniciativa política, algo bem distante de uma unanimidade nacional⁴³¹. Com certeza, essa questão também não ficou a margem de uma reflexão em relação ao autor naquele período.

Pouco tempo depois desses acontecimentos, recoloca-se para o historiador a idéia de mudar de Salvador e fazer frente a uma segunda tentativa de cursar a *Escola de Estado*

⁴²⁹ Entrevista de Leandro Konder com o autor deste trabalho no Rio de Janeiro na data de 26/01/2000.

⁴³⁰ Goldmann, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia...* op. cit.

⁴³¹ Corsi, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional...* op. cit., p. 230.

Maior do Exército. Desta vez, Sodré é bem sucedido, e após sua aprovação e transferência, percebemos como sua volta ao Rio de Janeiro se apresenta como uma nova fase militante, representando o início um novo patamar em sua trajetória profissional. No cenário otimista de então, soma-se, no entanto, mais uma decepção. No início do curso, ainda naquele ano de 1944, tem início, a meu ver, uma nova e decisiva fase que coincidia com a fase terminal do Estado Novo. No caso da *Escola de Estado Maior*, a nova situação não refletiria um patamar de profissionalismo diferenciado no exército, face às debilidades já existentes e às inconseqüências decorrentes do regime em vigor e ainda presentes naquela instituição.

Nas suas memórias, relata que era uma instituição descolada da realidade nacional e dos objetivos que se propunha, ainda que, oferecesse cursos intensos e, com exceções a registrar, já que, em passagens significativas relacionadas a alguns mestres entre outras inovações, deixaram saudosas memórias. Mas, a qualidade da maioria, era bem questionável, muitos deles, saudosos monarquistas, o que, em última instância, impossibilitava o desenvolvimento de uma reflexão teórica de fundo. Com certeza, esses deixaram poucas saudades. Entretanto, o que ficou daquela experiência, foi, essencialmente, uma amarga conclusão:

A Escola de Estado Maior ignora o Brasil. Não o ignora apenas pelo que foi narrado - caso concreto de alienação cultural - mas em tudo e por tudo: não aprecia os problemas em escala nacional porque, antes do mais omite absolutamente os próprios problemas nacionais; não toma conhecimento da existência do país que se prepara, teoricamente, para defender...⁴³²

Havia ainda outras particularidades. A *Escola* expressava os problemas da instituição exército e claro, suas mazelas, como o favoritismo que pontuava classificações ou promoções em lugar do mérito. A rigor, era uma instituição que poderia estar em qualquer lugar do mundo e que, com aquelas características, seria indiferente, uma vez que, segundo o autor, estava de costas para o próprio país.

Ainda assim, a guerra estava ainda em curso e ele descreve as reviravoltas militares, ressaltando em sua memórias o impacto diferenciado das sucessivas vitórias soviéticas para o desfecho do conflito.

⁴³² Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op. cit., p. 229.

*A medida que os aliados mostravam a grande superioridade e iam reduzindo as áreas conquistadas pelo eixo ficava claro que a sorte do nazismo estava selada: grande sopro democrático invadiu o mundo. O anticomunismo, aguerrida vanguarda do nazismo, parecia morto, para muitos observadores. A URSS, sofrendo o esforço principal da guerra, emergia como potência em cuja participação nenhum grande problema humano poderia ser resolvido. Sem ela, estava claro, a guerra teria sido perdida; em consequência de tudo, a ditadura brasileira aprofundava-se a cada dia.*⁴³³

Um retorno às origens ?

Pelas razões acima desenvolvidas é que entendo que foi nesse período de 1943 a 1944, entre sua passagem por Salvador e já na sua volta ao Rio de Janeiro é que se torna possível visualizar a confirmação da hipótese de que esse é o momento em que Sodré se aproximou do PCB, e em que poderia ter sido considerado um membro, mas não necessariamente ainda militante do partido. Vale um parêntese sobre essa polêmica questão. A condição de comunista ou membro do PCB nunca foi admitida publicamente pelo autor. A hipótese explicativa que podemos inferir, refere-se, principalmente, ao fato de que, antes de tudo, ele foi um nacionalista e um patriota, mas, face à polarização ideológica nas forças armadas a partir de 35 e em particular, ao contexto da guerra fria, essa condição ideológica seria subsumida, inclusive por razões de segurança⁴³⁴. No entanto, percebe-se nessa fase, a configuração de uma rotação à esquerda, na medida em que, a política ocupa um patamar diferenciado, ou seja, a *do compromisso*. Daí a mediação necessária e explicativa do partido, ainda que, vale uma ressalva: entendemos que o pressuposto dessa

⁴³³ Idem. p. 240.

⁴³⁴ O autor somente sinalizou em entrevistas para essa aproximação com o partido; como também em suas memórias. coloca implicitamente essa ligação nos vários momentos em que teve que fugir ou em que esteve preso. Essa (in)visibilidade militante virá à tona paulatinamente nos anos seguintes e na fase terminal da ditadura militar de 64, quando colabora nos vários jornais e revistas do PCB como *Temas*, *Voz da Unidade*, *Novos Rumos* e aparece publicamente na recepção a Prestes na sua volta do exílio em 1979, além do depoimento em caráter nacional no 1º filme do PCB em 1985. Recentemente, apareceu no documentário *O velho*. Vale registrar que sua única obra publicada sobre o partido foi *Contribuição à História do PCB*, de 1985, proposta inconclusa de um esforço mais ousado que, por razões várias, permaneceu limitado a somente 03 ensaios e originariamente foram publicados na *Revista Temas de Ciências Humanas*. Vale mais uma vez a ressalva de que, apesar de nunca admitir ter sido membro do PCB, por razões várias que procuraremos entender, ele também foi acusado de ser um ventríloquo extra oficial de suas teses, algo de que discordamos. Para verificar a dimensão que esta polarização se apresentou nas Forças Armadas, além dos trabalhos

identidade política, não necessariamente tenha significado ao longo dos anos seguintes, unidade de ação ou reflexão. Muitas vezes, foi o contrário. Mas vale dizer que o PCB, que saía da clandestinidade naquele final da Segunda Guerra Mundial, tinha posições teóricas reformistas muito próximas do pensamento social democrata do período da II Internacional e de autores do conhecimento de Sodré como Plekanov e o jovem Lenin, determinantes na sua formação juvenil e que, de certa forma, o influenciaram, tal como certamente já influenciavam algumas correntes internas do pensamento marxista no Brasil⁴³⁵.

Paralelamente, por um lado, entre outros autores e influências, é também sugestiva uma leitura marcadamente nacionalista, favorecida pela influência *tenentista* de muitos de seus membros. Sua rotação política, nesse momento, é facilmente perceptível por variáveis indicadas em artigos do período, em um contexto político que por si só já era outro, ainda que não se apresente relatado em suas memórias, exceto, quando muito, em frases esparsas. Isto posto, é o caso de nos perguntarmos, onde ou como podemos substanciar tal hipótese? Falar em indícios, sugestões, frases esparsas, fragmentos, pode vir a ser um problema, quando se pensa a necessidade de substanciar uma hipótese. Mas como sustentar uma rotação política em torno de um eixo aparentemente tão frágil? Na nossa proposta, a solução está, de certa forma, inscrita na pergunta: justamente esse eixo tão frágil é que se solidifica e se torna visível, atravessando seus artigos. Nosso trabalho, une esses pontos, construindo o que as circunstâncias não permitiram entre outras variáveis correlatas.

Ainda em 1943, no artigo *Posição do Intelectual* o autor sugere sua nova posição de *compromisso* afirmando que:

a posição do intelectual, isto é, daquele que vive em um plano de livre pesquisa e de livre expansão do pensamento (seria este o seu caso no momento?) que lhe são condições precípua de existência, não pode ser outra senão a de combate, franco, aberto, desassombrado a todas as formas de fascismo, aquelas matrizes que andam em decomposição, nos campos de luta e as outras, filiadas, que ainda não entraram em sua fase positiva de decomposição ostensiva, mas cujo início de descrédito,

sinalizados, vale a consulta: Argolo, José Amaral. **A Direita Explosiva no Brasil**. R.J., Mauad, 1996 e Silva, Hélio. **A vez e a voz dos vencidos: Militares x Militares**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1988.

⁴³⁵ Del Roio, Marcos. **A Teoria da Revolução Brasileira: tentativa de particularização de uma revolução Brasileira em processo** in **História do Marxismo no Brasil...** op. cit. e Cerqueira Filho, Gisálio. **A Influência das idéias socialistas no pensamento político Brasileiro...** op., cit.

necessariamente, já começou e que coisa alguma poderá mais deter, apenas retardar.

436

Em *Mundo Livre*, já não se preocupa em identificar o regime brasileiro como fascista e na medida em que procura apontar as características do mundo livre, tendo como maior expressão a democracia, que até sinaliza que para o regime brasileiro e assim coloca:

*Para a existência de um mundo livre, entretanto, há certas condições preliminares, certas bases indispensáveis, a que nenhum povo pode fugir. Uma delas será certamente a fundação de uma verdadeira democracia, aquela, que não se faz na cadeia para os que pensam de modo contrário aos que estão no poder, contraria aos seus interesses principalmente - mas uma democracia de fato, e não de nome, que a si mesmo baliza com a alcunha quando guarda todos os resquícios e todas as características de fascismo puro.*⁴³⁷

Por outro lado, a linha política do PCB, advinda da *Conferência da Mantiqueira*, realizada em um sítio próximo do Rio de Janeiro, era, de certa forma, um prolongamento da política praticada pelo grupo comunista mais organizado do país, o baiano, que, como vimos, estava fortemente enraizada na intelectualidade com a qual Sodré manteve fecundo contato. A política advinda daquela conferência reorganizativa advogava a simpática e sem dúvida, correta tese da *união nacional* em curso e do esforço de guerra em desenvolvimento, bem como da luta pela anistia, entre outras propostas democráticas⁴³⁸, já advogada pelo autor em vários artigos publicados em nos jornais daquele Estado. Era o debate do momento, com um *tenente* (na patente de capitão), Luís Carlos Prestes, como o mais prestigiado líder nacional e eleito Secretário Geral ainda na prisão, conjuntamente com outros militares ainda detidos. Entretanto, essa não era o único aspecto que poderia chamar sua atenção ou mesmo sua atração para o partido. A nova direção do PCB, saída daquele evento, era constituída na ocasião de sete ex. militares; alguns - como Ivan Ribeiro,

⁴³⁶ Posição do intelectual. *Diário de Notícias*. 24 set. 1943. Esquina. (p. 68).

⁴³⁷ *Mundo Livre*. *Diário de Notícias*. 8 nov. 1943. Esquina. (p. 84).

⁴³⁸ Sobre esse debate, ver: Pacheco, Eliezer. **O Partido Comunista Brasileiro...** op. cit., p. 182; Falcão, João. **O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade...** op. cit., p. 226; Brandão, Gildo Marçal. **A Esquerda Positiva: As duas almas do Partido Comunista – 1920/1964**, São Paulo, Editora Hucitec, 1997. parte III; Vinhas, Moisés. **O Partidão...** op. cit, parte III; Leôncio Martins. **O PCB: Os Dirigentes e a Organização...** op. cit., p. 404.

Dinarco Reis - colegas de Sodré desde os tempos da *Escola Militar*, todos *tenentes*, sendo esse grupo superior ao dos intelectuais (05) e ao dos operários (06). Além disso, muitos outros militares que estavam na clandestinidade (Giocondo Dias e Teodoro Melo) ou mesmo nas prisões (Prestes, José Maria Crispim, Gregório Bezerra entre outros) como também vários colegas da *Escola Militar* como Leivas Otero entre outros *tenentes* que participaram da guerra civil na Espanha e da resistência anti-fascista na Europa como Davi Capistrano e Apolônio de Carvalho; já retornavam ao Brasil como heróis e membros do PCB. Isto para falar dos mais conhecidos, já que dezenas de expedicionários da FEB que retornavam ao Brasil optavam pela mesma orientação político partidária.

Não há indicações precisas de que o historiador tenha participado desse processo de debate interno partidário, mas também não é improvável tal possibilidade, até porque esse clima de agitação era público e algumas daquelas questões políticas já estavam na ordem do dia e eram correntes; além disso, muitos dos atores políticos envolvidos eram amigos de longa data. De concreto, uma outra possibilidade de confirmação sobre tão delicado apontamento, o mais próximo que conseguimos, nas várias entrevistas realizadas, foi através de uma fonte militar que também, por razões óbvias, pediu o anonimato. Esse oficial da reserva confirmou em entrevista com o autor deste trabalho⁴³⁹, que Sodré já tinha contatos reservados com integrantes do setor militar do PCB (Anti - mil) iniciados ainda em fins de 1944/45. Em que pesem as polêmicas sobre a questão, o fato é que ele já voltava de Salvador muito próximo ou já no PCB, não somente pelas razões elencadas ao longo deste capítulo, mas porque, com certeza, esses contatos militares não foram os únicos. Há outras possibilidades, particularmente, no ativo meio intelectual de esquerda e comunista que podem corroborar esta hipótese.

No Rio de Janeiro, onde esse debate político gravitava, o autor reencontraria muitos de seus amigos da *velha guarda*, também próximos ou já militando no partido, inclusive

⁴³⁹ Entrevista de um militar, concedida ao autor deste trabalho em 20 de janeiro de 1999. O militar preferiu o anonimato. Zuleide Faria, outra militante histórica do PCB e amiga pessoal de Sodré, em entrevista com o autor na data de 02/02/1999, é uma das que corroboram a versão de que o historiador fosse membro do partido *seguramente* antes de 45, ainda que não possa especificar o momento e as particularidades dessa admissão. Apolônio de Carvalho afirmou em entrevista com o autor, na data de 14/01/99, que somente retomaria o contato com Sodré no PCB nos anos do ISEB, e portanto, também as suas referências são desse período. Outros entrevistados, todos eles históricos militantes comunistas e que inclusive foram membros do Comitê Central do PCB e amigos de longa data como Salomão Malina, Armênio Guedes, Renato Guimarães não descartaram essa possibilidades, mas como atuaram em outras esferas partidárias, ressaltaram que o contato político como militantes ou dirigentes com Sodré aconteceria em grande medida a partir de 1956.

Graciliano Ramos, que *despachava* naquele momento em *audiências* um pouco mais tranqüilas, ainda que não menos intensas, situação esta que aglutinava ao seu redor vários intelectuais de esquerda. Ao que tudo indica, foi somente no pós-conferência da Mantiqueira, realizada em fins de 1943, que Graciliano Ramos teria se aproximado do PCB, passando a ser considerado por muitos intelectuais um membro do partido, ainda que sua filiação somente ocorresse em 1945, tendo sua ficha abonada pelo próprio Prestes⁴⁴⁰. A verdade é que este não seria um caso isolado, e sim uma situação análoga, quase que naturalmente evolutiva em relação à intelectualidade, e que não foi isenta de algumas surpresas, a exemplo da recém-conversão à esquerda e ao Partido Comunista por Carlos Drummond de Andrade⁴⁴¹ naquele ano de 1944.

Ao encontro de sua vocação

Na volta ao Rio de Janeiro, além desses encontros e reencontros, o historiador conheceria outros intelectuais de esquerda, particularmente Astrojildo Pereira, na ocasião saindo da clandestinidade e com a tarefa partidária de reorganizar os intelectuais e, a área cultural, atuando militantemente através da recém-formada revista *Literatura* e posteriormente, com destacada atuação no *I Congresso dos Escritores*, marco decisivo da democratização do país. Sua amizade com aquele veterano intelectual comunista e fundador do PCB sempre foi destacada em vários textos, sendo alguns de apresentação e, como ele mesmo ressalta mais de uma vez, com uma relação iniciada naquele época.⁴⁴² Hipóteses? Face ao exposto, talvez tenha se dado então a sua transição ao marxismo, ao socialismo e, quiçá, a uma nova postura política advinda de um novo compromisso militante como intelectual e também como militar, fator este perceptível pelos artigos do período subsequente, que já começam a apontar para uma nova vocação mediada pela política.

Não é de se estranhar esta possibilidade ou esta deixa de ser sintomática. Em outubro daquele ano de 1944, ele escreve um artigo especial intitulado *Uma posição a*

⁴⁴⁰ Moraes, Dênis. *O Velho Graça: Uma Biografia...* op. cit., p. 207, 210 e depoimento do Coronel José Gutman que conviveu com Graciliano Ramos na prisão in Paula dos Santos, Ana. *À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...* op. cit., p. 66.

⁴⁴¹ Cançado, José Maria. *Os sapatos de orfeu: Biografia de Carlos Drummond* op. cit., p.181.

definir, para o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, no qual comenta a postura interessante dos intelectuais e, principalmente, as tarefas que os aguardavam, incluindo-se, ele também, no grupo. Por seu conteúdo, entendo que já expresse um posicionamento vinculado ao PCB. O autor, inicia o artigo apontando que os intelectuais serão por certo, nas transformações que já se adivinhavam, um dos grupos sociais mais propensos ao desajustamento, face à capacidade de imaginação que lhes confere inegável possibilidade de evasão da realidade. Segundo ele, confere também ânsias por coordenadas meramente teóricas, capazes de satisfazer esses ideais alvorçados, mas que são um tipo de especulação teórica que, faz mais mal do que bem, e está provado historicamente que resulta mais em dispersões do que construção. Neste artigo, cita com propriedade *Mannheinn* e seu *diagnosis of our time* e sugere, juntamente com Gilberto Amado, a postura que deverá nortear os intelectuais e, quem sabe, a sua. A partir daqui pontifica:

*uma tarefa intelectual que pretenda existir divorciada da realidade não fará outra coisa senão a elaboração especiosa de um ornamento de grupo separado, que não deseja o contato com os demais, e que pretende-se sobrepor a eles, como irritante elite, na verdade destituída de significado e de força, mas capaz de conferir, aparentemente num tempo curto, poder dissociador aos seus membros, explicando-se a aversão que, em toda a história, os reformadores tiveram pelos intelectuais. Mercê de estarmos ingressando numa fase nova, quando técnicas de produção diferentes introduzirão técnicas sociais novas, e quando a 'atividade intelectual já vai se transformando em atividade profissional, e portanto social, é tempo de meditarmos sobre o assunto, escolhendo um caminho que nos conduza a uma posição definida, que não pode ser outra senão aquela que nos indicará o nosso povo, com o qual devemos viver intimamente. e de acordo com a herança cultural que possuímos, passível de alterações, é certo, mas só por obra do tempo e da introdução de fatores sensíveis de modificação, entre os quais, não está, nem poderia estar, a construção de sistemas teóricos, pretensamente oriundos da observação, mas só ligadas a imaginação alvorçada...*⁴⁴³

⁴⁴² Astrojildo Pereira: **Memória e História**, Vol. I. S.P., Lech, 1981, p. 75, Meu amigo Astrojildo Pereira in Feijó. Martin C. **Formação Política de Astrojildo Pereira**. Belo Horizonte, Ed. Oficina de livros, 1990, p. 7 a 48.

⁴⁴³ Uma Posição a Definir. *Diário de Notícias*. 01 de out. 1944.

Havia explicações plausíveis para essa conclusão. Face àquela conjuntura, Sodré já admitia que Getúlio Vargas já não era mais o ditador. Por um lado, o regime, naquela altura dos acontecimentos, já vinha ensaiando mais uma guinada, desta vez à esquerda, propondo um nacionalismo aparentemente mais radical que o do projeto anterior, em que os trabalhadores eram chamados a entrar em cena. Apesar dos claros objetivos continuístas, Vargas também sugeria ao público interno, a possibilidade de retomada de um projeto de desenvolvimento autônomo, com a promulgação de várias medidas de impacto como a polêmica e nacionalista *lei Malalaia*. Por outro lado, o quadro político se oxigenava com a anistia em vista e com o surgimento de vários partidos, inclusive com a próxima legalização do PCB, contando que a libertação de Luís Carlos Prestes era somente uma questão de tempo. A palavra de ordem de uma constituinte também se avizinhava como proposta e projeto e com ela, as eleições presidenciais.

Em suas memórias, admite que essa agitação não estava alheia aos alunos da *Escola*, em razão de os candidatos dos partidos majoritários representarem forças históricas de suporte ao Estado Novo; uma delas, o General Dutra, o vencedor ao final e antigo desafeto, que para ele significava o que havia de pior do antigo regime. Não esconde que suas simpatias eram para a proposta de *Constituinte com Getúlio*, aliás, defendida por consideráveis setores progressistas, e, ressaltamos, uma das principais bandeiras do PCB. Ao que consta, a continuidade de Vargas não era um problema na ocasião, e sim a substância do arco político que se moldava à sua frente, e que refletia, de certa forma, a continuidade do Estado Novo e uma democracia apenas formal, sob a égide do imperialismo americano, quiçá, sob sua tutela direta. Eram, ao que parece, os reflexos internos do embrião da Guerra Fria e, face a ela e com ela, apresentava-se para o autor *o compromisso de uma rotação*. Alguns escritos do momento sugerem a confirmação dessa linha de argumentação.

No artigo *Culturas e Democracias*⁴⁴⁴, o historiador elogia as teses do *Congresso Brasileiro de Escritores* e, em particular, a unanimidade em condenar todas as formas de fascismo. Afirmando que democracia e cultura são coisas inseparáveis, diz no final que: *o tema foi uma imposição natural das coisas*. Um marco desta questão foi a publicação, no

⁴⁴⁴ Culturas e Democracias. *O Estado de São Paulo*. 22 fev. 1945. (p. 212).

ano de 1945 de *A Revolução Gorada*⁴⁴⁵, ainda que deva se levar em conta seu duplo significado, visto que fora escrito ainda na Bahia e que Sodré já tinha vindo para o Rio de Janeiro um ano antes. O artigo, reafirma mais uma vez seu comprometimento político já naquela ocasião, uma vez que fora escrito na mesma época de *uma opção a definir* e bem pouco tempo depois da publicação de *Democracia*, de 1943. Vimos como, entre 43 e 45, é possível perceber a trajetória teórica, ou mesmo evolutiva, do amadurecimento da questão democrática associada à questão nacional. Importa considerar que essa questão se apresenta paralela a esse novo posicionamento político partidário, podendo ser vista, como veremos, a seguir, como explicativa de alguns posicionamentos que o autor viria a tomar em futuro muito próximo. No jornal *O Estado de São Paulo* (OESP), por exemplo, sinaliza para algumas ousadas pontuações interessantes em *O Problema da Terra*⁴⁴⁶, em que aponta com lucidez que a questão da industrialização só pode bem ser sucedida enfrentando a questão da divisão da grande propriedade, constituindo, nesse sentido, um enfoque diferenciado da perspectiva integracionista sinalizada anteriormente *N' oeste*.

Os pontos aqui delimitados são pontos polêmicos e subsidiários das próximas leituras, bem como de seus outros trabalhos, ainda que sua identidade comunista com o PCB não signifique uma umbilicidade de posições ou uma subsunção do autor a uma linha política partidária. Mas aqui há uma convergência pontual que pode ser observada. Nessa fase, entendo ocorreu bem mais uma aproximação teórica e política do que militante e neste caso, a umbilicidade das suas vocações só se apresentará daí a poucos anos, no período posterior à fase do clube militar, aspecto este em que não nos deteremos aqui, e sim no próximo capítulo. Como vimos, muitas de suas teses já estavam em processo de amadurecimento desde os anos da *Escola Militar*. Trata-se de uma determinação que perceberemos ao longo de sua obra e que será central na construção de seu pensamento político, confirmado pela autonomia de suas elaborações, o que implica negar o senso comum acadêmico e político que filiou suas teses às concepções advindas da III IC.

Entretanto, sua adesão ao PCB foi, seguramente uma referência importante, ainda que não tenha sido a única adesão que faria nos anos que se seguiriam a pós 45. Há um dado que deve ser ressaltado. As pistas explicativas podem ser apreendidas nas suas memórias. Na verdade, ao estabelecer uma crítica feroz ao período anterior - *exposta na*

⁴⁴⁵ A Revolução Gorada. *Jornal de São Paulo*. 28 jul. 1945. (P. 233).

epígrafe introdutória deste capítulo - também nos apresenta como justificativa de sua rotação e uma ou a razão da quase negação de suas obras da etapa anterior. Uma única frase dessa *epígrafe* é suficiente e, por que não dizer sintomática. Essa frase finaliza suas primeiras *Memórias de um Escritor - vol. I.*, e nela Nelson Werneck Sodré admite que não tinha quaisquer compromissos ideológicos ou, como mesmo colocou, que estava dissociado ou até distante, de qualquer organização, agrupamento e partido, ou que fosse disciplinado a um programa, diretriz ou rumo a que devesse obediência.⁴⁴⁷

Percebe-se que ele mesmo estabelece o momento de sua ruptura, mas, curiosamente, *parece não enxergar que é uma ruptura com uma continuidade*, reflexo talvez de uma ortodoxia e de uma coerência, somente para recuperar mais uma vez Lukács⁴⁴⁸. Nesse sentido é que sinalizamos para a hipótese de que o historiador não era um alienado, como sempre insiste em afirmar em suas reflexões memorialísticas, e mesmo nas muitas entrevistas em relação a essa fase. A razão desse posicionamento, segundo entendemos, é outra. Mesmo assim, ao justificar tais posturas como formas de alienação também confirma nossa leitura, uma vez que o seu entendimento da política, a partir desse momento (pós 45), está associado necessariamente à *moralidade de um compromisso*⁴⁴⁹, expressão que não utiliza mas que, desenvolvida ao longo desse trabalho, auxilia-nos a entender o momento subsequente. Só a partir de então, suas vocações vão necessariamente ser mediadas por uma outra concepção de política, pautada por novos referenciais teóricos que já o encontram como um expoente intelectual do *Historicismo Marxista*, com um novo projeto e que, entendo não ser estranho a alguns setores advindos do *tenentismo*: o nacionalismo como etapa necessária e quase que osmótica de um projeto socialista. Tudo ainda por apreender, elaborar e construir.

⁴⁴⁶ O Problema da Terra. O Estado de São Paulo. 09 mar. 1945.

⁴⁴⁷ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 124.

⁴⁴⁸ Lukács, George. *História e Consciência de Classe...* op. cit., p. 15; Leo Maar, Wolfgang. *A Reificação como realidade social...* op. cit.; Lessa, Sérgio. *A Ontologia...* op. cit., cap. II e VI.

⁴⁴⁹ *A moralidade do compromisso* é uma expressão de Bastos e Rego, e que, adquire em nossa leitura, um significado importante, na medida em que, é válida conceitualmente e nos remete a uma interlocução que valoriza uma perspectiva do intelectual e sua relação com a política na *crença de que é intrínseco à esta condição. o vínculo entre a atividade de pensar e o empenho moral do analista na elevação da condição humana*. As autoras ressaltam que a validade deste pressuposto está associado a sua atividade como um elo decisivo e possível para a transformação do mundo como também, para a emancipação da humanidade, impondo uma condição: *não renunciem a sua vocação de 'críticos' das estruturas materiais e espirituais que não permitem aos cidadãos participar das decisões referentes a seus destinos*. Bastos, Elide Rugai & Leão Rego, Walquiria D (org.). *Intelectuais e Política...* op. cit., p. 5.

Pós 45: O Brasil numa Guerra Fria prá lá de Quente

No período que se segue, sua vocação intelectual não estaria dissociada dos acontecimentos políticos; muito pelo contrário. Estando na ocasião em São Paulo, o autor acompanhou à distância, face as suas obrigações militares, o *Congresso Brasileiro de Escritores*. Em carta a Edgard Cavalheiro, saudou o resultado maior do encontro: a unidade política advinda, fato que, em uma ditadura em decomposição, significava um marco histórico para a trajetória do país. Em uma série de cartas trocadas em meados de março daquele ano, Sodré bem demonstra o clima de perplexidade que o momento pós-queda do Estado Novo refletiu em determinados círculos intelectuais *pequeno burgueses*, face à sua concepção limitada de política dos mesmos. Com certeza, condiciona-se a seu aspecto de revolta uma quase imobilidade e mesmo uma impossibilidade de reação. É uma bela e cuidadosamente bem redigida ilustração em que o autor nos indica o debate em curso e um particular e delicado momento de transição. Ao que parece, os comentários também sugerem uma cautelosa troca de posicionamentos de dois amigos que, naquele momento, divergiam ideologicamente e caminhavam para um afastamento pessoal e político face às leituras diferenciadas do momento em questão.

No caso das respostas de Cavalheiro, estas confirmam, em relação ao historiador, algumas de suas objeções maiores, particularmente a de que o momento não compactuava com posicionamentos dissociados de um compromisso ou, principalmente, de que não comportaria justificativas para pseudo posicionamentos neutros ou independentes. É o que a leitura dessa correspondência resgatada, com sua análise recuperada, nos indica, ou seja, é o momento de definição. Em outra carta ao mesmo amigo, algumas passagens já delineiam o seu posicionamento político e, apresenta uma clara justificativa ao amigo face ao seu novo posicionamento:

Penso que todos os caminhos para derruir, não um governo, não um homem, mas um sistema, esse sistema colonial de vida, que esmaga quarenta milhões, para fazer de cinco milhões alguma coisa, são bons caminhos, são caminhos morais. E digo sem hesitação, eu, se tivesse função política, seria capaz de me aliar com o diabo, para conseguir transformar esse sistema nefando....Afirmo, peremptoriamente, que as alterações políticas, eleitorais, etc.; são, para mim, meios, reflexos, conseqüências. O

*essencial é o sistema, que permite a pobreza organizada, a fome e a miséria organizadas. Quero reformas, quero gente que seja, por algum motivo, capaz de executá-las, de propô-las ao menos, orientá-las...*⁴⁵⁰

Nos anos seguintes à guerra, o historiador apontou em suas memórias o próprio fato de que a URSS, vitoriosa e prestigiada por seu decisivo papel na vitória sobre o nazismo, veio a repercutir nesses setores intelectuais com a idéia de que o socialismo estava na ordem do dia. Mas, em última instância, este aspecto também repercutiu negativamente de forma decisiva no plano interno, quanto aos posicionamentos de muitos setores intelectuais pequenos burgueses, o que em si, como vimos, era uma desaprovação crítica e justificativa que o autor realizava. Percebe-se que, o socialismo era a referência substitutiva e não menos ética do ideário tenentista, na medida que implicava a sua continuidade, até porque, o prestígio político e militar da URSS e do Socialismo era pautado em muitas outras análises do período (não somente de autores de esquerda), por preceitos *éticos e morais*. Nesse caso, significava para o autor, em última instância, um patamar superior de apreensão daquela ética e, nesse sentido, face à sua generosidade como ideário, não era uma contradição e sim uma continuidade.

Um outro aspecto, dizia respeito ao complicado arco de alianças surgido pós-queda de Vargas e, em particular, devido ao papel político que o ex. ditador poderia desempenhar. Tanto para Sodré, quanto para muitos intelectuais, foi um momento particular de avaliação. Para muitos deles, era algo inaceitável uma proposta de continuidade com Vargas face ao passado, o que seria um equívoco para o autor e, como tal, coincidência ou não, na linha política do PCB. Na medida em que Vargas mantinha um posicionamento político nacionalista autônomo face à nova polarização política advinda da Guerra Fria, entendia que o presidente era um aliado tático mais do que importante. Mas também um segundo aspecto se colocava, quase em nível pessoal, ainda que fosse um argumento político. Qual seria?

O quadro sucessório em curso no Brasil pós 45 tinha como principais expoentes das forças conservadoras, personagens já conhecidos, os quais Sodré sempre criticara e, de certa forma, combatera. Esse período diferenciado da ascensão burguesa que se iniciava foi

⁴⁵⁰ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op. cit., p. 252.

por ele denominado a posteriori *Consulado Militar*⁴⁵¹. Por um lado, o General Eurico Dutra, era o representante mais categorizado do nazismo tupiniquim (a expressão é minha); e por outro lado, o Brigadeiro Eduardo Gomes era um expoente qualificado do antigo regime, apoiado por significativos setores conservadores urbanos e, portanto, dissociado de quaisquer compromissos democráticos. Por esta razão, a própria proposta de continuidade de Vargas não se colocava como um problema maior para o autor, face àquelas opções em questão. Ao longo dos capítulos anteriores, percebemos o significado que tais candidaturas tinham para Sodré, em particular a camarilha Dutra e Góis Monteiro, responsáveis em grande medida pelo quadro de medo vigente ao longo do Estado Novo, e o caráter antidemocrático que o exército, como instituição, apresentava naquele instante. Ambos os militares demonstraram, ao longo da história, que simbolizavam a antítese do generoso ideário que fora o *tenentismo*⁴⁵². Neste caso, ambas as candidaturas também significavam, na sua opinião, a própria continuidade do Estado Novo sob verniz democrático, fato este que acabou se confirmando com a própria cassação do PCB, em 1947, e de seus parlamentares, no ano seguinte, bem como a forte repressão ao movimento operário e aos intelectuais, que foi uma característica dos anos Dutra.

Em carta de 1945 a um anônimo amigo, mais que um companheiro, segundo podemos inferir pelo conteúdo expresso, lamentava:

*a cegueira de diante da realidade de nossos dias..., a tendência esterilizante de se constituir a luta política em tornos de pessoas, de personalidades, em vez de constituir-se em torno de tendências, de orientações e diretrizes...*⁴⁵³

Ao que parece, só não citou o partido, mas o seu conteúdo denuncia claramente a quem se referia ou a qual posicionamento crítico, particularmente quando lamentava o quadro político vigente, agravado pela presença e pela ingerência do imperialismo americano nesse processo, que era mais que inequívoca. Como afirmou a nossa fonte militar em entrevista⁴⁵⁴, alguns de seus contatos com o partido foram iniciados em fins de 1944/45; nesse caso, vale inferir, com certeza, que estes não estavam ausentes naquele

⁴⁵¹ Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil...* op. cit., p. 289.

⁴⁵² Prestes. Anita Leocádia. *Tenentismo Pós 30...* op. cit., p. 28, 44 e ss.

⁴⁵³ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op. cit., p. 250.

⁴⁵⁴ Entrevista com um militar que preferiu o anonimato com o autor na data de 20 de janeiro de 1999.

curto período subsequente. Muito pelo contrário. Percebe-se, ao longo de sua memorialística, a presença constante no pós 45 de anônimos amigos e companheiros que estarão aí presentes, particularmente nas *Memórias de um Soldado*.

Militância ainda que discreta

Paradoxalmente, o período pós 45 revelou-se um momento de intensa produção intelectual em vários órgãos de imprensa, como também em revistas. Nessas publicações, já transparecia um autor distanciado daquele ímpeto juvenil característico do *tenentismo*, mas ainda longe de ser considerado um intelectual maduro, face aos referenciais teóricos que ainda se apresentavam. Sua produção teórica, nessa época, foi fundamentalmente uma produção de crítica literária. Há pouco tempo, havia publicado um dos seus livros mais conhecidos, *O que se deve ler para conhecer o Brasil*⁴⁵⁵, sem dúvida um trabalho de fôlego para a época e cumpriria ao longo dos anos seguintes um papel relevante como obra de referência⁴⁵⁶, apesar de algumas inferências editoriais como a inclusão, a sua revelia, de Ronald de Carvalho na 1ª edição, o livro marcaria uma nova e significativa etapa nos estudos históricos do Brasil e veio a ser um excelente roteiro para percebermos suas leituras e, principalmente, para aquelas que nortearam suas reflexões. Em que pesem os clássicos apontados, o autor admite haver um certo grau de subjetividade nas escolhas apontadas, mas é um trabalho original e ousado, que recebe a qualificação de obra característica de uma *vertente revolucionária do modernismo*.⁴⁵⁷ Ponderemos nessa linha. Essa obra, reflete um certo amadurecimento teórico e já se apresenta em uma fase de rotação à esquerda em transição ao marxismo, no período de sua pesquisa e elaboração ainda na Bahia. Há inclusive pontuações valiosas, mas entendo que ainda estão permeadas por um significativo grau de *eclétismo* e não é coincidência. Veremos a razão dessa característica.

Quanto aos objetivos propostos, o trabalho busca uma compreensão crítica da história e, mais uma vez, Sodré chama a atenção para a lacuna produzida pela falta de leituras interpretativas em detrimento das narrativas (história vertical x horizontal), tecendo

⁴⁵⁵ Sodré. Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 320.

⁴⁵⁶ Iglesias. Francisco. *Historiadores do Brasil...* op. cit., p. 214.

⁴⁵⁷ Uma análise dessa obra e de algumas edições subsequentes objetivando a compreensão das várias fases do pensamento de Sodré entre a partir da 1ª edição de 1945 a 5ª edição de 1976, pode ser encontrada em Gaio, André Moysés. *Uma teoria da Independência...* op. cit., p. 55 e ss.

comentários analíticos sobre autores e obras em um amplo arco ideológico⁴⁵⁸. Vimos que não é uma novidade em sua crítica literária, mas apreende-se ainda, pelas referências bibliográficas, que o autor sugere que operava na mesma linha do *ecletismo teórico* característico de uma fase de transição. Nesse caso, não é coincidência que esta ocorra conjuntamente à elaboração da *Formação da Sociedade Brasileira*. Se, por um lado, a explicação está associada à própria trajetória intelectual de Sodré; por outro, fora um livro em grande medida elaborado ainda naqueles tempos da Bahia (1943/1944) e, portanto, em uma fase onde o diálogo com o pensamento marxista ainda era mais que embrionário e com poucos suportes teóricos disponíveis⁴⁵⁹, exceto por Caio Prado Júnior. Tanto é que essa 1ª edição se apresenta como um diferencial significativo em relação à 2ª edição; a inexistência da seção *A Revolução Brasileira*, presente somente a partir desta última, já no ano de 1960⁴⁶⁰. O momento de sua publicação (1945) é, segundo entendemos, um momento diferenciado, na medida em que este último já aponta para a nucleação de suas vocações intelectual e profissional mediadas pela política. Por essa razão, em que pesem os aspectos positivos (e são muitos) situamos o livro na mesma condição de tensão e limites intelectuais verificados quando da elaboração de *A Formação da Sociedade Brasileira*, ou seja, no momento da publicação já se apresenta um outro Sodré.

Há um outro aspecto que deve ser ressaltado. Percebe-se que, independente dessa influência específica na obra do autor, existe no espectro ideológico do período, outra mediação seguramente correlata, que não está muito claramente codificada em suas memórias, mas bem perceptível em seus livros e artigos: o *Realismo Socialista*. Ponderemos sobre a efetiva possibilidade dessa influência em suas reflexões, em particular, valorizando os aspectos centrais que nortearam essa concepção. Vale destacar que, houveram 04 fases históricas significativas: o *Prolekult* (1920-1932), o *Realismo Socialista de Gorki* (1932-1936), o *Realismo socialista de Stalin e Zdanov* (1936-1954) e, por fim, o *Realismo socialista pós 20º Congresso* (pós 1956), todas advindas das influências internacionais, caracterizadas principalmente pela antinomia capitalismo e socialismo, socialismo e fascismo.

⁴⁵⁸ Recorro a alguns expoentes citados entre a 1ª, 2ª e 5ª ed. da tese de Gaio como: Varnhagem, Capistrano de Abreu, O. Vianna, Azevedo Amaral, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, Caio Prado Júnior.

⁴⁵⁹ Netto, José Paulo in *Apresentação* da reedição de *O Naturalismo no Brasil...* op. cit., p. 26.

⁴⁶⁰ Gaio, André Moysés. *Uma teoria da Independência...* op. cit., p. 76.

Mas, um segundo aspecto que veio a permear todas essas fases históricas do *Realismo Socialista*, e que também, ao longo de sua história, apresentou inegável coerência ideológica, pode ser contabilizadas em grande medida, ao fato de que esta concepção esteve condicionada às proposições e (re)definições relativas às criações artísticas advindas do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), e, nesse sentido, foi um aspecto significativo que permeou a produção literária de vários intelectuais do período, inclusive no Brasil. Há, seguramente, uma considerável polêmica sobre o significado dessa influência entre nossos escritores⁴⁶¹, bem como qual foi a sua real dimensão, mas com certeza, a reavaliação crítica contemporânea, os condiciona a alguns argumentos demolidores como: a falta de abrangência e profundidade, o preconceito estético, e, principalmente, os vieses ideológicos e partidários presentes. O caso exemplar para ilustrar o nosso debate, é o de Jorge Amado, amigo e referenciado por Sodré como um dos intelectuais presentes em *Orientações do Pensamento Brasileiro*, e que, alguns analistas polemizam nesta linha de argumentação, ou seja, a de que existe uma coerência ideológica a permear a produção literária de sua obra, que é, oriunda e baseada no PCUS e suas proposições e definições relativas a criação artística⁴⁶².

No entanto, em que pese essa breve introdução, retomemos a terceira fase do *Realismo Socialista* que nos interessa diretamente, a de *Stalin e Zdanov* (1936-1954), fase esta sintomática, particularmente em razão dos escritores serem entendidos e orientados a serem construtores de almas humanas, ao que parece, seguindo a máxima de Marx e Engels que afirmaram em 1845: *os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo*.⁴⁶³ Nesse particular, não há como não percebermos, em alguma medida, que o *Realismo Socialista* influenciou ou mesmo, foi determinante na reflexão de Sodré naquele período de transição, principalmente, nessa terceira fase que nos interessa, fase esta que aconteceria sob a égide de um explosivo combustor: *a Guerra Fria*. Vamos por partes.

⁴⁶¹Sobre essa polêmica, ver Moraes, Dênis. **O Imaginário Vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994, Cerqueira, Nelson. **A política do partido comunista e a questão do realismo em Jorge Amado**, Fund. Casa de Jorge Amado, 1988 e Assis Duarte, Eduardo. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**, Natal, Ed. UFRN, 1995.

⁴⁶² Cerqueira, Nelson. **A política do partido comunista e a questão do realismo...** op. cit.

⁴⁶³ Marx, Karl; Engels, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Moraes Editora, 1984, p. 111.

Podemos inferir que essa influência, pode ser corroborada em várias passagens de sua reflexão teórica, especialmente, quando levantamos algumas de suas colaborações como intelectual e com certeza, podemos concordar que, a partir dela, é um autor que está inserido nesse arco revolucionário do modernismo. O ensaio intitulado *O Post-Modernismo*⁴⁶⁴, é, com certeza, um exemplo ilustrativo dessa influência, e em particular, dessa influência fásica do *Realismo Socialista* em sua reflexão teórica, seja pela sua intervenção como intelectual na pecebista *Revista Literatura*, mas também, como conta Dênis Moraes⁴⁶⁵; pela análise desenvolvida, que insere o ano de 1930 e não 1922, como ponto de partida dos vários autores associados em uma concepção de literatura participante. Nesse caso, Moraes identifica Sodré no arco de influência do modernismo revolucionário, na medida que, o ciclo regionalista se caracterizaria para o autor nesse ensaio, a partir do momento em que toda uma geração de romancistas nordestinos acoplavam, ao projeto estético às denúncias das injustiças sociais. É, sem dúvida, uma concepção de ruptura, já que nesse mesmo ensaio, o historiador aponta que o ciclo regionalista se tornaria um marco do pós modernismo, e que: *tudo que ficou para trás é uma espécie de protto-história, confusa e desordenada.*⁴⁶⁶

De qualquer forma, a influência do *Realismo Socialista* também se apresentou de outras formas em sua trajetória. Acredito, que não era uma colaboração que deixasse de despertar polêmicas de várias ordens, face ao amplo arco ideológico que se estendia entre os muitos periódicos em que intervinha, até porque elas refletiam um novo posicionamento militante e que pôde inclusive ser expresso em algumas curiosidades literárias que já sinalizavam um novo intelectual político. Por exemplo, paralela à apreensão de novos referenciais teóricos, não entendo como uma coincidência o prefácio de *Napoleão*, livro de E. Tarlé,⁴⁶⁷ autor Soviético até então desconhecido no Brasil, e para ele próprio, e de cuja tradução estiveram encarregados Jorge e James Amado. Seria essa uma tarefa partidária? Não se pode afirmar de forma conclusiva, ainda que Sodré tenha feito a ressalva de que, conjuntamente com o autor prefaciado, ele igualmente se utilizou do materialismo histórico nesse esforço teórico. Sem dúvida, poderia ficar no ar a questão. Por quê?

⁴⁶⁴ *Literatura*. out. 1946. (p. 120 a 125).

⁴⁶⁵ Moraes, Dênis. *O Imaginário Vigiado...* op. cit., p. 157 e ss.

⁴⁶⁶ *Literatura*. out. 1946. (p. 120 a 125).

⁴⁶⁷ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor...* op. cit., p. 355.

Por um lado, se a sua condição de militar tornava-o o prefaciador ideal, quanto mais naquela ocasião em que já era um escritor e crítico literário de prestígio; por outro lado, poderia ser uma tarefa partidária, na medida em que já havia coerentemente assumido uma posição de compromisso político como intelectual, confirmada nas *entre linhas* da correspondência crítica com *Edgar Cavalheiro* (ou em seus artigos do período) e, nesse caso, ensaiava uma (muito discreta) militância relacionada à sua vocação profissional.⁴⁶⁸ Mesmo levando em conta essas possibilidades, observa-se que o momento era de maturação intelectual e reavaliação teórica e, por que não dizer, preâmbulo de sugestivos ensaios políticos, que, como veremos, não se configuram somente em seus episódios mais conhecidos daí a alguns anos, como o de sua participação no *Clube Militar*. Mas igualmente, percebe-se que, já não cabiam, para o autor, indefinições teóricas pequeno burguesas que tanto veio a criticar posteriormente, até porque ele já era um historiador marxista em rápido processo de amadurecimento teórico, com uma condição intelectual discreta mas quase militante que, apresenta-se coerentemente na linha de argumentação do debate historicista desenvolvido por Lowy e por nós proposto.⁴⁶⁹

Um diálogo a partir de novos referenciais

Um primeiro exemplo ilustrativo dessa nova etapa vocacional apresentou-se com a possibilidade de escrever para o *Diário de Notícias*, periódico que tinha uma certa penetração nas unidades militares. O historiador não escondeu a satisfação de registrar em suas memórias o positivo significado daquela proposta, particularmente ao poder escrever, poder *dizer-lhe algumas coisas*. Através dos artigos, pôde criticar aspectos variados como os relacionados ao ensino, mas, principalmente, alertar os militares para (e contra) o ressurgimento do *fascismo* no país. Teria início, nesse momento uma das principais tarefas de sua vocação intelectual; a tarefa de (in)formar os círculos militares sensíveis à propaganda ideológica conservadora e de direita, e que veio a ser uma constante nos

⁴⁶⁸ Entrevista com um militar que preferiu o anonimato com o autor deste trabalho na data de 20 de janeiro de 1999.

⁴⁶⁹ Lowy, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen...* op. cit., p. 64.

períodos subsequentes⁴⁷⁰. Nesse caso, Sodré pôde (por um tempo) desenvolver colaborações com várias revistas militares, aparentemente, sem resultados significativos, dignos de menção ou até mesmo de recordação.⁴⁷¹

Naquele período, podemos perceber que a própria crítica literária já estava acompanhada de um novo posicionamento político e pautada em novos referenciais analíticos e teóricos. Mas principalmente éticos. Um exemplo de artigo esclarecedor dessa postura é a retomada de crítica literária no *Correio Paulistano*, no ano de 1946, quando analisa o período anterior. Nessa nova fase, o artigo intitulado *Retorno*⁴⁷², ele quase desculpava pelas limitações com que o exercício de crítica se apresentava, em razão do particular cenário político vigente até 45, que então passou a caracterizar sem outros adjetivos menores, como fascista, com até um aprimoramento nazista. O trabalho inclui, nesse sentido, algumas caricaturas do Goering de plantão (provavelmente ele se refere a Dutra?), entre outras pérolas. Mas não é só. Sua leitura do papel da literatura e do escritor como expressão de época já sugere que operava com autores marxistas, e, também fosse um leitor do que denominou textos de agitação (manuais e textos do partido), que admite, eram de um cunho científico débil. Não está claro se este último material pode ser elencado como uma espécie de amostra de sua primeira aproximação com o marxismo soviético entre outros clássicos, ainda que tal possibilidade não possa ser descartada, ao menos nesse particular momento.

Concretamente, o historiador foi um leitor assíduo dos intelectuais russos naquela ocasião, mas esta não foi a única fonte teórica que absorveu ao longo de sua trajetória. Vale o registro de que os autores soviéticos que deram origem às famosas coleções de *Fundamentos do Marxismo leninismo* (em geral, manuais publicados pelo Instituto Marx e Engels em Moscou), das quais seguramente Sodré se inspirou para realizar a série intitulada *Fundamentos*⁴⁷³ nos anos 60, tem características bem diferenciadas na versão nacional,

⁴⁷⁰Os artigos em periódicos nacionalistas com pseudônimo nos anos de 1956 até 1962, sempre que as forças armadas estavam no cerne da questão política e que Sodré assinava como *Observador Militar* no *Última Hora* ou como *Coronel X* no *Jornal O Semanário*.

⁴⁷¹A Revista Militar Brasileira, Defesa Nacional. Sodré, Nelson Werneck. **A Luta pela Cultura..** op. cit., p. 26.

⁴⁷²Retorno. *Correio Paulistano*. 17 mar. 1946. (p. 15 a 17).

⁴⁷³Sodré, Nelson, Werneck. **Fundamentos do Materialismo Dialético**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968; **Fundamentos da Estética Marxista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968; **Fundamentos do Materialismo Histórico**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968; **Fundamentos da Economia Marxista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

como por exemplo, a incorporação de verbetes clássicos de Marx, Engels, Lênin, bem como a incorporação de autores ausentes no primeiro, como Lukács, Gramsci, Goldmann entre outros. É um trabalho singular e, ao que parece, com fins pedagógicos e de formação (*stritu sensu*) bem distintos, até porque, ao contrário da série russa, o autor não apresenta os verbetes como comentários, uma característica marcante daquela versão e sim, procurou incorporar os autores clássicos no original. Mas, a influência de autores soviéticos daquela escola nas suas reflexões é inegável, e, pode ser facilmente observada pela presença de vários deles como referência teórica nos *Fundamentos* da série nacional (Afanassiev, Tuchinov, Yajot, entre outros), em que, as citações elencadas, estão no mesmo patamar teórico dos demais clássicos apontados, advindas em grande medida, de edições francesas e espanholas dos anos 60. A polêmica é fecunda e a meu ver, não se esgota com essas ponderações.

Recorreremos mais uma vez, a alguns postulados sobre o significado daquelas influências entre os intelectuais e particularmente, no autor. Segundo Gildo Marçal, naquele período, a influência do marxismo soviético suplantava qualquer outra influência teórica no horizonte intelectual das gerações dos militantes e dos dirigentes comunistas. Para Brandão, é um aspecto facilmente perceptível com uma visita às bibliotecas daqueles dirigentes, fato este que comprova que, suas leituras e suas categorias mentais eram principalmente russas, ainda que pontue que antes de 1945, também já poderiam ser observadas naquelas estantes, algumas outras influências teóricas como a francesa e italiana. No fundamental, ressalta que a educação teórica e militante se estabelece a partir das linhas gerais do kominform⁴⁷⁴. É uma leitura interessante, factível de ser considerada, mas entendo que não podemos contabiliza-la de forma geral. Há outras possibilidades interessantes de apreender a questão.

Na leitura de Dênis de Moraes⁴⁷⁵, a influência da terceira fase do *Realismo Socialista* (1936-1954) no Brasil já se encontra próxima ou mesmo sob a égide do que denominou *Imaginário Vigiado* (1947-1953), ou seja, aquele particular momento em que constitui-se um novo paradigma cultural, exacerbados até a medula, pelas paixões desenfreadas pela Guerra Fria. A influência de Zdanov e o stalinismo, refletiu segundo ele, dolorosamente na produção literária do período, até porque, os intelectuais pecebistas, na ânsia de conciliarem os desejos libertários, acabaram, sem dúvida, legitimando involuções

⁴⁷⁴Brandão, Gildo Marçal. *A Esquerda Positiva...* op. cit., p. 223.

autoritárias e claramente repressivas. Moraes, no entanto, faz uma ressalva: vários autores se embrenharam no fechado círculo dos regulamentos partidários movidos pela sinceridade do idealismo revolucionário⁴⁷⁶. Há ainda, um outro aspecto. Na medida que o dogmatismo decorrente florescia no PCB, um dilema atroz se impôs a muitos intelectuais, ou seja: a afinidade no plano filosófico (no sentido da antevisão de uma sociedade igualitária) e o desconforto com a necessidade de adesão à orientação política, como o momento exigia. Por esta razão, apesar das muitas tentativas, o consenso não foi estabelecido, e, nesse caso, entendo que não foram todos os intelectuais que podem ser enquadrados nessa camisa de força teórica, como também político-partidária. Discretamente, com cautelas, Sodré foi seguramente um deles, ainda que, com toda certeza, também não ficou isento das influências dessa fase. E por quê ?

Sua reflexão do período, além de incorporar esse tipo de leitura panfletária comum, já sugeria, por algumas pistas, à presença de clássicos do marxismo e nesse sentido, entendo que o historiador inicia essa fase revisitando autores de seu conhecimento de juventude como Plekhanov e Lênin que, sem dúvida, remetem ao eixo explicativo de vários de seus artigos, particularmente com relação ao seu papel do escritor. Por um lado, são aspectos passíveis de constatação em seu conteúdo pela apreensão dos vários verbetes relacionados na publicação de seu (auto) roteiro posterior de leitura, presente nos *Fundamentos da Estética Marxista*⁴⁷⁷. Por outro lado, quando apreendemos essas observações e as confrontamos com as análises de seus artigos e as posturas políticas futuras, particularmente em relação ao *Congresso dos Escritores*, (objeto de nossa atenção no próximo capítulo), acredito que o autor não pode ser contabilizado à esfera determinada partidariamente do *Imaginário Vigiado*, que influenciou de forma marcante outros disciplinados intelectuais como Astrojildo Pereira, tendo por uma exceção à regra mais do que significativa, Graciliano Ramos⁴⁷⁸. Ambos intelectuais foram influências marcantes em Sodré em sua rotação à esquerda e, diametralmente opostas entre si quanto à apreensão daqueles postulados políticos e partidários. Mas com certeza, a identidade política e teórica sobre essas questões, o aproximavam bem mais deste último na condição do intelectual e

⁴⁷⁵ Moraes, Dênis. *O Imaginário Vigiado...* op. cit.

⁴⁷⁶ Idem, p. 20.

⁴⁷⁷ Sodré, Nelson. Werneck. *Fundamentos da Estética Marxista...* op. cit.

⁴⁷⁸ Moraes, Dênis. *O Imaginário Vigiado...* op. cit., p. 205 e ss.

suas vocações, seja quanto a elaboração de sua obra, seja quanto a sua atividade política. Polêmicas a parte, vamos a essa tentativa de análise e procurar apreender o grau de dimensão em que o autor esteve influenciado por este imaginário contextual.

Retomando ainda o artigo mencionado acima, *Retorno*, diga-se de passagem, muito valorizado em suas memórias⁴⁷⁹, ele chama a atenção para os aspectos de um sistema de produção colonial, e alerta para a *inquietação das massas*, que é algo novo e que pode efetivamente representar uma incorporação à literatura do referencial analítico marxista, e, em alguma medida, referências partidárias⁴⁸⁰, que, a partir de então, se fará presente cada vez mais em seu vocabulário crítico. O *povo*, como objetivo-fim do escritor, é algo que está presente nesses artigos e encontra subsídio nesses referenciais, nos quais, podemos perceber algumas inflexões leninistas marcantes. Como Sodré ressaltou, era uma fase que se iniciava e significava, antes de tudo: *uma insistência preliminar na fixação de rumo, na marcação do campo, na caracterização da tarefa, tinha razão de ser.*

Não é de se surpreender que o historiador também se manifeste em artigos do período sobre alguns problemas que começavam a ganhar a ordem do dia, como o foi caso de *Reforma Agrária*.⁴⁸¹ Vale destacar que não se tratava de um fato isolado no desenrolar de uma reflexão, que se iniciava em um contexto de rápida transformação em um Brasil que então se dava a conhecer de fato, mas o essencial são as novas categorias que se apresentam nos artigos subsequentes e quiçá com algumas conclusões e reavaliações do materialismo histórico, até então pautado em uma visão economicista ou mesmo vulgar. Nesse caso, em *Invenções e o Progresso*, percebe-se que o historiador já sugeria a apreensão de autores e categorias do materialismo dialético, ainda que de uma forma gradual e embrionária, apresentando-se como uma possibilidade alternativa de superar uma visão determinista

⁴⁷⁹Sodré, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura...* op. cit., p. 19 e *Retorno*. *Correio Paulistano*. 17 mar. 1946. (p. 15 a 17).

⁴⁸⁰Dênis de Mores em pesquisa nos vários periódicos do PCB, levanta pelo editoriais e artigos, um conjunto de frases constantemente presentes como sendo exaltações dos comunistas: *Forças democráticas, lideranças classistas, opinião pública democrática, inteligência política das lideranças, todos os democratas, democratas verdadeiros, sinceros patriotas, lideranças máximas, correntes progressistas, forças políticas consequentes, maioria esmagadora das forças políticas, a massa do povo brasileiro, lideranças políticas mais responsáveis, a esquerda consequente, soldados das grandes batalhas, vanguarda da classe operária, combatentes, destacamento avançado da classe operária, protagonistas ativos da frente democrática*, entre outras frases, algumas delas presentes nos artigos de Sodré do período. Moraes, Dênis. *O Imaginário Vigiado...* op. cit., p. 92 e ss.

⁴⁸¹*Reforma Agrária. Jornal de Notícias*. 12 maio 1946. (p. 31 – 32).

econômica que era praticamente absoluta e que o capacitaria a enfrentar novos desafios teóricos no futuro. Em uma passagem crítica, pontuou que:

*Os métodos de produção se transformam não somente devido as razões econômicas, mas também a causas intelectuais, que nem sempre se originam quando as exige a situação econômica.*⁴⁸²

Paralelos a essa nova perspectiva metodológica, os artigos do período apresentam uma outra novidade conceitual, a categoria *causalidade* que, de certa forma, nos possibilita sugerir as influências e a orientação teórica do autor. Vale à pena reproduzir uma passagem do artigo:

*Daí não desconhecer a proposta que, sem alteração fundamental neste plano, qualquer melhoria no sentido da democratização da cultura será mais ou menos inócua. Parece-nos, entretanto, que as palavras do segundo considerando, separando as causas de transformação dos métodos de produção em econômicas e intelectuais, estão em contradição, pelo formal, com a estreita ligação, que a proposta admite e aceita, em outros trechos, entre a estrutura de produção, como causa, e as manifestações culturais, como efeito. Estaremos debatendo, de ângulos opostos, uma verdade inteiriça que todos aceitamos? Não é o que se desprende das palavras transcritas, onde, ao contrário, se não nos enganamos, até mesmo por aquele 'nem sempre', divorciam-se duas peças do mesmo sistema, aparentemente diversas e nem sequer idênticas, mas hoje admitidas como binômio indissolúvel, em face das mais recentes conquistas da investigação e como consequência de método analítico surgido no século XIX. Não é necessário mais, sem dúvida, pertencer ao materialismo ortodoxo, para compreender a unidade causal dos fenômenos sociais, embora seja também fundamentalmente a multiplicidade de suas manifestações...Porque a verdade essencial, parece-nos, é que cada época, cada meio, cada grupo – para empregar uma linguagem ortodoxamente mais sociológica – busca, encontra, proporciona os instrumentos necessários aos seus impulsos. Essa busca é, certamente, inconsciente. Mas a relação causal, vista na perspectiva admitida por rigoroso método de análise histórica, existe, e é clara.*⁴⁸³

⁴⁸² Sodré, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura...* op. cit., p. 30.

⁴⁸³ Idem. pág. 30/31.

Seguindo essa linha de argumentação é que podemos inferir que essas são análises críticas pautadas principalmente nos clássicos marxistas, sinalizadas nos trabalhos de Engels, Plekhanov e principalmente Lênin⁴⁸⁴, na medida em que o material teórico disponível de outra ordem eram textos de agitação e cunho científico débil. Mas de que forma podemos fundamentar essa hipótese?

Ainda que Nelson Werneck Sodré não apresente muitas de suas fontes em sua memorialística, podemos inferir, a partir das citações bibliográficas utilizadas para a elaboração da série *Fundamentos* por ele organizada e da data das edições dos clássicos apontadas nessa coletânea, meios de corroborar nossa hipótese. Acredito que possamos verificar a influência metodológica de Engels e Lênin, comparar o influxo teórico dessa propositiva a essas fontes e também explicitar o arco teórico a cujo traçado o autor dava início. A rigor, acredito que possamos nos valer desse recurso em relação ao autor, face à sua (re)conhecida capacidade de organização e a seu particular método de trabalho intelectual, pautado, ao longo de sua vida, por uma rígida disciplina militar, em que podemos encontrar o exemplo mais significativo para corroborar esta hipótese. Além disso, podemos também contar com sua trajetória vocacional intelectual e com seu arquivo pessoal⁴⁸⁵, opinião essa que não é somente minha, mas partilhada por muitos intelectuais e interlocutores⁴⁸⁶. Vamos tentar explicitar o quadro teórico com o qual procuraremos operar e apontar as linhas gerais desenvolvidas nesta época.

As leituras do materialismo dialético ainda mencionadas na série *Fundamentos* remontam a esse período, e sugerem o conhecimento de várias edições, em línguas estrangeiras, de alguns autores em particular. Engels e seu *Ludwig Feurbach y el Fin de la*

⁴⁸⁴É factível essa possibilidade, não somente pelo fato de Lênin ter sido uma das primeiras leituras de Sodré, mas também era, naquilo que Moraes denominou como *O Espelho Leninista*, ou seja, uma influência marcante ao longo de toda história do PCB, seja no nível de educação, da organização e propagação das idéias do partido. Moraes, Dênis. *O Imaginário Vigiado...* op. cit., p. 58 e ss.

⁴⁸⁵Neste exemplo vale pontuar que no seu *Arquivo Pessoal*, doado à *Biblioteca Nacional*, estão presentes todos os artigos desde os anos 30 até os mais recentes, como também programas de curso, documentos, minuciosamente organizado e catalogado pelo próprio autor. Talvez possamos pontuar uma lacuna maior em relação às cartas, que supõe-se, várias foram suprimidas por razões de segurança.

⁴⁸⁶Por entender que algumas opiniões fornecem pistas interessantes para o entendimento do autor quanto ao método que trabalha e são balizadoras desta hipótese e desta questão, vale a leitura de uma passagem do editor de Sodré, Ênio da Silveira: *É um homem que, como militar, ao contrário de nós, civis, que somos pouco dispersivo, bota uma idéia na cabeça e vai até o fim, atravessando qualquer obstáculo*. Toledo, Caio Navarro (org.) 1964: *Visões críticas do Golpe...* op. cit., p.154. Também Netto, José Paulo in *Apresentação da reedição de "O Naturalismo no Brasil"...* op. cit./ Konder, Leandro. *Intelectuais Brasileiros &*

filosofia classica Alemana, (Buenos Aires) é do ano de 1946; além desse, são citados vários trabalhos de Lênin em espanhol, como também está mencionada toda uma edição de suas Obras Completas (35-40) e Escolhidas (edição de 1948), além de vários trabalhos sem data. Marx, ao que parece, foi lido principalmente em francês (Ouvres Completes), em uma edição de 1949 (ainda que haja citações do ano de 1934), embora a literatura de muitos desses clássicos já apresentasse, na ocasião, algumas traduções em português. Plekhanov é citado em francês, a partir de uma edição de 1947, ainda que Sodré mesmo já tenha mencionado o conhecimento do autor, conjuntamente com Lênin, desde os tempos da *Escola Militar*. São pistas elucidativas de uma hipótese, mas é possível que este tenha sido o arco teórico marxista clássico inicial com que operou e que foram suportes importantes naquela fase de transição em que enfrentava novas experiências, residindo entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Mas ainda há outras pistas.

Na continuidade memorialística que caracteriza o período pós 45, o historiador recorda, mais uma vez, Astrojildo Pereira, dedicando-lhe generosas páginas e, procura recolocar ao público leitor algumas passagens relacionadas às suas atividades como escritor e militante comunista. Mas não seria casual a dimensão na qual ele resgata esse autor nas páginas da 2ª fase de sua memorialística publicada nos anos 90, que é bem diferenciada da primeira, *Memórias de um Escritor*, publicada em 1970. Eram outros tempos, e por essa razão, *A Luta pela Cultura* é um texto mais explícito e oxigenado quanto às informações tornadas disponíveis, ainda que não tão bem construído quanto às memórias da 1ª fase. Nesse sentido, está implícito, de que ele aponta Astrojildo Pereira (conjuntamente com Graciliano Ramos) como um elemento mais de que importante em sua rotação à esquerda. As pistas sugestivas nesse trabalho já aparecem através de vários sinais que não estão tão camuflados e que confirmam (ou sugerem) nossa leitura, de que aqui transparece a preocupação de demonstrar cautelosamente, diga-se de passagem, o seu novo posicionamento político à esquerda. Por um lado, existia uma forte interlocução literária que se revelava, ao mesmo tempo, política. Sodré sempre foi um entusiasta da atuação política do veterano escritor, desde a sua atuação no *I Congresso de Escritores*, além do mais, Astrojildo fora o fundador do PCB, tendo sido excluído injustamente e, apesar disso, portado-se com singular dignidade. Naqueles anos de 46, fundaria e dirigiria por tarefa do

Marxismo no Brasil... op. cit., e a apresentação de Ivan Alves Filho in Sodré, Nelson Werneck. **Tudo é**

partido a *Revista Literatura*⁴⁸⁷, procurando torná-la um instrumento amplo e democrático, ao qual Sodré não se furtou em participar, contribuindo com um ensaio intitulado *O Post-Modernismo*⁴⁸⁸.

Naquele contexto, seguramente, a participação do historiador na revista *Literatura* representava um compromisso intelectual mas, principalmente, político e partidário, já que, como foi mencionado, o artigo, conjuntamente com o projeto da revista, confirmam algumas das influências marcantes da terceira fase do *Realismo Socialista*. Acredito que também não seria uma coincidência o fato dele receber material propagandístico do PCB para as eleições de janeiro de 47, informando sobre um programa mínimo e uma chapa de candidatos encabeçada por nada menos que seu amigo Astrojildo Pereira⁴⁸⁹ e, claro, pedindo seu apoio. O prospecto fazia a questão de ressaltar que até *ignorava suas opiniões políticas*, mas ressaltava que face à sua condição de patriota e democrata, não iria hesitar no apoio àquela coligação. É bem mais que provável que o autor não tenha sido o único intelectual a receber esse material e sim, que estivesse incluído em um grupo bem maior de apoiadores que, pode-se garantir, extrapolava a esfera estritamente partidária. Para os camaradas, no entanto, era uma tarefa de fato, como foi o caso de Graciliano Ramos que, apesar de candidato, sem qualquer entusiasmo, a deputado Federal em Alagoas, e concorrendo sem sair do Rio de Janeiro também foi chamado ao apoio. Graciliano contribuiu com uma enorme satisfação para a disputa do companheiro de letras⁴⁹⁰. De todo modo, vale ressaltar a forma curiosa como essa passagem foi exposta em sua memorialística, ou seja, como um aspecto relatado e finalizado da mesma forma como muitos outros menos importantes, sem maiores considerações ou observações, como que deixando ao leitor as conclusões a tirar. Ou seria somente para marcar uma posição ?

Política: 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré... op. cit.

⁴⁸⁷ Astrojildo Pereira: *Memória e História*... op. cit., pág. 37 e Sodré, Nelson Werneck in *Meu amigo Astrojildo Pereira* in Feijó, Martin C. *Formação Política de Astrojildo Pereira*... op. cit., p. 7.

⁴⁸⁸ *Literatura*. out. 1946. (p. 120 a 125).

⁴⁸⁹ Sodré, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura*... op. cit., p. 51.

⁴⁹⁰ Moraes, Dênis. *O Velho Graça: Uma Biografia*... op. cit., p. 235.

O imperialismo: o desafio de sua apreensão

Naquele ano de 1947, Nelson Werneck Sodré começava a servir em São Paulo, e, uma singular experiência, a partir de um estágio sobre *comunicações*, forneceu-lhe subsídios para uma leitura histórica sobre vários aspectos correlatos ao quadro nacional. Como ele mesmo conta, procurando *passar do universal ao particular*⁴⁹¹, teria nessa práxis, advinda de intensas viagens ao interior do Estado de São Paulo, uma situação similar àquela experiência da campanha de Mato Grosso, e que possibilitaria uma segunda reflexão, na qual enfrentaria dilemas teóricos associados à estrutura colonial brasileira e à decorrente presença do imperialismo. O estudo, também possibilitaria novos subsídios à sua leitura nacionalista. Na verdade, essa nova reflexão teve início a partir de uma particular compreensão da campanha do Petróleo, o estudo das *comunicações* e seus condicionantes internos e externos, entre outras descobertas desconcertantes que vieram a tona no período (o caso da *Light*), fatores esses que possibilitaram o autor a ter clareza de que a problemática do nacionalismo se apresentava osmoticamente à intervenção imperialista. Poderia, sugerir uma leitura de teses partidárias, mas entendo que a sua leitura é também correlata à essa questão.

Vamos por partes para uma aproximação de nosso argumento temático. A campanha do Petróleo teve início quase simultaneamente ao mandato de Eurico Gaspar Dutra, e logo receberia os influxos diretos da Guerra Fria. Seus membros seriam difamados, espancados e, principalmente, na condição de patriotas, acusados de subversão ou de serem comunistas. Presenciar militares e civis de reputação ilibada serem vilipendiados em sua honra por defenderem o monopólio estatal era algo que feria, os seus princípios éticos mais elementares, particularmente, aqueles de um ainda e sempre *tenente*. Aquele governo era também uma das expressões resultantes e visíveis de uma política que, em grande medida, dilapidava as reservas nacionais acumuladas ao longo da guerra e reprimia ferozmente tanto o movimento popular como o intelectual.

Por outro lado, verificar que a campanha de difamação partia de membros encastelados no próprio governo, financiada e direcionada para favorecer os interesses dos capitais estrangeiros, resultou igualmente num particular significado. E com curiosas

⁴⁹¹ Sodré, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura...* op. cit., p. 52.

ambigüidades, difíceis de explicar, até para os incautos. Mesmo quando o petróleo foi encontrado a Bahia, a campanha *entreguista* não diminuíra, e sim, com os mesmos fins, propugnava uma política anti-nacional que, em última instância, poderia significar a possibilidade de o país avançar na superação do atraso. O historiador já enxergava que era um governo pautado em uma aliança do atraso (o imperialismo e seus aliados internos do latifúndio) a qual os *tenentes* combateram por décadas. Eram esses os condicionantes políticos de fundo a substanciar sua reflexão teórica.

Concretamente, apesar da desses fatos e da repressão, o autor mesmo recorda que a campanha do petróleo ganhou as ruas, conseguiu apelo popular e, aos poucos, foi ganhando adeptos em todas as esferas da sociedade, particularmente entre os militares e, através deles, do Clube Militar. A instituição veio mais uma vez, a se configurar novamente um apaixonante palco de debates, onde inimigos de outrora, como o ex. Presidente Arthur Bernardes, confraternizaram-se naquele presente com o objetivo comum da defesa das riquezas nacionais e de um projeto nacional. Também, a partir desses acontecimentos, o *Clube Militar* (re)adquire um caráter político, em que, as eleições de suas diretorias passariam, como no passado, a refletir projetos nacionais bem como a influir decisivamente nos rumos do país. Nesse quadro acima descrito, é que percebemos que Sodré, à sua maneira, não esteve ausente daquela polêmica e de uma intervenção.

No ano de 1948, aparece um de seus artigos mais significativos sobre Monteiro Lobato⁴⁹², que antecede o debate que estava em curso no cenário nacional, bem como os embates futuros que estariam por vir. O artigo é contundente em vários aspectos, mas não deixa dúvidas quanto a seu caráter nacionalista, marcado também pelo tom político resultante do acontecimento da recente morte do escritor, quase que coincidentemente com a descoberta de petróleo no país. Mas, podemos apreender que, o artigo naquele ano é ante sala do embate *imperialismo x nacionalismo* que gravitava a olhos vistos nos círculos militares e ganhava contornos políticos importantes em nível nacional. Por seu lado, aqui ele recupera mais uma vez, a tendência de realizar a crítica política com contornos de crítica literária e motivos não faltariam para essa singular cautela. A eles, voltaremos depois; no momento, vamos a outras ponderações.

⁴⁹² Monteiro Lobato. *Correio Paulistano*. 11 jul. 1948. (p. 72).

Paralelamente, um outro ponto chamava atenção, e nesse particular remetia à questão da segurança nacional, perceptível em sua reflexão desde a publicação *D'oeste*: a internacionalização sugestiva e em curso, daquilo que se chamava a época de *Hiléia Amazônica*. O historiador aponta que causou clamor a legislação proposta referente a tal questão, que, em última instância, favorecia as empresas estrangeiras em relação aos nossos recursos naturais estratégicos. Eram questões que, mais uma vez, feriam os mais arraigados brios nacionalistas e que, ao ganhar o debate público, provocou mais uma vez, uma reação ideológica que caracterizava aqueles que lutavam contra a internacionalização de subversivos. Em que pesem os adjetivos, não é de se estranhar que pouco depois, também esse debate, viria a galvanizar a atenção do *Clube Militar*, e, a questão ganharia mais um fórum político apropriado. Mas não foram somente essas peculiaridades do momento político que o levaram a refletir sobre a questão do imperialismo no país; essa reflexão, já vinha de longe, desde os tempos da campanha do Mato Grosso, e era perceptível em muitos artigos sobre nossas riquezas minerais. Há outros aspectos e, naquele ano, percebe-se que essa temática teria uma singular fundamentação teórica em sua reflexão.

Como apontamos na introdução desse tópico, face às obrigações de estágio e necessidade de elaborar um trabalho acadêmico como exigência de seus estudos na *Escola de Estado Maior*, ele foi comissionado em São Paulo, e lá pôde iniciar uma fase de pesquisa sobre *comunicações*. Nessa etapa, conheceria militares de inegável caráter, como faz questão de ressaltar em suas memórias e, tão gratificante fora aquela experiência, que chegou a cogitar sua permanência na cidade findo o estágio. Mas qual era a razão desse entusiasmo? Para um historiador, aquele era o mapa da mina, mas, para um historiador marxista que buscava a essência da questão, não havia arquivo disponível melhor. Entre as pesquisas, mapas, tabelas, livros, etc., pôde compreender como o sistema ferroviário nacional estava dissociado como transporte das necessidades econômicas. O historiador também pôde ainda perceber, entre outros aspectos, os verdadeiros negócios da china que significavam alguns contratos como aquelas concessões paulistas a empresas estrangeiras e o quão lesivos eram para os interesses nacionais. Nessa pesquisa, compreendeu o significado e a força do imperialismo e as conseqüências dessa intervenção para o nosso desenvolvimento ao longo de gerações. Ao que tudo indica essas descobertas refletiram

politicamente como uma tarefa que se apresentava às suas vocações. Deixemos que ele próprio nos relate:

*Uma pesquisa histórica do transporte ferroviário nos ensinava – embora isto não estivesse explícito na documentação – como as penetrantes ferroviárias estavam em consonância com a estrutura colonial brasileira. [...] Alcançaram rapidamente, aquilo que o empresariado nacional não conseguia alcançar: extorsivo garantia de juros mínimos para o empreendimento – o que cancelava a hipótese de prejuízo, que, se houvesse, caberia ao governo brasileiro – e incrível privilégio na exploração ferroviária, monopolizada entre São Paulo e Santos, pela concessão de extensa, dos dois lados do leito da que construiria, na qual ficava proibida, por cem anos, a construção de outra ferrovia, isto é, ficava proibida a concorrência. Era o melhor negócio do mundo – isto é, um negócio da China – em que ficavam eliminados os prejuízos e a concorrência. Essas concessões, as mais lesivas que um governo, neste terreno, concedeu a empresas estrangeiras, durou um século, em termos redondos, escrupulosamente mantidas pelo concorrente...*⁴⁹³

Nessa passagem e nesses estudos em São Paulo, ficou claro para o autor, o significado da alteração da influência de uma metrópole por outra (inglesa para a americana) e, o descaso com o sistema ferroviário nacional em detrimento dos interesses rodoviários dos americanos e, conseqüentemente, em detrimento dos interesses do Brasil. Em outras palavras, compreendeu o significado do imperialismo em nosso contexto e na manutenção de uma situação, que, em suas análises desenvolvidas a partir de 1958, daria substância ao conceito de *neocolonialismo* como uma determinação central em sua obra. Perceberia ainda outras dimensões importantes nesse estudo, como o significado de um mercado interno e as conseqüências de sua relegação a um segundo plano. Enfim, um ponto nodal naquele período de Guerra Fria e uma conclusão:

*Foi no estudo objetivo dos problemas brasileiros concretos, o do transporte especialmente, que me convenci da justeza e do acerto, mais que isso, da necessidade, de lutar contra o imperialismo. Não fui convertido apenas pelos estudos teóricos, mas principalmente pela prática.*⁴⁹⁴

⁴⁹³ Sodré, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura...* op. cit., p. 58/59.

⁴⁹⁴ Idem, pág. 60.

De certa forma, era uma reavaliação significativa e consistente de uma leitura anterior. Se lembrarmos que desde os tempos das propostas sinalizadas quando da publicação *D'oeste*, atentamos para o quanto chamava a atenção para o problema ferroviário como sinônimo de segurança e integração nacional, associado à existência de mercado interno e, principalmente, como preâmbulo necessário à construção de uma nacionalidade. Não há como duvidar do significado desse estudo para a reelaboração de sua leitura de Brasil e, principalmente, o quão urgentes eram as tarefas. São elementos correlatos que gradualmente tendem a confluir para o que denominamos a *moralidade de um compromisso*, expressa no desafio político de uma participação militante no Clube Militar, e na campanha do monopólio estatal do petróleo. Ambas as questões serão componentes importantes na mediação de suas vocações pela política.

CAPÍTULO V

A Política como Mediação de Duas Vocações

Um Patamar Político Diferenciado

Tempos sombrios e desafios presentes

Sob novas bases teóricas

Novos referenciais teóricos à esquerda

Redefinindo posturas

A Ética do Compromisso

A esquerda militar

Pontuações de uma reflexão

A política como mediação

Um diálogo tenso

Ambigüidades de uma transição à esquerda

O encontro do intelectual revolucionário com o militante

A caminho do exílio: uma reflexão crítica

Ponto de chegada ou ponto de partida?

CAPÍTULO V

Não tenho razões de que me arrepende. Em todos os tempos combati o bom combate. (...) Espero que estas páginas encontrem a divisão natural de opiniões. (...) Todas foram motivadas pelas mesmas razões que me obrigam, ainda hoje, a escrever, que é minha forma de participar. Já disse alguém: quem não tem posição política não tem alma... Nelson Werneck Sodré⁴⁹⁵

Em resposta ao momento de crise que se avizinhava, tempos sombrios que não deixavam dúvidas quanto ao que estava por vir, observa-se neste período que Nelson Werneck Sodré já procura desenvolver uma militância intelectual engajada e comprometida, seja pela crítica de romances revolucionários como Seara Vermelha, de seu amigo Jorge Amado, seja pelos artigos em que teoriza a própria crítica literária. No entanto, perguntamo-nos qual seria a real dimensão desse engajamento e em que medida a política estaria mediando suas vocações.

Essa militância intelectual do autor, engajada e comprometida, não é fácil de ser comprovada, mas há indícios que nos permitem sustentar tal hipótese. Por um lado, podemos recuperar que o agravamento do quadro político nacional e internacional já sugerira o fechamento do regime brasileiro, como recorda Graciliano Ramos em conversas com Sodré. Ao que parece, não eram somente conversas isoladas entre amigos, eram também reuniões de avaliação entre os intelectuais, com a presença certa de Astrojildo Pereira. Apesar de estar morando em São Paulo, o que implicava dificuldades de várias ordens, não há dúvidas de que esses encontros fossem pautados pelas relações pessoais entre esses intelectuais, algumas dessas, eram, como vimos, relações anteriores a esse período. Naquela ocasião, eram seguramente mediadas pela política e não somente pela literatura, sendo que o partido já era o eixo norteador e programático de muitas daquelas conversas. Na verdade, era a sobrevivência do PCB como organização política que estava em jogo e, por decorrência, também estavam em questão as conquistas democráticas vigentes.

⁴⁹⁵Sodré, Nelson Werneck. **Tudo é Política: 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré ...** op. cit., p.8.

Um Patamar Político Diferenciado

Nesta fase, algumas pistas ilustrativas revelam até mesmo, já que naquela ocasião, a sua condição de comunista, como aquela que deixou escapar em entrevista a Dênis Moraes, confirmada em uma passagem (grifo meu) bem ilustrativa, como nos recorda o autor:

*O que nós achávamos do governo Dutra nem se pode escrever, são coisas impublicáveis. O governo dele foi uma calamidade pública. Percebíamos que o alvo da reação era o partido. Por temperamento, Graciliano tinha uma visão um pouco amarga das coisas, e naquele momento difícil transparecia nele grande apreensão pelo que poderia ocorrer. Afinal, ele tinha sofrido na carne os desatinos da direita ...*⁴⁹⁶

Graciliano Ramos estava com a razão e o resultado de sua avaliação, em grande medida, correto. A repressão não se fez esperar. O regime endureceu e os piores prognósticos foram confirmados. Mas, por outro lado, as reações de protesto e resistência não tardariam, com vários grupos a se articular, inclusive o dos intelectuais. E esta reação de resistência também se apresentou no caso de Sodré, aspecto que pôde ser observado em muitos de seus artigos, e desta vez, com um conteúdo político que foge à norma comumente cautelosa.

Podemos observar que é nessa entrevista a Moraes, mas igualmente em outros depoimentos memorialísticos, que Sodré chega a ser explícito quanto aos seus objetivos e propostas, e é nesse sentido que sua vocação intelectual sugere uma condição de engajamento surpreendente, especialmente face à sua condição de militar e escritor bem conhecido, ainda que não se compare à linha de exposição diametralmente oposta (seja pelo seu temperamento ou mesmo ainda pela cautela) desenvolvida, por exemplo, por seu amigo Graciliano Ramos. Ainda assim, naqueles ásperos tempos que se iniciavam, esta leitura indica que já havia uma militância política engajada entre os intelectuais, e, entre os militares. Por exemplo, naquela ocasião em São Paulo, o então jovem tenente Pedro Paulo Albuquerque, se recorda das recomendações de Sodré, que o alertava, conjuntamente a outros oficiais, para a necessária cautela que deveriam ter como militares no engajamento

⁴⁹⁶ Moraes, Dênis. **O Velho Graça: Uma Biografia...** op. cit., p. 235.

político, reuniões essas que também contavam com a presença do tenente comunista Walter Ribeiro, futuro membro do Comitê Central do PCB, hoje desaparecido⁴⁹⁷. É de supor que o historiador já participasse ativamente desse grupo do Anti-mil, ainda que esta militância fosse sempre discreta, uma característica do autor desde os tempos da *Escola Militar*

Tempos sombrios e desafios presentes

Entendo que à resposta à esta questão do engajamento político se apresente com a publicação do artigo *Tempestade*⁴⁹⁸, de 12 de junho de 1947, no *Correio Paulistano*. É um texto que o autor valoriza em suas memórias e que, expressa claros posicionamentos políticos, pontuados por interessantes colocações. Seu conteúdo, de certa forma, surpreende quando comparado aos artigos e mesmo às memórias de sua primeira fase como escritor até 45, face ao fato de sempre apresentar suas posições políticas com cautela e discrição, quando não chega a declarar a sua inexistência. Penso que, neste caso, algumas pontuações do artigo refletem um patamar diferenciado de compromisso, particularmente face ao grau de exposição com que se apresentam, ainda que não mencione qualquer vinculação partidária.

No entanto, acredito que não seja uma coincidência o apreço que ele manifesta por esse trabalho, na medida em que este também possa ser apreendido como uma manifestação pública que é reflexo de um outro fato correlato ou mesmo paralelo: a cassação do registro do PCB, em 07 de maio daquele ano, pouco menos de um mês antes da publicação de *Tempestade*. Talvez tenha sido escrito nos dias subsequentes ao ocorrido, mas em que pese as várias elucubrações, entendo, principalmente, que o conteúdo dessa análise política já reflita a condição militante ou de engajamento político que sugerimos neste trabalho. É provável que o artigo também apresente um duplo sentido revelador: por um lado, sinalizando para uma tomada de posição militante e, por outro, uma posição pública de protesto ou de alerta.

⁴⁹⁷Curiosamente, Walter Ribeiro, era também um oficial da arma de artilharia, a mesma de Sodré e seria um dos 09 membros do Comitê Central do PCB assassinados na repressão ao partido em 1974. Gorender, Jacob. **Combate nas Trevas...** op. cit., p. 233 e Depoimento do Coronel Pedro Paulo de Albuquerque Santos a Paula dos Santos. Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...** op. cit., p. 317.

⁴⁹⁸Tempestade. *Correio Paulistano*. 12 jun. 1947. (p. 68).

O artigo não foge à tradição de críticas anteriores, ainda que, nesse momento, os objetivos e o compromisso político já estivessem claros. O autor abusa de analogias e, mais uma vez, a crítica literária se exerce como crítica política. O título é sugestivo dos novos rumos políticos do país, em que se vê o recrudescimento do nazi-fascismo tupiniquim e percebe-se, pelos sinais *internos* (talvez se refira a cassação do PCB ?) e *externos* (guerra fria ?) que, nesse caso, vale inicialmente o sinal de alerta. Contudo, apesar de os nazi-fascistas estarem derrotados, segundo sua leitura, o quadro de então também reflete uma situação de desespero e uma tentativa de *sustar a aproximação do inevitável, a ruína de um mundo que deu o que tinha que dar*. A leitura sugere que o inevitável seria provavelmente a nova ordem socialista, advinda do prestígio de um dos blocos vitoriosos, a URSS, leitura esta pautada por um viés de determinismo histórico de que poucos intelectuais duvidavam naquela ocasião do pós Segunda Guerra e que acabou por se tornar um dos mais fortes argumentos utilizados ideologicamente pelo regime para o seu recrudescimento. No desenrolar do artigo, ele alerta mais uma vez para o fato de que, apesar do aparente sucesso inicial da repressão (provavelmente se refere a cassação do PCB e a repressão no plano interno), a aventura em curso será abortada pelas condições em que o mundo se encontrava no período: bem diferentes daquelas condições que propiciaram a aventura 37, o Estado Novo. O historiador profetiza que essa aventura (o governo Dutra?) *não durará a metade e conduzirá ao caos*. Retoma ainda alguns pontos esclarecedores que, face à conjuntura em curso, apresenta-nos um embrião da futura idéia de democracia *enquanto o novo mundo não define as suas orientações* e, nesse sentido, essa idéia se apresenta como uma necessidade mínima daquilo que chamou de fase de transição. O próprio conceito de democracia já adquire um caráter processual e dissociado de sua legalidade formal e sugere que ali já se encontra o embrião de sua concepção desenvolvida posteriormente no livro *Revolução Brasileira* dos anos 60, aspecto ilustrado nesta passagem:

Ninguém a ganhará para nós, ninguém a trará, acabada e perfeita, para que a usemos. Ela será conquistada pelo esforço de todos os brasileiros, todos os dias, por uma luta sem desfalecimentos, por objetivos parciais se irão firmando, pelo abandono sucessivo de tipos de organização e de figuras políticas tornados obsoletos com as normas atuais.. [...] a ausência de aparelhamento econômico do Brasil e o primarismo de seu sistema de produção tornaram nosso país campo propício a infiltração das

*aventuras mais disparatadas, a dos capitais estrangeiros que pretendem manter o colonialismo, a dos postulados políticos que pretendem o retorno da senzala...*⁴⁹⁹

Em relação às duas últimas colocações, o próprio autor nos desvenda alguns códigos utilizados e fornece a tradução de suas intenções com as analogias propostas, em que a afirmação: *capitais estrangeiros que pretendem impor o colonialismo* deve ser lida como ‘imperialismo’ e os *postulados políticos que pretendem o retorno da senzala* como ‘relações pré-capitalistas’. O artigo não acaba aqui e, ao que parece, a passagem seguinte bem demonstra o grau de luta ideológica que significou a *demarche* dos campos da guerra fria, e em particular, o anticomunismo em curso (ele não usa uma única vez essa expressão) e sua versão nacional e moralizadora pautada na fé cristã ocidental. Ao que parece, é uma tentativa de resposta ao cenário de fundo desse momento, reflexo daquilo que foi uma das mais bem articuladas campanhas de desinformação com objetivos de confundir a opinião pública e desacreditar os comunistas e o PCB. Neste caso, constata-se que, mais do que um brado de alerta, trata-se de uma real tentativa de instrumentalizar os militares para uma reflexão e, de uma denúncia em relação ao papel que estariam desempenhando de forma quase inconsciente. Vejamos seus termos:

*sacrificados serão também os crédulos e os crentes, que vem confundindo fé religiosa com convicções políticas., e que encontram na intolerância da crença instrumento para deter o avanço daquilo que lhes parece uma ameaça. O ultramontanismo (?) áspero em que nos vamos nos envolvendo, levantado e mantido por alguns conhecidos fariseus, em cuja atividade se vê, erradamente, a defesa da civilização cristã, que não está ameaçada, parece nos preparar um quadro, pela primeira vez possível no Brasil, de luta religiosa. Maus não são os militares nem os padres, dizia, há pouco, um homem de espírito(?), maus são aqueles que se servem desses elementos para a consecução de seus objetivos políticos e econômicos, os que falam em deus e pátria, mas não tem outros deuses que não seus lucros e outra pátria que não a de seus patrões.*⁵⁰⁰

Os pontos de interrogação permanecem como indicativos de referências importantes no período, que não detectamos quais eram e que o historiador igualmente se abstém de

⁴⁹⁹ Idem, *ibidem*.

mencionar em suas memórias. Mas é central a chamada luta política com objetivos comuns, em que a causa democrática estaria acima das divergências pontuais. Por fim, dirigindo-se aos intelectuais, chama a atenção para o positivo resultado advindo da unidade dos escritores e seu papel político quando dos meses finais da ditadura estadonovista, referindo-se, sem sombra de dúvida, ao *I Congresso Brasileiro dos Escritores*. Entendo que o autor proponha algo semelhante a uma nova união nacional, com objetivos de preservar a liberdade de pensamento, no momento em risco. Mas parece que também escrevia com o objetivo de influenciar um outro público, aquele interno dos intelectuais vinculados ao PCB, que participariam do importante e influente *II Congresso de Escritores* que se realizaria dali a poucos meses em Belo Horizonte, ainda naquele 2º semestre de 1947. Ao que parece, já se trata de uma ação política engajada, pautada naquilo que denominamos a *moralidade com compromisso*⁵⁰¹, como intelectual e como pequeno burguês, na perspectiva metodológica em questão. Ainda assim, uma observação é necessária.

Não deixa de ser curiosa a linha de manifestação exposta, na medida em que a cassação do PCB conduz o partido e o conjunto de seus militantes a uma radicalização à esquerda, com conseqüências nefastas para o meio cultural. Percebe-se que a chamada final do artigo, de certa forma, contraria a linha política que nortearia o pós cassação do registro partidário, que até então objetivava a aliança da intelectualidade marxista com os setores liberais e progressistas. Pelo menos era essa a leitura dos setores marxistas até 47 e, ao que parece, essa continuava sendo a posição de Sodré, conjuntamente a outros intelectuais comunistas como Graciliano Ramos. Leituras e polêmicas à parte, essa tentativa de influir foi um exemplo militante desenvolvido pelo autor e um esforço de formulação teórica, ainda que inócua, já que aquela possibilidade de uma política de frente única até então duramente desenvolvida acaba ruindo no II Congresso (1947).

No III Congresso (1949), o radicalismo presente acaba sendo substituído pelo sectarismo partidário e, como epílogo do conflito, ocorre a partidarização da direção da associação dos escritores (ABDE). O resultado desse gradual processo de erosão política interna entre os intelectuais, que o autor quis evitar, é a quase exclusão de importantes escritores dos muitos círculos literários, como também de outros grupos que, a partir

⁵⁰⁰ Tempestade. *Correio Paulistano*. 12 jun. 1947. (p. 68).

⁵⁰¹ Bastos, Elide Rugai & Leão Rego, Walquíria D (org.). *Intelectuais e Política: A moralidade do compromisso ... op. cit., p. 5.*

daquele momento, começaram a se afastar da entidade⁵⁰². Com certeza, já se manifestavam as primeiras influências da ultra esquerdista linha política advogada no *Manifesto de Janeiro* de 1948 (pós cassação do PCB) e reafirmada em 1950, no *Manifesto de Agosto*⁵⁰³, que orientaria a política do partido e, conseqüentemente, a ação militante de seus intelectuais.

De São Paulo, o historiador condenaria o sectarismo decorrente daqueles encontros, que chegou às raias do pugilato entre os escritores; o que é verdade, na medida em que os resultados do *Congresso* foram opostos ao propugnado no artigo, ainda que tenha feito uma ressalva que sugere uma certa ambigüidade, quando pontua que havia também uma política deliberada para anular o papel político da instituição como pólo de defesa da liberdade⁵⁰⁴. Se não foi o bastante, ou mesmo não tenha atingido os seus objetivos, entendo que o artigo não poderia deixar em aberto uma outra hipótese, a que sugere ter sido esse um manifesto direcionado aos intelectuais, ou seja, ao público interno a que nos referimos (intelectuais e militares) e, nesse caso, refletiria não somente uma tomada de posição individual como também uma segunda possibilidade, a de que refletiria uma leitura de um grupo de intelectuais do PCB, no qual ele não estava sozinho.

Graciliano Ramos, apesar de militante disciplinado (sempre adjetivado como um ardoroso stalinista), nunca deixou de manifestar o seu desconforto em relação a essa política, pontuando que o resultado seria o isolamento. Da mesma forma, entendo que essa foi a postura de Sodré, ainda que sua manifestação contrária, que sinalizamos, tenha sido expressa publicamente *a posteriori* nas suas memórias. Contudo, percebe-se que essa ausência de manifestação crítica em artigos naquele período não significou que, em foro íntimo, e mesmo em círculos restritos de reunião com outros intelectuais, sua posição tenha sido de adesão à linha esquerdizante e sectária. Há muitos indícios comprobatórios dessa tese, mas, naquele momento político crítico, o fato de essa posição não ter sido demonstrada em público, decorre de um outro fator que igualmente se manifestou com

⁵⁰² Cançado, José Maria. **Os sapatos de orfeu: Biografia de Carlos Drummond...** op. cit., p. 230.

⁵⁰³ O programa propunha uma Frente Democrática de Libertação Nacional, com base de uma organização popular tinha por objetivo maior: *a luta pela paz mundial*. Segundo Vinhas, o PCB militariza-se com os olhos para o assalto ao poder, a direção cai na clandestinidade e retorna a uma política obreirista de quadros. A conseqüência é o seu afastamento da realidade nacional. Vinhas, Moisés. **O Partidão...** op. cit. Há uma interessante análise de Quartim sobre a questão e contracorrente às leituras de sectarismo vigentes. Moraes, João Quartim. (Org). **História do Marxismo no Brasil. Vol. II...** op. cit., p. 159 a 161.

Graciliano Ramos e seguramente com Astrojildo Pereira: a adesão ao PCB significava, em última instância, o acatamento militante à sua disciplina partidária. As conseqüências é que seriam de lamentar.

Na virada do ano de 1948, face à retomada da repressão, foi a vez dos intelectuais comunistas. Muitos deles foram presos ou tomaram o caminho do exílio, entre eles Jorge Amado, Portinari e Mário Schemberg. Os espaços intelectuais e literários que já se afunilavam em decorrência da política repressora em curso, imposta pelo regime Dutra, paradoxalmente encontraram, no agravamento das desavenças pessoais, um ambiente propício à sua implementação. Como reflexo desse erodido ambiente vêm à tona algumas curiosidades. Uma delas refere-se à livraria José Olympio, que voltaria a cumprir um papel semelhante ao que teve nos anos sombrios do Estado Novo. Ainda assim, mesmo aquele espaço não esteve isento das turbulências políticas advindas daqueles acontecimentos e da divisão, mais do que presente, entre os escritores. Não é de se estranhar que o próprio historiador pontue o período subsequente de sua trajetória vocacional como uma *encruzilhada*. As razões podem ser várias e nós as veremos ao longo deste capítulo.

Sob novas bases teóricas

A sua volta ao Rio de Janeiro em 1948 é o início de uma nova fase de sua trajetória vocacional, pontuada de novidades como crítico literário, como também de desafios políticos que se avizinhavam advindos de sua vocação profissional. O exercício de sua vocação intelectual foi dos mais dinâmicos nessa fase, perceptível pelo vigor da crítica literária; e também, pela elaboração de alguns pequenos ensaios e uma colaboração constante em inúmeros jornais e revistas. Não foram análises neutras ou mesmo indiferentes à situação em curso, e pode-se auferir que o conjunto de artigos daquela época forneceu um lastro fundamental, para que, daí a alguns anos, importantes trabalhos fossem publicados, destacando-se: *A Ideologia do Colonialismo* (1961), *O naturalismo no Brasil* (1965), *As razões da Independência* (1965), *História da Imprensa no Brasil* (1966) entre outros. Mas, a umbilicidade de ambas as vocações mediada pela política já estava presente e, entre muito aspectos, passível de apreensão.

⁵⁰⁴Ver os excelentes trabalhos de Cançado, José Maria. *Os sapatos de orfeu: Biografia de Carlos*

Pontuaremos o nosso ponto de partida que se refere à sua nomeação como professor da *Escola de Estado Maior*, na disciplina *História Militar*. Por um lado, o próprio exercício inédito da função, agravado ou desafiado pela condição de ser professor de coronéis, estando ainda na patente de capitão. Mas, por outro lado, significava a possibilidade de implementar uma nova leitura da disciplinas a partir de outros pressupostos (referenciais) teóricos.

Na *Escola de Estado Maior*, conheceria o então Coronel Humberto de Alencar Castelo Branco, que seria, como profissional, uma grata surpresa entre outros oficiais, e visualizaria a possibilidade do ensino de História como algo próximo da realidade, no que sugeria uma (re)aproximação com a linha desenvolvida pela *Missão Militar Francesa*. Nesse caso, recorda um ponto que se apresentava com inegáveis possibilidades. Ele mesmo admite:

Era inequívoco passo à frente. Verificamos – e escrevo assim porque comecei, então, a participar desse esforço – a necessidade de introduzir a historicidade no tema tático, o que representava o prelúdio da desalienação..⁵⁰⁵

O historiador reconhece o mérito de tais inovações àqueles oficiais. Aquele foi o período áureo da instituição, com oficiais que conheciam o assunto (parte daquele grupo era chamada no exército de Sorbone, devido à influência da missão militar francesa) e, associado ao incentivo, teve o autor uma considerável possibilidade de aprendizado tanto teórico quanto pedagógico. Ao menos por um tempo, e não há dúvidas quanto a este aspecto, foi um período que permitiu outras possibilidades de crescimento intelectual, já que na instituição pôde travar contato com uma vasta bibliografia de língua espanhola, que foi extremamente importante na elaboração dos cursos a serem ministrados; mas que, principalmente, propiciou um conhecimento de vários autores, a maioria desconhecidos. Ali naquela biblioteca o autor pôde ter tempo, e muito, para estudar e desenvolver os seus conhecimentos. Mas um outro dado merece um apontamento correlato.

Drummond... op. cit., p. 229 e ss/ Moraes, Dênis. *O Velho Graça: Uma Biografia...* op. cit., p. 257.

⁵⁰⁵ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op. cit., p. 274

Ao que parece, não foi somente com o conhecimento de autores de língua hispânica que pôde travar contato nesse período. Acredito que seja viável a hipótese de que Lukács se apresentou como pensador importante para Sodré, nesse período em que atuou como professor na *Escola de Estado Maior*. Além da presença da literatura espanhola decorrente de algumas doações, ao que parece, havia também uma relação constante de autores em edições italianas e francesas. Nesse caso, o historiador deixa sugerir como pista nas *entrelinhas* de suas memórias que, naquela ocasião, ocorreria o seu primeiro contato com outros pensadores da tradição marxista, ainda que as pistas também possam sugerir algo não muito distante daquele momento, ou seja, quando já se poderia vislumbrá-lo como professor exonerado e a caminho do exílio. Era uma possibilidade, mas seria mais que tudo um período de fecundo aprendizado teórico e prático.

Todavia, se recuperarmos a hipótese de que as edições e obras mencionadas nos *Fundamentos da Estética Marxista*⁵⁰⁶ são edições de consulta pessoal, entendo que estas podem ser pistas interessantes na recuperação de sua trajetória intelectual e não somente como um roteiro de estudos para os iniciados. Neste caso, podemos inferir que uma data provável de sua aproximação teórica com a obra Lukács, seria o ano de 1949, a partir de uma leitura de edições francesas (*Goethe e son Époque, Paris, 1949*) e italianas (*Saggi sul Realismo, Turim, 1950 e Il Marxismo e La Critica Letteraria, Turim, 1953*), entre outros trabalhos que se seguiriam a partir dos anos 60. Se em suas memórias estas são pistas camufladas e quase imperceptíveis, outras remetem também, em poucas linhas, às reminiscências de 1938, quando admitiu já ter *lido a maior parte dos textos marxistas aqui editados – e eram poucos – e boa parte daqueles editados em francês*⁵⁰⁷. Temos ainda uma outra possibilidade de aproximação desse argumento, que se apresentou com mais de clareza em uma de suas últimas entrevistas:

A minha sala, na Escola de Estado Maior, ficava ao lado da Biblioteca, e a Biblioteca era muito boa, particularmente em livros latino-americanos, em livros espanhóis sobre a América espanhola, pois fora doada pelo General Tasso Fragoso, que tinha sido

⁵⁰⁶ Sodré, Nelson. Werneck **Fundamentos da Estética Marxista...** op. cit.

⁵⁰⁷ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Escritor...** op. cit., p. 89.

*Adido Militar na Argentina, e deixou a Biblioteca para a Escola de Estado Maior. Eu passava grande parte do tempo na Biblioteca e lia muito. Eu lia muito livros de História e livros marxistas... Eu lia muito e lia em línguas estrangeiras. Eu conheci Lukács em italiano. Ele tinha obras em francês e em italiano. Eu lia Lukács em italiano e em francês. Eu penso que fui dos primeiros aqui, senão o primeiro, a estudar Lukács..*⁵⁰⁸

É bem possível que, naquela ocasião, tenha sido um contato preliminar e ou embrionário, sem grandes vôos ou mesmo ensaios de desenvolvimentos futuros, não só pelo fato de Sodré estar muito absorvido por suas atividades acadêmicas na *Escola de Estado Maior*, mas até porque, daí a alguns meses, estaria envolvido até à medula na *política como compromisso*, a que nos referimos como *os episódios do Clube Militar*.

Ainda assim, percebe-se que há outros apontamentos a serem destacados. Foi provavelmente durante o longo período de estudos propiciado pelo exílio interno *pós episódios do Clube Militar* (02/06/51 a 16/04/55) que esse amadurecimento teórico tenha realmente ocorrido. Nesse caso, também se verifica como conseqüente a possibilidade de que o conhecimento, ou mesmo a influência de Lukács na sua reflexão, antecedia em alguns anos a sua participação no ISEB, ainda que esse autor se apresente como referência pela primeira vez, salvo engano, num de seus primeiros ensaios editados por aquela instituição, intitulado *Estudo Histórico-Sociológico da Cultura Brasileira*⁵⁰⁹, em 1956. É bastante provável que as linhas gerais do ensaio tenham sido redigidas ao longo do 1º semestre de 1955 (ou até antes), ainda no exílio, uma vez que, o objetivo desse estudo era se preparar para uma conferência em curso realizado ainda no IBESP (posteriormente ISEB) no 2º semestre daquele mesmo ano, e que posteriormente resultaria em um texto em sua forma atual. Os seus primeiros contatos com Guerreiro Ramos são do 1º trimestre de 1954, em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro, ponto de partida de sua iniciação acadêmica e intelectual naquela instituição. Posteriormente, este ensaio seria incorporado à 1ª edição da *Introdução à Revolução Brasileira*, em 1958, ou seja, bem antes da publicação da 3ª edição da *História da Literatura*, de 1960, obra que é a referência da

⁵⁰⁸Entrevista de N.W. Sodré concedida a Maria de Anunciação Madureira em 16/12/1996.

⁵⁰⁹Sodré, Nelson, Werneck. **Estudo Histórico-Sociológico da Cultura Brasileira** in *Introdução aos Problemas do Brasil*. Rio de Janeiro, ISEB/MEC.1956.

influência de Lukács em Sodré para muitos intelectuais contemporâneos. No caso desse primeiro ensaio de 1956, a passagem crítica que norteia o seu argumento é retirada de *IL Marxismo e La Critica Letteraria*, de uma edição de 1953. De acordo com a hipótese aqui traçada, para Sodré incorporar essa nova reflexão à conferência e ao trabalho, com certeza já deveria se encontrar em um patamar elevado e diferenciado de conhecimento e reflexão e, claro, com um amadurecimento intelectual advindo de tais referenciais, de forma pioneira em nosso debate. Ainda vale um reparo: na *História da Literatura* (1960), a influência sinalizada é a de *Existencialisme ou Marxisme?*, edição francesa de 1948, o que somente demonstra, mais uma vez a factibilidade dessa possibilidade.

Há, uma segunda fonte a corroborar esta hipótese: Olga Sodré, filha de Nelson Werneck Sodré. Ela comentaria em entrevista ao autor deste trabalho⁵¹⁰, que recebera suas primeiras leituras marxistas sob orientação de seu pai bem pouco tempo depois de sua volta do exílio no Rio Grande do Sul. Já lendo clássicos como Marx, Engels e Lênin, Olga Sodré recorda-se que travara um primeiro contato com o Lukács e sua *História e Consciência de Classe* bem como com o Lukács dos *Ensaio de Literatura*; naquela ocasião, a partir de edições italianas, como fez questão de ressaltar. Sem dúvida, face ao compromisso intelectual de Sodré e à necessidade de amadurecimento do autor, o fato de propiciar uma leitura original para balizar a formação da própria filha torna exequível a hipótese de seu contato com Lukács ter ocorrido em fins da década de 40 e início da década de 50. Essas pontuações são indicativos importantes para delinear o entendimento de suas referências teóricas no período em questão.

Redefinindo posturas

Em que pese a precariedade de algumas fontes disponíveis, não há dúvida de que essas leituras já poderiam estar influenciando metodologicamente os novos eixos temáticos desenvolvidos pelo autor; vários com inegável originalidade, como atestam alguns exemplos ilustrados. A partir daquele rico material disponível na biblioteca da *Escola de Estado Maior*, Sodré pôde desenvolver cursos sobre campanhas militares e demonstrar na disciplina de armamento e táticas, embutido nas suas reflexões, o caráter imperialista das campanhas coloniais, elencando os exércitos como instrumentos daquele processo. Neste

caso, o autor procurou demonstrar que o armamento era reflexo do desenvolvimento capitalista, bem como as concepções táticas e estratégicas. Acredito que a política já mediava teoricamente (talvez subrepticiamente) suas exposições teóricas para os militares, portanto, o recado já era muito claro e direcionado, ou seja, é bem possível que as mazelas do próprio país ficassem expostas naquelas aulas, face às comparações realizadas, e com elas a necessidade de viabilizar um projeto nacional. Ele não comenta reações adversas, e se houve, parece que foram isentas de alguma conseqüência, até porque, logo depois, ele seria promovido a major por merecimento. Todavia, as intempéries do quadro político já estavam em curso e as reações adversas, acumuladas ou não, não demorariam a acontecer, uma vez que, sob alguns aspectos, sua promoção e classificação (designação de unidade) ficariam sujeitas às vicissitudes políticas de um quadro nacional que se agravava face à iminente sucessão presidencial.

Com certeza, o historiador tinha clareza de que manobrava em terreno pantanoso e de que os tempos eram bicudos. Mesmo assim, ele não deixava em aberto as possibilidades de alertar os militares e o público em geral, para o agravamento do quadro político, particularmente devido ao decrescente nível ideológico das campanhas contra os nacionalistas. Por exemplo, em um artigo intitulado *Joaquim Nabuco*⁵¹¹, propicia aos leitores uma outra face de Nabuco, menos conhecida e, polêmica. Ainda que comente sobre o diplomata, ou mesmo sobre o Nabuco dos comícios populares a favor do abolicionismo, o autor valoriza principalmente a face do escritor; na sua opinião, a que resistirá ao personagem. Quanto às demais faces, demole uma a uma, posto que, recupera um personagem pautado por um sentimento idealista ingênuo e mesmo quanto ao abolicionismo, que lhe propiciou notoriedade, é duramente criticado, pontuando em poucas palavras que, sua visão sobre o assunto era superficial. Em outras passagens, percebe-se que já utilizava dialeticamente o instrumental marxista, particularmente quando desenvolve, nessa análise do personagem e sua obra, a diferença entre aparência e essência. Pondera, ao mesmo tempo, que mesmo assim Nabuco fora acusado de revolucionário e 'comunista' (aspas do autor) no parlamento imperial. Ou seja, ele nada teria de rebelde, mas as obras que legou à posteridade foram magistrais.

⁵¹⁰ Entrevista de Olga Sodré com o autor deste trabalho na data de 01/02/2000.

⁵¹¹ Joaquim Nabuco. *Correio Paulistano*. 18 mar. 1949. (p. 26).

Na verdade, alguns de seus apontamentos remetem, neste caso, a uma crítica mais ampla ao debate político e ideológico em curso no país, no qual o próprio fato de ter colocado entre aspas a acusação de comunista, que fora dirigida a um liberal bem intencionado por suas posições abolicionistas, demonstra a nosso ver uma leitura correlata e depreciativa com que são pontuados os expoentes das questões nacionais quando ferem interesses maiores. A rigor, era o debate do momento e o historiador alertava para o fato de que, ser adjetivado de comunista é historicamente uma constante em relação aos patriotas, em que pese a ingenuidade de alguns, e que a acusação busca desqualificar, inclusive, a origem social, como é o caso do aristocrático escritor. Parece que Sodré procurava demonstrar nesse artigo como em outros do período, a analogia do momento político vivido por Nabuco e o momento político em questão.

Paralelamente, a campanha pelo petróleo continuava e adquiria caráter nacionalista, independente da repressão desencadeada pelo governo Dutra (já próximo de seu término) e de seus aliados internos e externos. O autor ainda permaneceria em sua função como instrutor na *Escola*, fugindo à praxe normal da transferência em razão da recém-promoção, mas admite que teve sua continuidade à frente de suas funções como instrutor, face a intervenção de seu novo comandante, o que significou, em última instância, o reconhecimento inaudito pelo bom desempenho da função. Foi devido justamente a essa intervenção que recebeu, pouco depois, o convite para participar como membro do prestigiado *Instituto de Geografia e História Militar*. Apesar de eleito, somente tomaria posse quase 15 anos depois, em circunstância políticas delicadas. Mas esta já é uma outra história.

Sua situação na *Escola* quase se alteraria com as mudanças de comando, e estas não tardariam a acontecer com a virada do ano. Foi, concretamente, um período de intensas atividades profissionais, mas também seria o canto do cisne daquela fase. Deixemos que ele mesmo conte:

Estava no ano de 1949 próximo do fim, e eu sobrecarregado de trabalho na Escola, quando, certo dia, recebi em minha sala a visita de antigo companheiro do Colégio Militar e da Escola Militar. Depois de algumas palavras sem maior interesse, abordou o assunto que o levara: ia convidar-me para fazer parte da chapa do Clube Militar, encabeçada pelo General Newton Estillac Leal. Apresentou rapidamente as

*informações: estava a encerrar-se a gestão do general Salvador César Obino, os mesmo elementos que haviam feito aquele militar e haviam composto a diretoria por ele encabeçada propunham-se, agora, defender a candidatura do general Estillac, que se vinha destacando, há algum tempo, pelas posições nacionalistas que tomava, particularmente na questão do petróleo; formava-se também, outra corrente que se propunha a defender a candidatura do general Oswaldo Cordeiro de Farias, corrente que, embora de maneira não explícita, encarava a questão do petróleo como simples agitação, preferindo a participação de capitais estrangeiros em sua exploração. Este era o problema central.*⁵¹²

Um ponto inicial importante é que o amigo e companheiro é aqui bem mais qualificado, ainda que permaneça anônimo e, apesar das tentativas, não conseguimos saber o seu nome ou posto. Com certeza, era qualificado politicamente, já que pudemos detectar que era também um membro do PCB e, ao que parece, de uma base de que nosso autor muito discretamente participava e que influenciava, o que não é de surpreender quando recordamos o cenário do *Colégio*, e a *Escola Militar* como palco de um debate. Havia, outros membros do Anti-mil⁵¹³ presentes, que também comporiam a mesma chapa nacionalista, mas vale um reparo sobre esta tão delicada questão. Era uma chapa nacionalista ampla⁵¹⁴, e esta não era e nunca foi uma chapa comunista ou por eles controlada, como se quis caracterizar, mas sim uma chapa com um amplo programa nacionalista em composição com outros militares de esquerda socialista e setores nacionalistas progressistas. Neste último grupo, a formação nacionalista de muitos de seus membros tinha por origem a luta contra o nazi fascismo, como combatentes na Segunda Guerra, advindo daí o eixo norteador de uma leitura *legalista* entre outras de ordem cultural e, claro, muito influenciadas por aquele debate.⁵¹⁵ É evidente que isto não impediu que

⁵¹² Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op. cit., p. 294.

⁵¹³ Os Majores Tácito Lívio Reis, Luís Tavares da Cunha, os Capitães Paulo Pinto Guedes, Joaquim Miranda Pessoa, Raul Carnaúba, Itagibe Cerqueira, Donato Ferreira. Informação obtida em entrevista com Cel. da Reserva do Exército Geraldo Cavagnari, atualmente professor universitário, em 17/06/2000.

⁵¹⁴ Curiosamente, também o Marechal Cordeiro de Farias, oponente de Estilac Leal à eleição do Clube Militar, apesar de concordar que, havia uma forte corrente de *militares de tendência socialista, para não dizer comunista*, se abstém de caracterizar a chapa nacionalista como expressão daquela corrente, ainda que fosse homogeneizada. até que, nas eleições subsequentes, o *Clube Militar voltaria ao seu leito normal*. Farias, Oswaldo Cordeiro. **Meio século de combate: Diálogo com Cordeiro de Farias...** op. cit., p. 436.

⁵¹⁵ Como foi o caso do Brigadeiro Moreira Lima, em depoimento a Silva, Hélio. **A vez e a voz dos vencidos: militares x militares...** op. cit., p. 220 e ss ou mesmo a do escritor e literato Capitão de Mar e Guerra Carlos

todos, sejam os comunistas ou nacionalistas, escapassem da lista de cassação e da prisão com o golpe de 64⁵¹⁶.

Seguramente para o autor, como também para seus companheiros de partido, o ponto político central que já se apresentava era a antinomia *nação x imperialismo*, mediada pela campanha do petróleo e da Hiléia Amazônica, que era um posicionamento coerente com o debate em curso e suas posições políticas como militar, antes mesmo de sua rotação à esquerda comunista, e de certa forma bem afinadas com o conjunto das demais forças nacionalistas e progressistas da época. Mas outros aspectos se apresentam neste quadro, e vamos a um diálogo crítico com Sodré nesta decisiva e última passagem de sua transição do *tenentismo* ao *marxismo*.

A Ética do Compromisso

Nesta práxis militante é que se apresentam pistas mais contundentes para o seu amadurecimento político e um novo compromisso pautado na moralidade ética de um *tenente*, e que, até podem ser pontuadas em várias situações anteriores. Mas vale sinalizar que fora sua passagem pela Bahia e, principalmente, sua participação nas eleições do *Clube Militar*, o ponto de inflexão do autor e sua obra. O período em questão é por ele apresentado, como de profunda reflexão intelectual; o que está correto e não seria sintomática a razão, na medida em que, apesar de estar no ápice de sua maturidade intelectual, ocorre um hiato de uma década entre a publicação de seu último trabalho e a retomada teórica pontuada pela publicação da *Introdução à Revolução Brasileira*, em 1958, já em um patamar de compromisso político diferenciado. Sua postura, até então, não estava dissociada de um compromisso político militante, como vimos, e vale recordar que o historiador fazia um acompanhamento pela imprensa dos debates e polêmicas, participava de um núcleo de militares de esquerda e era inclusive influente como sugere uma de nossas fontes militares. Em vários momentos, também não deixou de participar pela imprensa, intervindo com seus artigos em uma linha nacionalista e anti-imperialista bem amadurecida

Joaquim Magalhães, ou do Comandante Glauco Prado Lima, em depoimentos a Paula dos Santos, Ana. *À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...* op. cit., p. 278 e ss.

⁵¹⁶Como podemos perceber pelo balanço do expurgo na primeira lista de cassações: 122 oficiais, sendo 77 do exército, 14 da Marinha e 31 da Aeronáutica. Morel, Edmar. *O golpe começou ...*op. cit., p. 248.

politicamente, como foi o artigo publicado por ocasião da morte de Monteiro Lobato. Mas, é a partir de sua adesão à chapa nacionalista nas eleições do *Clube Militar*, que ocorre, indubitavelmente, a mediação de suas duas vocações - intelectual e militar - pela política.

O candidato a presidente do *Clube Militar* expressava, naquele presente, a história e a tradição de luta de um passado da esquerda tenentista⁵¹⁷ (alguns inclusive o pontuam com um ideário socialista), associado a um componente ético que forjara idealisticamente toda uma geração que teve o intuito de reformar a nação. Ao longo do Estado Novo, o General Estillac Leal pautaria sua conduta por vários posicionamentos políticos corajosos. Era, sem dúvida, um *tenente*. O candidato a vice, o General Horta Barbosa, que vinha se destacando na campanha *O Petróleo é nosso*, era o que melhor representava um projeto de nacionalismo como ideário de uma nação. Ambos os personagens, a meu ver, representam em grande medida, a continuidade do projeto *tenentista*. Um, representando a história; e o outro, a viabilidade modernizante e programática que até então faltava àquele ideário. A chapa de oposição, dispensa, a meu ver, grandes apresentações. Basta sinalizar a liderança hegemônica conservadora de seus membros que, em sua maioria, estariam em posições de comando no golpe de 64, aliados como estavam naquela ocasião, aos interesses imperialistas. Nesta decisiva polarização, estavam, por um lado, os segmentos nacionalistas e democráticos e, por outro, seus oponentes conservadores, alguns de notória tradição militante nazi-fascista. Mas aquela eleição, com certeza, refletiria indubitavelmente na futura eleição presidencial e, conseqüentemente, no projeto de desenvolvimento decorrente.⁵¹⁸

Decidido a não aceitar o convite para participar das eleições do Clube Militar, Nelson Werneck Sodré ainda argumentaria com o anônimo companheiro valendo-se de objeções bem curiosas. Aliás, algumas delas difíceis de convencer, como foi o caso, por exemplo, da alegação de que não era sócio do Clube. Comenta em suas memórias, que teria sido convencido a participar pelo companheiro, com o compromisso de renúncia posterior ao cargo. No entanto, admite que permaneceu na luta face às razões maiores apontadas,

⁵¹⁷Vários autores sugerem essa linha de análise e curiosamente, também podemos pontuar nesse arco, o Marechal Cordeiro de Farias. Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil...* op. cit., p. 286; Farias, Osvaldo Cordeiro. *Meio século de combate: Diálogo com Cordeiro de Farias...* op. cit., p. 436.

⁵¹⁸Sobre a questão, há interessantes contribuições de: Almeida, Lúcio Flávio. *Ideologia Nacional e Nacionalismo...* op. cit.; Rouquié, Alain (Coord). *Os Partidos Militares no Brasil...* op. cit; e Beilgueman,

como a questão nacionalista e a repercussão positiva, que resultaria de sua eleição, entre os militares. É bem possível que tivesse razões pessoais para resistir ao convite, até porque, como vimos anteriormente, não tinha o autor por característica pessoal, desde os tempos do *Colégio* e da *Escola Militar*, uma exposição militante como ator, e sim preferia se expor como autor, no sentido de sua vocação intelectual, através das letras ou mesmo nos bastidores. Naquele momento, entendo que recebeu o convite como uma tarefa partidária, que até recupera em uma passagem particular, ainda que de outra forma:

*O que eu não sabia, ou não podia prever, naquele momento, é que essa decisão iria alterar fundamentalmente a minha vida e inutilizar a minha carreira. Não poderia prever por estar desatento ao que o problema tinha de profundo. Se tivesse previsto, a decisão seria a mesma. Quando menciono a ausência dessa previsão, não pretendo desculpar-me; ao contrário, pretendo confessar minha imaturidade política. A decisão que tomei foi, por intuição, justa, honesta e necessária; pensando com os elementos de que, hoje, disponho, dezessete anos passados, teria vergonha se tivesse, naquela oportunidade, decidido de forma diversa.*⁵¹⁹

Passados pouco mais de dezessete anos daqueles acontecimentos, é mais do que compreensível a cautela no momento em que redigia suas memórias e, de certa forma, entende-se o ocultamento deliberado, inclusive por razões de sua segurança pessoal e de seus antigos companheiros de farda. Vale lembrar que não foi o único militar a proceder dessa forma⁵²⁰. Talvez esta tenha sido a razão principal, sob todos os aspectos, de não admitir ser um membro do PCB ou mesmo a condição de comunista, e nem que alguns de seus companheiros de chapa o fossem, procedimento adotado como uma constante ao longo

Paula. **A Prática Nacionalista nas Forças Armadas** (Mimeo). Gaio, André Moysés. **Em Busca da Remissão: a mobilização militar pela democracia**. Londrina, Ed. UEL, 1997, espec. cap. I e II.

⁵¹⁹ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op. cit., p. 297.

⁵²⁰ As memórias de Sodré foram publicadas em 1967 e já sob um clima de tensão política pré AI-5. Há um interessante conjunto de relatos autobiográficos de alguns membros do Anti-mil e de participantes das lutas nacionalistas em Hélio Silva, e as perseguições impostas aos membros dessa corrente como: preterimento nas promoções e constante transferências de unidades. Em 1964, foram cassados, presos e mantidos sob estreita vigilância e muitos deles, como os aviadores, impedidos de exercer a profissão. Por fim, segue a interessante tese de mestrado de Ana Paula Santos em que a autora recupera vários depoimentos de antigos militares nacionalistas, entre os quais, vários eram membros do PCB, mas respondem, ainda hoje com cautela sobre esta questão. Como exemplos ilustrativos dessa questão e de sua complexidade podemos apreender apontamentos significativos e esclarecedores na carta e no depoimento do Brigadeiro Fortunato e no depoimento do Coronel Pedro Alvarez a Ana Paula dos Santos in Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das**

de toda a sua vida. Admitir tal condição seria desvirtuar a proposta em curso ou tergiversar sobre seus objetivos e, por consequência, fornecer munição ao inimigo vitorioso no pós 64. Concretamente, são feridas ainda abertas para muitos militares e quiçá para o próprio autor. Esta questão se apresenta, a meu ver, não como um dado secundário para entender e apreender o seu pensamento político, mas como central, particularmente nesse período pós 45. Por esta razão, o máximo que pude apreender em entrevistas bem recentes foi uma simpatia manifestada com discrição ou mesmo uma certa identidade de posições com o partido. No mais, sempre se identificaria como um homem de esquerda. Mas esta seria a única razão?

Essa identificação remete à ética norteadora de sua formação, que era expressa pelos mais nobres ideários do *tenentismo*. Seja nos capítulos anteriores, seja ao longo deste, observa-se nesta linha de análise, que o autor tenha encontrado no PCB a continuidade do projeto nacionalista da esquerda tenentista e, de certa forma, entendo que não é um equívoco esta possibilidade de leitura. Além disso, um componente ético e de resistência, advindo daquela prussiana formação de sua juventude, ou seja, ainda anterior ao *tenente*, pôde sair fortalecido na luta política da maturidade do *Sodré marxista*, face às novas relações de cumplicidade necessárias a um novo tipo de enfrentamento pautado em novos referenciais. Isto ajuda a explicar, e muito, esse comportamento. As relações de camaradagem entre Sodré e os militares e, entre ele, como militante comunista, e seus camaradas militares de partido, podem muito bem ser vistas como um componente intrínseco de sua formação dos tempos do Colégio Militar e quase osmoticamente como uma continuidade a partir de sua entrada no PCB. Numa passagem, ele recorda os rigores da disciplina daquele ambiente:

*Para enfrentar o sólido e rigoroso aparelho de repressão, os alunos desenvolviam um espírito de camaradagem e unidade realmente impressionante, permanecendo, ao longo da existência de todos nós, como gratíssima lembrança...*⁵²¹

Como observamos anteriormente, o autor já havia percebido que a mesma ética norteadora de sua formação juvenil estava erodida em grande medida na instituição militar

Forças Armadas Brasileiras:...op. cit., p. 16 e 127, 148 e ss; Silva, Hélio. **A vez e a voz dos vencidos: militares x militares**...op. cit e Morel, Edmar. **O golpe começou**...op. cit.

⁵²¹ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado**...op. cit., p. 6 e ss.

e há muito dissociada na relação entre os seus pares pelas lutas políticas, quiçá pessoais. Bastavam as lembranças já sinalizadas ao longo de nosso desenvolvimento anterior e o desafio que o novo cenário nacional impunha, para demonstrar que os aliados no campo profissional, mas também no intelectual eram em sua maioria os amigos *éticos* de esquerda de longa data que se pautavam na luta política pela generosidade de um *tenente* e, em seguida, pela continuidade expressa no ideário socialista, ou seja, referências anteriores e posteriores à Segunda Guerra. Por essa razão é que entendo que este componente ético de camaradagem, advindo do tenentismo e norteador de sua vocação militar, continuou a fazer parte do militante intelectual político e comunista a partir de então. Talvez seja esta a explicação maior de algumas de suas discutíveis respostas presentes em sua memorialística contemporânea.

Há também outras variáveis explicativas e correlatas ao entendimento desta questão. Uma particularidade nessa equação, como militar de origem pequeno burguesa e também na condição de militante ou de um intelectual, é que, nesse momento, o historiador apreende *a política como compromisso moral*, como vimos nos artigos assinalados, e que era uma condição que se impunha principalmente no enfrentamento dos desafios daqueles tempos. Seguindo esse componente ético, Sodré trabalha com *a noção de ruptura, e não de continuidade*. Mas constatamos que a questão moral como elemento nuclear na percepção de sua atividade intelectual, ao longo de sua trajetória e mesmo quando ocorre sua rotação à esquerda, será uma determinação mais do que presente na sua atividade como militante comunista, em que pese o momento em que este passa a operar sua reflexão a partir dos referenciais marxistas. Sua presença se mostra em uma perspectiva de amadurecimento político e, nesse sentido, opera como fator – senão central – ao menos componencial dessa equação. É por mais essa razão, que entendemos que Sodré será sempre um *tenente*. Bastos e Rego nos ilustram, como uma possibilidade explicativa, uma passagem que vale recuperar:

queremos sublinhar a dimensão moral da opção do intelectual pelo envolvimento nas experiências políticas e sociais de seu tempo, partindo do princípio que esta aspecto está presente nos dois pólos da oposição referida. Não há como esquecer que todos somos tributários da época que vivemos. Tempos heróicos e vazios de grandeza. Mas, a substância do tempo em que se vive não elimina o compromisso com a justiça social

*e a liberdade. Neste sentido, pode-se falar de imperativos éticos que norteiam a atividade intelectual. Esses imperativos devem tornar-se componentes obrigatórios da condição de intelectual...*⁵²²

A esquerda militar

Há, no entanto, uma outra variável que se refere a esse componente partidário e às suas implicações. O setor nacionalista e militar era formado em sua maioria por oficiais progressistas, mas não necessariamente de esquerda, e perfaziam um total - nas melhores estimativas - de 5% a 10% do conjunto das forças armadas⁵²³. Como já sinalizamos no cap. II, o *Anti-mil*⁵²⁴, já atuante naqueles tempos, era o setor composto por militantes do PCB inseridos nas Forças Armadas, e que foi, segundo algumas fontes, historicamente coordenado por Almir Guimarães e, mais recentemente, por Giocondo Dias⁵²⁵ - ambos participantes de 35 - e é ainda hoje um dos mais obscuros e pouco estudados aspectos da atuação histórica do partido. Entre as várias abordagens pesquisadas, consta que em 1964 havia cerca de 10% dos oficiais e praças da corrente nacionalista, sendo alguns de patente superior. Concretamente, era uma fração bem pequena sob todos os aspectos, e amplamente minoritária, ainda que influente, abarcando todos os segmentos da hierarquia militar e, por razões de segurança, era mais que tudo segmentado e altamente compartimentalizado. Ao que parece, prevalecia internamente, em alguma medida, a mentalidade e a hierarquia militar, já que esse setor se sub-dividia em uma esfera de organização por armas (ainda que não necessariamente) e uma de assistência política direcionada aos soldados e praças. Uma outra, paralela, era direcionada aos sargentos e uma terceira, de oficiais, sempre com assistentes políticos do partido, em alguns casos, ex. militares participantes de 35.

⁵²² Bastos, Elide Rugai & Leão Rego, Walquíria D (org.). **Intelectuais e Política**: ...op. cit., p.10.

⁵²³ Por exemplo, o Capitão Eduardo Chauhy afirma que: *O Exército tem 5% de progressistas, 5% de Direita e a massa reflete a sociedade civil, particularmente a classe média. A formação do oficial do exército é boa, é patriota, nacionalista.* Moraes, Dênis. **A Esquerda e o Golpe** op. cit., p. 337.

⁵²⁴ Sobre o assunto, o problemático trabalho de Mir aponta alguns elementos de reflexão. Mir, Luís. **A Revolução Impossível**...op. cit. Outras referências são: Moraes, Dênis. **A Esquerda e o Golpe** op. cit. e Moraes, João Quartim. **A Esquerda Militar no Brasil**. Vol. I e II op. cit. Carvalho, Apolônio. **Vale a pena sonhar**. op. cit. e entrevista ao autor em 14/01/99; Silva, Hélio. **A vez e a voz dos vencidos**..op.cit.; Maffei, Eduardo. **A Batalha da Praça da Sé**. Rio de Janeiro, Philobibliion, 1984, p. 66 e Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras**: ...op. cit.

⁵²⁵ Entrevista de Capitão da Reserva, herói da FEB e membro do CC do PCB, com o autor em 15/10/1999.

Temos ainda outros dados pontuais interessantes, mas não muitos. Parece que a Aeronáutica foi a arma em que ocorreram algumas promoções de seus membros em nível de generalato, sendo poucos os casos no Exército e na Marinha. Em relação aos subalternos e praças, alguns dados são bem significativos na ultra conservadora Marinha de Guerra, já que se sabe que, naquela ocasião, a armada chegou a contar com cerca de 300 marinheiros e sub-oficiais militantes no PCB, e quase o dobro de simpatizantes, ainda que tenham sido poucos os oficiais.⁵²⁶ Havia núcleos fortes e atuantes em vários navios de guerra, ao que parece, com uma discussão política intensa, com muitas reuniões, que contavam com a presença de assistentes políticos, tendo, inclusive, um jornal clandestino interno intitulado *Bandeira Vermelha*, que chegou a circular com várias edições. Naquela ocasião, houve inclusive uma deliberação do setor Antil-mil junto aos marujos para que os cruzadores *Tamandaré* e *Barroso* recém adquiridos e prontos a serem incorporados a armada, não seguissem dos Estados Unidos diretamente para o teatro de guerra coreano, como suspeitava-se acordado na época entre ambos os governos. Face as fortes pressões internas contra a intervenção brasileira no conflito, abortou-se aquela possibilidade de implementação do acordo. Mas tudo indica que, haveria uma sublevação organizada em contrário daquela ação, se, prevalecesse o acordo denunciado para a intervenção. Em algumas unidades do exército, havia células numerosas de militantes e em várias, os sargentos do partido eram maioria.⁵²⁷

Um outro exemplo das atividades do PCB no meio militar, no período de 48 a 52, era a atuação política que também se passava na recém-fundada *Academia Militar de Agulhas Negras*, de certa forma análoga à antiga *Escola Militar*. No raro relato transcrito abaixo, apresenta-se um dos mecanismo de atuação característico do Anti-mil:

Vivi o seguinte: dentro da Escola – acredito que até hoje possa acontecer isso – nós tínhamos, vamos chamar assim, quartetos. Eram grupos de quatro elementos de esquerda, alguns comunistas [...] Esses eram os quartetos, e eu era a ligação com as outras turmas de quatro. Por exemplo, com a turma da intendência eu era o contato. O dia –a dia com esse meu quarteto era assim: nos reuníamos na hora do almoço;

⁵²⁶Dados colhidos nos depoimentos dos Sargentos Carrion e Danielli e corroborados pela número de processos contra esse segmento de oficiais e sub-oficiais, particularmente na Marinha, no pós 64. Conclusões do *Arquivo Brasil – Nunca Mais...* op. cit., p.120 e Morel, Edmar. **O golpe começou...** op. cit.

*depois tinha o pessoal que eles diziam que iam fazer a hora da tora. Isso era o de meio-dia e meia quando reiniciávamos as atividades. Nos reuníamos onde chegava a pérgula da escola, no pátio. Ali ficava o jornaleiro. A gente ficava esperando o jornaleiro, conversando esses assuntos, porque não se podia falar abertamente. Mesmo assim tinha dedo-duro [...] Eu era ligação do grupo da minha turma com o pessoal quarteto da intendência, mas sabia de alguns outros grupos. Tinha uns cinco ou seis grupos, que o pessoal chamava de célula.*⁵²⁸

Tomando-se por base algumas outras entrevistas e declarações, em que pese o mesmo conteúdo programático e orientação política, parece que as atuações políticas se apresentavam e eram também apreendidas de forma diferenciada entre os pares militares. Ao que tudo indica, havia um radicalismo mais acentuado entre os subalternos do que entre os oficiais, talvez até pelo fato de serem mais penalizados com relação aos seus direitos nas forças armadas e devido ainda à sua origem quase sempre mais proletária que pequeno burguesa. Através de outros depoimentos percebem-se, no entanto, aspectos correlatos entre os oficiais, que apresentavam o mesmo procedimento de cautela e clandestinidade. Esse fator, concretamente, resultava em dificuldades na formação e de aglutinação maiores para uma eficaz dinamização de suas atividades.

Retornando a reflexão de Nelson Werneck Sodré, parece-nos que o problema maior foi em relação aos oficiais (ele praticamente não menciona o vigoroso movimento dos sargentos dos anos 50), e, face ao embate ideológico da guerra fria, as polarizações decorrentes não permitiam muitas pontes que favorecessem um adequado contato entre a camada legalista das forças armadas⁵²⁹ e o setor nacionalista. Nesse caso, entendo que tal posicionamento de não admissão de sua condição de comunista possibilitaria uma estratégia correta (ou mesmo quanto à intenção) de ampliar o espectro de forças do (e para) o centro (na verdade, de uma maioria legalista e alienada de militares), objetivando isolar o setor radical e de direita. Foi, com certeza, uma estratégia política válida e que, no seu caso, era, ao mesmo tempo, uma característica individual. Mas não é só e há outros aspectos

⁵²⁷ Depoimentos dos sargentos Carrion e Danieli, membros do Anti-mil a João Quartim de Moraes na data de 10/11/1996. Entrevista gentilmente cedida para este trabalho.

⁵²⁸ Depoimento do Coronel Pedro Paulo de Albuquerque Santos a Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...** op. cit., p. 317, 319.

relacionados. Vimos anteriormente como um de seus membros chegou a fazer um singular desabafo sobre o caráter sigiloso dessas atividades, bem como sobre as dificuldades de participação política. Nesse desabafo, também deixou escapar a forte influência de Sodré em um grupo do Anti-mil:

*Para começar no Brasil, não tem como fazer isso. Tem que ficar na moita. Essa foi a recomendação que eu e outros colegas recebemos do Nelson Werneck Sodré, que ele era ainda major eu era segundo tenente em São Paulo...*⁵³⁰

Os tempos eram particularmente difíceis para os nacionalistas, e eram mais ainda para um militar comunista ou mesmo de esquerda. Para um deles, assumir a identidade de comunista ou sua filiação partidária (ou até tímidos posicionamentos de esquerda ou nacionalista) era, um risco, seja na perspectiva de continuidade de uma carreira profissional, seja de sobrevivência pessoal (mesmo física, face às perseguições), que implicaria um risco como membro de um setor coletivo partidário. Para se ter uma idéia, por decorrência daqueles episódios do Clube Militar, da Campanha do Petróleo e da Paz nos anos 50, bem como do acirramento da campanha anti-comunista nas forças armadas, que atingia comunistas, oficiais progressistas e nacionalistas indiscriminadamente, cerca de 1000 militares chegaram a ser presos e, muitos deles, expulsos⁵³¹. Ainda que alguns dos membros do PCB tenham chegado, mesmo assumindo a condição de comunista, à patente de generalato, ao que se sabe, essas promoções foram bem poucas, e ocorreram principalmente na Aeronáutica, como foi o caso do Brigadeiro Francisco Teixeira, que exerceu inclusive importantes funções de comando. Mas ele foi um caso único. Como apontamos, no Exército não há muitos casos conhecidos⁵³², e mesmo quanto a Sodré, a sua

⁵²⁹Diz o Brigadeiro Teixeira: *As forças armadas não são intrinsecamente democráticas nem reacionárias. Eles dependem muito da opinião predominante na sociedade civil.* Moraes, Dênis. **A Esquerda e o Golpe...** op. cit., p. 248.

⁵³⁰ Depoimento do Coronel Pedro Paulo de Albuquerque Santos a Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...** op. cit., p. 317.

⁵³¹ Depoimentos dos sargentos Carrion e Danieli, membros do Anti-mil in Moraes, João Quartim. (Org). **História do Marxismo no Brasil...** op. cit., p. 198 e depoimentos do Brigadeiro Fortunato, Capitão Hector Araújo, in Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras:...** op. cit. p. 139, 236. .

⁵³² O Gal. Assis Brasil (Chefe da Casa Militar de Jango), era visto, como um militar de tendências socialistas utópicas. Segundo o Capitão Eduardo Chuahy, somente no último momento do governo Jango, é que, alguns oficiais progressistas foram promovidos, citando como exemplo o *Gal Crisanto Figueiredo*. Já o Comandante Glauco Prado Lima comenta que o *Almirante Washington Frazão* era um militar socialista, além de 100% legalista e, por essa razão, injustamente preso e condenado. Dênis. **A Esquerda e o Golpe...** op. cit., p. 334, Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras:...** op. cit., p. 308, Silva,

patente de general decorre de normas legais utilizadas quando de sua compulsória passagem à reserva na patente de coronel em 1962. Desde os episódios da *Clube Militar*, tanto ele como outros militares nacionalistas e comunistas tiveram suas carreiras abortadas, e a maioria das promoções ocorreram sempre por antigüidade.

Entretanto, não é só, e entendo que um outro aspecto merece nossa atenção. A campanha difamatória sempre procurou, por todos os meios, associar nacionalismo e comunismo, no sentido de isolar e caracterizar essa corrente como anti-pátria ou mesmo como corrente subserviente aos ditames de Moscou. Em grande medida, a campanha obteve bons resultados, ainda que tenha sido neutralizada em alguns momentos tópicos da década de 50 ou mesmo na posse de João Goulart. Mas voltaria a ganhar setores importantes das forças armadas, sendo que, na virada de 63/64, a maioria dos oficiais (pequeno burgueses) tinha sido cooptada com sucesso para adesão ao golpe de 64. Talvez seja essa a razão das dificuldades maiores naquela ocasião e, ainda hoje, de desenvolver esse debate entre os militares, mesmo os de esquerda. O epílogo daquela etapa histórica, demonstra que os militares comunistas, como Sodré, perderam a batalha da propaganda ideológica e, por conseqüência, a batalha política. Não foi a última delas. A anistia posterior, em 1978 e, a constituinte de 1988, também não devolveram àqueles oficiais, como também aos subalternos, a plenitude de seus direitos ou a reparação das injustiças cometidas. Neste caso, os cuidados se justificam e as memórias reproduzem cautelas e feridas pouco cicatrizadas.

Pontuações de uma reflexão

Para entendermos as ambigüidades dessa linha de intervenção à esquerda e os impactos diferenciados sobre a militância do PCB, em particular, sobre os militares comunistas, vale recuperar algumas pontuações relacionadas ao marxismo e a política. A inicial, que valorizaremos em nossa interpretação, refere-se as dificuldades clássicas postas por Ralph Milliband⁵³³ em relação ao próprio termo marxismo e como este se apresentou ao entendimento da questão do Partido. Em que pesem as várias abordagens e os avanços

Hélio. *A vez e a voz dos vencidos: militares x militares...* op. cit e Neto, João Pinheiro. *Jango: um depoimento pessoal*. Rio de Janeiro, Record, 1993, p. 78.

⁵³³Milliband. Ralph. *Marxismo e Política*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1979, p.16 e ss.

teóricos contemporâneos, este autor sustenta que a dificuldade de se estabelecer uma correta mediação entre a teoria e a prática, se refere a leitura marxista década de 50, que pode ser contabilizada a uma ortodoxia ideológica e quase oficial soviética e que, somente seria superada com as denúncias do XX Congresso do PCUS em 1956, como também, com a contribuição das muitas lutas de libertação nacional à teoria. As demais pontuações que nos interessam diretamente, remetem aos fatores que reacenderam o debate teórico sobre a concepção de *Reforma ou Revolução*, ambas segundo ele, concepções revolucionárias e alicerçadas no marxismo, mas que, em essência, significam duas possibilidades diferenciadas de intervenção: a *via da Revolução socialista* ou a *via da derrubada dos regimes capitalistas*. Daí, temos um ponto nodal nessa tese: como se situa o PCB e seus militantes, o nosso objeto de pesquisa e, principalmente, suas vicissitudes no período, como sugere a leitura de Segatto⁵³⁴.

Na leitura de Miliband, vários dos aspectos relacionados a política de confronto do PCB, poderiam ser apreendidas em uma linha teórica, que é entendida como *Política Insurrecional*⁵³⁵, e que, nos auxilia a compreender a ambiguidade da linha de intervenção partidária. Seguramente, é também um debate que desperta vivas polêmicas, ainda que possamos igualmente inferir que o correto é pensar o partido inserido em uma concepção fundamentalmente *Reformista*, que significa, em última instância, uma estratégia diferenciada de mudança ao socialismo⁵³⁶, apesar das muitas vicissitudes conturbadas do período. Retomaremos a este ponto e também a uma indagação: qual era o significado da política do PCB relacionada às teses da década de 50?

Na verdade, foi nesse particular momento histórico, correlato a construção do pensamento político de Nelson Werneck Sodré e que nossa análise comporta, que houveram singulares esforços do PCB de implementar as diretrizes revolucionárias (ou

⁵³⁴Um painel dessa dicotomia entre a *teoria e a prática* do PCB, em particular, no pós 54, seguramente, reflexo desse período que agora estudamos, pode ser visto em Segatto, José Antonio. **Reforma e Revolução: As Vicissitudes Políticas do PCB (1954-1964)**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

⁵³⁵Termo que ele prefere empregar para situações de conflitos armados e, dessa forma, contrapor a expressão de política revolucionária, sugestiva de diferentes apreensões analíticas, já que não significava, na leitura de Lênin, imediatismo e nem que os movimentos revolucionários pudessem ter por significado a tarefa de uma revolução iminente, ainda que, teria um cronograma de viabilidade em um prazo curto.

⁵³⁶Miliband parte do pressuposto de que, através de reformas econômicas, sociais e políticas na esfera do capitalismo são, necessariamente, meios ou avanços na superação da ordem existente e da construção de uma nova ordem. É uma estratégia afiançada por Marx, em que, foi valorizado a democracia burguesa como um cenário favorável ao desenvolvimento da organização da classe trabalhadora, e, é um cenário que propiciava condições favoráveis ao florescimento de uma estratégia revolucionária.

insurreicionais) do *Manifesto de Agosto*. Verifica-se, ainda assim, que, independente das consonantes partidárias e políticas, prevaleceram sob muitos aspectos, intervenções contraditórias e ambíguas em relação à linha política, aspectos que podem ser observáveis na ação do partido no meio sindical, no camponês e intelectual⁵³⁷. Nas Forças Armadas, essa contradição não seria diferente. Um exemplo significativo, se refere aos subalternos, em que apareciam orientações políticas inconseqüentes, como a de preparem uma deflagração de greve entre os soldados e marinheiros⁵³⁸.

Há contudo, necessidade de contrapormos a uma outra indagação, que, é mais que um desafio. Como podemos perceber os impactos dessas concepções na reflexão de Sodré, mas também, sobre seus pares militares no Anti-mil? Entendemos que esse setor, ao qual seguramente o historiador influenciava, era antes, e mais do que tudo, pautado por uma política nacionalista e patriota, independente do fato de pertencerem ao partido ou em tese, se configurarem em seu braço armado, o que de forma alguma os diminuí, ou seja, evitava que fossem motivo de falsas acusações de estarem a serviço da URSS, seja através desse instrumento ou de outra forma, defendendo posições políticas na linha do PCB. Havia uma diferença em relação ao autor, em que pese a draconiana disciplina partidária. E por quê ?

Vale inicialmente destacar a probabilidade efetiva dessa reflexão, já que, a leitura de Sodré sobre quanto à possibilidade do socialismo nunca foi imediatista e sim associada a uma etapa inicial e decorrente da construção de uma nação democrática, soberana e independente, cuja tarefa necessária premente era, concretamente, a necessidade de criar condições para superar nossas debilidades neocoloniais. Entendo que essa era uma leitura ainda muito pautada pelas influências teóricas da II Internacional, como vimos, e seria uma constante ao longo de sua trajetória *d'o tenentismo ao marxismo*. A preocupação está presente de tal forma que (por hipótese), se justifica a razão de que seu projeto intitulado

⁵³⁷O *ativo Sindical de 1952*, contradizia abertamente a política do PCB no meio operário quando comparada as resoluções do *Manifesto de Agosto* (criar sindicatos paralelos à estrutura oficial do Estado) ou mesmo à algumas intervenções camponesas (deflagrar a revolução, a partir das lutas camponesas de Porecatu e Formoso e Trombas) e as teses do IV Congresso de 1954, propugnavam a derrubada do governo, o que não impediu que o PCB apoiasse Juscelino Kubitcheck. Esses aspectos significam, em última instância, concordar com a tese de que a prática militante contradizia em muitas ocasiões as resoluções partidárias. Em relação aos intelectuais, podemos observar essa contradição neste capítulo, quando analisamos os vários Congressos dos Escritores pós 45.

⁵³⁸ Depoimentos dos sargentos Carrion e Danieli, membros do Anti-mil a João Quartim de Moraes na data de 10/11/1996. Entrevista gentilmente cedida ao autor deste trabalho.

Introdução à Revolução Brasileira, editado no final dos anos 50, tenha sido cercado de muitas ressalvas e inclusive com aquela famosa *advertência*, ao prefaciá-lo o livro:

*Como Revolução Brasileira, entendemos o processo de transformação que o nosso país atravessa, no sentido de superar as deficiências originadas de seu passado colonial e estar incompleta a revolução burguesa no seu desenvolvimento histórico. Tal processo que se opera diante de nós, com a nossa participação, tende a superar os poderosos entraves que se antepunham, e ainda se antepõe em parte, ao desenvolvimento do país. Discriminando as origens das forças interessadas no processo nacional, e mostrando o que existe ainda de negativo no quadro brasileiro, procurando realizar uma tentativa de esclarecimento político, no sentido de cooperar para a aceleração do mencionado processo, que tem como fundamento mínimo, a manutenção e ampliação do regime democrático, de um lado, e a solução nacionalista dos problemas de exploração econômica das nossas riquezas, de outro lado.*⁵³⁹

Face à enorme polêmica gerada nos meios militares e civis quando de sua publicação, o autor ainda procurou demonstrar o significado e, nesta proposta, bem como pontuar ter a etapa histórica em questão o objetivo de superar nossas debilidades neocoloniais e, associada a este aspecto, a necessidade de um projeto de nação. Era, em última instância, o projeto nacionalista. Contudo, sempre houve a intenção de ampliar esse leque de apoios, o que pode ser avaliado no seu arquivo na Biblioteca Nacional, onde constam vários telegramas de agradecimento acusando o recebimento desse livro por um amplo espectro de personagens ideologicamente distintas como *João Goulart, Castelo Branco, San Thiago Dantas, Lira Tavares* entre outros civis e militares.

Todavia, suas preocupações não eram gratuitas ou ao que parece, isoladas, e algumas hipóteses de desenvolvimento dessa problemática devem ser contempladas, até porque, sugerem que essa questão se coloca entre os militares de uma outra forma. Para entendermos essa problemática e particularmente, face à complexidade com que a questão se apresenta, entendo ser válido recuperar o espírito de *uma parte dos militantes militares comunistas e nacionalistas* como um todo naqueles conflituosos anos de 50/60 e, nesse caso, acredito que o insuspeito (por sua vinculação ao PCB) Brigadeiro Teixeira resume, em uma única passagem, o significado daquelas posições, quando assim conclui: *estávamos*

*absolutamente convencidos de que o caminho do progresso político era dentro da legalidade democrática.*⁵⁴⁰ Ele não foi o único militar a se posicionar dessa forma, mas é uma posição sugestiva de ser majoritária, ao menos entre os oficiais. Essa leitura coincide com uma reflexão recente de um analista, que admite, face à composição presente no PCB naquele período: policlassista, não majoritariamente operária, com reduzida inserção social, é um partido marcado, em última instância, por *uma tônica mais nacionalista que marxista.*⁵⁴¹ Penso como positiva e até correta essa leitura, ainda que seguramente nem todos pensassem assim.

Essa passagem sugere que essa era a tônica da maioria do setor militar e sua visualização reformista da política à esquerda, em que pesem as teses em vigor e os equívocos de sua implementação pela direção do PCB. Valemo-nos mais uma vez, das ponderações de Miliband sobre esse aspecto. Na sua leitura, observa que o *Reformismo Marxista*, se configura em uma visão a longo prazo de avanço ao socialismo e parte do pressuposto de que, neste processo, sejam demolidas as estruturas do capitalismo em uma perspectiva de lutas de classes. O processo ocorre em frentes distintas e em níveis diferenciados, mas que, em última instância, permanece como sendo uma política de conflito, ainda que encarado dentro dos limites do constitucionalismo de uma democracia burguesa, e, de certa forma, apostando taticamente no processo eleitoral nos seus vários níveis, bem como em lutas, greves. Há, necessariamente, limites definidos para esta estratégia, mas a legalidade e constitucionalidade não são para o autor, sinônimos de abandono de propósitos revolucionários, ainda que impliquem *limitações evidentes* quando inseridos no jogo de regras institucionais em vigor e que, podem descaracterizar um partido comunista como sendo revolucionário.⁵⁴² Entretanto, essa reflexão veio a ser um ponto de partida para a atuação do PCB nos anos 50, norteando em grande medida, sua intervenção

⁵³⁹ Sodré. Nelson Werneck. *Introdução à Revolução Brasileira...* op. cit., p. 9 e 10.

⁵⁴⁰ Dênis. *A Esquerda e o Golpe...* op. cit., p.250.

⁵⁴¹ Brandão, Gil do Marçal. *A Esquerda Positiva...* op. cit., p. 197.

⁵⁴² Para ele, o Reformismo pode ser caracterizado no seu processo de intervenção em um primeiro momento, na defesa dos interesses da classe trabalhadora e no avanço das reformas de todo o tipo e em um segundo momento, um total envolvimento na política democrática burguesa, objetivando o maior grau possível de apoio eleitoral e participação em outras entidades de representação. Os fundamentos dessa leitura e dessa possibilidade, encontram ainda subsídios no debate de Lênin e Kautsky, Bernstein, nas várias obras de Lênin, até porque, o Leninismo é entendido como expressão tática de ocupação dos espaços burgueses. Miliband, Ralph. *Marxismo e Política...* op. cit., p. 150 e ss.

política, e nesse sentido, a entendemos como uma concepção revolucionária, em que pese as polêmicas ao contrário.

Vale ponderar, mais uma vez, que é um debate extremamente complexo, particularmente, quando se refere ao setor militar, a esquerda militar e as peculiaridades intrínsecas a sua composição social e particularmente, política. Nesse caso, vale um parêntese. Não há dúvidas, de que os militantes do *Anti-mil* eram ideologicamente revolucionários como membros de um Partido Comunista e internamente (e, claro, fora dele) havia várias alas com distintas concepções revolucionárias, ainda que sob a mesma orientação política. E isto era um diferencial quanto às formas de apreensão dessa linha política. Por um lado, havia um amplo setor daqueles militares advindos da tradição da esquerda tenentista (no caso também muitos sub-oficiais) e talvez originada em duas alas: uma inicial, que logo aderiu ao partido e ao socialismo, influenciada pelo carisma e pela própria adesão de Prestes ao PCB via ANL⁵⁴³ e a outra, advinda da própria tradição tenentista.

A primeira ala a que nos referimos, provavelmente, esteve mais afinada e disciplinada com o projeto de revolução pautado no *Manifesto de Agosto*, e muitos de seus membros se lançariam nas lutas dos anos 50 com ardor militante revolucionário advindo de uma formação pautada nos cânones da III IC, que tinha por objetivo imediato, luta revolucionária pela tomada do poder⁵⁴⁴ e, esse fator nortearia toda uma geração de militares. Percebe-se mesmo que a maioria dos militares que iriam compor o Comitê Central do PCB naquele período são originários dessa tradição e, claro, influiriam de forma decisiva na linha política à esquerda junto aos militares, e que entendo é o objeto da crítica de Sodré.

Quanto a ala advinda da esquerda tenentista, mas que, por caminhos políticos e teóricos mais que tortuosos, como vimos ao longo desta dissertação, aproximar-se-ia do PCB no período que antecede o final da Segunda Guerra. Pode-se reconhecer nela um outro grupo que teria, antes de tudo, sua ação e concepção políticas pautadas e norteadas por valores nacionalistas, patriotas, democratas e, posteriormente, socialistas, próximas de

⁵⁴³ Prestes. Anita Leocádia. **Tenentismo Pós 30...** op. cit., p. 82 e Rodrigues, Leôncio Martins. **O PCB: Os Dirigentes e a Organização...** op. cit., p. 398.

⁵⁴⁴ Como indicam os depoimentos e a ação dos sargentos Carrion e Danieli in Moraes, João Quartim. (Org). **História do Marxismo no Brasil...** op. cit., p. 198 e os depoimentos do Cel. José Gutman e Delcy Silveira in Paula dos Santos, Ana. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras...** op. cit., p. 82.

uma linha reformista e teórica da II Internacional. Neste caso, muitos deles evoluem quase que naturalmente do *tenentismo ao marxismo*.

É o caso de Sodré e muitos de seus artigos críticos do período confirmam esta hipótese, ou seja, o entendêmo-lo como um autor e militante mais próximo da linha evolucionista advinda da tradição da esquerda tenentista, algo bem diferenciado daqueles que teriam sua origem próxima ao prestismo, entre outros. Ao que parece, havia um consenso entre as correntes internas que, em última instância, objetivavam à construção de uma sociedade socialista, mas que seria mediada indubitavelmente pela etapa histórica da construção da nação brasileira. Neste caso, não é e não há uma contradição ou mesmo ambigüidade, e sim uma reafirmação de princípios em que pese a linha pontual e localizada do *Manifesto de Agosto* e o impacto diferenciado de sua apreensão sobre alguns setores militares à esquerda.

Ainda assim, acredito que essas eram as principais correntes, mas poderia haver outras. Jacob Gorender até sugere, por exemplo, que o prestigiado Capitão Agildo Barata (um pequeno burguês radical, na sua leitura) nunca chegou a ser marxista e sim um nacionalista e que, após as denúncias do culto à personalidade de Stalin e seu conseqüente rompimento com o PCB, pôde retirar o verniz comunista e assumir aquela que era sua verdadeira ideologia.⁵⁴⁵ É de se supor que não fosse um caso isolado, muito pelo contrário, até porque, talvez possamos contabilizar aqueles jovens oficiais e subalternos, que entraram no PCB após terem participado da resistência ao nazi fascismo através da FEB como um outro grupo. É um componente intrínseco que deve ser contabilizado à presença de muitos militares que aderiram ao PCB, ainda que muitos outros advindos da mesma tradição expedicionária, tenham participado das lutas da década de 50 na condição de nacionalistas e, neste caso, com uma forte concepção de legalidade. Salvo pontuais exceções, é sugestivo de se pensar que, no conjunto do Anti-mil, particularmente entre os militares do exército e, entre eles, os oficiais, prevalecia uma leitura reformista e claro, na linha de um debate à esquerda mais próximo aos ditames do pensamento socialista da II Internacional.

Por essa razão, entendemos que, esses condicionantes políticos e ideológicos, também demonstram, em última instância, as muitas dificuldades de se refletir sobre o conceito de esquerda entre os militares e por decorrência, uma quase impossibilidade de

⁵⁴⁵ Gorender, Jacob. *Combate nas Trevas...* op. cit., p. 20.

utilizar o instrumental teórico clássico para o entendimento da questão. Nesse sentido, vale mais uma vez, recuperar na leitura de Quartim, a possibilidade instrumental e analítica para pensarmos essa tradição de intervenção revolucionária e o significado de esquerda militar, que de certa forma, nos auxiliam apreender a atuação dos militantes do PCB nas forças armadas, bem como as ambigüidades características daquele processo histórico abortado em 1964. Retomando o argumento propositivo sugerido no capítulo I, podemos concordar que, o significado de esquerda militar no Brasil, a despeito das evidentes diferenças de formação intelectual, de formulação doutrinária, ou mesmo da forma de atuação e de perspectiva programática, pode ser apreendido em sua substância conceitual, antes de tudo, na inspiração ético-política, iniciada ainda naqueles jovens oficiais abolicionistas e republicanos, e que, atravessa os tenentes dos anos 20, os militares antiimperialistas dos anos 50 e os antigolpistas dos anos 60⁵⁴⁶. Feitas estas observações que acredito serem necessárias, veremos como os desdobramentos da eleição de Sodr e ao *Clube Militar* confirmam esta hipótese.

A política como mediação

Nelson Werneck Sodr e relembra em suas memórias que a chapa nacionalista esteve sob alvo cerrado de acusações de esquerdista e comunista desde o início de sua formação e ao longo de toda a campanha eleitoral, aliás bem articulada pelos opositores internos e seus aliados, entre eles, o imperialismo norte americano. Naquele cenário, essas forças, interessadas como estavam em debilitar aquela que seria sua maior ameaça, o setor nacionalista das forças armadas, e em influenciar a próxima campanha presidencial, em que Vargas já aparecia como franco favorito, nada fez de melhor do que recuperar e resgatar os fantasmas de 35, devidamente vitaminados pelo contexto de polarização ideológica advindo da guerra fria. Na verdade, o autor entende que aquela participação significava o resgate e a continuidade de uma fecunda tradição de lutas do *Clube Militar*. A questão do monopólio estatal do petróleo na ordem do dia era o resgate de uma luta que em muito extrapolava as paredes internas do *Clube Militar*; fato é que, a campanha era popular, abarcava amplos segmentos sociais e já ganhava as ruas.

⁵⁴⁶ Moraes, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil...* op. cit., p. 07.

Sob esse fogo cerrado da oposição a chapa de Estillac Leal e Horta Barbosa é eleita. Já no discurso de posse, Barbosa apresentou o balanço daquele conflito, no qual denunciou a sordidez da crítica promovida por parte de seus opositores, a quem faltava um mínimo comportamento ético que deveria sugerir o comportamento militar: comportamento este denunciado como sendo de longa data e anterior àqueles acontecimentos. O tom maior de seu pronunciamento foi um duro ataque ao imperialismo, utilizando inclusive esse conceito no seu discurso, que também seria pautado por outros apontamentos necessários como a autodeterminação, a solução dos problemas nacionais de forma patriótica e, claro, uma democracia que expressasse, em sua essência, a vontade e a soberania do povo⁵⁴⁷. Era um programa e uma leitura nacionalista com inegável viés progressista, cujo campo de batalha estava delineado, com seus oponentes internos e externos, clarificados. Com certeza não eram oponentes fáceis e, principalmente, éticos. Veremos as razões.

O historiador assume a Direção do *Departamento Cultural do Clube Militar*, ao qual estava subordinada sua prestigiosa *Revista*, mas, sem ilusões quanto aos embates futuros, até porque, nas suas atividades paralelas na *Escola de Estado Maior*, já tinha percebido uma mudança de atitude de muitos colegas. Não seria de admirar, na medida em que a instituição tinha sempre sido uma fortaleza das antigas elites militares nazi-fascistas e que agora iriam fazer-lhe cerrada oposição. Ele logo perceberia que aquilo era somente o começo do que estava por vir; e que veio rapidamente. A polarização política encontrará ambiente fecundo à sua propagação naquele segundo semestre de 1950, por ocasião da Guerra da Coréia, guerra esta que, em última instância, aproximava-se muito de nosso cenário, havendo mesmo a possibilidade de envio de tropas e navios de combate brasileiros à zona de conflito. O estopim da crise seria uma série de artigos de caráter nacionalista publicados na *Revista do Clube Militar*; em particular o de número 107, intitulado *Considerações sobre a Guerra da Coréia*⁵⁴⁸.

De fato, o autor admite que, na ocasião, estava no Rio Grande do Sul e só tomaria conhecimento do teor do artigo na sua volta ao Rio de Janeiro. Chega mesmo a declarar que não sabia quem era o autor, ainda que, segundo algumas fontes, tivesse sido ele mesmo o responsável pelo artigo. Outras versões, por exemplo, remetem a autoria ao major

⁵⁴⁷Há uma reprodução de partes do discurso na memorialística do autor. Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op. cit., p. 302; *História Militar do Brasil...* op. cit., p. 310 e ss.

⁵⁴⁸Sodré, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil...* op. cit., p. 312.

Humberto Freire de Andrade, Diretor da *Revista*.⁵⁴⁹ Em que pese o fato de a origem pessoal da redação do artigo permanecer inconclusiva, é difícil admitir que esse artigo, de forte conteúdo anti-imperialista e a favor da paz, não tenha passado por seu crivo pessoal ou pelo crivo de seus companheiros do Anti-mil ou, no mínimo, que não fosse de seu conhecimento. E por quê? As razões seriam várias. O artigo justifica o acordo com a linha política definida pela chapa vencedora; é coerente com a proposta de dinamizar o *Clube Militar* como fórum de debates das questões políticas nacionais, refletindo a preocupação e, claro, também respondia às muitas críticas advindas de alguns setores inconformados com a excessiva politização da instituição. Era, por seu conteúdo, igualmente coerente ao avançar nas limitações inerentes ao seu caráter estatutário, que tinha um caráter eminentemente recreativo⁵⁵⁰, e recuperá-lo para aquelas melhores tradições como fórum decisório das Forças Armadas. Concretamente, talvez tenha sido um dado capaz de despertar reações de monta, e isso, não somente em razão do conteúdo do artigo. Na verdade, foi o pretexto esperado e, com certeza, se não fosse esse artigo, outro motivo seria encontrado, face à dimensão de sua repercussão.

Um diálogo tenso

Nos anos 50, temos algumas particularidades históricas coincidentes à aquela leitura exposta no artigo *Considerações sobre a Guerra da Coreia* e com o processo de inserção do PCB no cenário político nacional, e, particularmente, com uma de suas principais expressões políticas militantes, configuradas naquela ocasião, com a coletas de assinaturas nas várias campanhas pela paz mundial⁵⁵¹. A campanha inicial pela paz foi capitaneada pelo *Apelo de Varsóvia* e logo depois, substituída pelo *Apelo de Estocolmo*. Nesse sentido, comitês foram formados às dezenas e campanhas de assinaturas atravessaram todo o país, com forte apelo popular contra o desenvolvimento das armas atômicas, como também

⁵⁴⁹Como sugere o Cel. Ibiapina, in Corrêa da Costa, Carlos Frederico. *Direi...ta, Volver! Esquer...da, Volver! História de Experiências de Vida de Militares...* op. cit., p. 63.

⁵⁵⁰Para uma análise desta questão, ver Gaio, André Moysés. *Em Busca da Remissão...* op. cit. cap. I e Peixoto, Antonio Carlos. *O Clube Militar e o confronto no seio das forças armadas (1945-1964)* in Rouquié, Alain (Coord). *Os Partidos Militares no Brasil...* op. cit., cap. IV.

⁵⁵¹No ensaio de memória fotográfica '*PCB: 1922-1982*' há um desenvolvimento mensal das atividades coordenadas pelo partido. Algumas delas, nessa linha pela Paz começaram em fevereiro de 1950. Memória fotográfica *PCB: 1922-1982* (vários organizadores) São Paulo, Brasiliense, 1982, p.96.

contra a guerra e particularmente contra aquela em curso, a da Coréia. Ambas as campanhas foram entusiasticamente apoiadas pelo partido e seus militantes nela envolvidos até à medula, mas vale ressaltar que, ainda que tivessem o apoio decisivo e politicamente correto do PCB entendendo que esta adesão não tenha significado que a condução ou sua coordenação fosse estritamente partidária, pelo contrário⁵⁵². É possível que a maioria das ações tenha sido dinamizadas pelos militantes do partido, mas não necessariamente controladas por este, ainda que, as conseqüências para seus militantes foram de várias ordens e, em geral, duras. Por exemplo, durante uma parada militar de 07 de setembro, Elisa Branco desfraldou em desafio uma faixa com os dizeres *Soldados, nossos filhos não irão para a Coréia*; presa e condenada, cumpriu três anos de prisão.

Há várias possibilidades de interpretação dos impactos daquela publicação sobre os militares e os militantes naquele contexto, bem como suas conseqüências, sendo que, em alguma medida, as razões até podem ser confluentes. Por um lado, não seria uma coincidência que o artigo, sobre alguns aspectos, até poderia sugerir consonância com algumas das acusações que lhe foram imputadas e não foram poucas,⁵⁵³ em que pese a justeza de sua linha de argumentação e o cenário explicativo e explosivo em que foi gestado.⁵⁵⁴ Por outro lado, pelas mesmas razões de ambigüidades apontadas e que seria uma característica do PCB naquele período, não entendo que, fundamentalmente, a leitura do artigo (ou mesmo a de Sodré) significasse orientação externa (leia-se, dedo de Moscou) ou de outro viés que não fosse a discussão política do momento e os interesses nacionais expressos. por exemplo, na luta pelo não envio de soldados brasileiros para um conflito que, absolutamente, que não lhes dizia respeito.

O sentimento nacional e anti-imperialista era genuíno nos militares e militantes comunistas, sentimento este que se justifica na medida em que a leitura do quadro político no período 48/54, associada a uma visão *catastrofista e apocalíptica*, envolvia a todos na firme convicção que o Brasil esta em vias de se tornar uma colônia americana. Por essa

⁵⁵²Chilcote, H. Ronald. **Partido Comunista Brasileiro: Conflito e Integração**. R.J, Ed. Graal, 1982 e Rodrigues, Leôncio Martins. **O PCB: Os Dirigentes e a Organização...** op. cit., p. 416.

⁵⁵³Brandão chama atenção para a discussão de autonomia ou umbilicidade do PCB ao PCUS Soviético e retoma interessantes pontos para a apreensão deste debate na conjuntura brasileira. Brandão, Gildo Marçal. **A Esquerda Positiva...** op. cit., p. 224, Gaio, André Moysés. **Em Busca da Remissão:...**op. cit., p. 47 e ss. Rouquié, Alain (Coord). **Os Partidos Militares no Brasil...** op. cit., p. 95 e ss.

⁵⁵⁴Mais uma vez, vale recorrer à análise de Quartim sobre a particularidade do manifesto naquele momento da guerra fria. João Quartim. (Org). **História do Marxismo no Brasil...** op. cit., p. 178.

razão, e que, de certa forma, não seria uma coincidência, entendo que o núcleo militar do partido fora responsável, tanto pela discussão do teor do artigo quanto de sua publicação e talvez a redação tenha sido obra do próprio Sodré, que admite com honestidade em suas memórias, o desconhecimento do General Estilac Leal com relação ao artigo e à sua publicação, e indica que também o encontrou como fato consumado.⁵⁵⁵ Caberia neste caso, uma indagação: um fato consumado por quem? Há indícios comprobatórios da hipótese de que Sodré tivesse sido o autor, ou ao menos, alguma responsabilidade em sua elaboração, como veremos daqui a pouco.

Retomemos o conteúdo do artigo. O artigo era um alerta face a ameaça a paz mundial, em curso naquele momento, expondo que aquilo que deveria ser uma guerra civil resultara, em virtude da intervenção dos USA em uma guerra entre Estados beligerantes. A literatura corrente sobre tais eventos bem demonstra que havia uma sensação de alastramento do conflito em nível mundial, envolvendo também o Brasil. Nesse contexto, não havia neutralidade possível, e podemos elencar algumas razões para tal. Em primeiro lugar, a polarização não foi diferente em nosso cenário, mas as reações anticomunistas em contrário, face ao conflito ideológico existente e às questões políticas em jogo, foram muito mal avaliadas; face ao conteúdo da crítica recebida, isso não seria de surpreender. Em segundo lugar, em avaliação posterior, o historiador admite que aquele número da revista havia somente fornecido munição; e muita, para sustentar as alegações anteriores de presença comunista na direção do *Clube Militar*, levantadas desde a campanha eleitoral, e que, a partir daquele momento, ganharam uma exponencialização inaudita, com acusações expressas quotidianamente por rádio, jornais, cartas, etc., e com um bem articulado comando que fora facilmente detectado no *Estado Maior do Exército*. O teor anti-americano do artigo é reconhecido pelo autor e, não poderia ser diferente, na medida em que é contra a guerra, mas vale ressaltar que este era também favorável às políticas desenvolvidas pelo governo brasileiro. O artigo permitia, enfim, várias leituras. Era possível tomá-lo pelo viés nacionalista, em função da linha política da própria diretoria da instituição; mas era também possível tomá-lo como um artigo à esquerda e comunista, ligado, determinado ou influenciado pela direção do PCB, ou mesmo, a expressão de sua linha política.

⁵⁵⁵Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado**.... op. cit., p.315.

Um outro procedimento, sugere mais uma vez que o artigo detonador daquela polêmica, se não foi escrito pelo próprio Sodré, teve nele, em alguma medida, o responsável por sua autoria ou publicação. Ele próprio emitiria um parecer sobre os desdobramentos da questão e uma resposta aos muitos documentos correlacionados com tal problemática. Curiosamente, sinaliza em suas memórias que tinha dúvidas a respeito, mas, concretamente, tivera a incumbência de enfrentar a questão e, claro, podemos inferir que o melhor parecerista seria o próprio articulista. O fato de estar ausente na data de publicação significa um alibi seguro para quem quer (ou precisa) se preservar. A resposta à tarefa, entretanto, não poderia ser outra, ou seja, de confronto e de coerência, uma vez que, em seu parecer, não nega a responsabilidade da diretoria em relação ao artigo e a acusação quanto ao fato de ele não estar assinado não a isenta de entender que as posições ali contidas eram indubitavelmente patrióticas e progressistas. Seja, como for, as conseqüências políticas de sua publicação, também refletiram de forma significativa nas suas convicções. E por quê? Ao que parece, só não era possível deixar de ler nele a questão da ética militar. Era essa ética, acima de qualquer questão partidária, que, segundo Sodré, deveria nortear as ações políticas entre os camaradas de armas. Se essa ilusão ainda persistia para o autor, a partir de então passaria a se desvanecer.

As várias fases da campanha difamatória orquestrada contra a direção do Clube Militar, sua *Revista* e seus membros não demorariam a começar a atingir seus integrantes nas respectivas unidades em que serviam; e foi esse o seu caso na *Escola de Estado Maior*. Pressões, conversas amistosas, insinuações e, por fim, ameaças veladas ou abertas passaram a fazer parte do cotidiano do então Major Sodré, ainda que gratificantes e corajosas manifestações de solidariedade também ocorressem em contraposição. Mas os sinais exteriores da deterioração daquele ambiente era perceptível de várias formas, começando pela alteração das relações pessoais internas que já se faziam sentir nas *oficiais ordens do dia*. Os elogios que até então apresentavam um caráter qualitativo à sua condição de militar foram relegados à formalidade burocrática, e as qualidades profissionais que anteriormente faziam a diferença passaram a ser solenemente ignoradas. As ameaças e demais manobras utilizadas não surtiram efeito para o autor, mas, em outros casos, a virulência dos argumentos provocou reações, e alguns membros da diretoria, não suportando a pressão,

resignaram-se. No pós 64, receberiam a recompensa: a promoção ao generalato, a exemplo do Major e futuro candidato do MDB à presidência, Euler Bentes Monteiro.

Paralelamente, outras insinuações e ponderações foram passo a passo sendo respondidas nas páginas da *Revista do Clube Militar*, mas nem assim a campanha arrefeceu. Ao longo dos números seguintes, a diretoria manteria a linha editorial, martelando na mesma tecla através de artigos sobre questões relacionadas ao projeto nacionalista (Petróleo); muitos de caráter anti-imperialista (como os artigos pela paz), e, também abrindo suas páginas para uma polêmica acerca do até então (in)suspeito *Apelo de Estocolmo*. Na ocasião, ainda face à virulência de seus acusadores militares na tentativa de adjetivá-la como obra comunista, os defensores ganhariam inclusive algumas manifestações bem positivas naquelas páginas, na medida em que o *Apelo* acaba sendo publicamente respaldado por críticos politicamente *corretos* como parlamentares, juizes, ministros, entre outros segmentos, o que somente demonstra o nível do debate proposto e da dimensão da campanha difamatória resultante naqueles tempos de Guerra Fria, diga-se de passagem, prá lá de quente.

O período subsequente ao artigo foi de inegável aumento da tensão política entre os militares; tanto entre os integrantes das várias alas nacionalistas entre si quanto entre essas alas e os militares *entreguistas* (termo utilizado pelo autor), e não foram poucas as continuadas intervenções diretas e indiretas pronunciadas pela alta cúpula do exército contra os membros da diretoria do *Clube Militar* e sua *Revista*. Entre avanços políticos da linha editorial e momentâneos recuos táticos como a suspensão da edição por um tempo, prevaleceu, ao que parece, a identidade programática. Vale recuperar uma passagem de um discurso de Sodré que acabaria sendo publicado e que nos apresenta a dimensão do confronto em curso segundo o pensamento do historiador:

*Não consentiremos em alienação de soberania, em alienação de riqueza, em alienação dos bens espirituais e materiais que constituem o nosso patrimônio. Num mundo de traficantes, onde há sempre os que acham que o dinheiro não tem pátria, e preferem o seu serviço ao país que os viu nascer e a que só se ligam pela consciência desse fato, a luta não é fácil; certamente, nem limpa, nem justa, nem alta, nem digna, muitas vezes.*⁵⁵⁶

⁵⁵⁶ Idem, pág. 332

Percebe-se que estão presentes nesse momento os referenciais marxistas incorporados à questão moral (de um ainda sempre *tenente*) como determinação bem expressa no militante comunista, e uma postura pouco discreta, em se tratando de um discurso proferido em tão delicadas condições políticas. Estava aqui mais que evidenciada uma situação de extremos, com uma diretoria e um autor marcados politicamente. Sem dúvida, configura-se na leitura de Bastos e Rego uma situação de tensão a que Sodré fazia frente em sua vida pública como intelectual, e que se apresenta *como pressuposto da condição de pensar a intensidade dos laços que mantém com seus concidadãos, bem como valores ligados ao projeto moderno de emancipação humana*⁵⁵⁷. Em última instância, verifica-se que o discurso e, principalmente, a sua publicação refletem a atuação política de Sodré e recoloca o seu papel social e político, considerando que esse desabafo pouco cuidadoso traduz, segundo o que as autoras sinalizaram acima, sua condição naquele momento como um portador de um perene inconformismo, que resulta em luta; luta constante e cotidiana com o objetivo de transformação. Esse era o seu estado de espírito naqueles dias.

Ambigüidades de uma transição à esquerda

Há uma singularidade interessante na narrativa exposta em *Memórias de um Soldado*, particularmente, quando o autor recupera vários indicativos (auto)críticos da crise supramencionada, que se constitui numa interessante ilustração histórica daquele cenário, mas é também, de seu pensamento político. No plano internacional, muito já foi sinalizado nestas páginas sobre o significado combustor da guerra fria, que, associada às sucessivas crises internacionais em curso, trazia ao autor e seus camaradas a nítida sensação de que a próxima guerra mundial era uma questão de tempo e, muitas vezes, de dias. O embate enunciado entre as civilizações cristãs e ocidentais X comunistas justificava, para muitos militares, a influência americana e a dependência nacional, ainda que, para Sodré, fosse o imperialismo a maior ameaça à paz, refletindo-se, no plano interno brasileiro, na submissão, no atraso e no servilismo. Quanto a esse aspecto do problema, concordamos

⁵⁵⁷ Bastos. Élide Rugai & Leão Rego, Walquíria D (org.). *Intelectuais e Política: ... op. cit., p.11.*

com o autor, ainda que, sua leitura sobre a situação brasileira remete a algumas considerações específicas que precisam ser analisadas uma a uma.

Após discorrer sobre o caráter do governo Dutra, as sucessivas campanhas nacionalistas em defesa do petróleo e da Amazônia, que eram um fator de atrito com o imperialismo americano, o historiador chama a atenção para os seus aliados internos, como também para as forças que deveriam ser antepostas à resistência. Percebe-se nitidamente que ele praticamente reproduz a leitura da linha política do PCB naquele período, que procurava construir um arco de alianças que englobasse o proletariado, o campesinato, a pequena burguesia, a burguesia e até setores do latifúndio, que poderiam somar-se a esse arco heterogêneo em razão de seus interesses estarem sendo prejudicados. Em que pesem as ambigüidades que sinalizamos acima entre a linha política e a ação política do partido, parece-nos ler, nessa análise retrospectiva, um autor *inicialmente* afinado com as teses advogadas no *Manifesto de Agosto*, ao menos quanto aos seus sujeitos históricos e à questão maior do perigo que o imperialismo representava e, claro, de acordo com o projeto socialista. Mas, igualmente, acredito que há elementos e pistas que apontam também sua *discordância* em relação a vários aspectos daquela linha política, em particular, naquilo que sugeria ser uma *Política Insurrecional* em curso ou mesmo, ao fato de ele estar (ao contrário de muitos intelectuais), sob o guarda chuva do *Imaginário vigiado*. Vale ressaltar que, nesse caso, sua leitura não seria hegemônica internamente, inclusive entre seus pares, particularmente, face à disciplina partidária, ainda que, manifestasse menos a favor do esquerdismo e mais contra o imperialismo. Vamos por partes.

O historiador chama atenção em suas memórias para alguns erros cometidos, indicando talvez o naufrágio (a expressão é minha) daquela política aparentemente acertada. Sem dúvida, o proposto arco de aliança somente poderia ter algum tipo de exequibilidade a partir de um programa mínimo que se pautasse pela continuidade do processo democrático, de acordo com algumas políticas nacionalistas, e muito pouco poderia advir deste programa. É categórico ao afirmar que, face ao discurso anticomunista presente e habilmente utilizado, muito pouco se poderia avançar naquele momento:

*as forças ideologicamente avançadas colocassem como objetivo daquela fase formas democráticas muito mais largas, importando em mudança de estrutura de poder, enfraqueciam as possibilidades de alianças...*⁵⁵⁸

Percebe-se que é uma crítica à política militarizada de assalto ao poder expressa na linha política do PCB. Ainda que seja uma manifestação a posteriori, em suas memórias, vários aspectos sugerem que essa era uma crítica daquele presente, tendo como exemplo particularmente significativo os artigos analíticos e propositivos relacionados à política dos intelectuais nos *Congressos de Escritores*, nos quais o autor propugnava que o sectarismo seria um erro. Podemos inferir que essa leitura, na perspectiva acima reproduzida em sua memorialística, já existia. A mesma crítica relatada a posteriori, já tinha sido sugerida aos intelectuais no pontual e datado artigo *Tempestade*, recuperada na parte introdutória deste capítulo, e que entendemos ser uma crítica à esquerdização ou ao esquerdismo. Ao que parece, o argumento refletiria a coerência de uma ortodoxia sempre presente em seu pensamento político. É, inclusive, uma crítica leninista, e vale lembrar que *Esquerdismo: doença infantil do comunismo* foi uma de suas primeiras leituras marxistas ainda nos tempos de *Colégio Militar*. Mas a crítica não é única e não acaba aqui.

O amplo espectro que o autor denominou *esquerda* teria sido incapaz, na sua leitura, de visualizar corretamente que o inimigo principal naquela ocasião e naquele contexto era o imperialismo norte-americano, e ele contabiliza esse equívoco ao peso da pequena burguesia em seu conjunto, e mesmo à direção dos partidos de base proletária, expressão que utiliza nas memórias, e que, seguramente, refere-se ao PCB. Esse é um componente central na sua leitura, uma vez que, entre os Pequenos burgueses, encontra-se o segmento militar, uma de suas vanguardas; argumento também partilhado por outros analistas como Jacob Gorender. Sodré sinaliza para essa questão quando coloca que:

A importância da pequena burguesia era inequívoca, de há muito, em nossa estrutura social e particularmente na área política. O atraso na mobilização e organização do proletariado, sem falar no secular imobilismo do campesinato agravavam a primazia da camada imediatamente superior. O papel da pequena burguesia não sofria, conseqüentemente, a neutralização da presença política ativa daquelas forças, muito

⁵⁵⁸ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op. cit., p. 335.

*mais objetivas em suas ações, desde que conscientes, mobilizadas e organizadas, situação em que permanecem relativamente imunes à influências subjetivas..*⁵⁵⁹

Mas não é suficiente e nesta exposição explicativa do autor, recorreremos à linha de argumentação exposta por Lowy⁵⁶⁰, procurando estabelecer um diálogo pontual, como também historicamente determinado, com os militares pequenos burgueses, como sugere Sodré em vários trabalhos. Para Michel Lowy, o militar não está inserido na relação de camadas pequeno burguesas, nem mesmo como um componente da intelectualidade. Mas entendemos que, no cenário brasileiro, essa possibilidade se apresenta historicamente, como vimos ao longo do capítulo I. Todavia, há uma aproximação teórica entre Lowy e Sodré, quando este último chama a atenção para a inexistência de um proletariado consciente e organizado para assumir o papel de vanguarda no Brasil, aspecto este posto como uma determinação para o primeiro, e que essa lacuna possibilitaria a esses setores conduzir o processo como tal. Para Sodré, ali se explicam os erros e os fracassos daquele período. Deixemos que o historiador esclareça:

*Se o papel da pequena burguesia era destacado, o de alguns setores de seus setores especializados vinha sendo grande, ao longo de nosso desenvolvimento histórico, entre eles o intelectual, o estudantil, o religioso, o militar. No momento, era este que se apresentava em avanço - daí o relevo que ganhava a existência e a ação política da corrente nacionalista. Seu irrompimento e, particularmente, algumas vitórias que alcançou, deram a idéia - cuja falsidade depois ficou comprovada pelas sanções da realidade - que se constituíra no centro da gravidade da vida política nacional, na força da vanguarda capaz, por si só, de decidir os destinos do país. Essa presunção foi o motivo de sua perda..*⁵⁶¹

Quando o historiador fala de alguns dos setores especializados da pequena burguesia; no nosso caso, o setor militar, pontua a virtual inexistência daquele histórico proletariado *stritu sensu* de que falava Marx na *Miséria da Filosofia*. Essa ponderação teve, um especial significado face às conseqüências demolidoras resultantes, mas está, de certa forma, na linha de concordância com Michael Lowy, quando admite que somente *uma*

⁵⁵⁹ Idem. pág. 336.

⁵⁶⁰ Lowy, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários...** op. cit.

⁵⁶¹ Sodré, Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op. cit., p. 336.

parte dos ideólogos pequenos burgueses se torna revolucionária ao se ligar à luta histórica do proletariado. Esses aspectos sugerem por estes pressupostos, que, não foi diferente no Brasil, ainda que, há uma diferença significativa a ser pontuada. Lowy chama a atenção, nessa mesma análise, para um aspecto importante: é um *fenômeno distinto* o fato de os intelectuais (em nosso caso, militares e pequeno burgueses) que aderem ao campo do proletariado não estarem aderindo a uma classe hegemônica. É um aspecto positivo de inegável generosidade, e, Michel Lowy reconhece ainda que estes podem ser setores inteiros da intelligentsia da pequena burguesia e não somente indivíduos isolados, como poderia sugerir ou indicar o caso de Nelson Werneck Sodré. Para Lowy, cria-se uma explicação que é ao mesmo tempo uma determinação, e essa rotação à esquerda ocorre ao longo de um processo de *lutas de classes*. Nesse caso:

*a compreensão teórica do conjunto movimento histórico está em relação dialética com uma tomada posição político ideológica, que é preciso explicar sociologicamente, freqüentemente é a escolha de posição da classe operária que cria as condições de possibilidade, no intelectual, desta visão teórica.*⁵⁶²

Nessa explicação, percebemos a linha de análise desenvolvida por Sodré passados dezessete anos. Foi sugestivamente ou intuitivamente, face à lacuna de suportes teóricos que ele pôde analisar o cenário político da época, e que teve conseqüências determinantes para a sua rotação militante e vocacional. Encontramos também, em sua análise, a explicação proposta para o fato de a esquerda, naquela ocasião, não ter podido perceber com suficiente clareza as limitações do quadro político em questão. Qual seria esta explicação?

Se algumas das condições históricas já estavam presentes, como a *Luta de Classes*, o proletariado como sujeito na sua concepção histórica era quase um ausente, ainda que em rápido processo de formação. Não seria de estranhar que a pequena burguesia, mais particularmente, o segmento militar pequeno burguês, acabasse sendo hiperdimensionada para a tarefa histórica que se impunha, e claro está que a superestimação teve um alto preço. Diante de tal razão, entendo que a esquerda apontada por Sodré é o PCB e, nesse caso, configura-se uma crítica contundente àquela política, reflexo e resultado da avaliação

⁵⁶² Lowy, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários...* op. cit., p. X

de que um único segmento especializado (o militar pequeno burguês) seria ou poderia ser capaz de derrotar o imperialismo e do fato de ter tomado a si, quase isoladamente na prática, a tarefa da revolução brasileira; tarefa que historicamente não seria sua e sim do proletariado.

Uma outra (auto)crítica ou ilusão perdida em suas memórias está relacionada à classe dominante. Entendendo que a possibilidade de consciência crítica de alguns de seus membros não significava que valesse para todos. O historiador pontua a questão da burguesia nacional como tendo sido provavelmente, até mesmo por ele, superdimensionada. Vimos como ele encontra a burguesia nacional em sua trajetória; mas ali, provavelmente, o historiador percebeu o significado de frações de classe com a ilusão de uma homogeneidade consciente em relação ao processo histórico em questão. De certa forma, essa questão também remeteu aos militares. Em ambas as frações: burguesia e militares, algumas lições foram apreendidas em relação à *consciência possível*, para utilizar um conceito de *Lucien Goldmann*. No caso dos militares, é Sodré que lamenta alguns aspectos. A idéia de justiça de uma causa escapou-lhe completamente naquela ocasião. O autor bem recorda que a associação crítica da campanha imperialista entre petróleo e comunismo pouco efeito teve sobre a consciência militar. Contudo, houve um equívoco, ele realiza uma autocrítica *a posteriori* em relação ao artigo *Considerações sobre a Guerra da Coreia*, quando a campanha imperialista pôde associar com sucesso, no grupo militar, paz e comunismo como sinônimos. Como bem lembra Goldmann:

*a influência do meio pode ser também contrabalançada ou até ultrapassada pela influência das ideologias afastadas no tempo e no espaço. Seja qualquer a determinação, é um fenômeno complexo, impossível de ser reduzido a um único esquema mecânico...*⁵⁶³

É um ponto concreto que o historiador de certa forma bem admite e com o qual até poderia concordar teoricamente. A campanha de Estillac Leal e Horta Barbosa fôra também baseada em necessárias, antigas e corporativas reivindicações militares como salários, um novo estatuto e outros direitos que eram, reivindicações de caráter político, particularmente quando recordamos as sucessivas e não muito distantes intervenções na instituição militar

⁵⁶³ Goldmann, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia...* op. cit., p. 48.

ao longo do Estado Novo, em sua maioria com claros objetivos de anular o seu caráter democrático. Naquele processo, todas essas questões estavam inseridas em um contexto que, necessariamente, *não ultrapassava o nível democrático e nacional*. Essa passagem de Sodré é uma (auto)crítica corajosa e constante. Nessa linha, sua leitura retrospectiva sobre a publicação do artigo sobre a Guerra da Coreia considera-o um erro de avaliação política, na medida em que a paz ganhou ares de subversão para a maioria dos oficiais e que resultou, por outro lado, em uma excessiva esquerdização na forma de atuar de alguns setores da corrente nacionalista, agravadas pouco depois com a possibilidade de Vargas mais uma vez vir a ser eleito presidente. Verificou-se, nesse caso, um outro erro de avaliação política, na medida em que Vargas vinha pautando sua campanha por um forte viés nacionalista e de base popular. Por essa razão, ele não seria um inimigo político e sim um aliado tático. No entanto, para muitos militares, era o passado de Vargas que importava e, nesse sentido, além de um erro político de avaliação, foi uma avaliação à esquerda equivocada. Veremos como ocorreu o epílogo desse desdobramento.

O encontro do intelectual revolucionário com o militante

Podemos ainda destacar algumas nuances nessa reflexão (auto)crítica. Por um lado, ele mantém uma postura crítica implícita que, sem dúvida, está direcionada aos companheiros militares do PCB e conseqüentemente à linha política em curso, pautado no *Manifesto de Agosto*. Por outro lado, um aspecto que é característica do momento mantém-se nos anos seguintes: independência e autonomia de pensamento em relação às teses do partido, que sempre serão objeto de viva polêmica, para não dizer de contestação. A *identidade partidária* não significou nesse momento, como em outros momentos futuros *unidade ou submissão*. Muito pelo contrário.

Entretanto, o cenário de sua exclusão pessoal estava montado e era uma questão de tempo. Em fins de 1950, fora convocado pelo então comandante da *Escola de Estado Maior* e comunicado de sua saída daquela instituição; vale ressaltar que as razões dessa transparência não foram oficializadas, ainda que as pressões nesse sentido já se vissem sentindo há algum tempo. Em um prazo meteórico, os trâmites burocráticos estavam equacionados e uma nova unidade militar designada. Não fora surpresa para autor que,

conjuntamente com os demais membros diretores do *Clube Militar* fossem todos eles enviados para servir em guarnições distantes. Nesse instante teria início um longo exílio interno em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul; exílio este que duraria quatro anos. Mas curioso e, de certa forma, emblemático foram os seus desdobramentos. O ato de transferência tinha sido promulgado no final do governo Dutra, época em que o historiador poderia tudo, menos esperar um comportamento pautado em considerações profissionais ou mesmo éticas. Eleito Getúlio e nomeado para Ministro da Guerra o General Estillic Leal, ou seja, o então presidente do Clube Militar, do qual Sodré era membro diretor, era de se esperar que fossem revogadas as transferências anteriores. Mas não foi esse caso. Sua nomeação e a de seus companheiros foram mantidas politicamente e, reforçadas institucionalmente com uma segunda portaria publicada no *Diário Oficial*.

Ao que parece, foi com particular desapontamento que percebeu aquela atitude (pouco ética), uma vez que nem mesmo o ministro, então presidente do *Clube Militar*, escapava às insinuações de que seus membros eram comunistas. A este personagem, o autor dedica várias páginas em sua memorialística, caracterizando-o com adjetivos simpáticos e singulares, mas ressaltando que este vacilara naquela que era uma questão de princípio, ou seja, havia mantido as transferências em questão, em que pese ter feito uma afirmação pública no sentido de sua revogação. Por essa razão, Sodré seria implacável em seu julgamento final, e entendemos que demonstra a dimensão de sua indignação, de um sempre *tenente* quando diz:

*Quem se porta com dignidade, pode perder, mas saca para o futuro; nessa dignidade, aqui referida, não está apenas, o conteúdo ético, mas o conteúdo político, que é a sua essência....*⁵⁶⁴

Na verdade, os acontecimentos demonstravam que tanto em nível de governo quanto a composição da nova equipe que deveria compor os quadros de chefia militar, já tinha sido homologado o divórcio dos companheiros nacionalistas, ocorria uma situação análoga à forças democráticas e populares. No entanto, a despeito das dificuldades do momento, que até então sugeriam recuo político para melhor enfrentar aqueles tempos bicudos que adviriam, a *Revista* e a diretoria mantiveram a posição de coerência

⁵⁶⁴ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op. cit., p. 352.

nacionalista e anti-imperialista, bombardeando seus leitores com artigos vários sobre o petróleo, a Light, a soberania nacional, apelos pela paz e manifestos contra o envio de tropas brasileiras para lutar na Coréia. Evidentemente, uma nova ofensiva contra o *Clube Militar* recomeçaria em pouco tempo, e em seu bojo estava em curso a eleição de uma nova diretoria afinada até à medula com compromissos e políticas diametralmente opostas àquelas políticas nacionalistas. Mas naquela ocasião, Sodré já estava a caminho do exílio. Concordamos com *Netto* que foi a sua participação nas eleições e na gestão da instituição que significou um amadurecimento político, como também, a meu ver, a reafirmação de um compromisso militante referencial. Nesse caso, o historiador teria deixado:

*Para trás suas ilusões. Sabia-se marcado pelas cúpulas golpistas; mas se sabia, agora conscientemente, vinculado a uma tradição em que o profissionalismo militar não se constituía para além dos confrontos em que se jogavam a soberania nacional, o aprofundamento da democracia e os interesses de classe...*⁵⁶⁵

Não havia mais ilusões de consenso e a luta nacionalista, a partir daquele momento, adquiria um patamar diferenciado. Outros episódios de enorme gravidade se seguiriam. A denúncia do *Acordo Militar Brasil-USA*, entre outros compromissos lesivos à nação assumidos pelo governo Vargas, resultaria inclusive na demissão do antigo aliado, o próprio Estillac Leal, do Ministério da Guerra. Essas questões são exemplos sugestivos do grau de embate futuro que ainda estava por vir e que não demoraria a acontecer, tendo ainda por palco de confronto o *Clube Militar*. Seria então um outro momento, mas inexoravelmente decorrente deste que agora pontuamos.

A caminho do exílio: uma reflexão crítica

O episódio do *Clube Militar* é o canto do cisne do ideário de quem foi, um dos últimos *tenentes*, mas não é o ponto de partida ou de rotação de sua conflituosa transição à esquerda, na direção do *intelectual marxista revolucionário*, iniciada cerca de 10 anos antes, ainda na Bahia. Esse episódio é, na verdade, o epílogo de um longo processo de rotação e amadurecimento teórico e político, etapa esta que também se apresenta como um ponto de ruptura e, no exílio interno, configura-se o palco e também o início da nucleação

⁵⁶⁵Netto, José Paulo in *Apresentação* da reedição de *O Naturalismo no Brasil...* op. cit., p. 14.

de sua vocação intelectual e de sua vocação profissional, mediada pela política, e que virá a ser objeto de considerável reavaliação teórica, expressa agora em uma diferenciada práxis militante. O próprio autor nos apresenta esse momento particular de pausa a caminho do exílio, naquele 1º semestre de 1951, como sendo de profunda reflexão pessoal, recuperando-o em suas memórias em uma bela passagem intitulada *Opção*. Vale à pena essa retomada retrospectiva, na medida em que ela é singular e, de certa forma, um parâmetro igualmente válido para apreender o seu pensamento político naquela ocasião; até porque muitos de seus artigos do período corroboram essas tensões.

A viagem ao exílio distante deu a Sodré tempo necessário para meditar e fazer um balanço daqueles acontecimentos; e desse momento de reflexão retrospectiva, ele tiraria algumas conclusões. Uma primeira conclusão se refere às condições da luta travada no âmbito do *Clube Militar* e à concepção política que muitos de seus membros participantes tinham do processo. O historiador chama a atenção para uma concepção mística do significado de política que norteava os companheiros e da qual discordava, uma vez que considerava totalmente diferenciada de uma concepção de ciência, fator este que ele explica mais uma vez como estando relacionado à origem pequeno burguesa da maioria dos seus membros do grupo. Há um componente valorativo nessa crítica, na medida em que nela transparece também uma crítica contundente a política desenvolvida pelo PCB e ao modo como ela se expressou na formação de seus militantes. Tal política, continha elementos que podiam ser adjetivados de místicos, e que indicavam o quanto podia estar equivocada em relação à realidade nacional. E por quê? Vejamos como ele pontua essa questão:

O sentido místico da política – que pode até engrandecer algumas ações e fixá-las na história – valoriza extraordinariamente posições e decisões individuais ou de minorias, que se pretendem ser superiores às condições do meio e do tempo, dotadas de força para modifica-las. Coloca em primeiro plano, o sentido heróico do comportamento, a capacidade do sacrifício e até o pendor par o martírio; é muito sensível à projeção dos atos e decisões, ao ruído que provocam, ao escândalo que levantam. Visa certas formas de recompensa que individualizam valores: o aplauso, a capacidade de deflagrar tempestades. Contenta-se com o resultado imediato, colocando em destaque a função precursora, a dos que vêem primeiro a ‘terra prometida’, o ‘paraíso social’. Subestima, inexoravelmente, o ‘atraso’ dos demais,

*sua incapacidade para compreender, aceitar e participar de ações de larga e imediata repercussão. Acredita, e só nisso, que a ação esclarecida de alguns heróis e mártires tem a capacidade de criar condições novas, de alterar a realidade, de abrir consciências e portanto de mudar os rumos coletivos.*⁵⁶⁶

Tal concepção de política militante, que sugere o paraíso social ou a terra prometida, para usar uma expressão do próprio autor, provavelmente refere-se à URSS, e entendo que não era algo dissociado da concepção presente no conjunto dos militantes do partido e de sua direção, que, naqueles tempos, atuavam em uma situação de clandestinidade quase que absoluta. Na concepção mística (que critica), não podemos esquecer uma segunda possibilidade de crítica ao mito, remetendo ao fascínio que a figura de Luís Carlos Prestes exercia sobre o conjunto do partido, mais ainda sobre segmento militar representado por aqueles jovens tenentes no cenário político da época. Prestes já era um mito para os militares e para a população. A partir de 1948, segundo suas anotações, o *Cavaleiro da Esperança* teve, entre outros *heróis e mártires*, seu papel político superestimado, e para isso contribuíram, quase quotidianamente, as diversas informações e informes do partido, tomadas como verdades acima de qualidades ou defeitos desse mito. Tal política resultara naquilo que entendemos como um verdadeiro culto a personalidade⁵⁶⁷. Ao que parece, temos aqui uma crítica a esse tipo de (de)formação, que resultaria em conseqüências negativas para a militância do PCB. A rigor, não está sozinho nessa análise, já que as conseqüências negativas também se estenderiam ao segmento militar e aos intelectuais.

Mas, para nos ajudar a entender sua crítica nesse cenário e segundo a perspectiva dos militantes, podemos recorrer inicialmente às recordações de um Capitão da Reserva e ativo militante do PCB desde os anos 40. Em entrevista ao autor desse trabalho⁵⁶⁸, se recorda de uma passagem elucidativa, vivida num dos muitos cursos de formação de que participara no início dos anos 50 e reproduz a frase de um professor que chegara a afirmar que *não tínhamos um partido à altura de nossa direção*. Em outras palavras, percebe-se aqui a substância crítica de Sodré ao conceito de misticismo aventureiro, utilizada para

⁵⁶⁶ Sodré. Nelson Werneck. **Memórias de um Soldado...** op. cit., p. 367.

⁵⁶⁷ Memória fotográfica **PCB: 1922-1982** (vários organizadores).. op. cit., p. 95 e Moraes, Dênis. **O Imaginário Vigiado...** op. cit., p. 105 e ss.

pontuar uma condição militante daqueles tempos, e que resulta, além dos erros de avaliação política, em incompreensões de várias ordens e no isolamento social característico de uma situação de clandestinidade. Nesse caso, vale o individualismo militante pautado na referência individual do mito dirigente individual ou coletivo. Com certeza, é uma crítica a uma concepção militante à esquerda e ao esquerdismo, em vigor.

Entretanto, para o entendimento dessa problemática e das inúmeras dificuldades muito próximas ao obreirismo dos anos 30, considerando que essa questão impunha desafios ao intelectual e limitações ao militar, algumas análises podem nos ajudar. Para compreender essa apreensão mística do militante, podemos propor somente uma aproximação relativa. Em primeiro lugar, a concepção militante do período relacionado era antes de tudo imediatista ou insurrecional (Manifesto de Agosto), ou seja, a revolução estaria na ordem do dia e, nesse sentido, apresenta-se como um desafio cotidiano, pautado em uma disciplina partidária que comparativamente desafiaria qualquer tradição militar prussiana.

No caso de nosso historiador, entendo que seria diferente, na medida em que essa construção militante estaria oxigenada por uma reflexão teórica singular, advinda de uma práxis anterior, acompanhada de um incipiente debate marxista e de uma ruptura pós 45, ainda que pese um firme compromisso partidário. Individualmente está também pautada por uma formação intelectual ímpar entre o conjunto dos militantes. Mas não é tudo. Há uma certa coincidência entre o comportamento de Sodré e o do grupo militante intelectual vinculado ao PCB; percebe-se um procedimento crítico análogo quando comparado aos demais intelectuais como Astrojildo Pereira, em que pese a disciplina partidária, que, refletiu negativamente em outros setores militantes do partido. Leandro Konder nos aproxima do desafio de se pensar essa propositiva como dupla vocação que nossa leitura sugere, e apontar algumas respostas. Inicialmente, ele dirá:

a teoria não se faz automaticamente, por si mesma. Ela não é (como parecem supor alguns) um corolário óbvio da prática, uma compreensão que brota espontaneamente do engajamento. A competência teórica resulta de um esforço específico, só pode ser alcançada através de um investimento persistente, que exige paciência, estudo, paixão

⁵⁶⁸Entrevista de Capitão da Reserva, herói da FEB e membro do CC do PCB ao autor deste trabalho em 15/10/1999.

*e muito dispêndio de energia. A teoria é um campo de batalha no qual o êxito depende de uma longa preparação*⁵⁶⁹.

Na mesma linha de análise, Konder sinaliza que o charme do marxismo, *de ser marxista*, em sua primeira fase histórica no Brasil (mas que não necessariamente deixou de ser uma característica nas fases subsequentes ao longo do século), estaria na radicalidade do seu engajamento e em um compromisso da transformação prática do mundo com a eficácia revolucionária. Nesse caso, ainda aponta que a concepção ideológica resultante, (que se coloca para o conhecimento), apresentou freqüentemente uma distorção inevitável, face às várias pressões e confusões de várias ordens e a uma cobrança quanto ao compromisso entre o que o sujeito diz e o que o sujeito faz. Para esse autor, esta equação conflituosa é um fator positivo, e constituiria uma contribuição do pensamento de Marx para as Ciências Humanas. Mas, politicamente ou partidariamente sob a égide do *Imaginário Vigiado*⁵⁷⁰, seria um fator negativo naqueles tempos. Não seria uma coincidência que a grande contribuição teórica marxista de Nelson Werneck Sodré sobre o Brasil tivesse ocorrido nos anos subsequentes, pós volta do exílio interno.

Nesse sentido, percebe-se que tais tensões que remetem ao entendimento de sua condição militante e a reflexão teórica, os pontos explicativos levantados Konder são igualmente válidos e nos ajudam a se aproximar desta problemática, até porque a teoria da revolução brasileira em Sodré somente se configuraria como reflexão e obra sistematizada daí a alguns anos, especificamente nos anos 60. Segundo essa linha de análise, percebemos que, associada à indagação ou ao desafio inicial de pensar o Brasil como objeto de um militante intelectual comunista, podemos perceber que uma perspectiva diferenciada se impõe aos objetivos propostos, na medida em que, o desafio se apresenta necessariamente como uma tarefa partidária e uma ousadia analítica necessária. Para o militante intelectual, o objetivo remete em última instância ao histórico problema da instrumentalização dos agentes de mediação (ao grupo militar), com o propósito de elaborar uma teoria da revolução. Para o historiador, sua (re)avaliação autocrítica no (e do) período, singular e diferenciada de seu grupo, como ele mesmo admite, não implicava ainda um amadurecimento pleno quanto a essa questão. A política como vocação ainda era um

⁵⁶⁹Konder, Leandro. *Intelectuais Brasileiros & Marxismo...* op. cit., p. 8.

⁵⁷⁰Moraes, Dênis. *O Imaginário Vigiado...* op. cit.

desafio, um longo caminho a ser pavimentado, e entendo que somente o seria após o seu período de volta do exílio interno.

Todavia, naquela ocasião, outras mediações já estariam em cena, como o proletariado, por exemplo, que se apresenta como uma determinação histórica, segundo nos recorda Michael Lowy. Como vimos, são fatores que indicam uma possibilidade interessante da crítica e da autocrítica de Sodré e, suas limitações; uma vez que, essa militância ou adesão de um intelectual não depende somente do grau de *repulsão* em relação ao capitalismo, mas também do grau de *atração* que exerce o campo do proletariado. Neste caso, Lowy ainda entende que essa atração:

*é de início, teórica ou ideológica: o marxismo enquanto sistema coerente, científico e revolucionário surge a muitos intelectuais radicalizados como a única teoria que explica e desvenda a verdadeira causa da reificação, da dominação sufocante do quantitativo, da despersonalização da vida, da degradação dos valores, da guerra, que ano é outra senão o capitalismo. O marxismo atrai os intelectuais não somente por seu rigor científico, pelo caráter global e universal de sua concepção de mundo, mas porque propõe a abolição radical da hegemonia de troca sobre a vida social, e porque é capaz de mostrar uma força social real que tende para este objetivo, o proletariado revolucionário.*⁵⁷¹

Essas pontuações nos auxiliam a entender a (auto)crítica realizada naquele contexto. Para Nelson Werneck Sodré, teria havido um certo aventureirismo político no caso do Clube Militar, e o mostra pontuando o desencadear de ações sem a previsão das conseqüências, ou mesmo os seus desdobramentos. É igualmente uma crítica explícita ao PCB como organização, ou melhor, como *direção de partidos de base proletária*. Leia-se direção pequeno burguesa e base militante operária.

Concretamente, era a política partidária em curso que o autor criticava, e que resultava nesses equívocos que denominou místicos, uma vez que, sob a influência do *Manifesto de Agosto*, a direção do PCB advogava que, em última instância, bastaria uma fagulha para desencadear o processo revolucionário, e nesse sentido, seria contabilizado ao segmento pequeno burguês militar uma tarefa que historicamente não lhe cabia. Mas critica também, sem mencionar a fonte, esta última linha de pensamento, e destaca que, em setores

da pequena burguesia, os quais ele cita especificamente, o clero, os militares e estudantes, o clima de aventura é inerente à formação social. Mas não é só. Procura ainda demonstrar que, implicitamente, a política que deveria ser posta em prática era justamente o contrário daquela em curso, ou seja, deveria ser um paciente e minucioso trabalho de politização, que é, em geral, um trabalho opaco, sem muita visibilidade, e por isso comumente desprezado. Sodré demonstra ainda que é essa a atitude que também diferencia o militante, na medida em que essa concepção de política forja uma identidade que o referencia à coerência.

Mas, e a questão do proletariado que nos indica Lowy? Na década de 50, ao que parece, não foi um fator central para Sodré, ainda que intuitivamente sugira esse aspecto como estando presente na análise das derrotas a caminho do exílio interno. Vale recordar que, nos idos de 64, quando o golpe parecia à vista e era uma questão de tempo, o historiador sempre afirmou que não tinha ilusões em relação ao esquema militar de João Goulart, mas admite que qualquer tentativa de instalar uma ditadura ou golpe de estado seria derrotada em razão de *acreditar no movimento das massas*.⁵⁷²

Ponto de chegada ou ponto de partida ?

Tudo indica que os apontamentos dessa passagem memorialística, traduzem um duplo sentido e, talvez, um recado, e refletem uma posição da época que se mantinha coerente naqueles idos de 1967, momento de redação de suas memórias. Nesse sentido, esses apontamentos são com certeza, um recado contra as aventuras em curso de ações armadas de setores da esquerda brasileira contra a ditadura militar; postura essa que nunca aceitou, apesar de ter sido insistentemente convidado a delas participar. Nos momentos em que escrevia as *Memórias de um Soldado*, Sodré tinha sido a pouco deixado em paz pela ditadura militar; isto após ter sido preso e ter respondido a vários inquéritos até dezembro de 1966. Segundo Netto, a partir de então, o historiador passaria a ser um referencial ao radicalismo e ao aventureirismo pequeno burguês correntes⁵⁷³. Como muitas de suas teses anteriores à década de 50, esta, ser contra o aventureirismo, o espontaneísmo ou mesmo o imediatismo. era uma postura política anterior àqueles tempos pós 64 e, forjada em uma

⁵⁷¹ Lowy, Michael. *Para uma Sociologia dos intelectuais...* op. cit., p. 9.

⁵⁷² Dênis. *A Esquerda e o Golpe...* op. cit., p. 309.

⁵⁷³ Netto, José Paulo in *Apresentação* da reedição de *O Naturalismo no Brasil...* p. cit., p. 17.

práxis militante diferenciada, conseqüente reflexo da ortodoxia de uma coerência. Ainda assim, essa tomada de posição nacionalista e ideológica nos anos 50, significava, em última instância, não somente o fim de sua carreira militar mas também a quebra de laços afetivos e sociais construídos na corporação ao longo dos últimos anos. Ali, face àquelas tensões de várias ordens, é que ocorre a reafirmação de sua opção política por um compromisso militante; o que, nas entrelinhas, significava o partido, ainda que não o cite em momento algum, diga-se de passagem. Nas suas palavras:

*Ao decidir-me, por atos, no sentido de resistir ao imperialismo, no sentido de lutar por interesses do povo e não pelo das classes dominantes, no sentido de dar conteúdo real, concreto, objetivo ao patriotismo – optara pelo esquecimento, pelo castigo, pela aversão. A opção estava feita, e era inapelável. Inútil proclamar que era injusta, pois que era a lógica. As posições éticas que configuram o bem e o mal, o justo e o injusto, são dos indivíduos; as da sociedade não podem ser assim qualificadas, elas decorrem de condições e não de atos de vontade [...] Mas a sociedade não pode ser qualificada de injusta ou má com os indivíduos; ela é injusta e má com as classes dominadas...Cedo, pois, compreendi a essência do problema e não me preocupei com a desigualdade do tratamento daquilo de que me privavam para me punir, em mim, uma posição política. Há muitos e muitos anos, as classes dominantes, na maioria, rasgaram a bandeira nacional, como a bandeira democrática, se é que honraram esta, algum dia entre nós. Mas continuavam a dizer que seus interesses eram nacionais, que a sua tirania é democrática. Com freqüência. Àquele tempo, como até hoje, os que se esforçavam por defenderas riquezas nacionais, sobre os quais o imperialismo se lançava, furiosamente, eram acusados de traidores. Enquanto os que nos perseguiam se submetiam, com servilismo, a uma potência estrangeira, os Estados Unidos, acusavam-nos de pretender abrir o Brasil ao domínio de outra potência estrangeira, a União Soviética, enquanto golpeavam as instituições, em repetidos atos de força, acusavam-nos de ‘subversivos’; para ‘defender a democracia’, acabavam com ela [...] Nossa posição (Clube Militar) podia ser acusada de tudo, menos de impatriótica.*⁵⁷⁴

Esta passagem reflexiva é o epílogo (auto)crítico daqueles acontecimentos do *Clube Militar* e, implicitamente, à linha política do *Manifesto de Agosto* em curso do PCB e de

muitos de seus militantes. Sugere, uma autonomia de reflexão e de crítica, e com ela o autor procurou demonstrar que o eixo central da proposta em curso, era a nação contra o imperialismo. Daí temos inclusive, mais uma hipótese explicativa para o longo hiato entre suas publicações de 1945 até 1958. Na verdade, o período de alguns anos que adviria desse exílio interno, é que se apresentaria para Sodré, como uma etapa de aprendizado, muitas leituras e tempo para refletir. Vale a ressalva que, desde a publicação de *O que se deve ler*, o último livro dessa fase até 45, passar-se-iam quase 13 anos até à retomada de sua produção teórica, ainda que um singular esforço de crítica literária, associado a alguns pontuais artigos e ensaios de análise econômica elaborados nessa época, seriam retrabalhados e teriam visibilidade diferenciada nas várias publicações ao longo dos anos 60. Curiosamente, em artigos e livros recentes, percebe-se o historiador politicamente mais à esquerda, adjetivado inclusive por alguns analistas, como sendo um dos últimos stalinistas. Polêmicas a parte, é ainda coerentemente nesta fase, um intelectual nacionalista, e seguramente, um dos últimos *tenentes*. Mas, é um outro momento de sua trajetória e, comporta, sem dúvida, uma outra análise.

É bem possível, face à revisão teórica de muitos de seus pressupostos, que ali iniciava, e face à experiência advinda da práxis militante, que ainda no curso daquela viagem, é que tenha começado a ser gestado e condensado o primeiro embrião da futura tese da *Revolução Brasileira*. Não seria uma coincidência que, na fase subsequente de sua reflexão teórica a ser apresentada daí a alguns anos, depois da volta, o autor já apresentasse uma considerável maturidade intelectual e ponto substanciado de partida expresso na publicação *D'Introdução à Revolução Brasileira*, em 1958, mesmo que essa 1ª edição ainda sofra influência de alguns antigos pressupostos bem como de várias leituras dessa época.

Na verdade, foram reflexões elaboradas no período pós exílio, um período em que os fundamentos teóricos advindos de intelectuais como Lukács e Mariategui ainda não se faziam presentes como determinações teóricas; valendo a ressalva, de que já eram autores de seu conhecimento e que talvez, até estivessem em processo de estudo, bem como logo viriam a ser norteadores de análises futuras. Mas seguramente ocorre, nessa fase, uma aproximação do autor (e suas teses) com as novas teses do PCB advindas da *Declaração de*

⁵⁷⁴ Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado...* op. cit., p. 371.

Março de 1958 (ou eventualmente, aconteceu o contrário) e com ela, uma singular mediação da política militante em sua reflexão teórica a muito gestada como um *tenente*. Esse, mais uma vez, é um outro debate e um outro período de sua trajetória intelectual e claro, uma outra hipótese de trabalho. Fiquemos, por enquanto, neste primeiro período, quando se estabelece a confluência de suas vocações e se apresenta pela mediação da política que reflete e ilumina, um outro patamar vocacional que se inicia como historiador marxista.

Naquele distante junho de 1951, o Major Nelson Werneck Sodré já estava a caminho de uma guarnição de artilharia na cidade gaúcha de Cruz Alta, onde ficaria quase isolado por quatro anos. Era mais uma vez o exílio, como aquele primeiro, no Estado do Mato Grosso, ainda que este último, não seja admitido como tal. Entretanto, foi uma fase igualmente fecunda, que propiciou ao autor um particular momento de reflexão e reelaboração teórica. Essa passagem apresenta, a meu ver, o ponto de chegada de uma longa trajetória tenentista, e ao mesmo tempo, o ponto de partida do intelectual marxista revolucionário. É até plausível que ele tenha, em suas memórias, conscientemente ou mesmo inconscientemente se aproximado de nossa conclusão. Ou quem sabe, essa possibilidade somente tenha ocorrido bem mais tarde, na medida em que não seria uma questão que o incomodasse. De qualquer forma, é somente uma especulação. Talvez, em viagem, tenha pensado sobre essas questões, ainda que não por muito tempo, porque havia prioridades mais urgentes, e o trem vagorosamente em seu curso já se aproximava de seu destino. *Fazia um frio rigoroso, e o vento castigava os passageiros...*

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Lúcio Flávio. **Ideologia Nacional e Nacionalismo**. São Paulo: Ed. Educ, 1995.
- ALVES FILHO, Ivan. **Giocondo Dias: Uma vida na clandestinidade**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1997.
- _____. **Brasil, 500 anos em documentos**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1999.
- _____. (Org.) **Tudo é Política: 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré**. Textos inéditos e censurados/Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1988
- AMARAL. Azevedo. **Ensaio Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.
- AQUINO. Laura Christina Mello de. **Os Tenentes Estrangeiros: a participação dos Batalhões estrangeiros na rebelião de 1924 em São Paulo**. João Pessoa: Ed. A União/UFPB, 1988
- ASSIS DUARTE, Eduardo. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Natal: Ed. UFRN, 1995.
- ARAÃO REIS et Alli. **História do Marxismo no Brasil: O Impacto das Revoluções**. Vol. I. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1991
- ARGOLO, José Amaral. **A Direita Explosiva no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1996
- ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.
- BATALHA, Cláudio H. A difusão do marxismo e os Socialistas Brasileiros na virada do século XIX in - Moraes, João Martin. (Org.). **História do Marxismo no Brasil**. Vol. II: **Os Influxos Teóricos**. Campinas, Ed. Unicamp, 1995.
- BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República**. Vol. I, II e III. São Paulo: Ed. Alfa - Omega, 1976.
- _____. **Uma Vida em Seis Tempos**. São Paulo: Ed. Alfa Omega, 1976
- _____. **A Caminho da Revolução operário Camponesa**. Rio de Janeiro: Editorial Calvino. 1934.
- BASTOS, Élide Rugai & LEÃO REGO, Walquíria D (org.). **Intelectuais e Política: A moralidade do compromisso**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1999.

- BRANDÃO, Gildo Marçal. **A Esquerda Positiva: As duas almas do Partido Comunista – 1920/1964**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- BRANDÃO Otávio. **Combates e Batalhas**. São Paulo: Ed. Alfa Omega, 1978.
- _____. **Agrarismo e Industrialismo**. Buenos Aires: s/ed, 1926.
- BEILGUEMAN, Paula. **A Prática Nacionalista nas Forças Armadas**. (Mímeo)
- BOMFIM, Manoel. **O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira**. Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1960.
- BORGES. Vavy Pacheco. **Tenentismo e Revolução Brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.
- CANÇADO, José Maria. **Os Sapatos De Orfeu: biografia de carlos drummond de andrade**. São Paulo: Ed. Editorial, 1993
- CÂNDIDO. João. **O Almirante Negro**. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, Museu da Imagem e do Som, 1999.
- CARVALHO, Apolônio de. **Vale a pena sonhar**. Rio de janeiro: Ed. Roco, 1998.
- CARONE, Edgar. **Revoluções do Brasil Contemporâneo: 1922 – 1938**. São Paulo: Ed. Ática, 1989
- CAVALARI, Rosa Maria F. **Integralismo: Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937)**. Bauru: Ed. Edusc, 1999.
- CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado – forma de regressividade no capitalismo híper – tardio**. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1978.
- CHACON, Vamiereh. **Histórias das idéias políticas no Brasil**. São Paulo: Ed. Grijaldo, 1977.
- _____. **Estado e povo no Brasil: As experiências do Estado Novo e da Democracia Populista, 1937/1964**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio; Brasília, Câmara dos Deputados. 1977.
- _____. **História das Idéias Socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.
- CERQUEIRA, Nelson. **A política do partido comunista e a questão do realismo em Jorge Amado**. Bahia: Fund. Casa de Jorge Amado, 1988.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **A Influência das idéias socialistas no pensamento político Brasileiro: 1890/1922**. São Paulo: Ed. Loyola, 1978.

- CLAUDIN, Fernando. **A Crise do Movimento Comunista**. São Paulo: Ed. Global, 1985.
- CHILCOTE, Ronald. **Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.
- CONTREIRAS, Hélio. **Militares Confissões: Histórias Secretas do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.
- CORRÊA, Anna Maria Martinez. **A Rebelião de 1924 em São Paulo**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1976.
- COSTA, Júlio Cesar Zarzenon. **Política colonizadora, industrialização, desenvolvimento regional e o núcleo colonial do Barão de Antonina (1930- 1944)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2000. (Dissertação Mestrado em História Econômica).
- COSTA, Wilma Peres. **A Espada de Dâmocles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império**. São Paulo: Editora Hucitec, Editora Unicamp, 1996.
- _____. Os militares e a primeira Constituição da República. In MORAES, João Quartim, et al. **A Tutela Militar**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1987.
- CORSI, Francisco Luiz. **Estado Novo: política externa e projeto nacional**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- CORDEIRO, Cristiano. **Memória e História**. Vol. II. São Paulo: Ed. Lech, 1982.
- CÔRREA DA COSTA, Carlos Frederico. **Direi...ta, Volver! Esquer...da, Volver! História de Experiências de Vida de Militares**. São Paulo: São Paulo: FFLCH/USP, 1996. (Tese de doutorado em História Social)
- CUNHA, Paulo Ribeiro da. Agrarismo e Industrialismo: Pioneirismo de uma Reflexão. *Revista Novos Rumos*, São Paulo, Ano 12, Nº. 26, Set/Out, 1997.
- _____. **Aconteceu Longe Demais: A luta pela terra em Formoso e Trombas e a Política Revolucionária do PCB no período 1950-1964**. São Paulo: Ciências Sociais/PUC, 1994. (Dissertação Mestrado em Ciência Política).
- DEL ROIO, Marcos. **A Classe Operária na Revolução Burguesa: A política de alianças do PCB – 1928/1935**. Belo Horizonte: Ed. Oficina de Livros, 1990.
- DÓRIA, Carlos Alberto. O Dual, o Feudal e o Etapismo na Teoria da revolução Brasileira. In MORAES, J. Quartim. (Org.). **História do Marxismo no Brasil. Os Influxos Teóricos**. Vol. II. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

- DUTRA, Eliana. **O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; 1997. Belo Horizonte, MG. Ed. UFMG.
- ENGELS, Friedrich. **As Guerras Camponesas na Alemanha**. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1977.
- FALEIROS, Maria Isabel. **Percursos e Percalços do P.C.B. no Campo (1922-1964)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1989. (Tese Doutorado em História Social)
- FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- _____. **Giocondo Dias: a vida de um revolucionário**. São Paulo: Ed. Agir, 1993.
- FARIAS, Osvaldo Cordeiro. **Meio século de combate: Diálogo com Cordeiro de Farias, Aspásia Camargo, Walter de Góes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FEIJÓ, Martín César. **Formação Política de Astrojildo Pereira**. Belo Horizonte: Ed. Oficina de livros, 1990.
- Ferreira, Delson. **Nacionalismo, Política e Democracia na obra de Nelson Werneck Sodré**. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 2001.
- FIGUEIREDO, Luiz C. A Militância como modo de Vida: um capítulo na história dos (maus) costumes contemporâneos. **Cadernos da Subjetividade**, São Paulo, Prog. de Pós Grad. em Psicologia Social da PUC/SP, 1990.
- FILHO, Aluizio A. **Manoel Bomfim: um ensaísta esquecido**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1979.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e Política: tenentismo e camadas médias urbanas na primeira república**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1977.
- GAIO, André Moysés. **Uma teoria da independência: História e Revolução na obra de Nelson Werneck Sodré**. São Paulo: História/PUC, 2000. (Tese Doutorado em História)
- _____. **Em Busca da Remissão: a mobilização militar pela democracia**. Londrina: Ed. UEL, 1997
- GIORDANO, Cláudio (org.) **História Nova do Brasil (1963-1993)**. Coleção Memória Brasileira 18. São Paulo: Ed. Giordano, Edições Loyola, 1993.
- GOLDMANN, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia. Que é sociologia?**. São Paulo: Ed. Difel, 1984.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

- HIRANO, Sedi. **Pré-Capitalismo e Capitalismo**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- HAHNER, June. **Pobreza e Política: Os Pobres Urbanos no Brasil - 1870/1920**. Brasília: Ed. UNB, 1993.
- _____. **As Relações entre civis e militares(1889-1898)** . São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.
- HECKER, Alexandre. **Um socialismo possível: a atuação de Antônio Piccarolo em São Paulo**. São Paulo: Ed. T. A Queiroz, 1988.
- HERNANDEZ, Leila. **Aliança Nacional Libertadora: Ideologia & Ação**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1985.
- IANNI, Octavio. **Sociologia e Literatura**. Cadernos 1ª. Versão, Nº. 72, IFCH/Unicamp, 1997.
- IGLESIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000.
- LAUERHASS JR, Ludwig. **Getúlio Vargas e o Triunfo do Nacionalismo Brasileiro: estudo do advento da geração nacionalista de 1930**. B. Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp de São Paulo, 1986
- LAPA DO AMARAL, José Roberto. **Modos de Produção e Realidade Brasileira**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.
- LÊNIN, Wladimir I. **Obras Escolhidas**. Vol. I, II, III. Ed. Avante, 1977.
- LENHARO, Alcir. **A conquista do corpo geográfico do país**. Campinas: Unicamp. Capítulo não publicado de A sacralização da Política. Campinas: Ed. Papyrus, 1986
- LOWY, Michel. **Para uma Sociologia dos intelectuais Revolucionários. A Evolução política de Luckacs (1909-1929)**. São Paulo: Ed. Lech, 1979.
- _____. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do conhecimento**. São Paulo: Ed. Busca Vida, 1987.
- _____. **Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- LUKACS, George. **História e Consciência de Classe**. Rio de Janeiro: Elfos Ed., 1989.
- _____. **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.
- _____. **El Asalto a la razon: La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler**. Barcelona: Ediciones Grijaldo S.A., 1972.

KONDER, Leandro. **Intelectuais Brasileiros & Marxismo**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

_____. **A derrota da Dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1988.

NETTO, José Paulo. **O Naturalismo no Brasil**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

NETO, João Pinheiro. **Jango: um depoimento pessoal**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1993.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As Desventuras do Liberalismo: Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1984.

MAESTRI, Mário. **1910: A Revolta dos Marinheiros**. São Paulo: Ed. Global, 1982.

MANTEGA, Guido. **Economia Política Brasileira**. São Paulo: Ed. Polis, 1985.

MEIRELLES, Domingos. **As Noites das Grandes Fogueiras: Uma história da Coluna Prestes**. Rio de Janeiro, Record, 1995.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. **A experiência da História Nova: uma tentativa de revisão crítica do ensino de história no Brasil nos anos 60**. São Carlos: Educação e Ciências Humanas/UFScar, 1990. (Dissertação Mestrado em Educação).

MORAES, Dênis. **O Velho Graça: Uma Biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992.

_____. **A Esquerda e o Golpe de 64**. Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo, 1989.

_____. **O Imaginário Vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.

MORAES, João Quartim. **História do Marxismo no Brasil**. VOL. II. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

_____. **A Esquerda Militar no Brasil: da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes**. São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.

MOREL, Edmar. **A Revolta da Chibata**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.

_____. **O golpe começou em Washington**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

OLIVEIRA FILHO, Virgílio Roma. **Dualidade e Revolução no pensamento isebiano: as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro: História/UFRJ, 1999. (Tese Doutorado em História).

- PACHECO, Eliezer. **O Partido Comunista Brasileiro – 1922/1964**. São Paulo: Ed. Alfa Omega, 1984.
- PARUKER, Paulo Eduardo Castello. **Praças em pé de guerra: o movimento político dos subalternos militares no Brasil, 1961-1964**. Niterói: História, UFF, 1992. (Dissertação Mestrado em História).
- PECAULT, Daniel. **Os Intelectuais e a Política no Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- PERFIL DOS ATINGIDOS. Mitra arquidiocesana de São Paulo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.
- PEREGRINO, Umberto. **História e Projeção das Instituições Culturais do Exército**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.
- PEREIRA, Astrojildo. **Ensaio Histórico e Político**. São Paulo: Ed. Alfa Omega, 1979.
- _____. **Machado de Assis: Ensaio e apontamentos avulsos**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- _____. **Memória e História**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- PEREIRA DO NASCIMENTO, Álvaro. **Marinheiros em Revolta: recrutamento e disciplina na Marinha de Guerra**. Campinas: IFCH/Unicamp, 1997. (Dissertação Mestrado em História).
- PINASSI, Maria Orlanda. **Três devotos, uma fé, nenhum milagre: Nitheroy Revista Brasiliense de Ciências e Artes**. São Paulo: Fundação Ed. Unesp, 1998.
- PLEKANOV, George. **Obras Escolhidas**. Moscou: Ed., Progresso, 1987.
- PRESTES, Anita Leocadia. **Tenentismo Pós 30: Continuidade ou Ruptura?** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- TOPALOV, Christian. **Estruturas Agrárias Brasileiras**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- SANTOS, Ana Paula dos. **À Esquerda das Forças Armadas Brasileiras: história oral de vida dos militares nacionalistas de esquerda**. São Paulo: FFLCH/USP, 1998. (Dissertação de Mestrado em História Social).
- SANTOS, Raimundo. **O Pecebismo Inconcluso: escritos sobre idéias políticas**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Rural, 1994.
- _____. **Escrito sobre idéias políticas. Seropédica. Modernização e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, UFRRJ, 1996.

- SACHETTA, Hermínio. **O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- SEGATTO José Antônio. **Reforma e Revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- SILVA, Hélio. **O Poder Militar**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984.
- _____. **A vez e a voz dos vencidos: Militares x Militares**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.
- SILVEIRA NETO, Joel. Geneton Moraes. **Hitler/Stalin: O Pacto Maldito**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1990.
- SHELDON, Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro. 1890-1920**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1979.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira: Seus Fundamentos Econômicos**. 1ª edição, São Paulo, Edições Cultura Brasileira S/A, 1938; 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1940, 3ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- _____. **Panorama do Segundo Império**, 1ª edição, 1939; 2ª edição, Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 1998.
- _____. **Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril**, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1941.
- _____. **Orientação do pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda., 1942.
- _____. **Formação da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.
- _____. **O que se deve ler para conhecer o Brasil**, 1ª edição, 1943; 3ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- _____. **Ideologia do Colonialismo**. Rio de Janeiro, col. Textos Brasileiros, Iseb, 1961.
- _____. **Introdução à Revolução Brasileira**. 1ª edição, 1958; 3ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.
- _____. **Formação Histórica do Brasil**. 1ª edição, 1962; 9ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **História da Burguesia Brasileira**. 1ª edição, 1964; 3ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.

- _____. **Formação Histórica do Brasil.** 1ª edição, 1962; 9ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **História da Burguesia Brasileira.** 1ª edição, 1964; 3ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **História Militar do Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.
- _____. **Memórias de um Soldado.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.
- _____. **Fundamentos do Materialismo Dialético.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Fundamentos da Estética Marxista.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Fundamentos do Materialismo Histórico.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Fundamentos da Economia Marxista.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Memórias de um Escritor,** Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1970.
- _____. **História e Materialismo Histórico No Brasil.** São Paulo: Ed. Global, 1985.
- _____. **O Tenentismo.** Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1985.
- _____. **História da História Nova.** Petrópolis, Vozes, 1986.
- _____. **A Intentona Comunista de 1935.** Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1986.
- _____. **A República: uma revisão histórica.** Ed. Universitária, UFRGS, 1989.
- _____. **Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- _____. **O Fascismo Cotidiano.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- _____. **A Ofensiva Reacionária.** R. J., Bertrand Brasil, 1992.
- _____. **A Fúria do Calibã,** R.J, Bertrand Brasil, 1994;
- _____. **A Farsa do Neoliberalismo.** Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1997.
- _____. **Tudo é Política: 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré em textos inéditos e censurados/Nelson Werneck Sodré (textos); Ivan Alves Filho (org.).** R.J., Mauad, 1998.
- REIS DE QUEIROZ, Suely Robles. **Os Radicais da República.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

- REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. Forças Armadas: pensamento e ação política. In **Inteligência Brasileira**. MORAES, Reginaldo. et al (org). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- RODRIGUES, José Albertino. (org) **A Sociologia de Pareto**. São Paulo: Ed. Ática, 1984.
- ROUQUIÉ, Alain (Cord). **Os Partidos Militares no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1980.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: Os Dirigentes e a Organização. In FAUSTO, Boris (cord.). **O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)**. 3ª edição. História da Civilização Brasileira, tomo III. São Paulo: Ed. Difel, 1986.
- TOLEDO, Caio Navarro (org.) **1964: Visões críticas do Golpe: democracia e reformas no populismo**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- TÓTORA, Silvana Maria Corrêa. **Azevedo Amaral e o Brasil Moderno**. São Paulo: Ciências Sociais/PUC, 1991. (Dissertação Mestrado em Ciências Sociais).
- TOLEDO, Caio Navarro. **ISEB: fábrica de Ideologias**. São Paulo: Ed. Ática, 1977.
- VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35: sonho e realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- VINHAS, Moisés. **O Partidão**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1982.
- ZAIDAN, Michel. **PCB (1922-1929): Na Busca de um Marxismo Nacional**. São Paulo: Ed. Global, 1985.
- _____. **O PCB e a Internacional Comunista (1922 - 1929)**. São Paulo: Ed. Vértice, 1988.

ARQUIVOS CONSULTADOS

- Arquivo Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- Arquivo Edgar Leurofft. Campinas: Unicamp.
- Arquivo do Estado de São Paulo. São Paulo: São Paulo.
- Cedem - Centro de Documentação e Memória. São Paulo: Unesp.